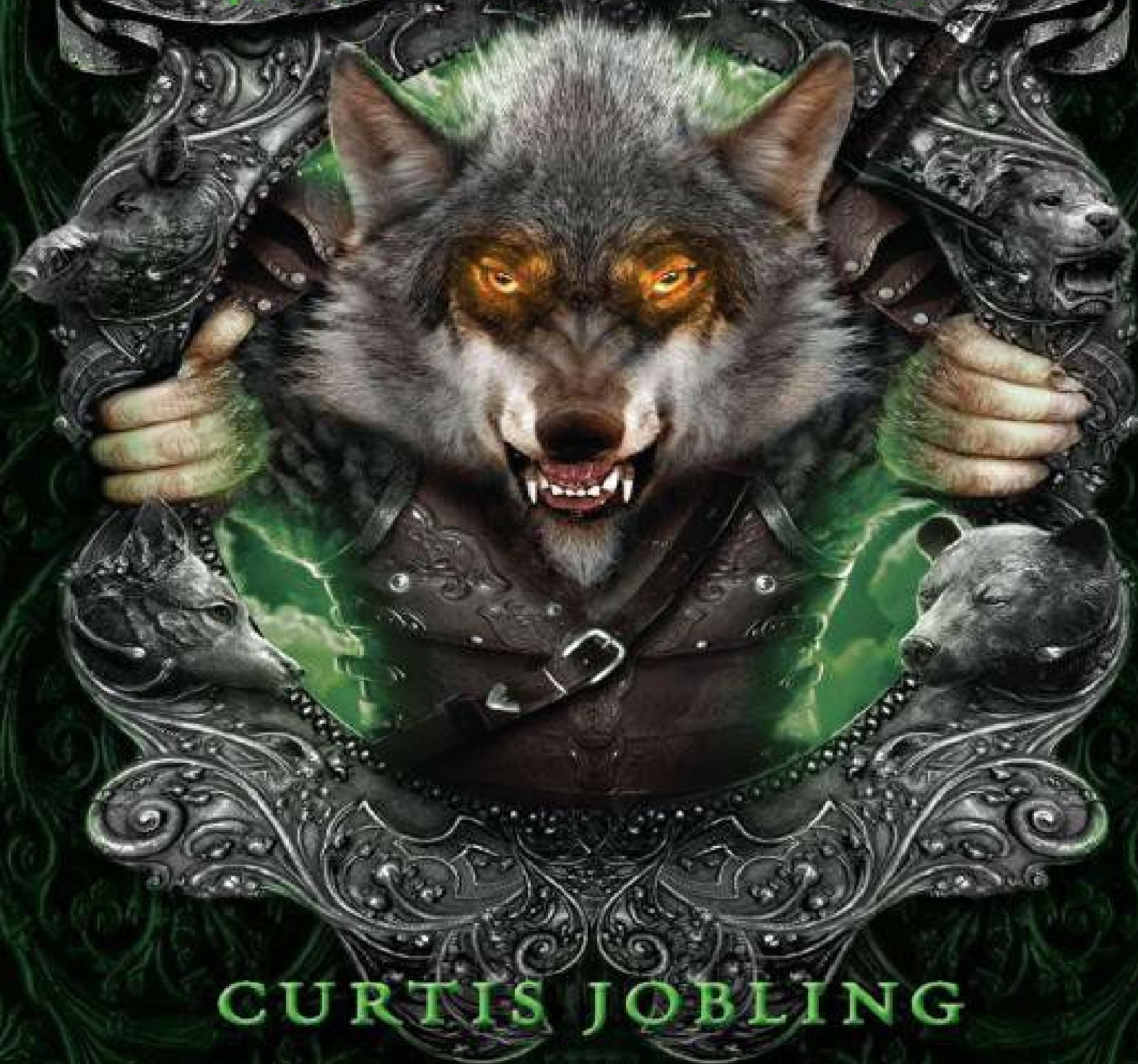


Wereworld

A ORIGEM DO LOBO



CURTIS JOBLING

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

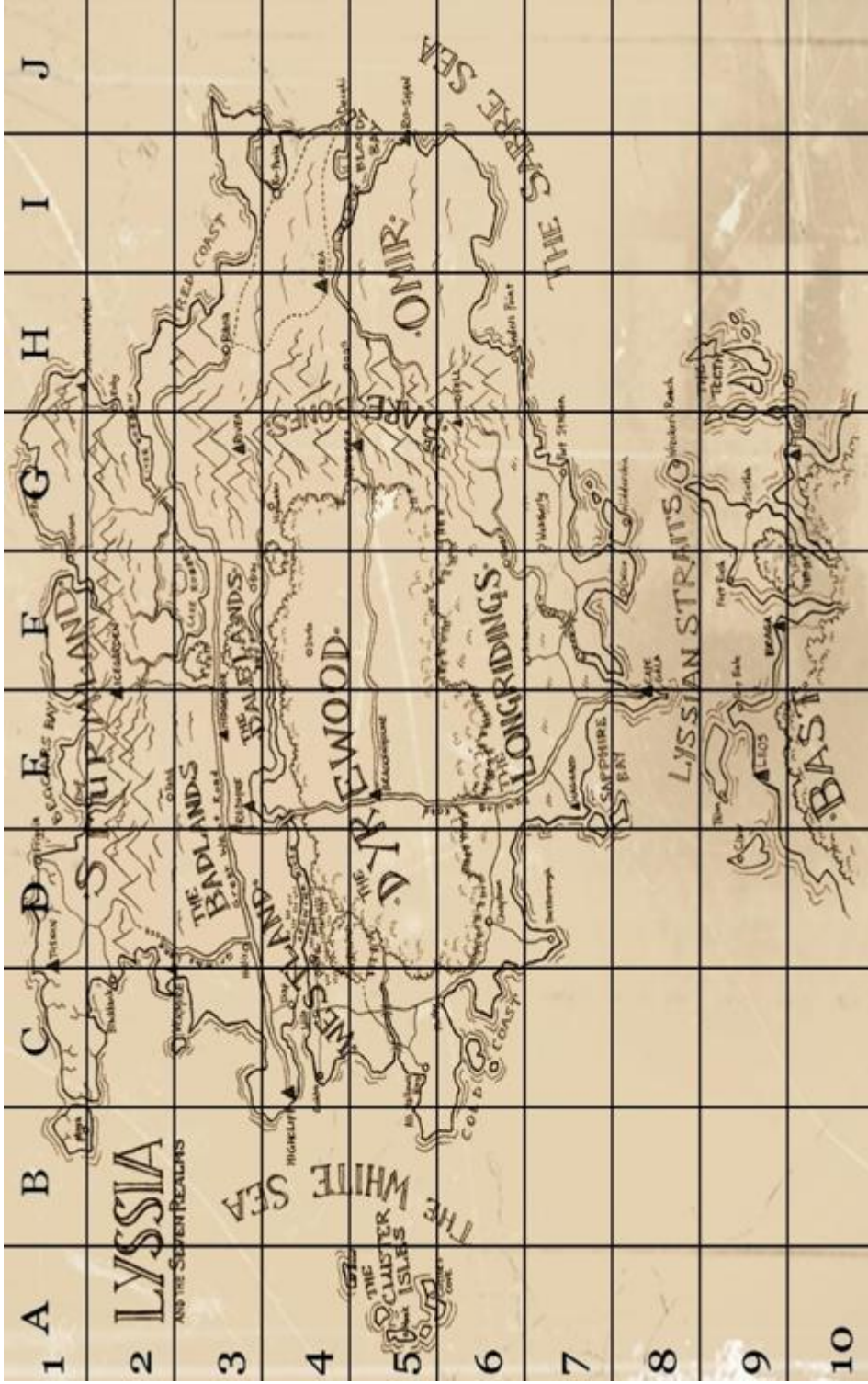
O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

WEREWORLD

CURTIS JOBLING
Wereworld
A ORIGEM DO LOBO

*À minha alcateia: Andrew, Evelyn, Scarlett e Constance, e à
mamãe loba Emma. Nós conseguimos!*



PARTE 1



OUTONO
NA
COSTA
GÉLIDA

1: Palavras de despedida

Drew sabia que o predador estava à espreita.

Ele vasculhava o campo de cevada, no qual o balanço ritmado das plantas criava sombras sarapintadas enquanto, acima, passavam as nuvens de tempestade. Atrás dele, seu pai e seu irmão gêmeo continuavam a carregar a carroça, as costas curvadas ao puxar sacos de cereais e jogá-los sobre as tábuas. À frente, um cavalo cinzento, robusto e arreado, usava os dentes para arrancar tufo de grama que encontrara na base do poste onde fora amarrado. Drew estava sobre o telhado da carcomida cabana de ferramentas, examinando o prado cor de ouro em busca de um sinal de algo que não tinha certeza do que era.

— Descole a bunda desse telhado e venha ajudar seu irmão — gritou o pai. — Precisamos acabar o carregamento antes que a chuva comece.

— Mas, pai, tem alguma coisa vindo para cá — Drew gritou para responder.

— Ou você desce daí ou eu mesmo faço você descer — avisou o pai, com uma pausa dramática para fitar o filho. Mack Ferran era um homem descomplicado, sem tempo para devaneios, principalmente quando havia trabalho a ser feito.

Relutante, Drew vasculhou pela última vez o campo de cevada com olhos semicerrados, antes de descer ao chão lamacento da fazenda.

— Aposto que trabalho pesado é a última coisa que você tem em mente — resmungou o pai, erguendo um saco para Trent.

Drew apanhou sua carga, buscando um ponto de apoio para içar o saco de cânhamo áspero para o irmão. O pai voltou ao celeiro para puxar os últimos grãos ensacados que tinham como destino o mercado da cidade vizinha, Tuckborough.

Sempre pareceu a Drew que ele nunca teria como fazer algo de certo aos olhos do pai. Trent, por sua vez, era indubitavelmente o escolhido. Alto, forte, cabelo loiro e olhos azuis, Trent era cópia fiel

do pai. Mais baixo e de compleição mais franzina que o irmão, com uma maçaroca de cabelos negros que caía sobre o rosto, Drew era o oposto em tudo. Embora os gêmeos estivessem com dezesseis anos e à beira da maturidade, Drew sabia que ficava óbvio para qualquer pessoa qual dos dois havia comido mais mingau no café da manhã dos Ferran. Mas, por mais diferentes que fossem, eram tão apegados quanto irmãos podiam ser.

— Não ligue para ele — disse Trent, agarrando o saco e arrastando-o pelas tábuas. — O pai só quer acabar logo para conseguir chegar ao mercado a tempo. — Ele soltou o saco enquanto Drew arrastava outro até os pés da carroça. Trent raramente tinha dificuldades em acreditar em Drew — se seu irmão dizia que algo estava errado quanto estavam na floresta, nove em cada dez vezes algo estava errado. — O que você acha que é? — perguntou.

Drew fez uma pausa para olhar para os campos em torno da Fazenda Ferran. — Não sei. Um gato selvagem? Cachorros, talvez? Um lobo, quem sabe? — aventou.

— A essa hora do dia, tão perto da fazenda? Você está maluco, Drew.

Cachorros selvagens eu até aceito, mas lobos, não.

Drew sabia que não estava maluco. Trent podia ser forte, atlético e entendido em cavalos, mas pouco sabia da vida selvagem. Drew, por outro lado, era especialmente um sujeito do campo, o que incluía o dom da compreensão inata da natureza e de suas criaturas. Desde sua primeira incursão com o pai, quando garoto, ele dedicara-se ao pastoreio com incrível facilidade. Descobriu-se em total sintonia com os animais, seus sentidos começando a acostumar-se com os deles. Do menor dos ratinhos ao maior dos ursos — este, felizmente, bastante raro —, Drew conseguia reconhecer sua presença rapidamente, fosse pela reação de outros animais ou pelas trilhas e pistas que deixavam.

Mas naquele dia a sensação o fustigava. Havia algo lá fora; algo que os observava, que os perseguia, mas que não era familiar. Ele sabia que parecia loucura, mas sentia o cheiro de predadores quando o ar estava limpo. Esse dom fora inestimável em diversas

ocasiões, tendo salvado ovelhas e o gado da família. Embora estivesse ventando forte, ainda havia vestígios de uma criatura fora de seu lugar, estranha a essas paragens. Um animal grande estava lá, olhando para eles, e Drew se aborrecia por não conseguir entender o que era, muito menos visualizá-lo.

— Você acha que é a mesma coisa da semana passada? — perguntou Trent.

Era exatamente nisso que Drew vinha pensando. Nas últimas noites, seus pastoreios andavam diferentes. As ovelhas não estavam normais, e o tempo todo Drew ficara tomado por uma terrível sensação de mau agouro.

Geralmente, as ovelhas eram bastante receptivas aos comandos e chamados, mas, pouco a pouco, começaram a ficar instáveis. Isso coincidia com o crescer da Lua, que geralmente assustava os bichos e fazia até Drew sentir-se desconfortável. Não era uma sensação agradável a de estar sendo perseguido por um predador em seu quintal.

Ao fim da vigília da última noite, ele havia reunido e confinado a maior parte do rebanho e juntado os animais desgarrados que haviam ido longe demais. Restara apenas um — o carneiro, é claro —, que conseguira ir até as colinas que se erguiam ao longo da costa. A Fazenda Ferran ficava no promontório rochoso que se estendia da Costa Gélida até o Mar Branco, demarcado por todos os lados pelas paredes de pedra que o cercavam. Ele encontrara o carneiro em estado de choque.

O animal pinoteava e estava em pânico, puxando a cabeça para trás de tanto terror. Drew ergueu as mãos, o que deveria ter acalmado o bicho, mas produziu efeito inverso. Balançando a cabeça para um lado e para o outro, a boca aberta a abocanhar ar salgado, o carneiro deu um passo para trás.

Depois outro. Pedrinhas caíram pela beira da colina, despejadas por cascos frenéticos, como se estivessem debatendo-se para achar um ponto de apoio.

Em um segundo o animal estava lá, os olhos fixos nos dele, tomado pelo pânico; no outro, ele se foi; desapareceu morro abaixo.

Drew arrastou-se até a beirada, as juntas dos dedos brancas agarradas à terra enquanto olhava. Trinta metros abaixo, amontoado como uma massa, o carneiro estava imóvel, sua vida golpeada pelas rochas pontiagudas.

Enquanto a Lua diminuía seu brilho, Drew olhou ao redor, convencido de que não estava a sós, certo como nunca de que o que quer que houvesse espantado o animal ainda estava por ali. Ele correu para casa à fraca luz da Lua, o coração a bater, sem parar, até atingir a porta da frente da fazenda com um estrondo. Agora, nessa manhã de tempestade, Drew tinha a mesma sensação. Ele manteria as ovelhas confinadas naquela noite, próximas à fazenda, onde poderia ficar de olho nelas.

— Drew! — O pai apontou na direção dos sacos restantes, alinhados em frente às portas pesadas do celeiro. — Mexa-se. Quero chegar a Tuckborough antes de escurecer, rapaz.

Drew caminhou penosamente até o celeiro, apressando-se ao perceber a carranca do pai.

Sua mãe, Tilly, estava na soleira da casa, secando as mãos no avental.

— Não seja tão duro com ele, Mack — ela disse quando o marido se aproximou, uma mão estendida e outra limpando o cabelo emplastado de suor da testa. — Ele ainda não deve ter superado o que aconteceu com aquele carneiro.

— Ele ainda não superou? — disse Mack, incrédulo. — Não é ele quem terá de pagar por outro bicho. Se eu não chegar lá antes do meio-dia, os melhores da feira já terão sido comprados por outra pessoa. — Ele observou o filho arrastar os dois últimos sacos pelo quintal até a carroça. — Se você rasgar esses sacos, eles vão sair do seu ordenado, rapaz! — gritou.

Tilly teve de morder o lábio; seu instinto materno dizia para intrometer-se e defender o menino, mas ela reconsiderou. O humor de Mack já estava ruim o bastante sem ter alguém para turvá-lo ainda mais.

Drew parou para jogar um dos sacos por cima do ombro, enquanto observava seus pais conversando na varanda. O pai

apontava para ele, fazendo gestos com o dedão torto, enquanto a mãe balançava a cabeça.

Depois de algumas palavras bem escolhidas para o marido, ela entrou em casa aborrecida. O pai olhou para os rapazes, balançando a cabeça, exausto, antes de seguir a esposa porta adentro. Drew arrastou-se até a carroça.

— Estão brigando de novo? — perguntou Trent, posicionando o último saco e amarrando-o aos tapumes de madeira com uma corda grossa.

Drew concordou com a cabeça, ciente de que as palavras que seus pais trocaram provavelmente seriam sobre ele. Parecia que estavam sempre falando dele. Era como se estivessem escondendo algo, mas ele não sabia o quê.

Não havia dúvida de que os tempos estavam mudando na fazenda, e Trent estava esperando o momento certo para ir embora e enfim entrar no exército. Sob coação, os pais haviam concordado com a persistência do filho em querer tornar-se soldado, algo que ele queria fazer desde garoto. Por questão de sobrevivência, o pai havia treinado ambos os filhos a manejar armas com destreza desde tenra idade, ensinando-lhes o que aprendera por conta própria muito antes. Tendo sido membro da antiga Guarda Lupina do rei, eram pouquíssimos os lugares ao longo do continente da Lyssia que Mack não conhecia. Os tempos mudaram, porém, e com Leopold, o Leão, no trono, Trent estaria servindo a um monarca muito diferente se seguisse seu sonho. Essa parte dos Sete Reinos havia mudado em relação aos bons dias do passado. Leopold governava com patas de ferro, e havia rumores de que grande parte do povo da Lyssia vivia um período difícil. O pai sempre resmungava que a Guarda Leonina agora não passava de cobradores de luxo, apenas uma sombra do que havia sido. Ele havia cumprido seu papel de progenitor ensinando defesa pessoal aos dois meninos, agora proficientes na espada, mas não podia ensinar tudo.

Apesar de suas habilidades, Drew não tinha desejo de viajar a Highcliff com o irmão e unir-se à Guarda Leonina. Seu lar era a fazenda, e conhecer o mundo não era algo que o atraísse. Sabia

que sua mãe via com carinho sua vontade de permanecer no ninho e adorava a ideia de que seu menino mais novo sempre estaria por perto. Drew suspeitava que o pai considerava sua falta de ambição frustrante, mas o velho nunca lhe dissera o que pensava.

Parecia que o pai o havia descartado desde cedo, e, se ele quisesse passar o resto da vida na fazenda, que assim fosse. Afinal, como seu pai sempre dizia, um par de mãos extras era sempre bem-vindo, e isso significava que para algumas coisas o menino era bom. Era o mais perto que ele já havia chegado de um elogio.

Repuxando o arreio, o grande cavalo cinzento batia os cascos contra a terra, ávido para sair dali. Jogou a cabeça para trás e deu alguns passos pesados, que quase fizeram Trent cair da carroça.

— Opa, Amos — gritou Drew, batendo a mão contra o lado da carroça. O cavalo cedeu, dando passos para trás cautelosamente, baixando a cabeça como num pedido de desculpas.

— Ele quer ficar — disse Drew, observando as nuvens de tempestade que se aproximavam. — Não posso dizer que o culpo.

Trent pulou da traseira da carroça, e Drew o seguiu até a porta de dentro para dizer adeus. Encontraram os pais na cozinha, abraçados.

— Muito bem — disse o pai. — Acho que estamos prontos para partir.

Trent, rapaz, pegue aquela cesta na mesa, é o nosso almoço.

Trent pegou a cesta e saiu em silêncio, de volta à porta da frente e à carroça que os esperava. Eles sempre se revezavam para acompanhar o pai ao mercado. Tuckborough ficava a mais ou menos quinze quilômetros dali, o ponto mais próximo de civilização. A cavalo seria uma marcha rápida, galopando pela estrada da costa que marginava a Dyrewood, entremeando-se aqui e ali ao longo do topo de colinas e baías. De carroça era mais lento, porém bem mais interessante. Com tantas lojas, tabernas e outros pontos de interesse, a viagem geralmente era uma pausa bem-vinda na vida mundana da fazenda. Chegado o outono, contudo, era decididamente menos agradável. Ventos gelados e granizo apareciam de uma hora para outra nos dias de mercado. Mesmo a

perspectiva de uma caneca de cerveja com o pai ou um flerte com meninas bonitas eram pouco animadores.

A mãe tirava a louça do café da manhã da mesa da cozinha. Drew esticou-se para apanhar o pesado manto com capuz do pai do cabide, alcançando-o enquanto ele se dirigia à porta.

— Devemos voltar ao cair da noite, dependendo da estrada e do clima — disse o pai, enquanto fechava a fivela de latão sob o queixo. — Talvez hoje seja melhor cuidar para que o rebanho fique mais próximo da fazenda, depois do que aconteceu ontem, certo?

Drew fez que sim enquanto a mãe passava por ele para dar adeus ao outro filho. Do lado de fora, uma chuva fraca começava a cair.

— Tente não perder mais nenhum dos animais. E tome conta da sua mãe — disse o pai assim que ela passou.

O velho tateou a coxa, conferindo se sua faca de caça estava no lugar, embainhada. Drew deu ao pai o arco antes de pegar o coldre de flechas que estava ao pé da escada. Ele raramente tivera de usar essas armas na viagem e, nos últimos anos, nunca. Houve um tempo, quando os meninos ainda engatinhavam, em que bandidos espreitavam as estradas costeiras, em que arcos e espadas eram indispensáveis para viajantes. Mas os fazendeiros locais e os comerciantes da estrada uniram-se para formar um destacamento provisório que despachou os salteadores. Os que não foram mortos ou enforcados em Tuckborough fugiram para paragens menos defensivas. Mas aqueles dias haviam ficado para trás, e o encontro mais perigoso que podiam esperar seria com um javali, um felino ou lobo. Ainda assim, um ex-soldado não perde os velhos hábitos. Trent seguiu o pai pela garoa, enrolando o cachecol apertado em volta do rosto e vestindo o capuz de seu manto.

Os dois subiram na carroça, e Drew os seguiu para entregar-lhes o coldre de flechas. Amos relinchou, excitado, os pés já em marcha, ciente de que estavam prestes a partir, anormalmente arqueando o pescoço com bufos nervosos. Era claro que o cavalo também estava agitado, e Drew suspeitou que ele estivesse captando a mesma atmosfera estranha.

— Vamos! — gritou Mack Ferran, estalando as rédeas nos pulsos e chicoteando o velho cavalo. Com passos pesados, o animal acelerou, puxando a grande carroça. Drew afastou-se do veículo cujas rodas gigantes marcavam a lama conforme seguia. A garoa lentamente transformou-se num aguaceiro, a tempestade caindo, e a carroça desapareceu chuva adentro.

2: A tempestade se aproxima

O machado ficou brevemente suspenso no ar, preparando-se para descer, sua lâmina reluzindo à luz do lampião. Com uma trovoada e um lampejo simultâneos, ele caiu, quebrando o tronco em dois. Drew devolveu o machado ao suporte na parede do celeiro, recolheu toda a lenha do chão e, depois de tirar a lamparina da viga sobre a cabeça, voltou à casa sob o granizo que caía.

Assim que seu pai e Trent partiram, o dia ficara entre os piores que Drew já vivera. A tempestade fora impiedosa, com vidraças trepidando e venezianas batendo, enquanto chuva e vento martelavam sem remorso. O

quintal era um pântano de lama e água, grandes poças sujas obstruindo a passagem. Ele ouvia o balido das ovelhas no abrigo além do celeiro, para onde levava o rebanho mais cedo.

Na esperança de que sua má sorte com os animais tivesse ficado para trás, Drew ficou desapontado ao descobrir o feitiço ainda pairando sobre sua cabeça. As ovelhas mostravam-se espantadas e imprevisíveis, quase impossíveis de pastorear quando ele se dirigia ao campo. Uma semana antes, o rebanho vinha até ele quando chamava, reunindo-se alegremente ao seu redor. Sete dias depois, já eram animais diferentes. A chegada do predador invisível deixava as ovelhas tensas e arredias. Depois de uma hora tentando persuadi-las a chegar perto dos novos pastos próximos à casa, Drew decidiu gritar para que elas obedecessem a suas ordens por puro medo, algo que nunca havia feito antes. O tempo todo ele ficou olhando por cima do ombro para ter alguma pista do que havia lá. Agora ele não tinha mais dúvida de que, o que quer que fosse, era algo a ser temido.

Um dia a sós com seus pensamentos tampouco foi a melhor cura para Drew e seu humor, que estava pior do que nunca. O que quer que houvesse agitado as ovelhas também começava a fazer um jogo maldoso com Drew, deixando-o doente e febril, incapaz de

cear. Abrindo a porta com o cotovelo, entrou na sala, largando o manto molhado dos ombros e pulando em uma perna, depois outra, para jogar suas botas longe. De pés descalços e tremendo, trotou até a sala de estar, onde sua mãe estava tricotando na poltrona, enquanto as brasas morriam na lareira. Soltou seu carregamento de gravetos e madeira no cesto em frente ao fogo, fazendo barulho, e dispôs alguns pedaços sobre as brasas da lareira. Apoiado nos calcanhares, Drew ficou aos pés da mãe, as mãos esticadas em direção ao fogo.

— Como você está, filho? — perguntou a mãe, soltando as agulhas e o novelo de lã e curvando-se para passar a mão afetuosamente pelo cabelo úmido dele. Ela encostou as costas da mão em sua testa, para conferir a temperatura. Ele sabia que estava alta.

— Não tão mal, mamãe — mentiu, tentando resistir às câibras que acometiam sua barriga. Ele olhou para a cornija. Sob a espada Wolfshead do pai havia um relógio de latão. Já eram quase dez e meia da noite, muito além da hora que seu pai e Trent normalmente estariam em casa. Teve de presumir que o cronograma deles havia sido vitimado pelo clima.

Levantando-se e esticando-se, ele conseguiu sorrir tanto quanto pôde.

— Gostaria de algo para beber, mamãe? — perguntou, indo em direção à cozinha. Uma bebida quente parecia a única coisa que ele conseguiria aguentar naquele instante.

— Seria ótimo — ela respondeu.

Depois de encher a chaleira com água, ele a colocou sobre o grande e antigo fogão. Enquanto o irmão seguia claramente os passos do pai, Drew puxara a mãe, com quem dividia a expressão pacífica e a natureza tranquila.

Ele sempre achou que a mãe desperdiçara sua juventude como criada em Highcliff, a serviço do rei; sua mente afiada e sua perspicácia teriam feito dela uma grande estudiosa se tivesse oportunidade.

Deixando a chaleira no fogão, Drew voltou à sala de estar para sentar-se de pernas cruzadas sobre o cobertor à frente da lareira.

— Ainda está sem fome? — ela perguntou, novamente preocupada.

— Sim, não consigo comer, mamãe. Desculpe — ele respondeu, ciente de que ela passara horas preparando o assado do jantar. A mesa estava posta, os talheres e pratos do pai e de Trent ainda no lugar, além dos dele.

— Não há por que pedir desculpas, querido — disse a mãe. — Sei como você fica quando está doente. — Ela o observou atentamente, como se lesse seus pensamentos. — E espero que nada mais o esteja importunando — disse, colocando a mão reconfortante sobre seu ombro. — Eu sei que você não queria perder aquele carneiro.

Drew concordou com a cabeça. Era verdade que ele andava preocupado com aquilo, mas agora era algo mais que o perturbava. Durante o dia tentara descobrir o que se passava nas conversas acaloradas entre seus pais, mas a mãe provara-se experiente em desviar de seus sutis questionamentos. Embora ela não lhe tivesse dado respostas, contudo, dera algumas pistas.

Para seu alívio, não parecia ser culpa dele. Sabia que o pai estava preocupado com a perda de um carneiro premiado, mas a mãe deixara claríssimo que Drew não fizera nada de errado, e ele acreditou. Ela preferia ficar em silêncio a contar uma mentira a qualquer um de seus meninos.

Tampouco era algo que vinha de alguma discordância entre os pais. O que quer que fosse, as pistas sugeriam que tinha a ver com o estranho comportamento do rebanho, mas ele não conseguira mais do que isso. Drew ficou surpreso em descobrir que seu pai também achava que havia algo errado.

Drew foi desviado de seus pensamentos pelo rat-tat-tat veloz da chuva nas vidraças, que fazia parecer que o vidro ia se estilhaçar a qualquer momento. Ele pegou mais uma tora e a jogou na lareira para juntar-se às outras. As chamas foram alto, o fogo agora queimava voraz, cuspidor, assobiando e estourando. Drew aproximou-se das grandes janelas da sacada.

Além da tempestade, ele ouvia o balir das ovelhas, gemendo de inquietação.

Ele deveria ir lá fora conferir? Elas não estariam a salvo no cercado? A Lua, cheia e inchada no céu noturno, surgiu por entre as nuvens da tempestade e derramou uma luz lúgubre sobre a fazenda.

Drew de repente sentiu que a febre o tomou novamente, como nunca antes. Uma onda de vertigem o atravessou, enquanto o sangue corria para sua cabeça. Ele agarrou-se à cortina pesada com a mão trêmula, os nós dos dedos brancos de agarrar-se ao tecido para não cair. Sua respiração, áspera e curta, irritava o peito enquanto córregos de suor desciam pela testa até os olhos. Drew limpou o rosto com o antebraço, e a manga da camisa ficou encharcada, grudando em sua pele. Que tipo de enfermidade produziria tal efeito?

Ele fixou os olhos na Lua, tentando focar, tentando tirar da cabeça as sensações dolorosas que lhe assaltavam o corpo. Sua pele fervilhava, uma coceira febril alastrava-se por cada centímetro da pele como um incêndio.

A náusea o assaltou, seu peito arfava, o almoço ameaçava irromper do estômago. O mundo girava em volta de Drew, tendo a Lua branca como eixo. Mantenha o foco na Lua.

“Mantenha o foco na Lua.”

Seu corpo pareceu acalmar-se, as dores parando tão rápido quanto surgiram. A pele esfriou, a enfermidade passara. O que estava acontecendo com ele? Do lado de fora, a chuva diminuía, agora mais calma, quase plácida. As ovelhas haviam se aquietado repentinamente. Drew soltou as cortinas, trazendo a mão até a garganta viscosa para massageá-la lentamente. A paz que ele sentia não era natural, era enervante.

Quando se ergueu da poltrona, a mãe veio em sua direção.

— Está tudo bem, Drew?

— Acho que não — respondeu. — Me sinto mal. Acho que é por causa das ovelhas aflitas, estou me deixando influenciar e não consigo fazer nada.

A mãe mordeu o lábio, e sua fronte enrugou-se enquanto acariciava a bochecha dele.

— Mamãe — perguntou Drew, inspirando profundamente —, o que há de errado comigo?

— Nada, meu amor. Nada mesmo. — Seu rosto parecia tão triste, Drew pensou, enquanto o franzir que emoldurava seu rosto a fazia envelhecer diante de seus olhos. Ele sorriu.

— Sei que tem algo que você não está me contando, mamãe — disse, enquanto ela começava a protestar. — Por favor, não negue. Eu vi você e o papai. Tem algo que vocês estão escondendo de mim. Sei que estou certo, mas me ouça. Tenho de dizer isto. Só quero que saibam que confio em vocês. Seja o que for, o que quer que esteja preocupando vocês, sei que vão fazer o certo. Só espero, o que quer que seja, que eu possa fazer algo para consertar.

Ele ficou surpreso em ver lágrimas escorrerem pelo rosto da mãe após suas palavras, caindo livremente enquanto ela sorria e soluçava.

— Oh, Drew — ela disse, a voz sem fôlego. — Sempre tão carinhoso, tão compreensivo. Você não sabe quanto isso significa para mim. Acredite quando eu digo que nunca pais amaram tanto um filho quanto nós o amamos.

Drew ficou levemente surpreso, e uma tristeza em seu coração duvidava que ela estivesse falando genuinamente em nome do pai.

— Eu queria ser forte como Trent, para que papai visse que eu tenho algum valor. Existem gêmeos mais diferentes em toda a Lyssia? — Ele deu um sorriso fraco. — Mas eu nunca quis desapontá-la, mamãe — disse. — É verdade, nunca!

A mãe riu de suas palavras, abraçando-o. — Eu sei que não, seu menino bobo, eu sei que não! — exclamou, apertando-o forte.

A tempestade lá fora pareceu ceder, desaparecer por um instante. O estrondo do trovão sumira, até a chuva havia parado. O mundo pareceu silenciar.

— Não tente ser como Trent — ela acrescentou calmamente. — Chegará o momento em que eu e seu pai teremos de lhe contar. Mas você precisa saber... que você não é como seu irmão.

Os olhos de Drew analisaram a estranha frase, embora o entendimento completo das palavras estivesse muito além de sua

compreensão. Nesse momento a chaleira começou a assobiar no fogão da cozinha, baixa e lenta de início, mas aos poucos subindo num crescendo. Os pelos na nuca de Drew eriçaram-se. Sua mãe não havia terminado.

— Você é diferente.

Ele queria saber mais, perguntar o que ela queria dizer com aquilo, mas, ao abrir a boca, as pequenas vidraças da janela repentinamente estilhaçaram-se numa chuva de vidro quando o caixilho dobrou-se e explodiu sala adentro.

3: O visitante

A tempestade voltou com fúria renovada, berrando do céu sobre a pequena casinha. Enquanto as cortinas açoitavam, rasgadas pelos cacos de vidro quebrado, o vento rugia através da fenda aberta da janela demolida.

Dando as costas para o vidro que caía ao chão, Drew protegera a mãe da explosão tanto quanto pôde.

— Você está bem? — ele gritou em meio ao barulho.

A mãe fez que sim, os olhos vidrados na janela. Ela parecia abalada e temerosa, mas, fora alguns arranhões no rosto, estava ilesa. Drew lentamente ajudou-a a se levantar, conferindo a situação.

A grande janela agora cobria o chão com centenas de pedacinhos de madeira quebrada e vidro estilhaçado. Um e outro pedaço da moldura balançavam dos suportes presos ao caixilho arruinado. A estante de livros que flanqueava a janela estava caída, vazia e destruída, os livros agitando-se enquanto o vento folheava suas páginas. A chuva continuava a entrar na sala, seu hálito gelado e áspero atacando o rosto de Drew.

Ajudando a mãe a voltar à poltrona, ele começou a pisar sobre os móveis destruídos, caminhando até a janela. A estante caída teria melhor uso como tapume provisório do buraco até que amanhecesse. Procuraria a caixa de ferramentas do pai no porão e, assim que este e Trent retornassem, juntos poderiam começar a colocar as coisas em ordem novamente. Ainda assim, a situação o perturbava.

Seus olhos perscrutaram a sala, e faltava um pedaço importante do quebra-cabeça. Os pelos de sua nuca arrepiaram, um calafrio ainda lhe percorria o corpo e fazia toda a sua estrutura tremer. Havia algo errado.

Com os olhos semicerrados para enxergar no escuro, Drew não conseguiu ver o que causara o impacto. Ele esperava encontrar um grande galho de árvore projetando-se contra a casa, mas a falta de

algum motivo óbvio causava tanto surpresa quanto preocupação. Poderia o vento fazer tudo isso sozinho? Ele deu mais um passo em direção à janela, ainda em busca de evidências. O fogo da lareira crepitou contra a tempestade.

Repentinamente, Drew percebeu o fantasma escondido na sala. Então aquilo surgiu.

A sombra parecia vir do andar de cima, uma forma baixa e sinistra que se destacava no escuro com definição própria. Drew cambaleou para trás.

Enquanto se erguia, primeiro à altura da cintura dele, depois mais alto, a sombra parecia ao mesmo tempo crescer para os lados, cobrindo o buraco que já fora a janela saliente. Drew tropeçou, pois a força de suas pernas o abandonara, e quase perdeu o equilíbrio ao recuar. Madeira e vidro estrepitavam no chão em volta da criatura, enquanto os resquícios da janela caíam da moldura.

Lá fora, os relâmpagos reluziam, acrescentando um breve toque de iluminação à cena. Ao ver a fera, o primeiro pensamento de Drew foi que seria algum tipo de urso, mas quem já ouvira falar de urso ousado o suficiente para caminhar até uma casa, quanto mais pular por suas janelas?

Rapidamente ficou claro que a criatura estava muito além de qualquer coisa que já houvesse visto e tinha pouco em comum com os animais que habitavam a Costa Gélida.

Uma grossa camada de pelo escuro cobria sua silhueta pesada, um couro fedorento que se eriçava com a água lamacenta. Pesadas patas dianteiras pendiam de seus ombros arqueados, cujas garras esmagavam os estilhaços pelo assoalho ao seu redor. As patas menores estavam ambas curvadas, sustentando o corpo, ameaçando impelir a grande massa para a frente a qualquer momento com um grande salto. O que parecia ser um enorme rabo carnudo saía da base de seu torso, serpenteando pelo entulho em direção à janela. Tinha quase dois metros e meio e dominava a escuridão da sala.

O terror que o corpo da fera projetou sobre Drew e sua mãe era pouco se comparado à temível cabeça que lentamente se ergueu do ninho de pelos do peito. Um longo focinho entrou em seu campo de

visão, afilando-se até a ponta, onde um amontoado de dentes grandes e afiados salientava-se de lábios retorcidos e vermelhos. Seu hálito invadiu a sala, e o fedor quase fez Drew vomitar. O ar pútrido trazia o odor de carne podre e doenças, o cheiro de morte e decomposição, doce e repugnante. Suas orelhas eram pequenas e grudadas à cabeça, quase escondidas em meio ao pelo escuro e brilhoso.

Dois olhos vermelhos cintilavam das cavidades enegrecidas, apertando-se com alegria perversa ao devolver o olhar à sua presa.

A fera abriu bem a boca, num movimento para trás que lhe expunha os dentes e uma grande e negra língua saindo e serpenteando até seu papo, enquanto a saliva espirrava para empoçar-se junto à chuva.

O estômago de Drew se agitou ao encarar o monstro. Seu coração acelerava, o calor da febre ainda lhe tomava o corpo, mas agora dava alento a algo mais, alimentando sua força de vontade. Compelido a agir, ele pulou para a lareira entre a fera e sua mãe, alcançando e desprendendo da chaminé a espada Wolfshead do pai. Ela parecia pesada e estranha em suas mãos, mas ele a segurou tremulante à sua frente, as palmas agarrando firme a empunhadura. Drew sentiu a mão trêmula da mãe em seu ombro, o medo dela atravessando-o enquanto ele lhe servia de escudo.

A criatura pareceu dar uma gargalhada gutural, enquanto subia pela mobília revirada e avançava sala adentro.

— Vá embora! — gritou Drew por sobre o gemido do vento, balançando a espada à frente para tentar repeli-la. A fera ergueu uma pata, tirando a espada do caminho e chegando mais perto. Os ossos e músculos de Drew queimavam, uma dor aguda e repentina lhe corria loucamente pelo corpo, apertando seu coração. Ele perdeu o controle e atacou com a espada, numa investida contra o monstro com a ponta da lâmina. Esta desapareceu sob o braço da fera, acertando-lhe um ponto no abdômen. Ela recuou, cambaleante. Desceu a mão em garra até o flanco ensanguentado para examinar o líquido negro sem qualquer preocupação, antes de fitar novamente quem o atacava. Seu grande braço peludo fez um movimento em foice, rápido como um relâmpago, num arco pela

sala até rasgar o peito de Drew. O sangue voou de um trio de cortes afiados, enquanto Drew despencou junto à mãe, a espada caindo de suas mãos com um estrépito nas tábuas do chão.

— Drew! — chamou a mãe, mas o grito foi em vão.

Seu corpo tremeu violentamente, escolhendo um momento inoportuno para aparentemente desistir da batalha contra a febre que o perseguia. Tilly Ferran soltou um grito de desespero quando o filho caiu de seus braços ao chão, o pobre corpo em convulsões. Ela apanhou a espada do chão.

— Você matou meu menino! — gritou a mãe, as ondas de pesar materno a explodir dentro dela.

O monstro ergueu sua garra grossa e negra, balançando-a para um lado e para o outro para demonstrar que não concordava, antes de apontar para a mulher. Sua voz murmurou algo, uma risada malévola que pertencia aos recantos escuros do mundo.

— Por você. Vim. Por você...

Os olhos de Tilly arregalaram-se. Ela deu passos trêmulos para a frente, agitando a espada de forma descontrolada, mas a criatura girou o braço poderosamente, e suas garras fizeram a espada cair das mãos da mulher. O

impacto a fez voar até a cozinha. Tilly desabou sobre a mesa com um barulho doentio, fazendo as louças caírem e se estilhaçarem no chão ladrilhado.

Contorcendo-se, Drew pôde apenas observar o monstro arremessar a mãe em direção à cozinha. Enquanto aquilo a seguia, tudo que ele queria era força para erguer-se e atacar a fera, derrubá-la, fazer sua garganta em pedaços. Mas ele estava paralisado por uma fraqueza imensurável que agora o consumia.

A criatura lentamente abriu caminho até a cozinha, prolongando o inevitável. Pisou caos adentro, o vento cobrindo-a com água da chuva enquanto bamboleava até a mesa. Uma mão em garra deixou um rastro pela madeira, o sangue pingando na superfície.

Tilly Ferran sussurrou a palavra “não” repetidamente, mas sabia que esse seria seu fim, sabia que não havia nada que pudesse fazer para deter o monstro. A fera balançou a cabeça, a baba fedorenta caindo na mesa ao lado da cabeça da mulher.

— Pensei... pensei que estivesse a salvo de você — ela balbuciou, embora as palavras não encontrassem volume. — Pensei que você nunca fosse nos encontrar.

O animal mostrou os dentes, curvando-se na direção dela e soltando uma única palavra ao abrir a boca.

— Nunca.

E então fechou suas mandíbulas contra a garganta dela.

Ira e medo indescritíveis tomaram o corpo de Drew enquanto assistia ao pesadelo à sua frente. Ele fechou os olhos, no desejo de fazer seus membros se mexerem, mas, em vez disso, foi acometido por um espasmo febril.

Começou em suas tripas, como antes, mas pior. Muito pior. Ele agora sentia suas entranhas se rasgando, lutando para livrar-se de seu corpo, contorcendo-se e encontrando novos espaços. Seus intestinos pareciam erguer-se do fundo da barriga e mover-se para mais fundo, enquanto os pulmões ficavam três vezes maiores, grandes goles de ar adentrando seu peito. A caixa torácica, antes espremida, estendia-se e estalava. Seu peito se expandiu, enquanto as costelas assumiam novas formas. A dor era insuportável. Ele queria berrar, mas nada saiu além de um grito silencioso.

Ele rangeu os dentes ao sentir uma pressão contra o crânio, como um torno. A pressão aumentou, e a Drew parecia que seus olhos iam pular das órbitas. Sentiu as gengivas começando a se rasgar quando os dentes pareceram querer soltar-se. Seus braços ergueram-se à sua frente, mas ele só conseguia observar aterrorizado suas mãos distorcerem-se, esticadas e alongadas enquanto as unhas rasgavam os dedos para virar grandes garras.

Viu pelos saírem de sua pele, avançando pelos braços e peito, enquanto sentia a consciência ameaçando desaparecer. Seu crânio rachou com a pressão, e a mandíbula deslocou-se com a erupção de um focinho.

Seus olhos enevoaram-se, amarelos e malignos. Ainda havia um resquício de consciência em Drew, preso lá dentro, incapaz de entender essa transformação horripilante. Ele estava olhando à frente, testemunha do que havia se passado, como se suspenso no

teto. O pelo eriçava-se ao longo de sua espinha, e ele observou o inimigo, o intruso de costas viradas.

Soltou um grunhido baixo, quase inaudível contra o barulho da tempestade, mas o monstro o ouviu. Virou-se, lentamente, o sangue manchando seu focinho ao voltar os olhos para a sala de estar. A descrença tomou o rosto do monstro. Encarou o menino, ou o que já fora o menino, com cuidado.

Antes que a criatura pudesse se mexer, Drew instintivamente pulou.

Cobriu a distância entre os dois num único salto, estatelando-se contra o peito da fera enquanto os dois caíam ao chão, numa bola agitada de garras, dentes e pelos. O monstro tentou defender-se de Drew, mas o menino-fera foi tomado por uma fome furiosa, uma ira incontrolável. O monstro, embora claramente mais forte, apesar de ser um assassino e guerreiro experiente, deixou sua guarda baixar por puro pânico, e o focinho de Drew libertou-se de suas mãos, as mandíbulas abocanhando o crânio do monstro. Drew puxou a cabeça para trás num movimento afiado e selvagem, e a carne veio junto com um rasgo. Num guincho de dor, o monstro revidou, e com a pata acertou o peito de Drew. O impacto do golpe fez o menino recuar, batendo contra um aparador e provocando uma avalanche de louças. A força escapou-lhe quando tentou se levantar, a dor aguda das costelas quebradas o fez perder o fôlego.

Caído sobre uma pilha de louças, Drew olhou para cima e viu a criatura erguer-se do chão, assomando-se sobre ele mais uma vez. A respiração irregular escapava de sua boca quando a luz da Lua começou a entrar pela janela da cozinha, iluminando o estrago que Drew conseguira deixar nele. O

lado direito do rosto não estava mais lá e revelava nervos rasgados e cartilagem suja de sangue negro. O crânio, exposto sob a luz, mostrava ossos que se arqueavam em torno da cavidade do olho como uma foice branca. A pele pendia em farrapos ao redor da boca, os dentes em todo o seu esplendor sumindo nas sombras de suas mandíbulas.

Rosnando, o monstro deixou o que sobrou de seus lábios despregar-se, emitindo um grunhido. Erguendo as mãos, permitiu-

se brincar com suas garras, grandes unhas que estalavam de expectativa. Curvando os ombros ao dar mais um passo, as pernas dobraram-se com os músculos flexionados, preparando-se para agarrar o menino. Um barulho na frente da casa fez a fera parar, a cabeça contraindo-se, sacudindo enquanto ouvia. Observou a criatura indefesa a seus pés, cuspiendo sangue nela antes de virar-se e projetar-se pela janela da cozinha. Mais vidro caiu do caixilho enquanto a fera sumia pela noite de tempestade.

Esforçando-se para recobrar a compostura, Drew tentou ficar de pé, segurando-se a uma perna da mesa da cozinha com a ajuda das mãos em garra até conseguir. Enquanto subia, sentia seu corpo transformando-se, retorcendo-se novamente ao voltar a sua forma humana. Os pelos que lhe cobriam o corpo recuaram, desaparecendo sob a pele, enquanto ossos e músculos voltavam ao estado natural. A última coisa a estalar até retornar à posição foi o focinho, e ele sentiu seu rosto voltar lentamente à normalidade enquanto observava a mãe sem vida.

Deitada como se numa mesa de legista, Tilly Ferran observava o teto com olhos mortos, o sangue espalhado da garganta até o peito. Incapaz de segurar as lágrimas, Drew abaixou-se, tomando a mãe nos braços e levantando sua cabeça até unirem seus rostos. As lágrimas limpavam sua face enquanto ele soluçava em silêncio.

Quando Mack Ferran adentrou a casa, levou apenas um instante para registrar o que havia acontecido. Ao entrar na sala de estar revirada, olhou pelo arco que levava à cozinha. Viu sua esposa, com quem fora casado por vinte anos, o único amor verdadeiro que conhecera, estirada na mesa. Seu filho estava curvado sobre ela, a cabeça da mãe em suas mãos, caída como de uma boneca. Estava morta, a garganta rasgada. As mandíbulas e as mãos do menino estavam sujas de sangue, e, quando ergueu o rosto para ver o pai, havia em seu olhar algo de animal e selvagem que exalava morte e loucura.

Os olhos de Mack voltaram-se para a espada Wolfshead ao chão.

Abaixando-se lentamente, com a mão direita segurou a empunhadura, os dedos se encontrando antes de se fecharem

naquele aperto familiar. Todo o tempo ele segurou sua fúria, mantendo a compostura. Endireitou-se ainda mais quando Trent entrou correndo, derrapando até parar às suas costas.

— Solte-a — disse o velho soldado, erguendo a espada em direção ao filho, a lâmina imóvel enquanto vento e chuva ainda assolavam a casa saqueada.

Drew estremeceu sem conseguir compreender. Por que seu pai lhe apontava a espada?

— Pai... — ele falou ofegante. A voz saiu baixa e bestial, esforçando-se para deixar a garganta ainda retorcida. Seu rosto contorceu-se e teve espasmos enquanto a mandíbula deslocada voltava ao lugar.

— Solte-a. — O pai chegou mais perto. Dois, três passos.

Drew voltou-se para a mãe, tentando compreender as ações do pai.

Seria possível que ele considerasse Drew responsável por aquilo? As lágrimas lhe escorreram pelo rosto. Seus olhos voltaram-se na direção de Trent, o rosto do irmão um misto de medo e confusão diante da cena. — Mas, pai — Drew tentou falar, os lábios sujos de sangue e tremendo.

— Pare de falar isso — disse o velho, a espada começando a tiritar em sua mão enquanto ele lutava contra a ira.

Drew estava passando mal, queria cair no chão. O que devia fazer?

Com cuidado, colocou a cabeça da mãe de volta na mesa.

— Um bicho... — ele começou a dizer, mas não conseguiu completar a frase.

O pai pulou em sua direção, cobrindo a distância num salto veloz, a espada ceifando o ar com precisão letal, rasgando a omoplata de Drew, com um corte fundo e rápido. Gemendo, o menino caiu para trás, arranhando os pés descalços no vidro quebrado enquanto o pai ficava à frente dele e de sua mãe. Trent assistiu à cena dramática do arco que separava a cozinha da sala de estar, a mandíbula pendente diante do horror.

— Você não é meu filho — o pai vociferava com os olhos vermelhos de lágrimas, enquanto rosnava e engasgava com as

palavras. — Monstro! — ele gritou enquanto fazia uma nova investida.

Drew ergueu as mãos numa vã tentativa de defender-se, mas a espada entrou direto em sua barriga, até o cabo. Pai e filho estavam face a face, olho no olho. Os olhos de Drew piscaram, descrentes, enquanto os do pai estreitavam-se, seu horrendo dever cumprido. Ele soltou as mãos da empunhadura e deixou o filho cair para trás contra as sombras geladas da cozinha.

Os dedos de Drew buscaram o ponto em que o golpe firme perfurara-lhe o estômago, agora com manchas negras de sangue. Ele sentiu a ponta da lâmina raspar os tijolos atrás de si, a quase um metro de suas costas.

Mack voltou-se para a esposa, tomando a mão dela ainda quente antes de cair de joelhos. Chegara a isso. O menino que ele havia criado, esse monstro, tirando-lhe o que tinha de mais precioso na vida. Em seus piores pesadelos ele nunca imaginara aquele momento. O menino era uma aberração, uma monstruosidade. A justiça fora breve, mas ele nunca se perdoaria por permitir que isso acontecesse. Ele olhou para a mulher, sua pele alva agora escarlate, coberta pelo próprio sangue. “Eles sabiam, mas ainda assim não puderam impedir.”

Trent deu um passo à frente e bateu no ombro do pai, primeiro apenas uma vez e depois repetida e insistentemente. De início, Mack pensou que fosse por consolação, pelo luto compartilhado, mas logo percebeu que as batidas tornaram-se puxões frenéticos e que o garoto queria chamar sua atenção. Ele ergueu o olhar.

Trent estava de olhos arregalados em direção ao outro lado da cozinha, a mão estendida e um dedo tremulante apontando para o irmão, cuja silhueta estava emoldurada pela janela estilhaçada da cozinha. Ainda estava de pé. O vento o açoitava enquanto balançava, ensanguentado, a lâmina firmemente alojada em seu abdômen.

Mack ergueu-se, sabendo o que precisava ser feito. Como poderia esquecer? Todos aqueles anos a serviço do rei, e sua mente deixara isso passar. Voltou-se para o filho, e Drew os observou, sem palavras e atônito.

— Rapaz, traga-me o atizador — ele disse. Trent ficou ali parado, diante do irmão que, decididamente, devia estar morto, mas estava de pé, cambaleante como uma ovelha recém-nascida. O pai o segurou pelo casaco, balançando-o. — O atizador da lareira, menino. Traga-o. E seja rápido!

Drew observou o irmão partir em direção à sala de estar. A coisa toda era surreal, todos os fatos da noite fugiam de qualquer explicação, um sonho distorcido. A fera, sua mãe, a transformação que o tomara. Seu próprio pai o havia atravessado com uma espada. Surpreendentemente, a dor do corte era nada se comparada à que sentira ao se transformar em um monstro. Ele devia estar caído numa poça de seu próprio sangue. Mas de alguma forma ainda estava vivo, a espada Wolfshead o havia perfurado todo, e agora ouvia o pai pedindo o velho atizador da lareira.

Mas não era um sonho. Drew lutou contra a náusea que se avolumava por dentro. Seu pai já tentara matá-lo uma vez naquela noite e parecia decidido a tentar de novo. Dessa vez, estava determinado a ter sucesso.

Drew tomou uma decisão.

Ele cambaleou até a moldura da janela, antes de olhar para trás apenas uma vez. O pai estava lá, escondendo a mãe de sua vista.

— Mais rápido, menino! — berrou Mack Ferran, e Trent apanhou o atizador do caos amontoado da sala de estar.

Drew subiu no peitoril salpicado de vidro e suas roupas rasgadas se agitavam ao vento. Seus olhos cintilaram enquanto o pai o encarava com olhar inabalável.

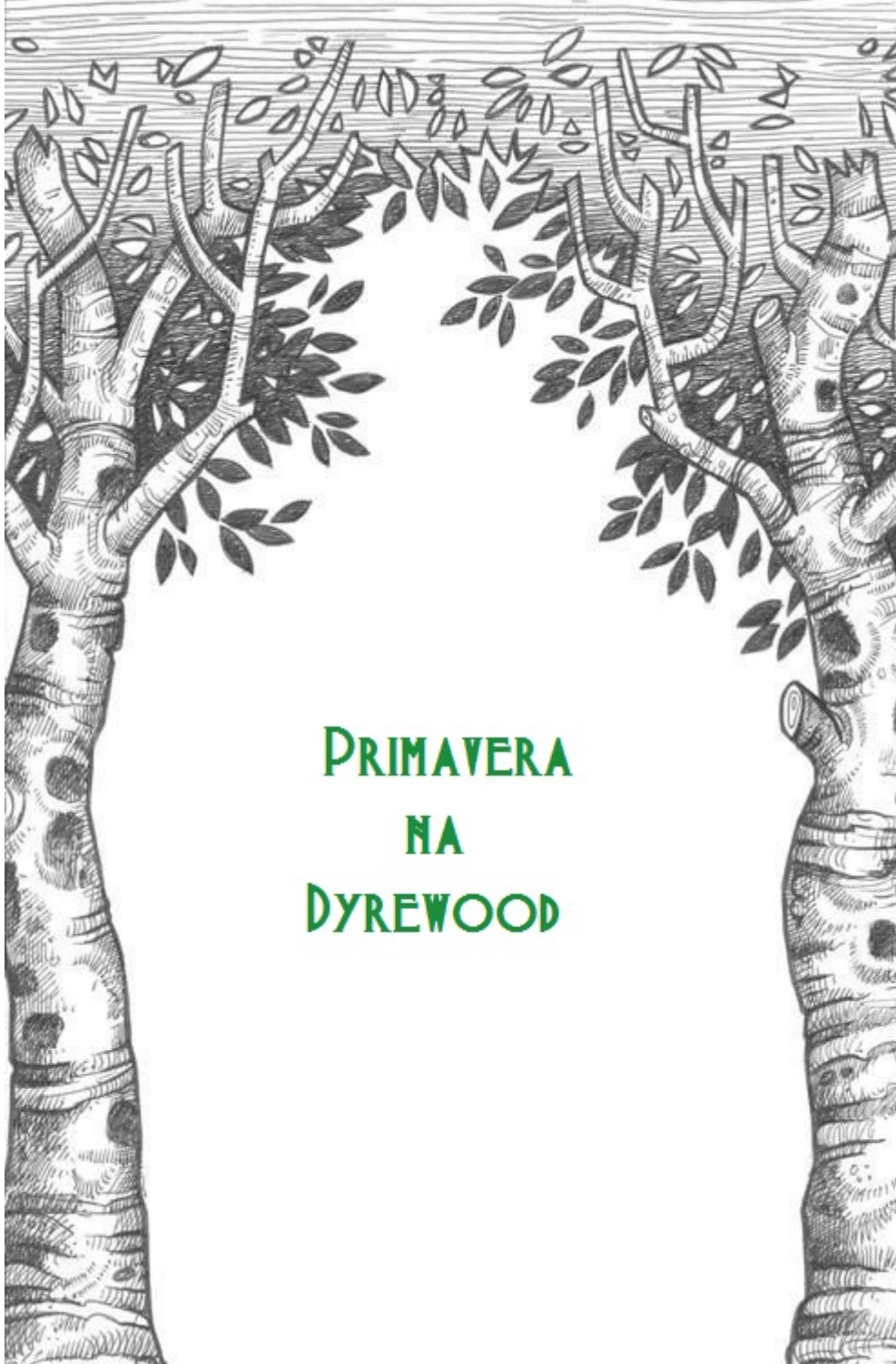
— Dê-me isso — Mack falou enquanto Trent corria pela mobília quebrada e jogava o atizador em sua direção. Ele o agarrou pela ponta afiada, levantando o cabo de prata acima da cabeça antes de voltar-se para o menino que já fora seu filho. Drew já havia matado; com certeza mataria de novo. Ele adquirira o gosto por sangue.

Mas era tarde demais. A janela agora estava vazia, servindo apenas de moldura à chuva que o fustigava. Mack Ferran lentamente abaixou o atizador e enfiou-o por um nó do cinto. Sua outra mão parou na trompa de caça em sua coxa, a palma

fechando-se sobre o marfim frio, enquanto atravessava a janela. Ele olhou através da chuva que enchia o jardim lamacento lá fora. Além dali, no céu escuro da noite, a Lua olhava para baixo, cheia e branca.

O menino se fora.

PARTE 2



PRIMAVERA
NA
DYREWOOD

1: O patrulheiro de conto de fadas

A floresta estava calma, a não ser pelo estalar dos gravetos sob os pesados cascos do cavalo. Hogan inclinou-se na sela, as mãos sobre o pescoço do animal, enquanto as trepadeiras passavam sobre sua cabeça. Observava que um dossel de folhinhas verdes chegava até ele, provocante e convidativo ao toque, inebriante com seu odor doce. Mas ele sabia que não poderia. Há quase quarenta anos ele era patrulheiro na Dyrewood. Era o guardião mais antigo a serviço do duque Bergan, tendo liderado tropas, em épocas de guerra, pelas terras do Bearlord, tão veloz e discreto quanto possível. Não era de cometer erros. Uma vez passada a cortina de trepadeiras, ele aprumou-se na sela, perscrutando o caminho adiante pelo chão da floresta.

Hogan puxou as rédeas até o cavalo parar. Com olhos semicerrados à meia-luz da floresta, o cavaleiro vasculhou a penumbra. Aqui e ali uma fresta de sol atravessava as massas de imensas árvores, abrindo caminho por entre os galhos frondosos até o chão lamacento. Pedras e raízes tornavam sua passagem lenta e traiçoeira, e pilhas altas de folhas escondiam toras e galhos caídos nos lugares mais inesperados. Combinada às cortinas assassinas de Hera Wych, a floresta era um lugar que qualquer homem devia temer. Hogan, porém, não estava preocupado com esses perigos. Hoje havia algo mais na Dyrewood, e muito mais letal.

Retorcendo-se em sua sela, ele voltou-se para o lado de onde viera.

Esperou. Gradualmente, uma silhueta a cavalo apareceu na luz fraca da floresta escura e úmida. A figura jovem estava caindo da sela, dando pouca atenção ao caminho à frente, deixando o animal prosseguir enquanto sua cabeça ficava cada vez mais próxima das trilhas suspensas de Hera Wych.

Hogan revirou os olhos por um breve instante. Sob as mãos enluvadas, estalou os dedos duas vezes. A cabeça do aprendiz levantou-se diante do barulho, mas não de pronto. Hogan apontou

o dedo indicador para cima, em direção à hera mortal. A jovem figura puxou as rédeas, fazendo o cavalo parar, e olhou para a planta, reconhecendo-a. Satisfeito com o perigo que registrara, o mestre-guardião partiu mais uma vez, impelindo o cavalo com as esporas em seus flancos.

Whitley olhou para a hera com olhos arregalados. Engolindo em seco, apertou-se bem contra a sela e bateu com a mão contra o pescoço de Chancer. A Hera Wych era mortal ao toque, como qualquer guardião da floresta bem sabia. Pequenas agulhas pontilhavam as trepadeiras cor de esmeralda, cada uma carregada com venenos de ação rápida. Assim que o veneno fazia efeito, a Hera Wych recolhia-se aos galhos mais altos, para digerir lentamente sua vítima. A dieta normal da planta era composta de pássaros e pequenos mamíferos; um aprendiz de guardião seria refeição tão valorosa quanto rara. Cuidadosamente, o cavalo seguiu seu passo, o cavaleiro controlando-o com perícia enquanto passavam sob as gavinhas.

Guardião e aprendiz já estavam havia uma semana na floresta, em busca de sua presa. Com certeza, Whitley tinha pouco a fazer fora observar e aprender com Hogan. Num lugar arriscado como a Dyrewood, sonhar acordado era uma distração com grande potencial para desastre. Antiga e vasta, a grande floresta atravessava os Sete Reinos da Lyssia, em torno de quinhentos quilômetros em extensão e com a metade disso em largura em alguns pontos. Considerada assombrada, eram poucos os que ousavam entrar na floresta repleta de lendas de monstros e terrores. Árvores negras e ressecadas se alinhavam à borda da floresta, antigos troncos deformados e retorcidos que se cravavam ao chão como postes, marcando as fronteiras onde a civilização terminava e a vida selvagem tinha início.

Mais além, por onde agora passavam, as árvores mais viçosas da Dyrewood predominavam, criando dosséis frondosos que tapavam o sol.

Uma e outra estrada faziam caminho pela floresta, mas haviam permanecido virtualmente inutilizadas em anos recentes, rotas antes muito percorridas, estavam agora cobertas pela vegetação e

impenetráveis. Whitley ouvira as histórias sobre criaturas estranhas na Dyrewood, mas pareciam não passar de contos de fadas para os pequenos. Os Wyldermen, contudo, não eram fantasia. Whitley não imaginava por que alguém iria querer viver em tal lugar esquecido. Hogan revelara alguns dos mistérios da Dyrewood durante o treinamento, mas isso não a tornava mais convidativa para um aprendiz.

Quando criança, Whitley sempre acreditou que seu destino era a grandeza; desejava aventura como os heróis dos livros. Salvar os aldeões, matar os inimigos — como aprendiz, amava as histórias dos antigos cavaleiros. Sua mãe dissera que não passavam de histórias, mitos e folclores, mas não bastou. Whitley lera muito, e os nomes de alguns desses antigos heróis pipocavam por livros de história de todos os Sete Reinos. Os personagens eram de verdade. Os heróis eram de verdade. Seu coração de aprendiz buscara um caminho de aventuras desde então.

O cavalo parou subitamente, relinchando e dando um passo nervoso para trás. Os punhos de Whitley fecharam-se na crina de Chancer, olhando a trilha à frente até Hogan: nenhum sinal de nada. O animal resfolegou, agitado. Seus olhos reviraram-se, e ele foi tomado por um grande terror.

Whitley olhou em volta enquanto o cavalo começava a recuar, fugindo de alguma ameaça invisível. Vez por outra ele arqueava a cabeça, sua crina castanho-escura golpeando Whitley no rosto, mas ainda controlado fortemente pelas rédeas. A floresta parecia girar quando a montaria começou a circular a esmo, dando poucas chances a Whitley de ver o que havia assustado o cavalo. Chancer era robusto e, como Hogan dizia repetidamente, tinha de ser tratado com respeito. “Perder o controle de sua montaria é perder o controle de sua vida” fora seu mantra. Assim, como acontece com todos os guardiões da floresta, o vínculo entre animal e cavaleiro era especial.

— Eia, acalme-se, garoto — bradou Whitley, abaixando-se para falar mais próximo das orelhas do animal. Soltou uma das mãos e deu palmadas fortes no pescoço do cavalo, procurando acalmá-lo, mas o bicho arremessou a cabeça para trás e relinchou. A parte de

trás da cabeça do animal se chocou com força contra a cabeça de Whitley, numa batida poderosa. O aprendiz despencou da sela como um saco de ossos.

A terra coberta de musgo proporcionou a Whitley uma aterrissagem macia. Seu ombro absorveu a maior parte do impacto, e as dores penetrantes que se seguiram o ajudaram a recobrar a consciência instantaneamente. Esforçando-se para levantar, Whitley só teve tempo de ver o rabo castanho-escuro de Chancer voar nas sombras enquanto o cavalo desaparecia pela escuridão da Dyrewood.

Por um instante, Whitley perguntou-se que som de tambores era aquele que ressoava pela floresta, antes de perceber que eram seu coração martelando e o sangue correndo por suas veias. Seus olhos observaram em volta, nervosos. O que teria assustado o cavalo? Seriam Wyldermen? Ou talvez a fera: sua presa? Estaria ainda por lá ou teria saído à caça do pobre animal? Whitley esperava que não fosse nada, esperava que Chancer tivesse apenas se assustado com alguma coisa inofensiva. Talvez o cavalo retornasse ao se acalmar. Tentou se achar pela vegetação rasteira, procurando Hogan, mas, depois de uma queda assim, aprendiz nenhum conseguiria distinguir norte de sul.

— Que grande guardião você vai ser, Whitley.

— Mestre! — disse Whitley, virando-se para a grande sombra, esforçando-se para ficar sobre o tornozelo que agora zunia de dor. Depois de tentar aplicar pressão sobre ele, o jovem aprendiz caiu mais uma vez no chão cheio de musgo. Uma torção. Puxando os culotes sujos e abaixando a meia, olhou para seu tornozelo — que já começara a inchar.

Whitley estava prestes a reclamar para Hogan, mas em vez disso parou repentinamente, sentindo algo estranho. Olhou a tempo de ver a vegetação rasteira abrir-se e uma criatura surgir das trevas. Tentou gritar, mas tudo o que saiu foi um grasnido agudo e fraco, enquanto tentava recuar em desespero, as mãos arranhando o musgo. Mais à frente, uma espécie de monstro avançava.

A criatura parecia quase humana, andando sobre patas traseiras. Seu cabelo era negro, selvagem e felpudo, caído sobre

rosto e ombros. As mãos dela contraíam-se, unhas longas que revelavam garras com curvas sinistras, estalando umas contra as outras. Seu rosto era invisível nas sombras, com exceção do brilho dos olhos cor de âmbar e o resplandecer dos dentes afiados, que pareciam inundar seu rosto com um sorriso cruel. Um grunhido baixo emanou de seu peito arfante, os músculos encrespando-se sob a pele escura.

Whitley bateu em retirada, mas foi repentinamente detido ao dar de cara com um tronco. Não havia para onde fugir. Onde estava Hogan? Tudo terminaria assim? A vida de Whitley era uma aventura apenas esperando para começar. A história apenas se iniciara. Lágrimas escorreram pelo rosto do aprendiz quando a fera abriu a boca, braços esticados e as garras expostas. Whitley virou-se para o lado.

Foi nesse momento que percebeu, com pesar, que sua vida não era um conto de fadas e que não existiam heróis.

2: A fera e o aprendiz

O hálito quente bufava contra o rosto de Whitley, a saliva respingando sobre sua bochecha enquanto o monstro soltava um rugido feroz. A fera aproximava-se para o ataque letal, e Whitley rezou por um fim rápido.

Mas ele nunca chegava.

Estaria o monstro brincando? Lutando contra a náusea e o pânico cego, Whitley precisou de cada migalha de força de vontade para arriscar-se a abrir um olho. A criatura se erguia, escondendo os pedaços de céu azul visíveis acima da linha das árvores. Seus braços estavam esticados; as mãos, abertas, e as pontas flexionadas em garra. Balançava da esquerda para a direita enquanto inspecionava a presa, os olhos amarelos estreitando-se até virarem pequenas fendas. Whitley engoliu em seco. Fitou os olhos da fera, já que pouco mais de seu rosto estava visível. Aos poucos, o olhar do monstro pareceu ficar mais suave, quase relaxado, enquanto os braços caíam para os lados. Ele agachou-se, a cabeça caída para o lado. A última lembrança de Whitley era de ver o monstro fazendo a coisa mais estranha que já imaginara.

Cruzar os braços.

Drew não tinha certeza de quanto tempo ficou lá sentado observando o menino inconsciente. A julgar por sua silhueta esguia, não era muito mais jovem que ele, talvez um ano, se isso. E, a julgar pelo traje verde e marrom, era provavelmente um morador da floresta. "O filho de alguém", ele lembrou-se dolorosamente. Quem quer que visse a cena acharia que o menino estava morto, a cor de seu rosto agora totalmente sugada.

Drew não teve como evitar de sentir uma pontada de inveja. O menino parecia em paz, como se estivesse tendo um sonho bom. Ocorreu-lhe que essa era a primeira pessoa civilizada que ele via em... bem, ele não sabia há quanto tempo. Não considerava os Wyldermen civilizados, quanto mais humanos. Tentara contar os dias desde que entrara pela primeira vez na Dyrewood, mas, depois

do primeiro mês riscando os dias com pedra na parede da caverna que virara seu lar, perdeu a conta. Parecia fazer muito tempo, e com certeza o clima severo do inverno já havia ido e vindo desde então. Não fora sua intenção encontrar refúgio numa das partes mais desamparadas e temidas da Lyssia, mas, quando Drew ouvira a trompa de caça de seu pai libertar os cachorros naquela noite, ele não teve escolha a não ser ir para onde sabia que eles jamais iriam.

De alguma forma ele vagou da Costa Gélida até os limites da floresta Dyrewood com a espada Wolfshead ainda incrustada firme em seu estômago. Embora o ferimento doesse, uma casca já havia se formado sobre ele. O corte no qual pedaços de carne haviam sido rasgados já cicatrizara, mais de uma vez. Ele até criaria uma teoria sobre como isso era possível, não estivesse a espada no estômago exigindo toda a sua atenção. O que devia ter sido um ferimento fatal agora trazia tanto desconforto quanto uma infecção intestinal.

Drew havia segurado o cabo com as duas mãos e puxado. A espada tinha voltado, e um espirro de sangue a seguira. Uma nova dor o havia atravessado assim que a ferida se reabriria, e uma vertigem invadira-lhe o corpo. Mas logo uma estranha cura havia se processado, e o sangue parara de jorrar. Então tinha ouvido a trompa e instintivamente corra em direção à cobertura negra da floresta, a espada Wolfshead agora como sua única proteção.

Ele usara o que conseguia ver da Lua como guia. Mas ela o enfeitiçava, subjugava e o deixava doente ao mesmo tempo. Sua fuga fora atrapalhada por surtos de espasmos, ataques que repetidamente assolavam seu corpo.

Nada fora tão extremo quanto a transformação que lhe acontecera em casa, quando as cãibras o atacaram. Em outras ocasiões, mudanças sutis ameaçavam fazê-lo perder o controle, garras e dentes haviam crescido e se alongado antes de lentamente voltarem a seu estado normal. Seu corpo parecia estar em constante estado de fluxo, lutando contra o monstro que o assolava por dentro, querendo libertar-se. Ele não conseguia lembrar-se de quando conseguiu ter alguma espécie de controle sobre si — sua

memória estava tão em frangalhos quanto as roupas com que fugira. Mas agora, aparentemente meses depois, estava ali.

Drew não queria que nada disso tivesse acontecido. Ele deparou-se com o menino enquanto caçava; com sua sede de sangue em alta, fora tudo que ele conseguira de fato fazer para resistir a atacá-lo. O menino devia ter constituição fraca para a mera aparição de Drew fazê-lo apagar. A não ser que sua aparência fosse realmente assustadora...

Drew desdobrou os braços e olhou para as mãos. A pele estava rachada e suja, as palmas imundas. Olhou para suas unhas. Amareladas, quebradas, endurecidas e grandes depois desse período na Dyrewood. Seus cabelos e os pelos de seu corpo estavam emaranhados, grudados na pele com lama e sujeira, como um animal selvagem. Quando caçava, ele sentia o corpo inteiro transformar-se, adaptando-se à caça. Seus sentidos ficavam mais aguçados, os músculos cresciam, e as unhas viravam garras. Feito para caçar.

Sua aparência era bem diferente da daquele menino que estava vestido com trajes próprios para a vida na floresta. Ele com certeza não era um selvagem, e isso foi um alívio para Drew. Um gibão de couro estava abotoado até seu queixo; uma echarpe de lã protegia sua garganta do frio.

Drew passou a mão pela própria garganta. Nua. Passou a mão sobre o peito.

Também nu. Olhou para o restante de seu corpo. Não sobrara nem um resto de tecido, com exceção de uma tira de couro sobre o ombro que segurava a espada Wolfshead.

Ele devia estar parecendo um monstro.

Pediria desculpas ao garoto assim que ele acordasse. Então lhe ocorreu que não lembrava da última vez que dissera alguma palavra. Ele recorrera a grunhidos como forma de comunicação para que os animais selvagens saíssem de sua caverna ou de seu caminho. Murmurou seu nome, sentindo a garganta com a mão enquanto a voz saía rachada e forçada.

— Drew.

Soou como pouco mais que um sussurro. Tossiu, pois seu peito ficou arruinado diante do exercício pouco familiar. Uma memória perpassou sua mente. Então deixou a mão cair para o lado e apanhou um tufo de musgo úmido. Aproximou-se calmamente do garoto, passando o musgo na testa.

Sua mãe fazia isso quando Drew estava doente. Disso ele lembrava. Ser expulso de casa, ele também lembrava. E também de outras coisas, as coisas de que não queria lembrar.

Ele deu tapinhas na testa do menino. Faria do jeito certo...

Um cajado de madeira bateu nele com tanta ferocidade que Drew não teve chance. O bastão pesado destruiu seu antebraço, empurrando-o para longe do menino e, sem dúvida, também partindo alguns ossos. Ele soltou um rugido de dor ao voltar-se para seu oponente.

O bastão já estava vindo mais uma vez, fazendo um arco no ar e colidindo contra Drew.

Tentou recuar, mas não foi rápido o bastante. O oponente o havia apanhado totalmente de surpresa. Os últimos centímetros do cajado bateram em sua testa com um som doentio. Ele sentiu a cabeça girar enquanto dava pulos no ar para voltar ao chão da floresta, com a têmpora ensanguentada.

Hogan agilmente passou por cima de Whitley, que estava no chão, ficando diante da fera. Uma vida inteira dedicada a perseguir caça pelos terrenos mais inóspitos capacitara o velho guardião a conseguir pegar a criatura completamente desprevenida. Ele notou que Whitley mexia-se no chão. Alívio. Voltou-se então para a fera.

Que tipo de monstro seria? Quando ele o espiara agigantar-se sobre Whitley, achou que era um cão selvagem ou lobo. Mas agora percebia que era quase humano, pois caminhava em pé sobre as pernas traseiras. Foi com essa consciência macabra que ele descobriu o que encarava. Hogan já andara pela maior parte das florestas ocidentais, seguindo o duque Bergan.

Ele ficara encarregado de manter a cidade de Brackenholme a salvo de perigos, e havia poucos que já não houvesse encontrado. Nessa ocasião, ele presumira que estavam caçando um simples lobo ou gato selvagem, uma boa oportunidade para o mestre-

guardião instruir Whitley. Mas ele nem pensaria em trazer consigo um aprendiz se soubesse o que viriam a encontrar. Tinha de pensar rápido. O monstro cambaleou até uma árvore para recompor-se, virando a cabeça em sua direção, procurando-o através dos olhos cobertos de sangue.

“Não dê chance a ele.”

Hogan não perdeu tempo, pulando para a frente com seu cajado erguido sobre a cabeça, tal como um carrasco prestes a descer seu machado.

Fez um silvo no ar, batendo na fera bem no meio da cabeça. Ela desabou no chão.

Hogan ouviu Whitley mexendo-se atrás dele enquanto agachava-se para entender melhor a criatura. A seu lado, a espada Wolfshead jazia na terra. Com temor crescente, o guardião mexeu na juba desgrenhada do monstro e agarrou um maço de folhas do chão para limpar o sangue de seu focinho.

Um arrepio gelado espalhou-se pelos membros do guarda, eriçando os pelos de sua nuca. Sob a máscara ensanguentada havia as feições inesperadas de um jovem.

— Pegue as cordas no meu cavalo, Whitley — ele gritou. — As melhores, por favor. As fortes.

3: As palavras de Wylderman

Hogan voltou os olhos para o céu. Nuvens de tempestade pareciam fazer sombra sobre o trio, um dossel cinzento de chuva e ventos sinistros, enquanto seguiam pela Dyrewood até a estrada Dymling. Mantendo-se a leste, eles logo chegariam à estrada principal da floresta.

O guardião tentou relaxar os ombros encobertos, sentindo todos os seus cinquenta e dois anos. Ele continuava alerta aos perigos que encontrara ao longo do tempo na vasta mata virgem, desde atoleiros e areias movediças até os numerosos animais selvagens, muitas vezes carnívoros. Ainda assim, havia áreas em que nunca havia botado o pé, tão imensa era a ancestral floresta. Hogan gostava que fosse assim, pois a cada novo dia havia chance de descobrir outro dos segredos da mata. Mas hoje ele não estava tão aberto à ideia de novas revelações. Ele queria voltar aos muros de Brackenholme assim que possível, acompanhado do prisioneiro e do aprendiz.

Enquanto a chuva os assolava, seu fiel cavalo, Argo, não demonstrou sinais de queixa por causa de sua carga excepcionalmente pesada. Hogan olhou por cima do ombro. Whitley estava quase caindo de Chancer, mas fazendo o possível para esconder-se da chuva. Jovem aprendiz que era, demonstrara um caráter de resistência que, até esse encontro com o prisioneiro, Hogan não tinha certeza se existia. Em nenhum momento Hogan mimara a figura do aprendiz, apesar de seus privilégios de nascença; eles agora estavam na floresta, a floresta de Hogan, onde ele era o chefe.

Mas, no final das contas, Whitley inspirava respeito no rastreamento, podendo considerar-se quase um guardião e, se seu conhecimento já comprovado da floresta se aproximasse de suas habilidades em campo, ele poderia vir a ser um acréscimo valioso às forças do duque Bergan.

O guardião olhou para baixo para examinar o prisioneiro, que vinha sendo arrastado pelo chão da floresta. A maca de madeira que ele montara com brotos e galhos ainda resistia fortemente, suportando o jovem Wylderman bem amarrado. As trepadeiras o mantinham preso pelos tornozelos e coxas, bem como lhe atavam os pulsos e garganta. Os primeiros dias de viagem foram difíceis para todos, pois o rapaz havia se debatido para soltar suas amarras. Em certos momentos, demonstrava tamanha ira que Hogan temia que mesmo seus nós mestres pudessem se soltar e desfiar com tamanha força. Felizmente, haviam suportado. Daí em diante, Hogan cuidara para que a água de seu prisioneiro fosse acrescida de um leve sedativo proveniente de uma hera abundante na floresta. Ele não iria a lugar algum.

Hogan não sabia o que fazer quanto ao estranho, além do desejo sufocante de deixá-lo aos cuidados do duque Bergan. Ele sabia o que fazer.

Desde que Hogan descobrira que a fera era na verdade um jovem rapaz, sua perspectiva mudara um pouco. Ele sentia certo remorso por ter quebrado o braço do menino na escaramuça de três noites atrás, mas naquele momento realmente sentira que Whitley estava em perigo. Além disso, ele não havia se deparado com um menino normal.

Hogan lembrava-se das aulas sobre a floresta que dera a Whitley ainda em Brackenholme. Os Wyldermen da Dyrewood eram uma tribo reclusa de homens que viviam nas partes mais escuras e inóspitas da antiga floresta.

Formavam uma sociedade violenta, sanguinária e feudal, até onde o povo civilizado de Brackenholme conseguia entender, e era fato que pareciam mais bichos do que homens. Não havia negociação entre selvagens e outros povos da floresta, dado que tentativas anteriores de diplomacia haviam resultado em derramamento de sangue. O duque Bergan ficaria agradecido de tê-lo sob sua custódia.

Whitley mostrara-se diligente em cuidar dos ferimentos do prisioneiro, assim que se recuperou da provação. Preparava e administrava cataplasmas e bálsamos aos ferimentos do

Wylderman, de forma que, quando o prisioneiro recobrou a consciência, seus ferimentos já haviam melhorado.

Puxando gentilmente as rédeas de Argo, Hogan inspecionou o acampamento noturno à frente. Mal tocada pela chuva, uma larga extensão de musgo e cascas de árvores se estendia diante deles sob os ramos de um abeto gigante. Ele chamou Whitley, e os dois desmontaram juntos. Hogan entregou as rédeas para seu companheiro de viagem enquanto investigava o terreno.

Eles tinham viajado cinquenta quilômetros desde que se depararam com o jovem selvagem, havia poucos dias, cumprindo apenas curtas distâncias diárias por conta do péssimo terreno e da maca que arrastavam consigo. Hogan acreditava que agora estavam distantes das terras dos Wyldermen. Pelo menos assim esperava. O estrondo de um trovão distante piorou seu humor já soturno. Eles desprenderam a maca de Argo e começaram a montar acampamento.

O jantar consistia em tiras cozidas de carne de coelho e tubérculos que o guardião havia colhido nas proximidades. Whitley observava Hogan alimentar o Wylderman, dando o cozido de colher na boca do jovem. Eles haviam vestido o prisioneiro com culotes e um manto de inverno pesado de Whitley.

Hogan permanecia de cócoras enquanto dava de beber ao rapaz com um cantil. Ele deu um grande gole, movimentando seu pomo de adão contra as cordas que o prendiam pela garganta, lutando para engolir o máximo de água que pudesse. O mestre deixava-o tomar quanto quisesse. Não havia por que ser um bárbaro. Ele voltou os olhos para o braço que havia sido esmigalhado durante a luta. Na hora, a pele do antebraço ficara contorcida no lugar onde o osso estilhaçado ameaçava romper a pele. Aquilo havia revirado o estômago de Hogan, mas ele não tivera opção senão a de amarrá-

lo. Aquele ferimento por si só havia causado ao menino dor sem fim enquanto eles viajavam, mas seus grunhidos de reclamação aos poucos foram diminuindo. O velho guardião suspeitara que a gangrena podia ter se iniciado, e acreditava que o braço seria amputado quando chegassem a Brackenholme. Mas, quando ele retirou o manto, seu queixo caiu.

O braço estava contundido e descolorido, mas fora isso ninguém suspeitaria que estivesse quebrado apenas alguns dias antes. Hogan baixou a cabeça para o lado, passando a mão livre pela extensão do braço preso. O

menino não se abalou, apenas continuou a beber voraz do cantil. Sem dor, sem ferimentos — que tipo de poder de cura tinha esse menino? Hogan voltou os olhos para Whitley, que estava terminando o assado, e depois cobriu rapidamente o braço do prisioneiro com o manto. Não era natural, mas também não era inexplicável. Combinado aos acessos bestiais que já testemunhara durante a jornada, ele agora tinha certeza de que devia encontrar-se logo com o duque Bergan.

O velho guarda foi sentar-se com Whitley, ambos do lado oposto da fogueira em relação ao prisioneiro. Com a mão no alforje, sentiu a espada Wolfshead pelo cabo e puxou-a com um único e ágil movimento. Ele a brandiu, iluminado pela luz fraca do acampamento antes de enfiá-la na terra, pela lâmina. Remexendo suas bolsas, o guardião retirou um caderno surrado, amarrado no meio por um barbante. Folheando-o atrás do último registro, o homem começou a atualizar seu diário, anotando mais sobre o menino prisioneiro com um pedaço afiado de carvão.

O jovem Wylderman continuava observando o fogo, sem piscar.

— Acha que ele fala a língua real? — perguntou Whitley, observando o menino.

Hogan depositou tabaco num pequeno cachimbo de junco antes de acendê-lo com uma das brasas da fogueira.

— Duvido — respondeu. — Você pode continuar tentando falar com ele, se assim desejar, mas creio que seja um desperdício. É um selvagem, Whitley, eles não têm necessidade de linguagem. Eu ou você temos muito pouco em comum com esse tipo.

— O que ele quer realmente fazer conosco, mestre Hogan?

— Quer libertá-lo para descobrir? Ele quase escalpelou você naquela noite, criança, então, no seu lugar, eu pensaria duas vezes antes desta conversa imbecil, me entende?

— Eu já disse, mestre, ele teve chance, mas não me matou — protestou Whitley. — Apenas me observou. Podia ter me matado

num piscar de olhos, se assim quisesse!

Hogan aspirou forte de seu cachimbo, antes de soltar um trio de anéis de fumaça que vagou por sobre o acampamento.

— Whitley, simplesmente não vale a pena arriscar. Acredito quando você diz que ele não o atacou, mas o que temos aqui é um jovem muito fora do comum. Quando o sangue lhe sobe, você mesmo viu, ele tende a transformar-se, e você e eu sabemos muito bem o que isso significa.

Resume-se a isso: ele é mais parecido com o próprio duque Bergan, embora de uma raça diferente, e é mais um mestiço do que um nobre, no caso.

O jovem Wylderman permanecia observando a fogueira, aparentemente num mundo paralelo.

— Quando eu era rapaz, havia mais deles por aí, mas hoje são raros, graças às campanhas de Wergar. — Hogan mordeu o lábio, lembrando tempos remotos. — Não tenho certeza absoluta se isso seria algo bom ou ruim, entenda, mas é outra história. — Hogan estava ciente de que Whitley sabia tudo sobre os feitos do Lobo, pois esse era um tópico frequente das conversas em Brackenholme. O duque Bergan garantiu que todas as crianças do reino da floresta conhecessem bem a história dos Werelords.

Não era surpresa que Whitley tivesse sido um dos alunos mais atentos.

— De toda forma — Hogan prosseguiu —, se há alguém que sabe o que fazer com este nosso jovem companheiro, é o duque Bergan. Você devia perguntar a ele quando voltarmos para casa. Você nunca encontrará senhor mais generoso e sábio, pode anotar, e já servi a vários. Não é dos meus afazeres, Whitley, pensar tais assuntos. Se você se interessa por política e em observar pessoas, então escolheu a profissão errada. A vida de um guardião é mais solitária, tranquila e felizmente distante das negociações humanas.

— Eu sei, mestre Hogan — respondeu Whitley, concordando firmemente. — Acredite, já pensei muito sobre isso. Sei para o que estou dando as costas, mas esta vida é feita para mim. E, enquanto for aprendiz, minha intenção é absorver todo o seu conhecimento como uma esponja.

— Como o musgo, criança. Como o musgo. Você não está em Brackenholme agora, entende? — O velho homem da floresta piscou para Whitley enquanto dava baforadas de seu cachimbo.

— Soltem-me.

Tanto o velho guarda quanto o aprendiz olharam, estarrecidos.

O

jovem Wylderman havia falado. Não apenas uma palavra solta, mas algo com sentido e intenção. Hogan rapidamente pôs-se de pé, chegou perto do jovem preso, cajado preparado.

— Em silêncio por três dias e agora você fala. Espera que nós o soltemos? É isso? Meu Deus, rapaz; você tem língua, mas parece não ter miolos.

— Soltem-me — repetiu o menino, dessa vez olhando para o velho. — Por favor.

A educação do prisioneiro baixou a guarda de Hogan. Ele esperava no máximo um domínio primitivo da língua real, mas isso era fantástico. No que mais o rapaz o surpreenderia?

— O que o faz pensar que vou soltá-lo? Vi o que você é, lembra-se?

Você pode não ter ferido meu aprendiz, mas não duvido nem por um minuto que poderia enfiar as garras em nós dois se quisesse. Mesmo se não nos matasse, sem dúvida fugiria e voltaria para seus irmãos imundos para contar-lhes nossa localização. Não, desculpe, rapaz. Você continuará aí. Sua liberdade não está em minhas mãos, e sim nas patas do duque Bergan.

— Você não entende — disse o menino, a voz frágil e rachada. — Se deseja viver, solte-me.

— Rapaz, aquele golpe que você levou na cabeça ainda deve estar fazendo efeito — disse Hogan, agachando-se ao seu lado. — Ameaçar-me, na sua posição, é coisa de miolo mole, não acha? Não me importo muito com o que você seja, mas sei que meus nós conseguem prender o mais selvagem dos animais. E repito: desculpe, mas vou levá-lo assim.

O menino fez força, seus olhos pareciam vagar na escuridão. — Eu juro, senhor, não é a mim que você deve temer!

Das profundezas negras da floresta, de início fraco, veio o chamado; um grito selvagem, como de um animal em perigo. Hogan virou o rosto, ouvindo atentamente. Então veio de novo, mais aflito, agora um guincho frenético. Os gritos ficavam cada vez mais próximos.

— O que ele quer dizer, mestre? — perguntou Whitley com preocupação, voltando-se para as árvores, a cabeça retorcendo-se de um lado para o outro procurando seguir os gritos.

Hogan permaneceu em silêncio enquanto ouvia, mas Drew respondeu.

— Eles estão chegando — sussurrou. — Os Wyldermen estão chegando.

4: Lutar ou correr

Hogan não levou muito tempo para tomar sua decisão. A maca com a qual vinham arrastando o jovem os havia atrasado. Uma perseguição tornaria a jornada impossível. Ele já ouvira falar do que acontecera àqueles capturados pelos Wyldermen na Dyrewood e não tinha intenção de passar por provação tão repulsiva. De joelhos, ele sacou um punhal de sua bota, e cortou as amarras que prendiam o prisioneiro.

— Whitley, pegue os cavalos — gritou enquanto trabalhava nas cordas.

Whitley não se mexeu, o medo dos gritos dos Wyldermen congelava seu sangue.

— Agora! — gritou o guardião. Whitley pulou, antes de apanhar a sela pesada de Argo e assumir a montaria tão rápido quanto possível.

— Ouça, rapaz, e ouça bem — disse Hogan, em voz baixa, a boca a poucos centímetros da testa de Drew enquanto cortava as cordas. — Você tem uma chance, apenas uma. Se me desapontar de qualquer maneira, forma ou jeito, vou degolar você. Se eu suspeitar que está com eles, vou degolar você. Se ameaçar meu aprendiz, vou degolar você. Se por um instante achar que está virando lobo...

— ...você me degola — interrompeu o prisioneiro, os olhos arregalados ao entender a mensagem. — E meu nome é Drew, senhor.

Hogan assentiu enquanto cortava a última corda.

— Parece que eu e você chegamos a um acordo, jovem Drew. — Ele permitiu-se um sorriso duro que rachou a couraça de seu rosto; então deu uma esfregada em seu arco antes de pendurá-lo sobre o ombro.

Drew achou que o homem era confiável e assentiu em concordância.

Depois, com as mãos livres, coçou a garganta.

O guardião e seu aprendiz haviam desfeito o acampamento em segundos, os restos do assado foram jogados na fogueira, a sujeira e o solo remexidos e as últimas brasas apagadas. Drew voltou-se para o caminho pelo qual tinham vindo. Ele nunca se aventurara tão a leste na Dyrewood, então tudo lhe era novo. Os gritos assustadores dos Wyldermen, contudo, não o eram.

— Posso ajudar? — falou ao idoso, seguindo seus passos enquanto acabava de selar o cavalo. Os gritos agora pareciam estranhamente mais distantes. Ou era isso ou estavam mais calmos. Drew mantinha um olho na floresta.

— Pegue sua espada, rapaz — o homem falou sem olhar.

— Você confia tanto em mim? — perguntou Drew, surpreso.

— Nem tanto — disse o guardião, amuado. — Mas é melhor ter alguma proteção se as coisas ficarem mais perigosas.

— Não sei bem como usá-la — admitiu Drew, puxando-a do chão.

— Então, se eu estiver errado quanto a você, isso será uma benção — encerrou Hogan.

Whitley jogou uma bolsa por sobre o ombro, com um puxão curto mas forte nas alças. A chuva ainda martelava contra o topo das árvores, o tamborilar da água os acompanhava constantemente.

— Whitley, tudo bem? — perguntou Drew, tentando olhá-lo nos olhos.

O garoto parecia nervoso, e fez tudo que pôde para evitar o olhar. Drew insistiu. — Obrigado por cuidar de meus machucados e feridas, é tudo que queria dizer. Muito obrigado.

Whitley voltou-se para ele. Drew podia ver o medo em seus olhos, o mesmo sentimento do primeiro encontro dos dois na floresta. Sua lembrança do que acontecera lá era confusa, como se uma neblina vermelha houvesse descido diante dele. O pesadelo havia felizmente passado antes de causar algo mais sério a Whitley. Porém, ele ainda sentia remorso.

— Não precisa me agradecer — disse o aprendiz, passando por ele em direção ao mentor. Drew não culpava o menino por tratá-lo de maneira distante. Teria feito o mesmo se os papéis fossem

invertidos. Ambos foram até o mestre, que acabara de preparar o cavalo. Os três perceberam que os gritos dos Wyldermen haviam aparentemente cessado.

— É assim que faremos — sussurrou Hogan, batendo levemente na sela de Argo. — Vocês ficam nos cavalos, eu vou a pé. Argo e Chancer são cavalos espertos, e, se algo me acontecer, eles os levarão de volta a Brackenholme. Antes de perceber, já estaremos na estrada Dymling, e ela nos levará para casa. Eles sabem o caminho. Eu consigo acompanhar. Se algo de errado me acontecer, vocês continuam. Não parem, aconteça o que acontecer.

Ele deu a mão a Drew e começou a ajudá-lo a subir no cavalo, quando Argo deu um pulo, como se recusando. Drew ergueu as duas mãos em posição de defesa, e deu um passo para longe do animal assustado. Hogan logo fez o cavalo recobrar o controle, encostando seu rosto na cabeça dele e sussurrando em seu ouvido. O cavalo aprumou-se, e eles tentaram de novo.

Dessa vez, Argo assentiu e deixou Drew subir. Ele foi logo seguido por Whitley, que pulou em Chancer.

Sem mais palavras, eles partiram, Hogan à frente, o cajado em uma mão e as rédeas de Argo em outra. Drew abaixou-se na sela, enquanto galhos suspensos balançavam ou partiam-se diante deles, e Whitley agachou-se do mesmo modo em Chancer.

Quanto mais rápido se moviam, mais Hogan corria à frente dos cavalos.

Soltou as rédeas quando eles apertaram o passo, a melhor maneira de evitar ser pisoteado. Drew estava impressionado com a agilidade de Hogan, que pulava sobre toras, saltava valas e evitava habilmente buracos de coelho e raízes.

Inquieto, Drew olhava em volta enquanto eles aceleravam a marcha pela Dyrewood, buscando algum sinal de que estivessem sendo perseguidos.

Algo não estava certo. O menino olhava para a esquerda, depois para a direita, estreitando o olhar enquanto eles corriam sobre a vegetação rasteira.

Esquerda de novo. Ali! Algo se movendo junto a eles, a poucos metros.

Perseguindo-os. Veloz.

Ele tinha de avisar o guarda. Virou-se para a frente mais uma vez, prestes a gritar, mas em vez disso levou o galho de uma conífera no rosto.

Quando conseguiu livrar-se do galho e cuspir os espinhos da boca, já era tarde demais.

Hogan já estava caindo, tropeçando para a frente em direção ao chão da floresta, com uma flecha enterrada profundamente na escápula esquerda.

Não era um golpe fatal, mas certamente o bastante para derrubá-lo. Nesse momento, Argo deu um coice com as patas traseiras, soltando um relincho agudo ao ver o velho guardião caído. Drew foi jogado ao chão como uma folha das árvores ao redor.

Drew caiu rolando, curvando-se como uma bola para amortecer a queda. Presa e segura em seu ombro, ele sentia o aço gelado da espada Wolfshead contra a pele enquanto o mundo girava à sua volta. Whitley se saiu pior, pois Chancer dava passos e saltos para trás para evitar Argo, que, assustado, acabou partindo floresta adentro. O cavalo fez o aprendiz voar da sela para cair no chão com um estrépito.

Rapidamente de pé, Drew começou a correr, misturando-se ao escuro das árvores por instinto, em busca da segurança das sombras. Sua vida na Dyrewood lhe concedera instintos de sobrevivência. Ele já se escondera e fugira dos Wyldermen; poderia fazer de novo. O instinto lhe dissera para correr, salvar a própria pele. É assim que se sobrevive no mato. Era por isso que ele ainda estava vivo. Somente as feras mais fortes da floresta sobreviviam. Ele continuou a saltar, agora de quatro, pulando e rasgando as folhagens, próximo ao chão.

Drew travou os pés, ofegante. Coçou os olhos, piscando, fazendo a clareza voltar à sua mente, à sua cabeça. O que lhe acontecera? Isto não era ele. Ele não era um oportunista, um egoísta, um vira-casaca que só cuidava de si mesmo. Ele ouvira Whitley gritar no escuro.

“Por que você parou?”

Uma voz interior, baixa, quase grunhindo com ele.

“Corra, idiota.”

Ele lembrou-se do cuidado que o jovem aprendiz tivera com seus ferimentos. Da bondade do mestre em dividir suas provisões. Ele podia ter sido prisioneiro deles, mas havia sido bem cuidado. Aquilo o fez sentir-se humano novamente.

Não, ele não ia fugir. Não era de seu feitio. Ele não era um bicho, não importava o quanto tivesse vivido entre as feras da Dyrewood. Começou a voltar, correndo intensamente.

Whitley havia caído no chão com um impacto paralisante. Com a queda, não conseguiu mais sentir as pernas, e dores lancinantes lhe percorriam a espinha. Luzes fortes dançaram sobre seus olhos, e uma nota aguda e ensurdecadora apagou os barulhos de todos os lados, eclodindo em suas orelhas. Tentou olhar ao redor.

Chancer estava próximo, batia os cascos no chão, assustado, enquanto dançava sobre aquele lugar, a saliva espumando nos lábios enquanto lutava contra o pânico. Logo adiante do cavalo, Whitley via Hogan no chão, a mais ou menos dez metros. Argo não estava por ali, nem Drew. O velho guardião rolou no chão, quebrando a haste da flecha que saía de seu ombro.

Com dentes cerrados ele gritou alguma coisa, mas Whitley não conseguia entender o que era. O mestre começou a agitar-se.

Segundos depois, uma figura saltou do escuro, descalça e enegrecida com fuligem. Era um homem, baixo e corpulento, com um pequeno arco de caça na mão. Usava trapos de pele de animal por sobre o torso, rasgada e esfarrapada nas pontas. Um pequeno alforje estava pendurado sobre seu ombro, e a mão livre ia em sua direção.

Whitley o observou enquanto outra flecha surgia, de cabo curto mas com uma lâmina de pedra farpada e traiçoeira na ponta. Penas negras de tetraz compunham a haste. O Wylderman virou-se para encarar o aprendiz, ameaçadora e demoradamente. Seu rosto estava negro de lama e tintas, e seu peito chocalhava com colares feitos de pequenos crânios de animais. Ele deu um sorriso bestial que revelou fileiras de dentes polidos e ritualisticamente afiados. Whitley sentiu lágrimas queimarem seu rosto quando o vilão

avançou em sua direção. Atrás dele, Hogan encostou-se numa árvore, zozzo e incapaz de manter o equilíbrio. Percebendo o perigo que ameaçava Whitley, tirou o punhal da bota e tentou atacar, segurando-o à frente e gritando. Tropeçou ao caminhar, sentindo ondas de náusea o invadir, a visão perdendo o foco. A flecha, estaria ela envenenada? Seria algo típico dos Wyldermen.

Rindo, o arqueiro virou-se para o guardião da floresta e esticou seu arco, apontando para a barriga do velho. Whitley gritou, quebrando o silêncio que o trauma lhe infligira.

— Não!

O que aconteceu a seguir foi tão rápido que Whitley depois precisou se esforçar para lembrar como tudo se deu de verdade. O Wylderman estava lá parado por um instante, preparando-se para soltar sua flecha sobre Hogan, mas no segundo seguinte voava para trás, com a figura ágil de Drew segurando-o pelo torso. O menino não tinha corrido até a clareira e derrubado o homem — ele havia literalmente explodido da vegetação rasteira como um animal selvagem, atingindo sua presa bem no peito. O

arco caíra das mãos do Wylderman e havia se partido em dois com a colisão.

Ambos rolaram pela terra, lutando. O Wylderman rosnou, pegando Drew pela cabeça, torcendo os braços do menino sob suas costas, prendendo-o ao chão. Embora Drew fosse um pouco mais alto que o opositor, perdia para o físico superior do homem, forte e atarracado. Drew chutou o chão para tentar fazer uma alavanca e libertar-se, mas o Wylderman o segurava firme.

O caçador gritava contra a noite, um apuro de vitória, como um pássaro enlouquecido. Seu chamado era recebido por outros na floresta, gritos de animais diferentes, cada um pertencente a outros caçadores, muitos e cada vez mais próximos. A floresta agora parecia viva com os sons dos Wyldermen, a caçada prestes a terminar.

Whitley viu o Wylderman mostrar os dentes afiados, e seus olhos arregalaram-se de terror. Não era segredo que os Wyldermen desejavam carne de todos os tipos. O homem tribal sobrepujou Drew, mordendo-lhe o pescoço.

Foi a atitude errada, a julgar pelo que se seguiu. Houve um estalo agudo quando o menino arqueou as costas, um movimento repentino e violento.

O suficiente para fazer o Wylderman ser arremessado para o alto e cair com um estrondo no chão. Drew pôs-se de pé, os ombros curvados, os braços esticados. Whitley conseguia distinguir os olhos amarelos sob o punhado de cabelo grosso do menino, mas o resto de seu rosto estava perdido nas sombras. Seus dedos flexionaram-se, as unhas estalaram.

— Ninguém me morde — Drew grunhiu para o Wylderman, revelando os próprios dentes pontiagudos. Rápido como um raio, ele partiu para a frente, talhando o outro com as mãos. Whitley teve um vislumbre dos dedos de Drew; as unhas eram garras afiadas que cortavam e rasgavam.

Drew tinha consciência de que seus sentidos estavam aguçados. Seu sangue agitava-se, correndo pelo corpo como um raio. Cada nervo parecia pegar fogo; ele sentia-se melhor do que nunca. Reconheceu a sensação que queimava por dentro, o animal que vinha à tona. Por mais tentador que fosse aceitar, ele sabia que não haveria como voltar atrás se o deixasse livre agora. Estava longe de ser dono das próprias ações quando se transformava; ainda lutava para entender o que se tornara, quanto mais para controlar-se.

Podia ser inclusive um perigo para os companheiros. Foi necessária toda a sua disciplina para conter-se estando tão perto do inimigo.

Fechando o punho, deu um soco poderoso no oponente, acertando-lhe o queixo. Ele ouviu quando a mandíbula se partiu e viu o homem cair, como se atingido por um machado. Inclinou-se sobre ele, esperando que tentasse se levantar. Em vez disso, o Wylderman ficou imóvel no chão, inconsciente, o peito tomado por faixas perfuradas por garras.

Os outros membros da tribo estavam quase lá. Gritos como de cachorros, gatos, corujas, javalis — todo tipo de chamado animal — chegavam mais perto.

Drew balançou a cabeça, tentando clarear sua visão. A ira interior começou a diminuir enquanto abaixava-se e ajudava

Whitley a ficar de pé.

— Como você está? — perguntou, olhando para o jovem aprendiz, que tremia.

— Nada bem — foi a resposta —, mas sobreviverei.

— Bem, apresse-se, suba no Chancer enquanto cuido de mestre Hogan — Drew sussurrou. Enquanto Whitley pegava o cavalo pelas rédeas, Drew foi até o mestre, que estava caído sobre um leito de samambaias.

— Vá embora — disse o velho guardião, num tom quase inaudível. A cor havia sumido de sua face e de seus lábios, pálidos e sem sangue.

Qualquer que fosse o veneno utilizado, sua magia tenebrosa estava fazendo efeito. A respiração de Hogan era curta e fina, e ele esforçava-se para soltar as palavras. — Atrasar vocês. Vão estrada Dymling. Chancer sabe. Vão.

Drew concordou com a cabeça. Então, fazendo força, levantou Hogan, ignorando suas queixas e suspendendo-o sobre o ombro antes de pendurá-lo na sela em frente a Whitley. O aprendiz agarrou o cinto do mentor com uma das mãos e puxou a crina do cavalo com a outra. Tomando as rédeas do jovem garoto, Drew partiu pela trilha, seguindo a rota original deles, puxando Chancer tão rápido quanto podia.

5: A estrada Dymling

Não levou muito para alcançarem a estrada Dymling. Do fatídico acampamento até ali haviam sido apenas três quilômetros. A fuga desastrada pela floresta, felizmente, fora breve. Os gritos e chamados dos Wyldermen em seu encalço haviam dado a Drew e Chancer toda a motivação necessária para salvar a pele e buscar segurança. Uma vez na estrada, eles puderam seguir mais tranquilos, com o cavalo diminuindo a velocidade o bastante para Drew conseguir acompanhá-lo.

Para alívio deles, os Wyldermen decidiram não prosseguir na perseguição. Drew achava que os selvagens não apreciavam as antigas estradas para Dyrewood. Talvez fossem próximas demais de assentamentos muito civilizados, mas claramente eles não estavam dispostos a persegui-los por elas. Após uma corrida cheia de tropeços que deve ter durado uma hora, Chancer diminuiu o passo a um trote e depois a uma caminhada cansada.

Na primeira oportunidade, Whitley sugeriu que eles armassem acampamento para analisar melhor a situação.

Drew sabia que o aprendiz estava sofrendo com os ferimentos, tanto no corpo quanto no orgulho. Ele se esforçava para esconder a vergonha e o embaraço de ter sido incapaz de ajudar quando o Wylderman atacou. Era verdade que, quando encontraram Drew pela primeira vez, Whitley havia realmente congelado de medo, mas durante a luta na floresta o aprendiz ficara seriamente prejudicado pela dor da queda do cavalo. Drew fez o possível para restaurar a confiança do outro, mas seria algo que o aprendiz teria de conquistar sozinho.

Hogan estava em maus lençóis. Tendo Drew por assistente, Whitley cuidara de seus ferimentos, a começar pelos restos da flecha enterrada em seu ombro. Como aprendiz de guardião, Whitley era versado na floresta, e as lições haviam incluído ervas e venenos. O jovem disse a Drew que vira de perto as flechas que o Wylderman usara, e que lembrava muito bem das pontas de pedra

farpada. Flechas assim eram proibidas nos reinos das assim chamadas sociedades civilizadas. Um bom arqueiro poderia derrubar um alvo com um tiro certo. Numa flecha farpada, que rasgaria a pele se a vítima tentasse removê-la, era algo extremamente brutal.

Com o punhal de Hogan, o aprendiz fez um corte em volta do ferimento, rasgando a carne até haver espaço para enfiar os dedos profundamente em volta da lâmina de pedra. Os dois empalideceram, Drew segurando o velho guardião enquanto Whitley esforçava-se para arrancar a ponta da lança. Veias e artérias já sem cor cruzavam-se sobre o ferimento enquanto o veneno penetrava em Hogan. Sua pele estava fria ao toque, garganta e pescoço cheios de manchas vermelhas inflamadas e doloridas.

O guarda desmaiou quando a ponta da flecha foi removida. Limpando a ferida com água, Whitley enfaixou-o com uma tira de tecido arrancada de seu próprio gibão. Mas mesmo sem trocar palavras, tanto Drew quanto Whitley sabiam que o tratamento de que Hogan precisava estava além dos conhecimentos limitados do aprendiz.

Eles colocaram o velho de volta sobre Chancer, usando as cordas que encontraram em suas bolsas para amarrá-lo à sela, debruçado como um bêbado. E então partiram numa marcha silenciosa, comandando o cavalo enquanto caminhavam pelo amanhecer e adiante, até o sol a pino.

Horas depois, com a fome a atormentar o estômago, eles decidiram parar e descansar. Drew havia descoberto que até umas semanas antes Whitley vivia num ritmo mais relaxado, seguro nos limites de Brackenholme, quando passou das lições do tutor às aulas práticas. Essa viagem com Hogan fora a primeira incursão na floresta para o jovem, e a intenção era de que fosse apenas uma viagem de treinamento para deixá-lo ciente dos arredores e do que consistia a vida como guardião. Os dramas que se seguiram pegaram Whitley completamente de surpresa, e o jovem estava esforçando-se para acompanhar os acontecimentos.

Whitley remexeu as bolsas em busca dos restos de ração seca. Havia ainda algumas tiras de bacon salgado e um pão de centeio. Cortando-os ao meio, dividiu com Drew também o bacon. Ambos sentaram-se no chão comendo vorazmente, enquanto Chancer ficava um pouco mais afastado, roncando. Drew jogou o odre para Whitley, e o aprendiz tomou vários goles.

— Acho que podemos chegar a Brackenholme amanhã se continuarmos neste ritmo — afirmou Whitley. — Devemos ter ainda umas dez horas pela frente.

— Chegaremos lá antes da meia-noite — respondeu Drew, limpando as migalhas de seu manto.

Whitley ficou confuso, tentando localizar-se olhando para o sol fraco além das nuvens.

— Não sei como você pode garantir isso — disse o aprendiz. — Creio que estejamos a sessenta quilômetros, não há como chegarmos lá antes do pôr do sol.

— Nunca sugeri que chegaríamos antes do pôr do sol — corrigiu Drew.

— À meia-noite você estará nos portões da sua cidade — ele garantiu. — Não vamos acampar ou interromper a jornada hoje.

Whitley obviamente queria protestar, mas pensou melhor. Para Hogan ter alguma chance de sobrevivência, era preciso levá-lo a lugar seguro tão logo fosse possível. Isso significava continuar naquela marcha até chegar lá.

— Pelo menos já estamos na estrada Dymling — disse Whitley. — Isso deve apressar nosso passo. Só espero que os Wyldermen não venham atrás de nós.

— Hoje, eu duvido, Whitley. Estamos a alguns quilômetros do território deles. Não os imagino seguindo-nos mais além. Eles gostam de caçar à noite, e agora estamos muito distantes de suas fronteiras. Vamos levá-lo a essa tal de Brackenholme hoje à noite, eu prometo.

Whitley concordou, com expressão solene.

— Ah... e obrigado — acrescentou. — Foi muito corajoso o que você fez lá. Salvou nossa vida.

— Não foi nada, mesmo — disse Drew, encabulado. Ele não estava acostumado a elogios e sentiu-se desconfortável. Particularmente por não ter certeza do que era aquilo dentro dele que os salvara.

— Eu lhe devo minha vida e estou em dívida com você — prosseguiu o aprendiz, a cabeça curvada de gratidão.

Drew levantou-se, fechando o manto de inverno em torno do torso.

Olhou para seus pés descalços. Viver na floresta sabe Deus havia quanto tempo lhe tinha endurecido os pés, mas o empenho dos últimos dias deixara feridas. As solas de ambos os pés estavam riscadas e marcadas, cortadas por pedras e galhos. Whitley acompanhava seu exame.

— Sabe, você devia usar as botas de mestre Hogan. No momento ele não precisa delas.

— Não, eu dou um jeito sem elas. O dano já está feito.

— Você terá um par de botas assim que chegarmos a Brackenholme — garantiu o aprendiz, enquanto soltava Chancer da corda.

— Eu não pretendo entrar em Brackenholme — respondeu Drew, juntando-se ao aprendiz.

Whitley novamente ficou confuso: — O que você quer dizer? É claro que vai. Nós vamos para lá, com mestre Hogan.

— Eu o acompanho até os portões ou a seja qual for a fronteira de seu território, mas não vou entrar. Eu não pertencço àquele lugar. Eu pertencço à Dyrewood.

— Desculpe, mas isso é asneira — argumentou Whitley. — Esta floresta é perigosa, e eu não sei há quanto tempo você vem se maltratando por aqui; você precisa descansar e recuperar-se num local seguro.

Drew suspirou. O problema era se Brackenholme seria um lugar seguro para ele. Depois do que acontecera na casa de sua família, provavelmente havia um mandado de prisão correndo por toda a Lyssia, talvez até para sua execução, independentemente de sua inocência. Poderia haver soldados procurando por ele em todo o reino. Não valia a pena arriscar. Preferia ficar na grande floresta.

— Como falei, eu o ajudo a chegar lá, mas vamos nos separar na fronteira, Whitley. Por favor, não tente me convencer do contrário — continuou, dando tapinhas no ombro do aprendiz e olhando em seus olhos.

O jovem mordeu o lábio quando Drew lhe deu um abraço apertado. — Estou certo disso.

Virou-se e partiu ao longo da estrada com Chancer ao lado. Whitley o seguiu, vários pensamentos tomando sua mente. Depois de alguns minutos, recobrou a voz e apertou o passo para chegar mais perto de Drew.

— Você entende que mestre Hogan o estava escoltando, certo? Você era o prisioneiro. Nosso prisioneiro.

Drew não parou de caminhar, apenas prosseguiu pela estrada levando o cavalo.

— É meu dever — continuou o aprendiz — entregá-lo ao Sentinela.

— Mas não vai — disse Drew. — Não vai fazer isso, Whitley, porque você entende que não sou o inimigo. Nem o seu, nem de mestre Hogan, nem de seu povo. Qualquer que tenha sido o desentendimento que tivemos, já passou. Você vai me deixar ir e encerramos por aqui.

— Não tenho certeza se é isso que mestre Hogan gostaria que eu fizesse — continuou Whitley, perturbado pela presumida aliança. — Ele mencionou que você seria levado para o duque Bergan. Ele ia decidir o que fazer, o que seria melhor para você.

Drew virou-se e olhou para Whitley, um olhar de raiva no rosto.

— Tenho minha própria vontade. Eu decido o que é melhor para mim, não um estranho nem um duque.

— Mas você é prisioneiro!

Drew parou e soltou as rédeas. Estendeu os braços, irritado.

— Sou prisioneiro de quem? — perguntou, incrédulo. — Não vejo nenhum grilhão, nenhuma corda que me amarre. Vejo um homem, talvez mortalmente ferido, preso a um cavalo, e um menino que tem medo da própria sombra. Sou o seu prisioneiro, Whitley?

O sangue do aprendiz subiu a suas bochechas enquanto era contestado.

Ele manteve o olhar fixo em Drew, a mandíbula apertada e os dentes rangendo. Enfim olhou para outro lado. Drew suspirou, balançou a cabeça, tomou as rédeas e prosseguiu.

Eles marcharam em silêncio por mais alguns instantes. A atmosfera era fria, nem uma palavra foi trocada entre eles nas horas que se seguiram. A neblina e as brumas persistiam, propiciando todo tipo de tropeço e escorregão, pois não conseguiam enxergar claramente o terreno. Felizmente, não havia como perder a velha estrada Dymling, que fazia uma linha reta por entre as árvores, não havendo tráfego, senão o de esquilos, pássaros e javalis.

Com o passar do dia, o período tranquilo permitiu a Drew a primeira chance em muito tempo de parar para pensar. Ao longo dos poucos meses em que vivera na floresta, ele conseguira desligar-se, livrar-se das coisas terríveis que testemunhara em casa. Ele quase conseguira esquecer os terríveis acontecimentos com seu pai. Ocasionalmente essas memórias reabriam caminho, incomodando no fundo de sua mente ao recordar-se da mãe e do pai, mas a vida selvagem lhe permitira desprender-se dessa vida pregressa. Agora ele era forçado a encarar esses demônios de cabeça erguida mais uma vez; e não gostava nem um pouco disso.

Seguindo a passo apressado, em silêncio, ele também pôde repensar sua companhia de viagem com mais detalhes. Whitley parecia certamente mais jovem que Drew, talvez alguns anos, o rosto liso e sem os sinais aparentes da puberdade. Drew roçou a mão contra o próprio queixo, sentindo os pelos mal cuidados que haviam crescido durante seu período selvagem. Além de ser mais jovem que ele, Drew suspeitava que a vida de guardião seria dura demais para Whitley. Assim como Drew, o outro não tinha um corpo particularmente robusto, e seus aparatos de viagem caíam folgados nele de maneira a sugerir que não havia muita carne naqueles ossos. Teria de engordar e conseguir mais músculos se quisesse sobreviver na Dyrewood, Drew pensou.

As horas passaram, e a luz do dia diminuiu ao crepúsculo; um frio começava a surgir no ar da floresta enquanto prosseguiam em

sua árdua marcha. Como esperavam, não ouviram qualquer sinal de perseguição dos Wyldermen, o perigo estava muito distante.

— Desculpe pelo que falei antes, Whitley — disse Drew, por cima do ombro de Chancer enquanto estavam lado a lado com o cavalo.

— Hein? — respondeu o outro, tirado da calma em que havia caído.

— As coisas que falei lá atrás hoje. Eu estava fora de mim e peço desculpas. Nunca devia ter dito aquilo sobre prisioneiros e tal; foi imbecil de minha parte.

Whitley deu de ombros, balançando a cabeça.

— Tive bastante tempo para pensar nisso, Drew, e talvez você tenha razão. Não vou entregá-lo quando chegarmos a Brackenholme. Se você não tivesse voltado e nos ajudado, meu mentor e eu estaríamos no caldeirão da vila Wyldermen.

Drew sorriu: — Não sei se seria assim, Whitley. Tenho certeza de que, se fosse o caso, você teria lutado. Devia ter mais confiança em si mesmo.

Você tem caráter. Foi apenas uma infelicidade ter caído por cima dele lá atrás!

Os dois garotos riram, soltando gargalhadas que relutaram em segurar.

Era bom encontrar algo de que sorrir depois de tudo que haviam passado.

— Pode confiar em mim, Drew, eu tenho caráter, não se preocupe comigo. Você devia perguntar a meu pai, ele confirmaria. Gosto de escolher minhas batalhas com cuidado, só isso.

— Então me diga, Whitley — Drew prosseguiu —, como você acabou a serviço de mestre Hogan? Você não me parece um guardião, se não se importa que eu diga.

Whitley pensou naquilo por um instante, olhando melancolicamente para as trevas que surgiam.

— Sou caçula de dois filhos na nossa família, e meu irmão, Broghan, trabalha com meu pai. Ele é meio importante na corte de Brackenholme.

Bem, meu irmão tem dez anos a mais que eu. Creio que eu tenha sido um acidente, se é que me entende. De qualquer forma, meu pai não tem necessidade de mim na corte, pois Broghan lhe dá toda a assistência necessária. Eu me vi meio sem rumo e, em vez de participar dos negócios da família, sempre senti que a floresta e a vida lá fora eram feitas para mim.

Meus pais não ficaram muito contentes com a ideia de eu treinar com a guilda dos guardiões mais velhos. — Whitley sorriu nesse momento, uma risada leve e vivaz: — Mas meu pai achou que, tendo mestre Hogan como treinador, eu estaria a salvo.

— Então como é trabalhar com Hogan?

— Tenho de estudar com um mestre-guardião antes de merecer meu cajado. Isso significa fidelidade ao duque Bergan de Brackenholme e alguns anos a serviço de Sua Alteza. Isso não é problema. Para ser sincero, não tenho interesse em trabalhar na corte. Se tivesse escolha, preferiria trabalhar para mestre Hogan!

— Não se dá bem com seu pai, então? — perguntou Drew.

— Acho que poderia dizer que tive uma infância de privilégios e que escolher a vida de guardião é quase um rebaixamento. Meu treinamento tem sido... discreto, para poupar humilhação a meu pai. É difícil — explicou Whitley, franzindo a testa. Mudou de assunto rapidamente: — Então, quais são seus planos? Você tem família na floresta ou algo assim?

Qual é a sua história?

Drew não respondeu de imediato. Não sabia bem o que dizer; era a primeira vez que lhe perguntavam aquilo, e ele não havia pensado em uma resposta.

— Não, sem família. Eles se foram. Provavelmente eu volte...

— Sinto muito, Drew. Eu não imaginava. — Olhou para a crina de Chancer, o rosto pálido de Hogan pendurado na sela, o velho guardião curvado, mas bem preso. — Voltar para onde? Onde fica sua casa?

Drew ficou pensando por um instante. Seu lar vinha sendo uma caverna na Dyrewood, um abrigo dos elementos. Seu lar era um chão gelado e não tinha porta. Duvidava que conseguiria

reencontrar aquele lugar. E a fazenda na Costa Gélida não poderia mais ser considerada um lugar seguro.

Ele não tinha mais ideia de onde ficava seu lar.

— Eu não sei, Whitley — Drew falou baixinho. — Realmente não sei.

A floresta, acho. A Dyrewood agora é meu lar.

— Drew da Dyrewood — disse Whitley, sorrindo. — Soa bem, como Bergan de Brackenholme. Parece até nobre — comparou o aprendiz, piscando para o outro para tentar animá-lo. — Quase...

— Drew da Dyrewood, que assim seja — ele respondeu, sorrindo de volta. — Bem-vindo a meu reino!

A conversa foi interrompida por outra voz: — Quem vem lá?

Seis figuras encapuzadas saíram das sombras, três de cada lado da estrada. Drew tentou alcançar a espada, mas pensou melhor. Voltar-se contra um homem já era perigoso o bastante. Chamar seis para um confronto era desejo de morte.

Todos eles estavam vestidos com mantos florestais verdes, com capuzes pesados que lhes escondiam o rosto. Sob os ornamentos dos mantos, Drew conseguia ver uma armadura de couro marrom reforçada com metal.

Mesmo à meia-luz, Drew percebia que os homens tinham arcos à mão, flechas esticadas e apontadas para os dois. Instintivamente, Drew ergueu as mãos para o alto. Whitley, não.

— Que oportuno, senhor — disse o aprendiz, dirigindo-se àquele que falara. — Meu mestre foi ferido, e estamos tentando levá-lo a salvo até Brackenholme. — E apontou com a cabeça para Hogan, que ainda estava sobre o cavalo. — Por favor, vocês têm de nos ajudar. Ele está sofrendo muito, e não sei o que fazer.

Os homens soltaram seus arcos e aproximaram-se. Dois deles ajudaram o velho mestre a descer do cavalo, enquanto Whitley continuava a explicar sua situação. Metade do conteúdo do alforje de Hogan caiu ao chão com ele. Drew observou, com as mãos agora abaixadas, mas ainda cauteloso quanto aos homens que desciam Hogan cuidadosamente ao chão.

— Os Wyldermen nos atacaram — Whitley explicou. — Com flechas, acredito que envenenadas. Espero que possam salvá-lo.

O homem que os desafiara ajudou-os a reorganizar o alforje do mestre, juntando os bens pessoais caídos na estrada.

— Não se preocupe. Você fez exatamente o que qualquer um teria feito. Deve ter salvado a vida dele, inclusive. — Ele pegou o diário do mestre e folheou-o rapidamente. — Sabe-se bem que os Wyldermen usam veneno em suas flechas. Você tem sorte de não terem acertado você também enquanto estava lá.

Drew foi para o lado de Whitley, e sussurrou-lhe: — Parece que você vai ficar bem aqui com estes homens — disse. — Devo ir, agora que está a salvo.

— É claro — respondeu Whitley, apertando a mão do amigo. — E obrigado a você. Por tudo. Eu lhe devo minha vida, lembra-se? Cuide-se na estrada. Isto é, quem sabe eu consiga persuadi-lo a ficar?

— Não, muito obrigado — disse Drew. — Foi bom conhecê-lo e ainda melhor viajar com você, mas devo ir. — Deu um abraço em Whitley e bateu-lhe levemente nas costas. Enquanto isso, observava os soldados, que pareciam estar mais preocupados com a situação de Hogan. Ele queria partir logo e calmamente, com o mínimo de confusão. — Cuide-se, Whitley — falou baixinho. — Cuide-se.

— Você também, Drew da Dyrewood — Whitley respondeu.

Drew virou-se para seguir seu caminho.

— Jovem — disse claramente o soldado que falava pelos outros. — Se puder ficar aqui, tenho algumas perguntas a lhe fazer.

Drew soltou uma maldição, quase inaudível, parando ali mesmo. Não se virou.

— Não poderei colaborar com o senhor — respondeu. — Estava apenas ajudando seu pessoal a voltar para casa, apenas isso. Posso ir?

— Não, rapaz, não pode — respondeu o soldado. — Mas pode virar-se bem devagar.

Drew sentiu a segura familiar na garganta. E agora? Virou-se nos calcanhares para encarar os homens.

Três estavam com os arcos apontados para ele. Dois já haviam atendido Hogan e o acomodado novamente sobre Chancer. Whitley

continuou observando de boca aberta, enquanto o soldado atrás dele olhava para o diário do mestre.

— Aproveite, rapaz, para soltar essa espada e botar estas algemas. — Ele jogou um par de grilhões de aço ao chão da floresta, aos pés de Drew. E ergueu o caderno de Hogan. — O velho estava certo. O duque Bergan com certeza vai gostar de conhecê-lo.

6: Enjaulado

Drew estava certo quanto a uma coisa; ele, Whitley e mestre Hogan chegaram mesmo a Brackenholme antes da meia-noite. Mas, cercado pelas quatro paredes de uma cela de prisão, não parecia o triunfo que deveria ter sido. Sentado na cama de pernas cruzadas, ele relembrou sua chegada à cidade.

Os homens que eles haviam encontrado na estrada Dymling na noite anterior eram, no fim das contas, os Sentinelas da Floresta. Ele entendera que eles faziam parte dos Sentinelas da Cidade, embora seu território incluísse 120 quilômetros de floresta até Brackenholme. Apesar de só ter topado com aquele grupo de seis, Drew supunha que havia um total de trezentos Sentinelas, um pequeno exército.

Os grupos, como aquele que haviam encontrado, eram conhecidos como "divisões", cada um com cinco soldados e um capitão no comando.

Este, na ocasião, era Harker, e no fim das contas Drew percebera que o homem havia sido muito justo com ele. Como seu prisioneiro, Harker permitiu que Drew falasse enquanto caminhava, inclusive que conversasse com Whitley, mas sempre próximo aos ouvidos do grande capitão.

Harker tinha aproximadamente um metro e oitenta e era mais esguio que musculoso. Quando baixou seu capuz para observar as estrelas, revelou um punhado de cabelos negros cacheados, amarrados numa trança grossa.

Seu rosto era escuro e rígido, uma compleição similar à de Hogan e, sem dúvida, conquistada com a vida ao ar livre. Os arcos não eram as únicas armas que os homens carregavam. Harker tinha uma espada na bainha e um laço de couro na coxa oposta que servia de apoio para a lâmina Wolfshead de Drew.

Embora o capitão estivesse mantendo Drew cativo, o jovem não podia deixar de perceber que o soldado o respeitava. "Respeitar", porém, não era o termo mais apropriado. O que quer que o capitão

tivesse lido no diário do mestre obviamente lhe dera razão bastante para manter Drew algemado, mas essa fora sua única demonstração de força. O soldado repetidamente tentou extrair informações de Drew em conversas, sem resultado. Em nenhum momento Whitley mencionou a aparência monstruosa de Drew na noite anterior. A julgar pelos olhares e pela linha de questionamentos que o capitão teve com Drew, ele suspeitava que Harker já sabia o bastante. Ele daria seus caninos para saber o que Hogan havia escrito naquele diário.

Harker levou Whitley para o lado e conversou longamente com o aprendiz. Assim que o capitão reconheceu que o guardião era Hogan, ele mudou de atitude para ser o mais complacente possível com Whitley. Drew entendeu que o mestre era muito benquisto pelos Sentinelas da Floresta, pois tratavam o seu aprendiz com muita generosidade. Drew não conseguiu escutar o que ambos discutiram, mas rezava para que Whitley tivesse alguma influência capaz de ajudá-lo. Afinal, seu pai trabalhava na corte com o duque Bergan; então alguma coisa ele poderia fazer. A discussão entre eles ficou bastante acalorada ao falarem sobre o prisioneiro, Whitley mantendo-se firme com o capitão ao debater como seguiriam até Brackenholme. Drew supôs que o capitão estava preocupado com a segurança de Whitley e sua proximidade com o prisioneiro, mas era claro que o aprendiz queria as coisas à sua maneira. Se Drew não estivesse tão exausto, poderia jurar que vira Harker curvar-se em concordância.

Eles caminharam pelo que pareceu ser mais três horas naquela noite, com os dois jovens no meio da fila de marcha, novamente ao lado de Chancer. Harker caminhava ombro a ombro com Drew, enquanto três homens ficavam à frente e os dois restantes mantinham a retaguarda.

Comparado ao ritmo que Drew e Whitley vinham mantendo antes, os dois acharam a caminhada agora bastante intensa, ainda mais com os soldados às vezes correndo para apertar o passo. Se Whitley não estava em forma antes de sua jornada à floresta, agora certamente ficaria, pensou Drew.

A primeira pista que tiveram de que estavam se aproximando de Brackenholme foram as luzes piscantes nas profundezas da floresta. Vinham de casas, Drew imaginou, que pontilhavam os pés das grandes árvores. Ele percebeu que as árvores eram consideravelmente maiores por ali, pois a vegetação comum agora ficava diminuída diante dos troncos absurdamente gigantes que deviam medir de dez a vinte passos em torno da base. Por vezes as luzes bruxuleavam no alto das árvores, e repentinamente Drew entendeu que eram postos de guardas.

Logo a estrada passou de trilha suja a um pavimento rochoso, grandes lajes de pedras amareladas, enrugadas, que traziam as cicatrizes da passagem do tempo. A estrada Dymling finalmente saía da cobertura da Dyrewood para um prado de samambaias estendido diante deles. Embora fosse tarde da noite, Drew não tinha dúvida de que estava adentrando um reino fantástico e muito além de sua imaginação. Não havia uma única árvore no enorme campo. Os habitantes de Brackenholme claramente faziam grande esforço para manter limpos os arredores de sua cidade florestal. Era o melhor para perceber um ataque, caso algum imbecil se sentisse audaz o bastante para atacar a morada do duque Bergan. A educação de Drew cobria poucos detalhes do mundo além das cercanias da Costa Gélida, além das lembranças ocasionais do passado dos pais a serviço do antigo rei. Mas ele sabia que cada território na Lyssia era disputado, e as precauções de Brackenholme deixavam aquilo claro para todos.

O grupo viajante manteve o passo até que, como se uma grande fera se assomasse diante deles, uma enorme paliçada de madeira emergiu das trevas. Drew avaliou que as cercas tinham entre quinze e vinte metros, enormes estacas de troncos de árvore enfiadas profundamente na terra.

Imóveis. Impenetráveis. Acima, os guardas caminhavam pelas ameias, e suas vozes eram repentinamente audíveis de baixo ao gritarem instruções.

Dois grandes portões de madeira abriram-se lentamente diante do grupo o som mecânico de engrenagens e o rangido de roldanas acompanhando o movimento. Uma dupla de soldados segurando

lanternas e lanças ficou de cada lado dos portões enquanto a comitiva passava, e a divisão de Harker seguiu em frente trocando algumas palavras e acenos com eles. Drew percebeu que os Sentinelas da Cidade usavam uniforme diferente; em vez dos longos mantos verdes dos Sentinelas da Floresta, eram favorecidos por capas de um verde mais claro, que lhes caíam dos ombros.

Mais uma vez, via-se que sob elas vestiam armaduras de couro reforçadas.

Se fosse um visitante, e não prisioneiro, poderia ter ficado maravilhado com tal esplendor. A rua à frente era iluminada por lampiões que ficavam sobre postes altos, indicando o caminho reto da estrada Dymling. Pequenas construções de um ou dois andares pontilhavam em cada lado, mas eram ordinárias se comparadas a tudo mais que Brackenholme tinha a oferecer.

Drew contou cinco Grandes Árvores dentro dos muros da Cidade, visíveis à noite graças às luzes suspensas no alto das árvores. O pouco da luz das estrelas que conseguia atravessar as nuvens pesadas revelava suas silhuetas. Grande não era a palavra certa para elas — eram carvalhos descomunais. Drew sentiu a mão do soldado em suas costas ao perceber que ficara parado e atônito ao ver aquilo.

— É aqui que vocês se dizem adeus — Harker ordenou a Whitley e Drew. Mais uma vez, os meninos despediram-se com poucas palavras.

— Venha me encontrar, Whitley — pediu ao aprendiz. — Fale de mim a seu pai, se achar que pode ajudar. — O outro fez que sim e também foi levado por dois dos guardas junto a Chancer e o ferido Hogan. Harker mencionou que o mestre-guardião seria transportado até o Templo. Os herboristas iriam tratar os ferimentos infeccionados e tentar retirar as toxinas de seu corpo. Se já não fosse tarde demais.

Os soldados levaram Drew a uma das Grandes Árvores. Ao se aproximarem, ele viu que a casca era enegrecida e o tronco parecia murcho, retorcendo-se para um lado e para outro. Havia janelas marcando toda a sua extensão retorcida até o céu. Devia ser oca para permitir a passagem do tronco acima, refletiu Drew. Enquanto

ponderava sobre isso, foi levado até um grande portão entalhado aberto, com as luzes do salão à frente iluminando seu caminho. Ao atravessarem, Drew viu uma placa entalhada sobre a porta, revelando na casca negra da árvore as letras em branco: GUARNIÇÃO.

Harker parou um instante para falar com o superior que veio recebê-los.

O homem usava uma armadura de couro preta, com uma árvore prateada ornamentando o peitoral. Os dois conversaram por alguns instantes. Houve muitos cochichos e olhares na direção dele, antes de Harker finalmente voltar-se para Drew e seus homens, que levaram o menino em direção ao homem de armadura. O oficial fez um chamado, e de uma sala próxima mais dois guardas de vestes negras adentraram o salão.

— Rapaz, foi um prazer trazê-lo até aqui, quero que saiba disso. Vou acompanhar você, tem minha palavra. — Ele deu um tapa nas costas de Drew. — Não fique tão assustado, garoto. Aqui não somos Wyldermen. — Por fim, curvou-se para chegar mais perto: — Isto é para seu bem.

Os guardas levaram-no pelos grilhões e acompanharam-no por escadas, enquanto Harker observava o menino até que saísse de vista.

Drew foi conduzido à cela e pensava no que o destino lhe reservava.

Sentia-se exausto, pois dormira pouco. Não estava acostumado a dormir numa cama, e, para começar, o estrado era muito curto, se é que podia reclamar disso. Acabou dormindo no chão, usando o manto de Whitley como cobertor. Quando os primeiros raios de luz entraram pela janela gradeada, levantou-se e andou pelo aposento, ansioso para libertar-se de seu confinamento. A porta que dava para a sala era de madeira pesada, amarrada com metal como reforço. Estava firmemente trancada e tinha uma janelinha no centro. Ele chamou pelo guarda, mas ninguém veio. Isso fora horas atrás.

De pé na cama, ele olhou pela janela com barras. Viu o chão sob as paredes de tronco de sua cela, mais ou menos cinco metros

abaixo. Devia ser quase meio-dia quando ele olhou para a Cidade de Brackenholme. À luz da manhã era ainda mais marcante. As ruas imediatamente ao redor da Árvore da Guarnição pareciam calmas, com pouco movimento, mas mais adiante, onde ele supunha que ficasse a estrada Dymling, conseguia ver uma multidão frenética. Os gritos dos lojistas e comerciantes lhe diziam que havia um mercado, e os odores que vinham até sua janela eram inebriantes: doces, carnes, queijos, toda espécie de comida. Sua boca encheu-se de água.

Ele ainda não havia comido desde que chegara.

Drew via claramente as capas verdes dos Sentinelas da Cidade misturando-se livremente; eles papeavam com os comerciantes e cidadãos de Brackenholme. Ele também notou que havia outros soldados presentes, embora seus uniformes não fossem familiares, com couraças que traziam a imagem de um leão em ataque e mantos vermelhos que iam até o chão.

Estavam reunidos em frente à porta de uma taverna de onde saíam com canecos à mão trazendo sua alegria à rua. Os viajantes da estrada Dymling guardavam grande distância desses homens, enquanto eles balançavam-se uns contra os outros, cantando e sorrindo de forma rude. Surpreendeu Drew que ainda usassem uniformes mesmo não estando em serviço, e, a julgar pela reação dos Sentinelas da Cidade, que observavam com desaprovação, ele não era o único a pensar assim.

Do seu ponto de vista privilegiado, ele também conseguia ver a maior das cinco Grandes Árvores do lugar. Tinha provavelmente mais de cem metros e galhos enormes que se estendiam por sobre a cidade, mantendo distritos inteiros à sombra. Dentro dos galhos no centro da árvore, no topo da coluna central do tronco, um grande salão havia sido construído, e mesmo dessa distância ele conseguia distinguir sinais de atividade lá em cima. Não havia dúvida de que era a morada do duque Bergan.

Uma chave girou na porta. Drew pulou da janela e caiu no chão. A fechadura parou por um instante, e Drew ficou observando-a, com grande expectativa, até que a porta se abriu.

O homem que entrou fez Drew sentir-se diminuto. Tinha quase dois metros e uma longa e grossa cabeleira vermelha que lhe caía pelo rosto, combinada a uma longa barba. Suas roupas consistiam num colete de couro marrom e calça de cânhamo enfiada em botas pesadas. Fora o garfo e a faca sobre a bandeja de comida que trazia consigo, não tinha armas visíveis.

Segurando a bandeja com uma das mãos e fechando a porta cuidadosamente atrás de si, ele soltou o utensílio sobre a pequena mesa, antes de sentar-se na cama. Drew ouviu barulho de chaves mais uma vez, quando alguém no corredor trancou a porta. O estampido pesado mexeu com seus nervos.

— Coma — foi tudo que o visitante disse.

Drew não precisava de mais instrução que isso. Foi rapidamente até a mesa e atirou-se à refeição. Presunto cozido, batatas, cenouras e um grande pedaço de pão que esbanjava manteiga; Drew devorou tudo rapidamente, feroz, sem fazer pausa para usar garfo ou faca. O tempo todo observou o homem, dirigindo olhares em sua direção enquanto o outro fazia o mesmo.

Estava provavelmente na sua quinta década — olhando bem, seu cabelo era salpicado de faixas grisalhas. Enquanto uma mão pesada ficava imóvel em seu colo, a outra brincava com a barba, dedos gordos girando os fios grossos.

Drew lambeu os dedos e depois o prato, dando fim aos restos.

— Então você é meu carcereiro? — perguntou, dando passos para trás da mesa por instinto e encostando-se na parede da cela. Naquelas circunstâncias, com um estranho à frente, era mais seguro ter algo sólido às costas. O homem portava-se com confiança e uma autoridade que não esperava encontrar num carcereiro, então Drew pôde apenas presumir que sua experiência era vasta e respeitável, talvez devido a táticas inescrupulosas.

— Pode-se dizer que sim, creio eu — respondeu o homem, depois de examinar o jovem com cuidado sob as sobranceiras espessas.

Um coro de gritos do lado de fora chamou a atenção de ambos, e o homem grande passou por Drew para observar pela janela. Drew deu um passo para o lado enquanto o carcereiro espiava

através das barras, depois montou de volta na cama para também poder olhar para fora.

Uma altercação entre um lojista e um trio de soldados de manto vermelho mandou a tranquilidade pelos ares. A barraca vendia carnes cozidas, e o jovem dono gritava irritado enquanto dois soldados o seguravam. O terceiro soldado gargalhava enquanto mastigava, provocante, uma coxa recém-cozida, antes de jogar o osso no jovem vendedor. Ao libertarem-no, ele tentou dar um soco num deles, o que resultou num alvoroço de golpes. A seguir, jogaram-no de volta à sua barraca. Com um estrondo, a barraca veio abaixo, carnes e salsichas caindo sobre o vendedor.

Os Sentinelas da Cidade observaram tudo aquilo de perto, mas não fizeram nada.

— Quem são eles? — perguntou Drew, com os lábios contorcidos de indignação.

— A Guarda Leonina — disse o carcereiro, balançando a cabeça com desânimo. Sua voz profunda tinha traços de tristeza.

— Por que os Sentinelas da Cidade não fazem algo? — perguntou Drew. — Como podem apenas ficar parados?

— É por isto — explicou o homem, erguendo um dedo para apontar para a taverna. Dez outros soldados de manto vermelho estavam encostados na parede do prédio, observando, enquanto seus companheiros destruíam o negócio do vendedor. Riam e assistiam com satisfação à ineficiência dos Sentinelas da Cidade. — É por isso que não fazem nada — encerrou o carcereiro. Drew agora via realmente que os soldados da floresta pareciam irritados e ansiosos, mas estavam em número muito menor.

— Mas o duque Bergan não é o Lord de Brackenhholme? Por que ele apoia isso?

— Talvez não seja assim tão fácil, rapaz — murmurou o homem de barba, caminhando de volta ao centro da sala e dando as costas para a peleja lá fora. — Quem sabe quanta pressão e peso o rei Leopold colocou sobre o Bearlord?

Drew permaneceu à janela, furioso, a raiva subindo. Ele viu os soldados atacar o homem caído, socá-lo e chutá-lo, mesmo indefeso. Ele apertou o punho, esforçando-se para controlar sua ira.

De onde haviam surgido tais sentimentos? Seriam os princípios de seu pai vindo à tona? Mack Ferran nunca fora homem de ficar parado enquanto alguém era importunado ou ferido.

— Alguém devia fazer algo — sibilou Drew. — Isso é muito errado.

Frustrado com sua incapacidade de ajudar, seus pensamentos voltaram-se à própria situação.

— Não sei por que estou preso aqui — disse, virando-se da janela com barras para encarar o carcereiro. — Ajudei os homens a chegarem em casa ontem à noite, e sua cidade me recompensou me aprisionando.

— Preciso lhe agradecer por isso, garoto — disse o homem. — Mestre Hogan está gravemente ferido, mas vai se recuperar, e isso deve-se muito a você. O aprendiz Whitley cuidou de nos informar da participação que você teve durante o ataque dos Wyldermen.

— Então por que fui aprisionado? — desafiou-o Drew.

O outro homem esticou o braço às costas para tirar um caderno de seu cinto. Drew reconheceu-o imediatamente como o diário do velho guarda.

— Esta — mostrou o homem, plantando um dedo gordo na capa de couro — é a razão pela qual você está preso. O que pode me dizer sobre estas palavras? Mestre Hogan descreve que você era uma fera quando o encontraram, mais monstro do que homem. Ele escreve que você tem uma capacidade de cura acelerada que lhe permite recuperar-se em ritmo sobrenatural. Qual é a verdade, menino?

— Não tenho nada para contar — disse Drew, petulante, cruzando os braços e olhando amuado em direção à janela. — Se ele é o único que pode me libertar, então quero falar com o duque Bergan.

— Então fale. Você está diante dele — respondeu o homem corpulento.

Surpreso, Drew fez um movimento de cabeça para trás ao olhar o estranho com olhos renovados. Apesar de sua aparência bruta, havia uma aura no homem que inspirava respeito. Drew tentou recuperar-se.

— Mi... lorde — ele gaguejou, curvando-se desajeitadamente, sem saber o que dizer ou fazer na presença da nobreza. Ocorreu a Drew que ele havia desrespeitado o Bearlord momentos antes. — O que eu falei, sobre os soldados e os Sentinelas... — ele começou.

O duque Bergan o interrompeu com um gesto.

— Não se preocupe com isso — acenou o duque com a mão. — Não temos tempo. Aliás, sinto muito em dizer que você está certo, rapaz.

Algo devia ser feito. Mas agora você deve me ouvir atentamente. Drew, não é? É imperativo que me conte exatamente como você consegue ser o mais rápido possível, me entende? Há outros em Brackenhholme que estão vindo para esta cela com intenções nada boas para com você. Por mais difícil que lhe seja acreditar em mim, sou sua melhor esperança. Preciso saber: quem é você? O que é você?

Drew olhou para a porta, ansioso.

— Outros? — perguntou. — Quem? Quem quer me ver?

— Você está perdendo tempo, rapaz. Aqueles soldados? O que você vê por esta janela não é nada comparado aos mestres deles. Conte-me tudo, não deixe nada de fora. Onde você conseguiu a espada Wolfshead? De onde você vem?

Drew tinha de tomar uma decisão, e rápido. Podia confiar no duque Bergan? A forma como o sargento Harker, seus homens, mestre Hogan e Whitley haviam falado dele sugeria que sim. E, considerando que o homem que tinha diante de si era realmente quem dizia ser, o que se tinha a perder?

Respirando fundo, Drew começou a contar sua história ao senhor de Brackenhholme.

Foi a experiência mais catártica que tivera até onde conseguia se lembrar. Ele despejou os seis últimos meses sobre o homem, sem poupar detalhes. Sua vida pacífica na fazenda. Contou do ataque da fera, da morte da mãe e da reação de seu pai. Depois, a fuga temerosa para a Dyrewood, ferido e aterrorizado. Tão rápido quanto pôde, descreveu seu período na grande floresta, a vida selvagem, e como foi se tornando uma fera enquanto o outono transformava-se nos domínios gelados do inverno. Ele contou de

seus encontros com os Wyldermen, da fome e da sobrevivência, da batalha para controlar os instintos animais dentro de si. Quando enfim terminou, seus ombros caíram de exaustão. O duque Bergan colocou a mão num dos bolsos e tirou um lenço que ofereceu ao rapaz.

Drew limpou as lágrimas que escorriam por sua face, o quadrado de tecido saindo molhado e encardido.

— Desculpe — disse. — Eu não queria chorar.

— Está tudo bem — respondeu Bergan. — Não há nada de errado em chorar. Você é jovem, afinal. Mas um conselho: que essas sejam as últimas lágrimas que você derrama por um bom tempo. Por mais saudável que seja essa emoção, ela será vista como sinal de fraqueza por seus inimigos.

— Que inimigos? — perguntou Drew. — Eu não tenho inimigos. Sou apenas um garoto da fazenda. Eu nem devia estar aqui. É tudo um grande engano, não percebe?

— Nada disso é engano, Drew. Foi o destino que o trouxe até Brackenholme, o destino que o trouxe até mim. Sua vida como pastor acabou, você não pode mais voltar. Precisa perceber que é diferente dos homens normais. Você tem um dom, como o meu.

— Eu não entendo.

— Mas vai entender. Gostaria de ajudá-lo, mostrar como pode dominá-

lo, mas não há tempo, e é preciso tempo e paciência para você controlar a fera interior.

— A fera? A coisa que eu fui na Dyrewood? — perguntou Drew, esforçando-se para compreender.

Bergan fitou-o, e Drew encontrou afinidade nos olhos daquele homem grande.

— Veja, não temos muito tempo para eu explicar... Drew, você é um lobisomem; um transmorfo. Não tem nada a ver com a Dyrewood; é o que você é. Você pode ter aspecto e forma de uma fera, e controlar isso, assim que tiver treinado para dominá-la. Há muito mais do que isso, mas não temos tempo. Ele logo estará aqui.

A cabeça de Drew quase explodiu, e sua visão ficou embaçada. Era demais para ele. Transmorfo? Ele era um monstro, justo o que tanto temia?

O duque Bergan mencionara que aquele “dom” era como o seu.

— Você também é... transmorfo?

— Sim, garoto — respondeu o duque Bergan. — Sou um Werebear, Drew, assim como meu pai e o pai dele. E quem quer que seja seu pai, você é como ele...

— Eu nunca vou ser como meu pai — interrompeu-o Drew com o temperamento exaltado diante da ideia. Os músculos de seu estômago contorciam-se à memória da espada Wolfshead rasgando sua carne. Mas, afinal, ele percebeu que era fácil acreditar que seu pai era mais fera do que homem.

Bergan deu um passo para a frente e fitou Drew bem nos olhos. Ele tirou o cabelo sujo do menino de seus olhos com uma mão, depois pegou-o pelo queixo e virou-o para um lado e para o outro. O homem mais velho parecia reconhecer algo ou alguém.

— O que foi? — perguntou Drew, imóvel diante das mãos surpreendentemente gentis do homem. — O que está olhando?

— Você parece alguém que conheci há muito tempo — disse Bergan, mordendo os lábios. — Mas não pode ser. É impossível. — Bergan olhou para a porta, nervoso.

— Quem está vindo? — Drew perguntou.

O som da chave girando na fechadura os interrompeu, e a porta abriu-se para uma procissão de homens adentrar a sala. À frente estava o capitão Harker, que deu a seu comandante o mais breve dos acenos ao entrar. Atrás vinha um homem cujo rosto juvenil lhe dava um ou dois anos a menos que Drew. Por mais jovem que fosse, já tinha a mesma altura e aparentava forma física perfeita, robusto e forte como Trent. O cabelo loiro bem cuidado emoldurava-lhe o rosto e caía elegantemente sobre seus ombros. Sua beleza era marcante, quase feminina em aparência e maneiras, e era diferente de qualquer pessoa que Drew já vira na vida. Um sobretudo vermelho com um longo manto cor de mel estava preso em torno de seu pescoço por um fecho dourado, incrustado de joias, na forma de duas patas de animais. Drew percebeu que o

duque Bergan curvou-se lentamente enquanto o menino olhava pela cela com expressão de repulsa.

— Que salinha mais abominável que escolheram para ele — disse o jovem. Duas outras figuras entraram, um homem com aparência curvada num longo manto negro e um jovem que parecia ter idade similar à de Drew. O homem de preto era o oposto do menino de cabelos dourados.

Tinha meia-idade, a pele rígida esticada até ficar fina sobre o rosto, revelando cada saliência do queixo até a cavidade dos ossos do crânio. Seu cabelo começava a rarear na frente, mas descia esparsos e sujos pelas costas em madeixas oleosas. Uma larga e negra pele de animal compunha a bainha superior e os punhos de seu manto, enfatizando ainda mais a caveira fantasmagórica que era seu rosto.

O jovem ao lado do homem de preto mantinha a cabeça abaixada, de uma forma que indicava estar a serviço dele. O mentor tossiu, ofegante, e deu uma cotovelada no menino. O jovem colocou a mão numa algibeira pendurada sobre o ombro, retirando um frasco de líquido que o outro virou num único e rápido gole antes de atirar de volta o recipiente vazio.

— É muita bondade de sua parte acomodar meu prisioneiro dessa forma, Bergan — disse o menino dos cabelos dourados.

— Sua Alteza — respondeu duque Bergan, depois de reerguer-se. — Seu prisioneiro?

Alteza, pensou Drew. Quem era aquele?

— Você me ouviu bem, Bergan — respondeu o outro, fitando Drew. — Tenho ordens expressas de meu pai para levar esta criatura a Highcliff imediatamente. Sabemos todos que ele vem criando distúrbios nesta sua mata imprestável; temos diversos testemunhos.

— Certamente não faria mais sentido para nós interrogá-lo aqui, príncipe Lucas? — perguntou Bergan. — O menino chegou na noite passada e teve pouco tempo para recuperar-se. Levá-lo agora numa longa jornada até Highcliff poderia prejudicar severamente sua recuperação.

— Recuperação? — riu o príncipe. — Recuperação? Se, como cremos, ele é abençoado como você e eu, então com o que teria de se preocupar?

Veloz como um raio, o jovem príncipe puxou um punhal delgado de dentro do manto, fazendo um corte rápido em Drew e deixando o sangue vermelho-escuro escorrer de sua bochecha. O menino ao lado do homem de preto engoliu em seco, e tanto Bergan quanto Harker esforçaram-se para esconder seu horror. Drew levou a mão à face, friccionando os dentes de dor e raiva. Bergan lhe lançou um olhar que dizia para ficar quieto.

— Isso foi realmente necessário? — perguntou o Bearlord.

— Pare de se preocupar, Bergan — o príncipe sorriu desdenhosamente.

— Ele estará como novo logo, logo, pode anotar. Não haverá nada aí pela manhã.

— E se ele for mortal? Se não for um Werelord?

— Então ficará marcado pelo resto da vida — respondeu o príncipe Lucas, arrogante. — Mas todos sabemos que não é o caso. E por favor não use indevidamente o termo Werelord. Não há nada de nobre nesta criatura; qualquer um com um mínimo de percepção pode perceber. Ele é uma cria da Dyrewood, uma aberração, uma anomalia. Ainda assim, meu pai vai querer inspecioná-lo melhor e descobrir precisamente o que é. Não podemos deixá-lo nessa fúria homicida, mostrando dentes e garras para todo lenhador com que se depara, não é?

— Devo objetar veementemente, Lucas — começou o duque Bergan.

O príncipe ergueu um dedo de aviso para o Bearlord, disparando-lhe um olhar frio. — Você esqueceu seu lugar, velho urso — advertiu. — Dirija-se a mim como Sua Alteza, ou chame-me de príncipe, mas não ouse chamar-me apenas pelo meu nome. Estamos entendidos?

Bergan visivelmente eriçou-se de desconforto, mas controlou sua raiva.

— Sim, Sua Alteza. Peço desculpas. Mas, por favor, príncipe Lucas, deixe-o conosco mais uma semana para esclarecermos as

origens do menino.

O príncipe foi na direção de Drew e observou-o quase da mesma forma que Drew havia visto seu pai inspecionar o gado. Agarrou seu rosto ensanguentado, virando-o para um lado e para o outro antes de soltá-lo.

— O que você já conseguiu tirar dele, Bergan? — perguntou, o tempo todo fitando Drew com olhos frios e cruéis. Drew desviava o olhar e voltava-o para seus pés.

— Nada, até o momento — respondeu o Bearlord. — Mas tinha esperança de iniciar o interrogatório pela manhã, após um dia de descanso.

Isso se ele não for mudo.

— Mudo? — vociferou Lucas.

— É possível — mentiu o Bearlord. — Ainda não temos total certeza; ele não disse uma palavra desde que chegou aqui.

Drew viu Harker dar uma olhadela para Bergan quase imperceptível.

— Se ele puder falar, é claro que é melhor gentilmente convencê-lo a contar seus delicados segredos. Olhe só para isso, é quase um bicho!

— Não — cortou o príncipe, virando-se e partindo em direção à porta.

— Volto a Highcliff nesta tarde e vou levá-lo comigo. Lord Vankaskan aqui conseguirá extrair no caminho toda informação que a criatura tiver. Logo o teremos falando em nossa língua comum. Ele é muito... hábil em persuadir pessoas a contarem seus segredos, você sabia?

O homem de preto deu um curto sorriso para duque Bergan, antes de uma tosse chacoalhar sua figura esquelética. Ele levou uma manga até a boca para limpar a bile negra e grossa.

— Tenho total ciência de como opera o Rei dos Ratos. Cada um dos cinco irmãos tem uma reputação que se estende aos cantos mais distantes dos Sete Reinos da Lyssia. Que grande habilidade ele dominou — disse Bergan com sarcasmo.

Vankaskan sibilou e mostrou os dentes sujos e amarelados para o Bearlord.

— Cuidado com o linguajar, Bergan, ou talvez eu venha a interrogar você mesmo, se assim preferir.

— Senhores, parem de brigar — interrompeu o príncipe Lucas. Tirando um par de luvas do cinto, ele as vestiu, flexionando os dedos de veludo em direção à porta. Fez um gesto na direção de Drew. — Cuide para que o menino esteja amarrado, preso e seja transportado para minha caravana. Partimos nesta tarde, sim? — E virou-se para o duque Bergan, em busca de uma resposta.

Bergan curvou-se e bateu os calcanhares em sinal afirmativo.

— Como desejar, Sua Alteza — respondeu. — Farei os preparativos imediatamente.

— Agora — disse o príncipe, em direção à porta —, venha caminhar comigo de volta à sua agradável casa na árvore. Preciso olhar seus livros-caixa uma última vez e logo o deixaremos em paz. Espero que possamos vê-

lo em Highcliff para o casamento — ele prosseguiu, enquanto desaparecia pelo corredor.

— Sim, Sua Alteza — confirmou o duque Bergan, seguindo-o.

Vankaskan concedeu a Drew o mais breve dos sorrisos, arregalando os olhos com expectativa infantil.

— Descanse enquanto puder, garoto — ele disse. — Você e eu temos uma longa jornada pela frente. Venha, Hector — ordenou, virando-se e desaparecendo porta afora, seguido logo atrás pelo jovem assistente.

O último a deixar o aposento foi o capitão Harker.

Ele deu de ombros com uma expressão sem esperança que dizia muito a Drew.

E com isso ele partiu, fechando a porta atrás de si, e a fechadura voltou a seu lugar mais uma vez.

7: O curandeiro

Cada solavanco da carruagem sobre os buracos e valas trazia sensações renovadas de dor ao corpo já alquebrado de Drew. Até que tudo parou de trepidar. Com a cabeça girando de vertigem e a boca empapada de sangue e vômito, ele olhou para as amarras que uniam seus pulsos e tornozelos — cordas entrelaçadas com prata, apertadas em nós, as mãos às costas, os pés amarrados, as pernas afiveladas no joelho. Uma outra corda prendia os jogos de cordas um ao outro pelas costas, deixando-o tão indefeso quanto um porco destinado à fogueira.

O Ratlord havia tentado persuadi-lo já três vezes desde a saída de Brackenholme. Ele fora retirado da Árvore da Guarnição sem cerimônia e enfiado de cabeça na carruagem. Bergan, Harker e seus homens estavam lá para despedir-se e escoltá-los até a saída da cidade, e Drew teve um breve instante para enxergar o velho Bearlord com a vergonha estampada no rosto, a cabeça caída, quase incapaz de encarar o menino. Assim que a caravana de carruagens deixou a paliçada externa, Vankaskan juntou-se a ele em sua cela móvel, tirando as roupas de Drew e desembulhando seus vários instrumentos de tortura para iniciar os trabalhos.

Nu como estava, Drew pôde inspecionar os ferimentos e machucados com os quais Vankaskan havia adornado seu corpo. Cortes alongados marcavam cada uma das costelas onde o Ratlord havia entalhado a carne com uma grande faca. Suas costas foram rasgadas e laceradas pelas chicotadas do mangual que o torturador manejara com experiência. Feridas marcavam toda a extensão de seu corpo.

Drew mordeu o lábio ensanguentado, tossindo, enquanto estava deitado no chão da carroça de madeira. Seu principal pensamento se resumia em pegar a lâmina da Wolfshead e enterrá-la no coração de Vankaskan. Mas aquilo apenas serviu para lembrá-lo que ela se fora. Mesmo com as memórias amargas que guardava de seu pai, essa era a única coisa que realmente possuía. Agora

provavelmente vinha sendo usada para exercícios de espada em Brackenholme por um dos homens de Harker.

Se algo podia orgulhá-lo, era que ao longo de sua provação ele permanecera em silêncio. Uma das coisas que o Ratlord subestimara era a capacidade de Drew de suportar dor. A vida selvagem na Dyrewood lhe ensinara a desenvolver um grande poder de resistência. Uma vozinha no fundo de sua mente lhe dizia para resistir, resistir; não importava o que o homem lhe fizesse, ele se curaria, ele voltaria à vida. E assim foi. Qualquer que fosse a mágica que corria por suas veias, fazendo seu corpo se recuperar, Drew sentia-se agradecido; aquilo lhe dava a satisfação de que a dor seria temporária. Ele não tinha dúvida, contudo, de que o mesmo não se daria com as cicatrizes mentais que o Ratlord estava lhe dispensando.

Sob a pressão dos questionamentos e punições constantes, apertando os dentes e segurando a língua, o único momento em que Drew se traiu foi quando a tortura alcançou níveis tão doentios que seu corpo começou a se transformar. Seu queixo começou a se projetar, os dentes estalaram, os olhos amarelaram-se. Vankaskan não precisava de mais provas de que Drew era um Were, mas de que tipo? Ele ainda não sabia dizer, mas tinha tempo, método e formas de descobrir.

Drew não tinha como ter certeza, mas acreditava que eles estavam viajando havia dois dias e duas noites. Eram três carros compondo o comboio. Um veículo grande e opulento ficava à frente da companhia, obviamente a carruagem do príncipe Lucas. Havia talvez três dúzias de soldados montados que constituíam a Guarda Princesca, os cavalos flanqueando as carruagens. Mesmo que Drew conseguisse escapar, os soldados o degolariam em segundos. Ele desistira dos planos de fuga. Agora estava concentrado em sobreviver.

O único alívio que tivera das técnicas de experimentação e extração constantes do Ratlord foram as aparições intermitentes de Hector, auxiliar de Vankaskan e herborista. Era claro que o jovem havia sido enviado com instruções claras — não aplicaria pomadas, unguentos e bálsamos às feridas de Drew só por bondade do

coração de Vankaskan. O Ratlord queria usar as habilidades do menino com ervas e drogas para ajudar a acelerar o processo de cura, para que ele pudesse torturar Drew sem muitas sequelas.

Embora Drew percebesse o intento e a dor que inevitavelmente se seguiria, ainda ficava deveras grato pela atenção e cuidado do assistente de seu algoz.

Hector não ficava presente durante os interrogatórios — permanecia na plataforma, no fundo da carruagem, depois da porta trancada da cela.

Quando o chiado doentio de Vankaskan ficava forte demais, ele chamava o menino para preparar outra dose de remédios, que prontamente engolia antes de mandá-lo embora. Quando seu trabalho finalmente se encerrava, com Drew sangrando e quase inconsciente ao chão, ele chamava o ajudante e deixava-o fazendo suas mágicas medicinais com o prisioneiro, para retornar novamente assim que Drew recuperava-se mais uma vez. Então o terror recomeçava.

Drew foi alertado pelo ferrolho da porta da carruagem abrindo-se.

Apertando os olhos roxos, ele olhou para cima para ver quem entrava. Para seu alívio, era Hector. O jovem entrou, a porta bateu e foi trancada atrás dele. Sua algibeira vinha pendendo do ombro, garrafas e bálsamos a tilintar uns contra os outros enquanto ele apurava-se no chão junto a Drew.

Hector abriu a bolsa e começou o ritual de desembrulhar frascos, pacotes e tubos de porcelana e misturar pastas com seu pilão. Ele não olhava para Drew nem para o que seu mestre havia feito, concentrando-se, em vez disso, no trabalho que lhe competia.

— Hector — disse Drew calmamente, através dos lábios rachados.

Os olhos de Hector arregalaram-se, fixando-se diretamente no prisioneiro antes de se dirigirem para a porta.

— Você sabe falar? — disse, inclinando-se para mais perto.

— Não sou um animal — respondeu Drew, tossindo.

Hector aproximou-se, desarrolhando uma garrafa e derramando um líquido leitoso pela garganta do outro. Drew sufocou-se,

tentando falar, enquanto o creme ardente rolava pela garganta, instantaneamente aquecendo suas entranhas.

— Meu mentor disse que suspeitava de você ser mudo, pois não teve sorte em fazê-lo falar. Fale com ele, por tudo que é sagrado. Se responder às perguntas, ele encerrará a investigação.

— Investigação? — Drew conseguiu se expressar. — Você chama isso de investigação? Quem você está tentando enganar, Hector? Ele me tortura até restar um pedacinho de minha vida, aí o manda vir aqui me remendar.

Ele é um monstro. Ele que é o animal, Hector.

— Por favor, você não deve falar assim — disse o jovem, nervoso, voltando o olhar para a porta.

— Então, você agora vai até ele dizer que falei? É assim que funciona?

Hector fez sinal negativo com a cabeça, furioso.

— Não, não, não. Não, isso não é da minha conta. Estou aqui simplesmente para cuidar de você para que meu mestre conduza sua investigação.

— Pare de usar essa palavra — corrigiu Drew. — É tortura. E você o está ajudando. — Flexionou os dedos quebrados, que já começavam a recuperar-se sozinhos. — E você está cuidando muito bem de mim, Hector.

Fico muito grato — disse sarcasticamente.

— Por favor, não — disse o herborista, as bochechas se enrubescendo.

— Por que você trabalha para ele, Hector? O que neste mundo o convence a ficar a serviço dele? — Drew esticou a cabeça para ter contato visual direto com o menino, mas Hector fazia o possível para evitar o olhar.

Drew percebeu que havia atingido um ponto vital, que agora teria de ir até o fim para ter respostas a algumas de suas perguntas.

— Não tenho nada a dizer sobre o assunto. O rei ordenou que eu ficasse a serviço de Lord Vankaskan. Acredite, isto não me dá prazer algum.

Contudo, estou preso a meu mentor agora, e devo fazer o que ele manda, independentemente de quão repulsivo seja.

— Por que você, Hector? Por que ele precisa de você? E por favor, pare de dizer “Estava apenas seguindo ordens”. Você tem livre-arbítrio. Nenhum homem devia ser escravo.

— Você não sabe mesmo como o rei Leopold governa a corte? — perguntou Hector, estupefato. — O que o rei diz é lei. Saia da linha, e será seu fim.

Drew escarneceu.

— Ora, ora, Hector, isso soa a rebeldia para os meus ouvidos simplórios.

— Estou a serviço dele — prosseguiu o jovem, ignorando-o — porque minha família tem renome como curandeiros e herboristas. Eu também sou um Werelord. Meu pai é Lord de Redmire; suas terras ficam nos limites da Dyrewood — aliás, ele é um velho amigo do duque Bergan. O

conhecimento é passado pela família, de pai para filho, mãe para filha, e assim somos médicos da corte real desde antes da história começar a ser registrada. Como meu pai está doente demais para viajar, é meu dever tomar seu lugar em Highcliff. Não levou muito para o rei me escolher para cuidar de Lord Vankaskan.

— E Vankaskan? — perguntou Drew, intrigado com as novas informações. — Qual é o caso dele?

Hector parou o que estava fazendo por um instante, obviamente pensando se já não havia falado demais. Olhou para Drew mais uma vez, examinando suas feridas.

— Como você já ouviu Bergan dizer, Vankaskan é um rei-rato — ele reconheceu. — Não um rei de verdade, entenda. É um título irônico que receberam do antigo rei, Wergar — você encontra “reis ratos” em quase todo esgoto: uma massa de roedores que se juntam e cujos rabos ficam entrelaçados. Eles são forçados a viver até o fim da vida presos uns aos outros, numa cooperação inimiga. Acho que era assim que Wergar via Vankaskan e seus irmãos, e o nome pegou. Ele e os quatro irmãos dividem o título em Vermire, uma cidade a noroeste daqui. Estive lá algumas vezes, e seria difícil você encontrar um lugar mais árido e inóspito.

Drew ouvira mesmo falar da cidade por seu pai, quando criança, mas não dera muita atenção. E, do pouco que o pai lhe dissera, não era um lugar que alguém teria pressa em visitar.

— Então o rei-rato é o nome coletivo dos cinco irmãos. Há Vankaskan, o mais velho; Vanmorten, braço direito do rei Leopold; os gêmeos, Vorjavik e Vorhaas; e Vex, o mais jovem, tão jovem quanto eu e você. Eles governam juntos as terras, o que parece democrático, mas não é. Eles brigam e discutem no pior estilo de fraternidade e geralmente traem e forjam alianças entre si.

— Parece muito bom — suspirou Drew, mudando de posição para tentar ficar mais confortável. Hector tirou um cobertor da cama, enrolou-o e colocou-o contra a parte baixa das costas de Drew, concedendo-lhe um toque a mais de conforto. Essa breve demonstração de bondade teve efeito profundo sobre Drew, mas ele manteve-se em silêncio. Sua confiança não era concedida tão facilmente sob tais circunstâncias. Hector terminou de misturar seus unguentos e, com uma colher de madeira chata, começou a passá-los sobre os ferimentos de Drew. Ele tremeu ao contato gelado contra sua pele em carne viva. O líquido quente que engolira mais cedo ainda queimava em suas entranhas, lembrando-o da sensação de beber o rum do pai em raros encontros de família.

— Então Vankaskan está doente? — perguntou Drew.

— Ele está velho — respondeu Hector — e tem se permitido todo tipo de hábito repulsivo ao longo dos anos. Seu corpo está doente, e a única coisa que adia o início da deterioração são os remédios que lhe dou.

— Eu trocaria os remédios por água colorida se fosse você. Ele não ia saber até ser tarde demais — brincou Drew, amargo. Até Hector conseguiu rir do humor negro.

— Então se você é um Werelord — Drew prosseguiu —, de que tipo é?

Isso tudo é novidade para mim.

— Sou um Boarlord — respondeu Hector, erguendo a mão direita diante de Drew para revelar um anel de ouro com selo real no dedo médio.

Ele brilhou com a imagem da cabeça de um javali. — Assim como toda a minha família. Admito que não tenho poder ou controle para me transformar totalmente, embora meu pai o conseguisse na juventude. Nem todos os Werelords conseguem controlar suas habilidades. Quase sempre são os de raça mais pura que conseguem assumir suas formas Were: o rei, duque Bergan e outros. Eu não me importo. Não sou uma pessoa agressiva, e acho primeiro que é preciso esse tipo de essência para ativar a transformação, antes de poder dominar os instintos animais.

— Fascinante — exclamou Drew. Ele perguntava-se como eram os vínculos de lealdade entre os Werelords, se é que havia lealdade. Talvez sua única chance de escapar fosse declarar alguma aliança na sua confissão. — O duque Bergan disse que eu era um... lobisomem — ele confidenciou.

— Você falou com o duque Bergan? — perguntou Hector.

Drew amaldiçoou-se em silêncio. Teria ele traído o Bearlord?

— Sim, mas brevemente — admitiu. — Logo antes de você chegar à minha cela na Árvore da Guarnição. Não acredito que ele tivesse intenção de enganar o príncipe nem seu mestre. Você acredita em mim, não?

— Não se preocupe — disse Hector. — Se alguma coisa posso lhe prometer, é meu silêncio. Dou-lhe minha palavra.

— E o príncipe Lucas? Notei que ele não voltou aqui para juntar-se ao interrogatório de Vankaskan. Ele está na carruagem chique mais à frente?

— Isso mesmo — respondeu o jovem Boarlord. — Você não o encontrará aqui antes de começar a fornecer respostas a meu mentor. Assim que começar a falar, não se preocupe, ele estará presente.

— Ele é um Werelion, como o pai, o rei?

— Sim, certamente um reflexo do pai dele em quase todos os aspectos.

Talvez um pouco mais instável e acostumado a ter as coisas a seu modo, mas não deve ser contrariado. Seu temperamento é aterrorizante. Uma vez ele bateu em mim tão forte que eu apaguei.

Ele me chama de “Porquinho”, e, acredite, não é uma demonstração de carinho.

Drew queria dizer que sentia muito, mas, apesar da confiança que demonstrara, Hector ainda era seu captor, permitindo que continuasse amarrado e agonizante.

— Já deixamos a Dyrewood? — preferiu perguntar.

Estranhamente, enquanto estavam sob os grandes galhos da antiga floresta, ele sentia-se protegido. A ideia da estrada aberta até Highcliff o arrepiava por dentro.

— Quase — disse Hector, enquanto dava a Drew mais um gole do elixir acalentador. — Acho que sairemos pela manhã. Vamos montar acampamento noturno em poucas horas. Verei que lhe tragam comida, embora não possa lhe prometer nada.

A carruagem parou mais uma vez. Os dois ouviram passos de botas passando pela estrada, na direção deles, vindo de uma das carruagens à frente. Era Vankaskan, de volta. Hector rapidamente começou a guardar seus ingredientes na algibeira. Drew suspirou, tentando preparar-se mentalmente.

— Boa sorte — Hector falou baixinho.

— Vejo-o daqui algumas horas, espero — disse Drew, mas sem sorrir.

Ele sentia-se muito mal com o que estava por vir.

Antes de Hector sair, ele virou-se: — Qual é seu nome? — perguntou.

— Drew — respondeu o jovem amarrado. — É Drew.

Hector assentiu com a cabeça, num sorriso triste. Enquanto o ferrolho abria a porta, ele foi para o lado. Vankaskan entrou pela plataforma aos fundos do carro, ofegante enquanto passava. Trazia o estojo de instrumentos consigo, empurrando-o e arrastando-o ao longo das tábuas do chão. Ao subir no carro, olhou seu herborista de cima a baixo.

— Mexa-se, menino. Quero cozido de coelho para o jantar. Vá.

— Hector fez uma rápida medida e pulou da porta, seguido de um membro da Guarda Princesca que deu um passo adiante e bateu a porta, o ferrolho então voltando a seu lugar.

O Ratlord bamboleou para a frente, intimidando Drew. Pegou o cobertor enrolado que Hector deixara na parte baixa das costas de Drew para maior conforto. Com um ágil empurrão, jogou-o num canto.

Desamarrou os fechos do estojo, enfiando a mão para retirar uma faca serrilhada, traiçoeira.

— Então, onde paramos?

8: Fogueiras e bandidos

Hector estava deitado ao lado da fogueira, enrolado em seu saco de dormir, observando as chamas enquanto a lenha estalava. Pequenas fagulhas esvoaçavam no ar, subindo ao céu noturno, brasas fugidias a se apagar quando o vento as varria. Não conseguia dormir. Por mais que tentasse, a imagem de Drew caído no carro não saía de seus pensamentos. Deixando as cobertas, ele levantou e se esticou, pegando sua algibeira do chão. Um soldado que estava por perto o olhou. Hector tentou lançar um sorriso, mas o homem permaneceu impávido, como se ele não existisse. Para aqueles soldados, ele era o boneco de Vankaskan, seu cachorrinho, nada mais.

Nobre ou não, o Ratlord não estava preparado para dividir sua caravana com o herborista. O jovem Boarlord teve de ir dormir ao ar livre, à sombra da grande carruagem de seu mestre. Com oito rodas, ela era do mesmo tamanho da do príncipe Lucas, embora não fosse adornada com a mesma elegância exagerada que o garoto exigia. O filho do rei não viajava sem luxo, e por isso sua carruagem real era uma visão bastante incomum nas trevas da Dyrewood. Leões entalhados pintados de dourado sobressaíam pelos lados da carruagem de doze metros, erguendo-se por sobre os arcos das rodas, espantosos e exuberantes.

A carruagem de Vankaskan era uma monstruosidade reforçada; estreitas aberturas para arqueiros em oposição às janelas ornamentadas do príncipe, e uma estrutura de metal robusta, guarnecida em toda a volta, que contrastava com o coro de anjos com trombetas que dançava sobre o teto do outro. Eram tão diferentes quanto se possa imaginar. O “carro de batalha” do Ratlord era algo de dar medo.

Naquela noite, o chefe de Hector juntara-se ao príncipe na carruagem real para beber. Embora não tivessem muito em comum, e com certeza se evitassem na corte, ambos reconheciam que lá, na estrada, a quilômetros da civilização, eram espíritos tão

aparentados quanto possível. Dividiram conhaque e tabaco, bem como histórias e fofocas sobre o que se passava por trás do trono. Hector estremeceu. Ambos lhe causavam repulsa, mas ele sentia-se quase tão acorrentado quanto Drew. Não tinha como isso terminar bem.

Hector queria distância desse mundo, dos atos infames nos quais fora forçado a tomar parte. Uma vida de servidão para um superior traíçoeiro não era uma vida que valesse a pena. As palavras do jovem selvagem Drew haviam tocado o Boarlord; um sino agora soava em sua alma, enquanto a consciência o chamava. Ele havia nascido para curar, nascido para auxiliar.

O que estava fazendo ia contra tudo o que os Lords de Redmire defendiam, tudo que ele fora ensinado a honrar. Mas que esperança lhe restava? Ele fora um covarde a vida toda, e assim permaneceria até a morte.

Caminhou até a carruagem onde estava Drew. A noite ficava ainda mais escura, pois nuvens passavam sob a lua minguante. Dois membros da Guarda Principesca conversavam ao lado da plataforma. Ele reconheceu um deles como o capitão da Guarda; seu nome era Perry. Eles olharam para Hector enquanto este se aproximava.

— Noite agradável, não acham, senhores? — sugeriu, agarrando-se a qualquer oportunidade de diálogo para despertar a atenção dos vigias. Os dois homens se olharam, depois o encararam com um olhar frio. Eles haviam sido convocados para a equipe pessoal do príncipe diretamente do exército. Eram tão seletos quanto o rei exigia — a elite de soldados era recrutada diretamente para a Guarda Leonina, a infantaria e a segurança pessoal do rei. Já os homens do príncipe eram variados; menos nobres que a Guarda Leonina, mais indisciplinados e capazes de atos de crueldade despropositados. Tendo o príncipe por comandante em chefe, não era surpresa.

— Talvez seja melhor ficar perto da fogueira, milorde — disse o capitão Perry, o mais educadamente que pôde. O soldado não o respeitava, disso o menino sabia bem; mas, no final das contas, o veterano grisalho ainda sabia seu lugar. — Ainda estamos em

território Wylderman até deixarmos a Dyrewood. Não teria prazer em remeter seu caixão para Redmire. — Ele mal disfarçava o tom de ameaça na voz. Submisso, Hector virou-se para sair dali.

Uma flecha atingiu a carruagem a apenas um metro de seu rosto, estilhaçando a madeira envelhecida com o impacto. Antes que pudesse reagir, o ar encheu-se com o som de projéteis voadores, o céu noturno fazendo chover um ataque de todas as direções. Quando duas outras flechas atingiram a carruagem, Hector voltou cambaleando para proteger-se atrás de Perry. O capitão desembainhou sua espada enquanto se afastava do outro soldado, agora caído ao chão com uma flecha projetando-se de sua coxa. O homem gritava de dor, agarrado à flecha com as juntas ensanguentadas.

— Ataque Wylderman! — O capitão Perry berrava ordens e fazia seus homens acordar. Alguns deles imediatamente correram para as árvores, onde sons de combate deram fim à paz da escuridão. Outros abaixavam-se para se proteger, atirando com seus arcos e contra-atacando o inimigo invisível. Homens feridos rastejavam pelo chão para aproximar-se da caravana, em busca de segurança.

Apesar do caos, Hector sentiu uma espécie de fisgada. Esperança. E

não apenas para si. Pulando o soldado caído, ele saltou para a plataforma, empurrando o ferrolho da porta.

— Pare com isso — murmurou o soldado. — Pare! — ele gritou.

Hector ignorou-o, abrindo a porta com um coice e impelindo-se para dentro. Drew estava em posição fetal, no chão, olhando para cima através de sua franja emaranhada e manchada de sangue.

— Hector? — ele disse, ofegante. — O que está acontecendo?

— Não há tempo para falar — cochichou, arfante, o jovem Boarlord.

Com as mãos nas costas de Drew, ele remexeu furiosamente nos nós que atavam seus punhos. Dedos suaves que nunca haviam sentido um dia de trabalho duro procuravam algum ponto para puxar, as unhas roídas de nervosismo não encontrando nada. Tirando uma faca do cinto, ele conseguiu lidar com a corda, serrando forte até que ela finalmente começou a desfiar, permitindo

que ele rasgasse o resto. Os braços de Drew caíram à frente enquanto ele se erguia até ficar de joelhos, depois de costas, cortando as ataduras de seus tornozelos. Hector ergueu-se e deixou o prisioneiro nu de pé. Drew cambaleou, caindo contra a parede da carruagem. Do lado de fora, o barulho do combate ecoava noite adentro, espadas e gritos a tomar o ar. Hector fez Drew apoiar-se sobre seu ombro.

— Vou tirar você daqui, mas precisamos ser rápidos. O acampamento foi atacado por Wyldermen; esta é nossa única chance. — O Boarlord desceu os degraus, ajudando Drew a fazer o mesmo. Antes de conseguir dar mais um passo, Hector congelou. Nas sombras da carruagem estava o capitão Perry, um olhar de ódio atravessando seu rosto.

— Ora, ora, Porquinho. Parece que você saiu da linha. Terei muito prazer em explicar isso a seu senhor. — Ele ergueu sua espada, pronto para uma investida. Drew, exausto, não tinha como ajudar. Tudo que Hector podia fazer era fechar os olhos e esperar pelo ataque. Nada aconteceu.

Ao abrir os olhos, ele viu o capitão Perry imóvel como uma estátua, seu rosto travado num rosnado, os olhos arregalados e selvagens. A espada lentamente caiu de suas mãos, e ele tombou de joelhos na lama. Logo atrás dele, uma figura de manto negro, a espada a seu lado ao fim da investida letal. A figura ergueu a mão até os lábios dentro de seu capuz sombrio, implorando o silêncio do menino. Então acenou para que viessem até ele, erguendo o ferido Drew sobre os ombros com facilidade. Trotando, desapareceu entre as árvores, distanciando-se dos sons de luta, enquanto Hector os acompanhava. O Boarlord olhou para trás e viu o soldado ferido assistindo à fuga, o corpo sem vida de seu capitão caído atrás dele. Mais ao fundo, ouvia o rugido do príncipe Lucas unindo-se à luta.

O trio correu mais, tropeçando em raízes escondidas e ao longo de trilhas de animais pouco utilizadas, enquanto ganhava distância do acampamento. Embora fosse o encapuzado que carregasse Drew, Hector ainda tinha de se esforçar para acompanhar o ritmo, e o homem por vezes precisava parar para que o Boarlord pudesse alcançá-lo. Finalmente eles chegaram a uma pequena clareira

iluminada pela Lua, onde o homem prona e gentilmente colocou Drew no chão.

— Quem é você? — Hector perguntou sem fôlego. A figura tirou o capuz, e se revelaram os traços finos do capitão Harker.

— Não podíamos deixar você com ele — surgiu a voz do duque Bergan da beira da clareira. O Bearlord emergiu do ponto onde estivera escondido pelas sombras, acompanhado de um cavalo selado. Usava um peitoral de couro cravejado e carregava um machado próximo à coxa, com um simples manto verde-silvestre pendurado sobre os ombros. Um homem mais jovem, vestido de verde-esmeralda, estava ao lado dele montado em seu próprio garanhão, e do alto da sela vasculhava as árvores.

O duque Bergan deu um passo à frente e retirou uma bolsa que carregava nas costas, entregando-a diretamente para Hector.

— Aqui deve haver provisões de uma semana para um homem, mas deve bastar para os dois se forem espertos. Você mudou de opinião, fidalguinho? — perguntou a Hector. — Escolheu um aliado perigoso. Você sabe que não há caminho de volta, não sabe?

— Espero que pensem que fui raptado durante o ataque.

— Se conseguirmos recuperar alguns de nossos homens derrubados durante a batalha, vai parecer um ataque Wyldermen a olhos leigos, como você havia solicitado, milorde — sussurrou Tyrell. — Eles não sabiam por quem haviam sido atacados, e com a cobertura das nuvens vão ficar ainda mais sem saber quem era o inimigo.

— Serviço esplêndido, capitão — cumprimentou o Bearlord, batendo nas costas do homem. Ele voltou-se para Drew, deitado no chão, tremendo e com calafrios. — Pelo velho Brenn, o que lhe fizeram? — falou, arfante. Bergan retirou seu modesto manto, agachando-se para colocá-lo em volta dos ombros do jovem.

— Isto é o máximo que posso fazer por você, Drew. Pude ajudá-lo desta vez, e é isso. Você não me viu hoje à noite. O rei não pode saber que eu o ajudei. Seria problemático demais para meu povo. Eles dependem de mim, e sempre mantenho a paz do jeito que posso. Você entende, não?

Drew fez que sim, esforçando-se para encontrar palavras. Ele cerrou os dentes e ajustou a mandíbula.

— Por quê? — acabou perguntando.

— Por que o quê, rapaz? Por que o estou ajudando?

Drew fez que sim enquanto o Bearlord aproximava-se, sua voz baixa sob a barba vermelha cerrada.

— Eu lhe devo um grande favor, Drew. Você pode não saber, mas salvou a vida de uma pessoa que me é muito cara, e eu não tinha como retribuir. Considere minhas ações desta noite como a quitação dessa dívida.

Drew não entendeu o que o homem quis dizer, mas presumia que o Werelord havia ficado sensibilizado por ele devolver Hogan a salvo a Brackenholme, onde os curandeiros poderiam cuidar de seus ferimentos. Ele tinha a impressão, certamente, de que os dois eram próximos e de que Bergan tinha altíssima consideração pelo velho guardião.

— E o rei? — perguntou Drew. — E Leopold, milorde? Você o desafiará agora? Alguém tem de fazer isso, e fico atônito em ver que você não tem medo dele.

O Bearlord gargalhou, uma risada profunda na garganta. Moveu a cabeça de um lado para o outro.

— Não, rapaz. Se tenho ou não medo dele não vem ao caso. Tenho de pensar naqueles que estão em Brackenholme, que contam comigo para lhes prover segurança e defesa na Dyrewood. Não me importo com o que ele fará comigo, mas e com meu povo? — Mais uma vez, ele balançou a cabeça.

Drew insistiu em seu ponto de vista: — Parece que seu povo já está sofrendo, duque Bergan. O vendedor no mercado? Seus homens deixaram-no ser atacado e não fizeram nada para impedir!

O Bearlord soltou um grunhido, e Drew viu o reluzir de dentes à mostra no escuro da barba ruiva. Ele encolheu-se, repentinamente ciente não apenas do poder do duque Bergan, mas também da linha que havia ultrapassado. Hector caiu para trás, agindo por instinto. O jovem Bearlord já estivera daquele lado vezes o bastante para reconhecer sinais de alerta.

— Não me pressione com isso, garoto — disse. — Todos nós fazemos tudo que podemos para seguir em frente. Os tempos estão difíceis para todos em toda a Lyssia.

— Desculpe, milorde, não era minha intenção ofendê-lo. Apenas me dói ver pessoas inocentes sofrerem dessa forma.

— Acostume-se, Drew — suspirou Bergan, seu rosto repentinamente abrandando-se, e uma grande tristeza substituindo a raiva que o havia tomado momentos antes. — Não há canto do continente que não tenha sentido privação sob as patas de Leopold. — Ele colocou a mão sobre o ombro do jovem, apertando-o para dar ênfase a suas palavras. — Ouça.

Você precisa sair daqui, e logo. Meus homens já estão se retirando. A Guarda Princesca de Lucas vai começar a busca pela floresta com as primeiras luzes. Você terá de estar distante. Onde? Não sei. Agora não é meu problema. É seu. Seja discreto. E mantenha-se escondido. Seguro.

Drew e Hector não conseguiam mais ouvir o barulho da batalha. Em vez disso, vozes gritavam enquanto a Guarda Princesca reagrupava-se.

Bergan ergueu-se de novo, fazendo sinal para Harker preparar-se para a retirada. O capitão encapuzado abaixou-se para apertar a mão de Drew.

— Boa sorte, Drew da Dyrewood. Desejo-lhe sorte na sua jornada e rezo para que o velho Brenn cuide de você. Fico feliz em tê-lo conhecido. — E com isso o capitão se foi, de volta às árvores para preparar a volta de seu mestre até o lar.

O cavaleiro que permanecera ali volveu seu animal.

— Pai, se me permite, quero recolher meus homens. Precisamos estar longe daqui antes que a Guarda Princesca se recupere.

O duque Bergan fez um sinal de concordância com a mão para o outro.

— Seja rápido, Broghan. Lembre-se, não vamos deixar ninguém para trás, ferido ou caído. Não quero pistas de quem os atacou.

— Como desejar, pai — disse o cavaleiro, impelindo seu fiel cavalo.

Drew ergueu-se com a ajuda de Hector, que já estava tateando sua algibeira atrás de um remédio que ajudaria Drew a recobrar as forças.

— Ah — disse o duque Bergan, parando subitamente quando estava prestes a partir. — Quase esqueci. Você vai precisar disto. — Esticando-se até o outro lado de seu cavalo, ele soltou algo que estava preso à sela.

Reapareceu carregando uma espada embainhada, e a passou adiante. Drew pegou o cabo da Wolfshead com uma das mãos e o cinto de armas com a outra.

— Conheço esta espada — confessou o Bearlord. — Lutei com seu pai, e tenho certeza de que ele gostaria que você ficasse com isto, assim como todos os soldados na sua Guarda Lupina. Traí aquele homem muitos anos atrás; quebrei uma promessa feita a ele e viverei com essa culpa até o túmulo. Se isso de alguma forma servir de compensação, então espero que agora ele esteja me olhando lá de cima. — E levantou a cabeça para os céus.

— Morto? — sussurrou Drew. Pai Ferran estava muito vivo da última vez que o vira. Como o duque Bergan o conhecia? — Meu pai está vivo. Eu lhe disse, lembra-se? Ele tentou me matar com esta espada.

— Não me refiro ao homem que o criou, Drew — disse o duque Bergan, subindo à sela. — Estou falando do seu verdadeiro pai. Meu amigo, o rei: Wergar, o Lobo.

A cabeça de Drew rodou, e Hector mexeu-se para segurá-lo em pé enquanto seu corpo cambaleava.

— Você é o último dos Werewolves, Drew. Não relute, filho; aceite o fato. Domine-o. Pode ser a única coisa capaz de mantê-lo vivo.

Ao dizer essas palavras, o Lord de Brackenholme esporeou os flancos da montaria, e eles dispararam numa corrida alucinante noite adentro, deixando Drew e Hector tentando assimilar o golpe.

PARTE 3



O
RIO
REDWINE

1: A estrada para Redmire

Ele viu a corça parada, imóvel, as orelhas estáticas e a cabeça esticada. Seu nariz estava em busca de algum sinal de alerta que o vento pudesse trazer.

Ainda assustada, ela deu dois passos, mudando de posição e agitando-se nervosa, pronta para saltar ao menor sinal de perigo. Seu filhote dava pulinhos, alegre e indiferente ao fato de estarem sendo perseguidos. O prado aberto era silencioso, à exceção do galhar distante de um corvo. As sombras passavam rápido por sobre o capim alto, enquanto as nuvens corriam pelo céu azul. A corça olhou para cima, brevemente distraída pela formação das nuvens. Foi nesse momento que ele atacou.

Irrompendo da grama alta, Drew lançou-se sobre os animais. A mãe conseguiu fugir do perigo, mas o pequeno cervo não teve tanta sorte. Com um rápido estalo, o pescoço do animal se quebrou, e a refeição da noite estava em seus braços.

Drew tinha grande prazer na caça e ainda mais pelo fato de que podia fazer isso sem ter de recorrer à natureza bestial que espreitava seu interior.

Na Dyrewood, selvagem e sozinho, ele aceitara o que agora sabia ser o Lobo, e deixara-o tomar o controle, abrindo-se para o instinto assassino em seu coração. Então, agora que voltava a conviver com homens, ele usava os talentos que aprendera na vida selvagem e ainda podia manter sua humanidade. Os sentidos estavam mais aguçados do que nunca, ele sentia-se mais em forma, mais forte e mais rápido do que em qualquer momento de sua vida.

No curto caminho de volta ao acampamento improvisado, ele ficou abaixado, vasculhando o horizonte com a cabeça, o corpo escondido na vegetação. Naquelas grandes extensões de pradarias, sua visibilidade estendia-se por quilômetros, mas qualquer outro poderia avistá-lo com igual facilidade. Bastaria um soldado da

Guarda Princesca detectá-lo que, sem pestanejar, iniciariam o ataque.

Hector estava sentado ao lado de uma pequena fogueira, que ele alimentava com galhos e pequenos troncos. Ele sorriu ao ver Drew aproximar-se com o cervo e arrastou-se para o lado para deixá-lo assumir os trabalhos. Os dois jovens trabalhavam bem em equipe, Drew percebera.

Hector passara a vida confortavelmente em bibliotecas, cortes e câmaras de conselhos, e essa jornada pelo mundo selvagem era a maior aventura pela qual já havia passado em sua curta existência. Era observador e atento, e qualquer tarefa que Drew lhe apresentava, como juntar lenha e cuidar da fogueira, ele dominava imediatamente. A mente culta do Boarlord claramente o ajudava a aprender rápido.

Sem dizer nada, Drew ficou de joelhos enquanto Hector lhe entregou uma faca de sua algibeira. Com um corte certo, Drew abriu as estranhas do animalzinho e começou os trabalhos de estripar e tirar a pele. Hector afastou-se da sujeira que inevitavelmente começou a se formar, pegou um livro da bolsa e começou a ler. Drew olhava-o de vez em quando, vendo-o imerso na leitura.

Hector estava fora de forma. Provavelmente nunca estivera em forma, Drew pensava. Cercado de privilégios, esse Werelord estava acostumado a que lhe trouxessem tudo, levando uma vida de regalias se comparada à de Drew. Ele não o invejava; longe disso. Pelo contrário, observava o amigo com uma grande dose de admiração. Gente como Vankaskan e o príncipe Lucas podia tê-lo tratado como idiota, chamando-o de nomes impróprios, mas Drew via além das fraquezas físicas de Hector. O menino havia se colocado em grande perigo ao ajudar Drew na fuga uma semana antes, e sua vida pregressa na corte de Highcliff agora seria impossível. Drew viu um coração valente no jovem curandeiro e tinha orgulho de tê-lo a seu lado durante a fuga.

Momentos depois de o duque Bergan deixá-los, eles fizeram uma marcha forçada para afastar-se da Dyrewood, sem parar até chegarem à fronteira. Depois de caminhar durante a noite e o dia

seguintes, parecia que os homens do príncipe não os perseguiriam mais, o que não era o mesmo que dizer que seus inimigos haviam desistido de sua busca. Cautela era a palavra-chave deles. Desde então, viajavam durante a noite e acampavam de dia, tentando fazer o melhor para evitar estradas ou caminhos em que pudessem encontrar outras pessoas. Podia acontecer de encontrarem alguém solidário, mas gestos gentis não valeriam a pena se viessem a colocar pessoas em risco diante dos homens do rei. Drew conseguia imaginar os soldados de Lucas chegando a uma fazenda para interrogar um fazendeiro honesto e a rápida demonstração de justiça que se seguiria. Com isso em mente, eles passavam longe de todas as casas e assentamentos que estavam em seu caminho.

Também era uma sorte Hector conhecer as terras que eles agora estavam atravessando, não tanto por experiência própria, mas pelos estudos na sala de mapas de seu pai. Eles seguiram pelas margens do extenso e veloz rio Redwine, que descia desde o nordeste. Era utilizado como rota de comércio pelo povo de Hector, serpenteando pelo campo até o mar ao sul de Highcliff. Sua nascente ficava no alto das vastas e traiçoeiras montanhas Barebone, que se estendiam pela fronteira leste da Dyrewood.

Na noite anterior, Drew e Hector foram forçados a tomar a estrada Dymling na direção norte da Dyrewood, abrindo caminho pelos prados. A extensa ponte Dymling, feita de pedra, unia as margens norte e sul do Redwine em seu ponto mais estreito. Drew corria, e Hector vinha logo atrás, os dois bem cientes de que ela era utilizada frequentemente por viajantes, mesmo à noite. Enfim deixaram a estrada Dymling para entrar propriamente no Redmire, do outro lado. O restante do caminho estendia-se a norte por muitos quilômetros mais, antes de chegar à Grande Estrada Ocidental.

Hector explicara a Drew que essa antiga passagem era uma das principais artérias dos Sete Reinos. Dizia-se que quem controlasse a Grande Estrada Ocidental controlaria Highcliff. Por isso, o rei decidira morar ali. A terra natal de Hector, Redmire, ficava aninhada entre essas duas grandes estradas, ao norte do reino florestal do duque Bergan em Brackenholme.

Mais ao norte, Drew conseguia distinguir o reino de Sturmland e suas montanhas cobertas de neve, os Picos Brancos, assim Hector explicara, embora o duque Henrik não houvesse se aventurado a deixar os Picos desde as campanhas de Wergar, muitos anos antes. Icegarden fora construída sobre uma das montanhas mais altas da Lyssia, a Strakenberg, sendo a riqueza de Sturmland dependente das raras — e alguns diriam encantadas — pedras e metais preciosos minerados logo abaixo. Dizia-se que os melhores ourives de todos os Sete Reinos vinham de Sturmland e sabiam dotar suas criações de magia.

Depois de Hector explicar a Drew sobre o local e seus povos, o jovem percebeu quão distante estava de casa. Como um camponês, Drew sabia tão pouco sobre os Werelords que não pôde ajudar e sentiu-se embaraçado por sua ignorância. O resto do continente Lyssia era todo novo para ele. Uma olhada para o sul revelara Dyrewood ao longe, iluminada pela Lua, seus contornos ameaçadores preenchendo o horizonte até onde sua vista alcançava. Muito além ficava seu lar na Costa Gélida, a cidade mercante de Tuckborough a um mundo de distância, e, após dias de conversas tranquilas com Hector, Drew viu-se com profunda saudade do irmão. Ele ficara imune a esses sentimentos durante sua estada na Dyrewood, mas gradualmente seus instintos humanos começavam a retornar.

Enquanto se perguntava sobre Trent, ele ainda não conseguia pensar direito no destino terrível de sua mãe. Essa era uma ferida que nunca seria curada em seu coração, a morada eterna das memórias dela. Depois de tudo que o duque Bergan dissera, ele não sabia nem se Trent era seu verdadeiro irmão — suas feições distintas sempre haviam sido motivo de piada, e ele jamais demonstrara a raiva primal que atacara Drew. Mas depois de uma vida inteira juntos, eles estavam destinados à amizade, mesmo que não pelo sangue. Ele perguntava-se onde estaria Trent naquele momento. Ainda na Fazenda Ferran? Ou já a teria deixado para alistar-se no exército, como sempre quis fazer? Hábil com cavalos, Trent sempre sonhara em chegar à Cavalaria Ligeira. Enquanto

caminhava ouvindo Hector, Drew desejava apenas que seu irmão estivesse a salvo.

Após encontrarem um lugar seguro para montar acampamento naquela manhã, os dois meninos preparavam-se para dormir. Agora, com a noite chegando, Drew confiava que a luz esvanecente esconderia qualquer sinal da pequena fogueira. Depois de terminar a preparação do cervo, ele improvisou um espeto com um galho, e passou a carcaça ao longo de seu comprimento, suspendeu-a sobre uns galhos de pé, sobre o fogo, e afastou-se enquanto a carne cozinhava.

— Então, os Werelords... — disse Drew, quebrando o silêncio. Hector tirou os olhos de seu livro. — De onde viemos todos?

Hector marcou a página em que estava, fechou o livro e depositou-o em sua algibeira. O fogo faiscava, e a carne crepitava enquanto ele dava um pigarro.

— Quando os primeiros Werelords foram criados por Brenn, o Criador, diz a lenda que eles deveriam reunir-se, uma vez por vida, para discutir o estado do mundo. Digo uma vez por vida porque os contos dizem que, ao morrer, cada Werelord transmite a essência de sua espécie a seus descendentes. Esse ideal “puro-sangue” ainda se sustenta com alguns até hoje, com a premissa que o espírito dos ancestrais ainda resida e queime no interior de cada Werelord reinante atualmente. — Seguindo essa lógica, uma parte do primeiríssimo Wereboar ainda queima em meu pai. Quando ele deixar este mundo, essa essência será passada para mim, como primogênito, e minha será até a morte. Tenho certeza de que esses “espíritos” residem em cada um dos Werelords atuais.

Hector encolheu os ombros e continuou: — É uma crença espiritual, e algo de que faço parte, mas você decide se quer ou não aceitar. Não o acusarei de má vontade se decidir não concordar. Esses encontros consistiam em grandes banquetes, onde os Werelords jantavam juntos e assim conseguiam deixar de lado ressentimentos ao quebrarem o jejum com seus irmãos. O espírito desses antigos encontros permanece entre os Werelords até estes dias, e os encontros tornaram-se mais frequentes. O Grande Banquete acontece em cada Reino a cada sete anos.

Drew estava perdido em pensamentos. Hector aprumou-se e virou a carne no espeto. A gordura escorreu, sibilando ao cair na fogueira voraz. O

sol já havia quase se posto. Assim que comessem, voltariam à estrada uma vez mais. Hector disse que estariam na casa do pai antes do amanhecer, enchendo Drew de esperança.

— Quantos tipos de Werelords existem? — ele perguntou. — Sei que há os leões, os ursos, os javalis, os lobos como eu... — Aquilo ainda parecia irreal, mas por dentro ele sabia que era verdade.

— O mundo está cheio de mutantes — respondeu o amigo. — Tenho certeza de que há alguns em terras distantes, dos quais nem temos ciência, que tomaram caminhos diferentes dos nossos e vivem em sociedades muito, muito diferentes. Mas os Werelords da Lyssia são as feras que você encontra ao viajar por estas terras: lobos, raposas, ursos *etc.* Os mais notáveis você já citou, embora o rei Leopold não seja do norte, pois as origens de sua família estão no sul distante. Há o duque Manfred, Lord de Stormdale, um Werestag, ou cervo. É um antigo aliado do duque Bergan, das campanhas em Wergar, suas terras ficam nos contrafortes das Barebones. Acredito que não aceitaria de bom grado o que temos para oferecer como jantar esta noite — ele disse, rindo.

Drew riu com Hector, que continuou: — Há o finado conde Gaston de Hedgemoor, o Werewolf, uma raposa, que foi um dos mais ricos dos Werelords. Há Werelords menores também, que estavam presentes no Grande Banquete, mas não encontravam lugar à mesa; os Texugos, os Lontras e outras criaturas comuns à floresta.

Drew riu ao imaginar um Homem-Lontra.

— Não zombe, Drew — disse o outro, sério. — Todos têm orgulho de suas origens e de seu lugar no Grande Banquete como qualquer dos Werelords, e você deve saber seu lugar caso cruze o caminho de um deles.

— E os Werelords unem-se somente com sua própria espécie? — perguntou Drew. Ele sentiu as bochechas enrubescer, embaraçado por levantar a questão. — Quero dizer, os Lobos ficam com os Lobos, e os Leões com os Leões?

— Oh, não, qualquer Werelord pode cruzar com outro. De que outra forma manteriam sua força? Se fizerem cruzamentos demais, a espécie fica fraca. Não, os Werelords, em sua maioria, escolhem suas noivas de outra casa e raça nobre. É muito raro que tais casamentos aconteçam por amor; estamos falando de política, Drew. Os casamentos de Werelords são inevitavelmente arranjados para fortalecer uniões entre duas casas nobres.

Drew coçou a cabeça, esforçando-se para entender.

— Então, digamos que um Urso se case com um Javali... como seriam as crianças?

— A prole? Depende da linha paterna. Se o pai é um Urso, então assim serão as crianças invariavelmente. Às vezes surgem anomalias, nas quais o animal materno se destaca, mas isso é mais raro. A linhagem da mãe é em grande parte irrelevante; a única condição é que ela também seja um transmorfo. Essa é a única maneira de garantir que as crianças serão puro-sangue.

— Puro-sangue?

— Houve ocasiões na história em que um Werelord casou com uma mortal. A prole dessas uniões também pode vir a ser transmorfa, mas geralmente são mais selvagens e bestiais, tendo controle limitado de suas habilidades.

Hector observou Drew balançar a cabeça de surpresa.

— Isso é muito para sua cabeça de uma vez só, não é, Drew?

— Então são os animais de sangue quente como eu e você que constituem as raças Were? — ele perguntou, tentando recompor-se.

— Não, há transmorfos em várias partes do mundo que vêm de origens bastante diferentes. Há os que se transformam em águias, Homens-Lagarto, Senhores dos Mares; a lista não é infinita, mas, como falei, há transmorfos por aí dos quais nenhum de nós sabe.

— E Vankaskan, o Wererat? Qual é o lugar dele nisso tudo?

Hector inspirou por entre os dentes, balançando a cabeça.

— Havia alguns convidados indesejáveis no Grande Banquete. Tinham tomado seu lugar à custa de outras raças, massacrando os que eram mais fracos que eles. Desde então, não fizeram nada para mudar a percepção que os outros Werelords têm deles. Os Wervermin, os insetos, encontraram lugar nos Sete Reinos como

diplomatas e cortesãos, mas na verdade sua especialidade era mesmo a dissimulação e a deslealdade. Eles são espiões dos poderosos, e assassinos para os traiçoeiros. Dominaram sua habilidade de transformação e alcançaram um nível que nenhum outro Werelord consegue. Alguns dizem que podem tomar qualquer forma humana que desejarem, daí sua utilidade em questões de espionagem. Não são merecedores de confiança.

— E ainda assim você trabalhou com um deles — disse Drew, imediatamente lamentando o comentário.

— Eu sei. — Hector parecia amargo e desapontado; se consigo mesmo ou com seus mentores, Drew não sabia dizer. — Mas até conhecer você pensei que não tinha escolha nessa questão. Você me mostrou que nenhum homem pode ser escravizado, e por isso tenho dívida eterna com você, Drew.

Drew ergueu a mão para silenciar Hector.

— Devo pedir desculpas — falou. — O que acabei de dizer foi injusto.

E eu lhe devo a minha vida por ajudar a me libertar e por restaurar minha saúde, então podemos dizer que estamos quites?

Os dois concordaram com a cabeça e bateram-se as mãos.

— Bem, este é nosso Grande Banquete. Um dia talvez sentemos juntos num conselho como aquele, hein? — Piscou para Hector enquanto alcançava a carne assada, cautelosamente removendo-a do espeto. Ao empurrar sua refeição para dentro, Drew soube que a vida da qual fizera piada nunca seria vivida por eles. Agora eram fugitivos, e seu caminho os levaria para outros lados.

2: A corte de Boarlord

Depois de alimentados, Drew e Hector cobriram a fogueira com terra seca, acabando com as chamas e abafando a fumaça. Com suas bolsas, eles partiram pelas pastagens, as estrelas a cintilar no alto, e a Lua mais uma vez iluminando seu caminho na última extensão da jornada ao longo do rio Redwine, em direção a Redmire. Além de tudo, Drew também era grato pelo par sobressalente de culotes que Hector havia guardado nos fundos de sua algibeira. Ficavam meio soltos em torno da cintura magra de Drew, mas lhe davam mais dignidade do que se continuasse vagando nu por ali. Com o manto do duque Bergan, ele tinha grande proteção contra as intempéries.

Vivera como um animal selvagem por seis meses — o vento fresco do norte não era nada.

O caminho passava perto de algumas vilas remotas na vizinhança da cidade de Redmire, pequenas fazendas que proviam o sustento do povo do Boarlord. Sendo também um camponês, Drew não pôde deixar de notar que todos os campos estavam áridos, e as poucas ovelhas que viam pareciam desnutridas e esqueléticas.

— Não quero ofendê-lo, Hector, mas os fazendeiros da Costa Gélida poderiam ensinar algumas coisas aos daqui sobre como cuidar bem de suas terras. Onde estão as plantações? Onde está o gado?

Seu amigo suspirou.

— Como disse o duque Bergan, Drew, são poucos os que não sofreram nas mãos do rei. — Ele de repente olhou por cima do ombro, pouco acostumado a falar dessa maneira sobre seu monarca, e com medo de ser ouvido a qualquer momento. Então, ao perceber como sua reação fora ridícula, prosseguiu: — O povo de Redmire esforça-se, entenda. Não temos tantos problemas quanto os outros. Mas o aumento dos impostos reais para financiar os militares atingiu nossos fazendeiros com bastante força. A maior parte dos grãos foi confiscada pelo exército, e devastaram o gado;

ovelhas, bois, mesmo porcos, que até recentemente eram considerados animais sagrados em Redmire. Sim, Boarlords; faz sentido, não faz? Bem, o rei livrou-se de várias das antigas tradições, e seus homens abriram caminho de forma brutal por toda parte em nossa terra. O rei diz que o bom povo de Redmire devia estar orgulhoso de alimentar a Guarda Leonina, nosso exército. Nosso exército. Que piada. — Hector balançou a cabeça, sentindo-se um desgraçado.

— Sinto muito — murmurou Drew. — Não havia percebido. Parece que acontece tanta coisa no mundo fora de Tuckborough. Estamos tão... alienados.

— Não precisa pedir desculpas, Drew — respondeu o Boarlord, com um sorriso tranquilizador. — Não tem como ser culpa sua, não é? É do rei Leopold e seus camaradas. Não há nada que você possa fazer quanto a isso, mesmo se quisesse, não é?

— Eu sei — sussurrou Drew, seus pensamentos enevoados pela tristeza.

Ele lembrou-se das aulas de história que a mãe costumava lhe dar. Eram superficiais, e quase sempre tratavam dos anos antes da ascensão do Werelion, mas as coisas certamente pareciam mais felizes. Não haveria alguém capaz de desafiar o rei? Como ele conseguira romper tantas das antigas alianças?

Pouco antes do amanhecer, os dois jovens viram-se na pequena paliçada que marcava o perímetro da cidade de Redmire. Como Hector explicara a Drew, seu povo era pacífico e, em grande parte, neutro em relação aos Werelords. Não eram conhecidos por ter grandes castelos nem cidades cheias de torres; seus gostos eram bem mais simples. Como os Boarlords eram famosos por serem mestres da cura, não fazia sentido comprar briga com eles. Além disso, as terras eram ricas de ervas medicinais inexistentes no resto da Lyssia, e somente a família de Hector tinha o segredo de como as colher, preparar e aplicar.

Os portões se abriram, e Hector disse a Drew que isso não era incomum. Mas Drew ficou nervoso. Ele esperava ver os mantos vermelhos da Guarda Leonina a qualquer momento. Com os nervos

à flor da pele, inspecionou as redondezas. O povo de Redmire era do tipo trabalhador, fazendeiros que cuidavam de seu gado e dos prados, pescadores que trabalhavam na parte rasa do Redwine. Ainda encapuzados, os dois viajantes seguiram pela rua principal até o centro. Gente da cidade passou por eles, a caminho do trabalho. Não deram atenção especial às duas figuras de manto, apenas dando cumprimentos de bom-dia antes de seguir seu caminho. Instantaneamente, Drew sentiu-se em casa. Tinha a impressão de que as pessoas dali não eram muito diferentes das da Costa Gélida. E

também sentiu uma pontada de tristeza por uma vida que agora se fora. Ele arrastava-se atrás de Hector.

Observando o lugar, Drew viu que os prédios em sua maioria eram estruturas de madeira, com um, dois ou três andares. Eles passaram por vendedores de verduras e açougueiros armando suas tendas na rua e por um mercado rodeado por jardins floridos. Logo chegaram à Prefeitura de Redmire, a casa do pai de Hector, o barão Huth.

Parecia uma grande cabana de caça, modesta se comparada ao que Drew imaginara ser. Não havia muros nem guarita na frente, apenas imensas portas duplas onde dois guardas com lanças faziam a vigília.

Usavam túnicas de malha de ferro que iam até os joelhos, com um colete verde de mangas curtas e capuz por cima que trazia um brasão: um javali branco em posição de ataque. Era a maior edificação da cidade, mas com apenas três andares. Atrás dela, Drew conseguia ver o rio Redwine, molhes distantes e vários cais próximos à água onde barcos estavam ancorados e amarrados.

Hector subiu os degraus de madeira até os guardas, que instintivamente cruzaram as lanças para barrar seu caminho. Ao retirar o capuz, os homens instantaneamente relaxaram, e não conseguiram esconder a surpresa de ver o jovem Boarlord à porta.

— Lord Hector — disse um, curvando-se. — Não sabíamos que estava voltando para casa, milorde. Se enviou mensagem, ela nunca chegou, ou o teríamos encontrado na fronteira para escoltá-lo.

Hector agitou a mão.

— Não se preocupe, Gerard. Meu retorno é inesperado e não deve ser anunciado. Gostaria que minha chegada não ultrapassasse os muros da Prefeitura de Redmire. Isso é de extrema importância.

Ambos os homens concordaram. Gerard deu um passo à frente e bateu na porta. Um Sentinela abriu uma janelinha na porta, viu que tudo estava sob controle do lado de fora e voltou a fechá-la. Uma grande fechadura girou, e as portas chacoalharam, abrindo-se para dentro. Hector seguiu em frente, com Drew logo atrás. Por instinto, Drew manteve-se encapuzado.

O salão de entrada era um lugar grande e espaçoso, com assentos de couro que percorriam toda a lateral da câmara. Dois outros guardas que faziam a segurança no interior arregalaram os olhos ao verem Hector. Uma longa escada dupla seguia até o primeiro andar, com lindos corrimãos de teixo polido que faziam curvas para os dois lados. Hector desamarrou seu manto enquanto uma criada vinha correndo de uma antecâmara. Ele sorriu, dobrou o manto e o entregou a ela.

— Obrigado, Marie — ele disse, carinhoso. Olhou para Drew e gesticulou para que ele fizesse o mesmo. Drew não se mexeu. — Está tudo bem, Drew. Você está a salvo. Ninguém sabe da sua presença aqui.

— Se não se importar, Hector, ficarei com meu manto — respondeu, abrindo-o levemente para revelar seu estado de nudez: estava lá de peito aberto com calças frouxas e rasgadas, mais uma espada, a bainha e o cinturão, as únicas coisas que não o deixavam totalmente nu. Sentiu sua face enrubescer, fechando o manto enquanto a jovem servente desviava os olhos de seu torso. Foi uma pequena consolação vê-la tão envergonhada quanto ele. Hector concordou, compreendendo enfim.

Hector se encaminhou até a escada, e Drew foi atrás. Ao cruzar o patamar de madeira, eles se dirigiram para os fundos da casa, onde o primeiro andar abria-se para uma grande varanda de uns quinze metros de extensão. A vista do Redwine era de tirar o fôlego. Com os primeiros raios do Sol nascente atingindo a água,

ela parecia brilhar como um vinho bem tinto, o que deixava clara a razão de seu nome.

Um senhor de idade encontrava-se reclinado numa grande cadeira de carvalho, aninhado numa massa de almofadas. Uma bandeja de café da manhã com ovos e queijos pela metade estava no chão próximo a ele. Do outro lado, um jovem imponente acomodava-se numa cadeira menor.

Quando o idoso viu Hector, ergueu-se e se dirigiu até o jovem em curtíssimo tempo, embora mancasse bastante e fizesse daquilo algo pouco gracioso. De braços abertos, tomou seu filho num abraço apertado.

— Milorde — disse Hector, abraçando-o de volta com força. — Desculpe visitá-lo sem avisar.

— Ora, meu garoto, não seja ridículo. Desde quando você se preocupa em voltar para casa sem ser anunciado? — Foi nesse momento que o velho senhor percebeu a companhia seminua, de cabelos compridos e visual selvagem que estava em pé junto à entrada. — Quem é este? — perguntou.

— Este é Drew da Dyrewood; ele é meu amigo, e lhe prometi abrigo por algum tempo. Podemos acomodá-lo?

O idoso encarou Drew, inspecionando-o. Drew estava envergonhado por estar ali como um maltrapilho, seminua, apenas com um manto jogado sobre os ombros cheios de cicatrizes.

— Você deve acreditar quando digo que a aparência dele trai suas...

verdadeiras origens, pai — Hector explicou rapidamente.

Mas o velho Boarlord não olhava para as roupas grotescas de Drew — e sim diretamente para seu rosto. Drew levou a mão até o queixo, olhando pela cortina de cabelo emaranhado que constituía sua franja. Havia uma barba áspera sobre seu rosto. Ele se sentia um lixo e não conseguia esconder o constrangimento na presença do idoso Werelord. Mas o velho parecia não se importar.

— Certamente — disse o barão Huth. — Não vejo motivo para não ficar conosco. Lugar é o que não nos falta. Um amigo de meu filho é também meu amigo. Venham, meninos, sentem-se.

Com isso, o jovem também se levantou de sua cadeira e andou até eles.

Então, abraçou Hector, embora com alguma relutância.

— Irmão — disse Hector, beijando-o na bochecha.

— Irmão — respondeu o outro jovem. Era quase a cópia perfeita de Hector, embora a vida na estrada houvesse deixado Hector mais esguio.

— Como vai a vida em Redmire, Vincent? — Hector perguntou.

— É

tão bom vê-lo — acrescentou em tom levemente estranho.

— A vida em Redmire segue como você deve imaginar — respondeu Vincent. — Trivial. Como anda a vida na corte do rei em Highcliff? É

muito amável de sua parte honrar-nos com sua visita.

— Por favor, caro irmão — disse Hector. — Não faça isso. Não estou em Highcliff por vontade própria. Trocaria de lugar com você num piscar de olhos.

— E por que não o faz, caro gêmeo? — Vincent respondeu, frio.

“Gêmeo?”, pensou Drew. Hector não dissera que tinha um irmão, quanto mais gêmeo.

Os três jovens puxaram cadeiras em direção ao trono de madeira, acomodando-se apenas depois de o Boarlord tomar seu assento. O barão Huth estava prestes a falar, quando passos vindos da escada o interromperam. Ele viu uma jovem transpor a porta aberta. Ela parou, tomada de surpresa.

— É meu querido primo Hector? — disse, estupefata. Hector se levantou de seu assento, com um sorriso de nervosismo pueril explodindo em seu rosto.

Drew sentiu o fôlego deixar seus pulmões. Era a garota mais arrebatadora que já vira. Talvez fosse alguns anos mais jovem do que ele, talvez tivesse catorze, com ondas e ondas de cabelos ruivos que lhe desciam pelas costas. Tranças mantinham o cabelo no lugar sobre a testa, e seu longo vestido escarlate era bordado com pequenos passarinhos dançantes.

Ela avançou para tomar as mãos de Hector.

— Lady Gretchen — murmurou Hector, ofegante e fazendo uma mesura desajeitada. — Que adorável revê-la! O que está fazendo aqui?

Drew continuou sentado, sentindo-se ainda mais envergonhado, agora que estava na presença de donzela tão elegante.

— Ela vai ficar conosco enquanto aguarda suas núpcias, Hector — respondeu o barão Huth. Podia ter sido imaginação, mas Drew notou um toque de insatisfação na voz do Boarlord. — O rei deseja que ela parta de barco de Redmire para Highcliff. A intenção dele é mandar uma frota de barcos pelo Redwine para escoltá-la até o casamento.

Gretchen sorriu com um olhar travesso: — Isso mesmo. O gentil Tio Huth tem sido o mais amável dos anfitriões — disse, saltando para plantar um beijo nada apropriado na bochecha do idoso. — Seu pobre pai vem aguentando minhas damas de companhia tagarelas já por duas semanas. Qualquer homem são ficaria louco! Não entendo como ele consegue.

O barão Huth revirou os olhos, em concordância: — Foi um prazer cuidar de você, milady, e eu e minha casa estamos a seu serviço pelo tempo que precisar de nós.

— Não se preocupe, tio — disse. — Estarei longe daqui logo, logo.

Highcliff me espera, e, por mais agradável que seja sua cidadezinha, admito que anseio pela cidade grande e por meu assento na corte real ao lado do príncipe Lucas.

Hector ficou nervoso com a menção às frotas de barcos e ao príncipe Lucas. Drew permaneceu sentado, evitando olhar a jovem. De repente ela o notou, como se antes estivesse invisível.

— Pai, você diz que o rei está enviando embarcações para cá? — questionou Hector.

— Sim, daqui a pouco mais de um mês — respondeu o idoso.

Hector voltou-se para Drew. Seu olhar era sério: — Acho que não podemos ficar muito tempo por aqui — ele disse ao amigo.

— E diga-me, primo, quem é este homem e por que raios ele permanece sentado na presença de sua futura rainha? — disse Lady Gretchen, ríspida.

O rosto dela era uma máscara de horror, como se Drew houvesse cometido o mais pavoroso dos atos. Ele rapidamente ergueu-se, curvou-se desajeitadamente, e o manto sujo caiu aos seus pés.

— E por que raios ele está nu? — Ela fitou Drew de cima a baixo como se ele tivesse acabado de sair de um bueiro, e deu um passo para trás. — E

quando foi a última vez que tomou banho? — ela disse, ofegante, com a mão à boca.

— Pai — disse Hector, com o rosto tenso de preocupação quanto ao que estava por vir. — Precisamos conversar.

3: A raposa e o cão

O barão Huth não recebeu bem as notícias de Hector. Drew havia deixado pai e filho para falarem a sós sobre as novidades das semanas anteriores, discutindo sobre tudo, desde sua chegada a Brackenholme até a chegada à Prefeitura de Redmire. Eles conversavam nos aposentos privados do lorde, acompanhados por Vincent.

A criada, Marie, levou Drew ao quarto de hóspedes, já com um banho quente preparado, e deixou-o a sós. Drew ficou mergulhado na água por mais de uma hora, cochilando enquanto o calor relaxava seus músculos cansados e ossos doloridos. Quando finalmente começou a lavar o cabelo, ficou horrorizado ao descobrir ali nós duros de sujeira, pois meio ano vivendo como ermitão tivera efeitos profundos sobre sua aparência.

Examinando uma penteadeira, ele encontrou uma faca, que usou para cortar fora os grandes nós. Aquilo o deixou mais ridículo do que antes, com tufos faltando por todos os lados. Fez uma careta ao se olhar no espelho.

Com seu cabelo de louco e a barba crescida ele parecia um lunático.

Suspirou. Não havia nada a fazer; quem sabe um chapéu ajudasse, pensou.

Drew encontrou um armário com grande variedade de vestimentas, desde as de caça e montaria até trajes dignos da corte do rei. Escolheu uma simples camisa marrom e culotes, e conseguiu enfiar os pés num par de botas de couro duro. Limpo e vestido, ele saiu do quarto e voltou à varanda.

Era o meio da manhã, e o terraço vazio indicava que pai e filhos ainda estavam entocados conversando. Drew encontrou uma cadeira e levou-a até a balaustrada para poder observar o rio. Ele sentia-se tão bem-vindo quanto uma epidemia de catapora em Redmire. Se pudesse, teria ido embora naquele instante. O som de movimentos atrás de si o fez virar-se. Era Lady Gretchen. Atrás

dela, três meninas, vestidas de maneira tão elegante quanto ela e mais ou menos da mesma idade, dando risinhos e falando baixinho entre si. Ele rapidamente ergueu-se e improvisou a melhor medida que pôde.

— Ainda está aqui? Mas que raio de coisa é essa que você está vestindo? — ela disse com desdém enquanto se dirigia a uma mesa ornada com frutas.

— Peguei no armário do meu quarto — disse Drew, de modo inocente.

Gretchen fez uma maçã rolar em sua mão, polindo-a em suas mangas escarlate.

— Creio que seja um avanço em relação ao modelo com que chegou.

— Ouviram-se risadinhas do trio de damas de companhia.

— Milady — protestou Drew. — Aquelas roupas não tinham intenção de ofendê-la. Eu estava na Dyrewood, eu...

— Jovem — cortou-o Gretchen. — Eu ficaria mortificada de chegar às portas de um Werelord de tamanha importância como o barão Huth vestida em trajes tão inapropriados. Não sei como se faz na sua Dyrewood, mas na sociedade civilizada consideramos pavorosa uma aparência tão grosseira.

Drew estava sem palavras. Quem ela achava que era, para falar com ele dessa maneira? Podia ser uma nobre donzela, mas isso não lhe dava o direito de dirigir-se a um estranho de maneira tão infame e abusiva. Mas ele segurou sua língua, lembrando-se de que era convidado de Hector e, portanto, do barão Huth. Ele não deixaria as palavras dela o desconcertarem. Não podia.

— Peço desculpas se minha aparência lhe ofendeu — disse com um sorriso de dentes cerrados. — Perdi a cabeça.

— Talvez seja bom cuidar do resto de sua aparência — ela prosseguiu, sem perceber o pedido de desculpas. — Um tosquiador de ovelhas atacou seu cabelo? Diga-me quem foi, mandarei açoitá-lo. — Ela riu, divertindo-se com a própria piada, virando-se para as companheiras, que davam risadinhas de aprovação.

Drew forçou-se a sorrir de volta, novamente fazendo medidas. “Agora chega”, ele pensou. “Entretenha-a. Ela vai se cansar logo.”

— Então me diga, valentão — ela prosseguiu. — Mas que raios está o querido Hector fazendo na companhia de um parceiro tão diferente como você? Você é uma espécie de servente? Você carrega as malas dele?

— Lord Hector tem sido deveras gentil comigo — respondeu Drew. — Chegaria a ponto de dizer que é um amigo, se tal empáfia de alguém tão baixo quanto eu não a ofender.

— Não me ofende — rosou Gretchen —, embora eu tenha certeza de que Hector veria problema nessa declaração. Seja qual for a razão que uniu vocês dois, estou certa de que, agora que ele está de volta ao lar em Redmire, a relação chegou ao fim. Você poderia seguir seu caminho, concorda? Não entendo o que o mantém aqui. Hector já está são e salvo.

Cuidarei para que você receba a recompensa que quiser, mas acho que é melhor que se vá antes que ele deixe os aposentos do barão Huth. Do que você precisa? Ouro? Comida? Um barbeiro? — Mais uma vez, as coadjuvantes riram. Um sorriso de satisfação estendeu-se pelo rosto de Gretchen.

— Se lhe for indiferente, milady, creio que vá esperar até Lord Hector encerrar os assuntos com seu pai. Partirei logo após dizer meu adeus. Não gostaria de abusar da hospitalidade que me foi oferecida.

— Tarde demais — ela murmurou com um suspiro amargo e deu uma mordida na maçã.

Drew considerava-se um bom juiz de caráter. Como poderia ter se enganado tanto com a garota? Sua primeira impressão fora de um rouxinol inocente, cativante e incapturável. Agora, em tão pouco tempo, via o que ela realmente era: uma garotinha rica e mimada, acostumada a ter as coisas à sua maneira. Drew era apenas mais um brinquedinho para ela apoquentar, como um gato que ataca um rato até ficar entediado. O príncipe Lucas se casaria com sua cópia. Ele apertou os dentes, segurando a raiva.

— Pegue seu manto e vá — disse Gretchen, com um bocejo. — Eu realmente acho que você é o jovem mais impertinente que já encontrei.

Transmitirei sua estima a Hector e os guardas escoltarão você até lá fora. — Ela partiu com as amigas, trabalho cumprido.

— Não — disse Drew.

Gretchen parou ali mesmo, virou-se sobre os saltos, o rosto tomado de repulsa. Drew soube que já dissera coisas mais espertas na vida, mas sentia-se bem em desafiá-la. Era claro que nunca alguém tinha dito não a ela.

— Como foi, garoto?

— Eu disse que não. E não sou “garoto”. Meu nome é Drew.

Uma das meninas atrás de Gretchen começou a rir, mas olhares ágeis das outras duas a silenciaram. O clima ficou pesado.

— Você esqueceu as boas maneiras, garoto. Você está falando com sua futura rainha, Lady Gretchen de Hedgemoor, e assim deve dirigir-se a mim.

— Não vejo uma futura rainha diante de mim — disparou Drew, não mais conseguindo segurar-se. — Vejo uma garotinha arrogante que não sabe falar com a humildade que o velho Brenn lhe concedeu.

Os olhos dela saltaram.

— Não venha me falar de humanidade — ela rosnou, avançando na direção dele. As damas de companhia encolheram-se quando o próprio ar ao redor pareceu escurecer. — Humanidade é a maldição com que você e sua espécie têm de viver todos os dias, uma breve vida e o medo da morte.

Num piscar de olhos sua vida termina, apagada por um passo errado ou uma gripe. Fui abençoada por algo melhor que a humanidade. Sou uma transmorfa, menino, uma Werewolf. Sou melhor que você, e pode ter certeza de que não o deixarei se esquecer disso. — Ela ergueu uma mão para atacá-lo, descendo-a com velocidade em direção ao rosto dele.

Ele pegou-a pelo pulso com uma mão ainda mais veloz.

— É aí que você se engana — ele sussurrou. — Você não é melhor do que eu nem do que ninguém deste mundo. Você é podre, Gretchen, e você e a sua espécie são tudo que há de errado nesta terra.

— Você ousa insultar os Werelords? — ela disse, ofegante.

— Ouso insultar qualquer um que menospreza aqueles que tem menos sorte ou recursos. Julgo as pessoas pelo que vejo, e em você vejo uma noiva muito apropriada para aquele príncipezinho desagradável, Lucas.

— Você será enforcado por esses insultos — vociferou a Werefox, tentando libertar sua mão, mas Drew a segurou firme. Uma das garotas atrás dela correu para a escada para chamar os guardas. — Você não sabe nada do meu príncipe!

— Sei que é uma criança vil e cruel, cuja satisfação estava em bater em Hector e deixar seu Ratlord de estimação me cortar e trincar até me restar apenas um vestígio de vida. — Ele não tinha mais como conter seus segredos, agora que sentia o animal rugindo na boca de seu estômago. — Só posso agradecer a intervenção de Hector por hoje estar livre. Tenho certeza de que você e o leãozinho serão muito felizes juntos; formam o casal perfeito.

— Solte-me, seu cachorro — ela berrou, golpeando-o com a mão livre.

Suas unhas agora pareciam garras, ele percebeu, e arrancavam tiras de vermelho vívido de seu rosto. Parecia que ela estava esforçando-se para conter a raposa.

— É aí que você se engana — ele grunhiu, puxando-a para mais perto.

Seus olhos mudaram do verde para um amarelo dourado e profundo e, para o terror dela, fizeram-na fixar os olhos de um colega Werelord. — Não sou um cachorro. — E com isso soltou-a, voltando à balaustrada a passos largos.

Gretchen cambaleou para trás até suas acompanhantes, que a seguraram quando ela tropeçou, esfregando o pulso com aflição. Os guardas chegaram ao topo da escada com a dama de companhia, abaixando suas lanças ao avançarem pela varanda. Drew caminhava tranquilamente pelo canto mais distante do deque de madeira, as mãos flexionadas, as garras à mostra. Ele deu uma olhada para baixo para observar o rio passante.

— Prendam-no! — gritava Gretchen, apontando para ele com a mão trêmula.

Antes que os guardas pudessem se mexer, uma voz ecoou pelo prédio.

— Alto! — berrou o barão Huth, vindo mancando de seus aposentos com os gêmeos a seu lado. — Não haverá sangue derramado aqui, nem hoje, nem nunca. Este jovem é meu convidado, e é bom que vocês se lembrem disso. Tenho certeza de que seja o que for que tenha acabado de acontecer aqui não passou de um mal-entendido.

— Mas, barão Huth — tentou Gretchen, desgostosa. — Ele me coagiu, me ameaçou!

— Como acabo de dizer — prosseguiu o idoso Boarlord, abraçando-a.

— Tenho certeza de que foi uma simples falha de comunicação entre dois indivíduos tensos. Minha querida, você não percebe quão exausta está com a proximidade do casamento e todo o drama que o acompanha. E nosso jovem Drew vem viajando pela selva, para trazer meu filho Hector a salvo para casa. Com certeza ainda está exausto pela jornada, e qualquer ofensa que tenha causado deve-se somente ao fato de estar distante da civilização por período tão longo. Não estou certo, meu rapaz? — relativizou o velho, indicando claramente que essa seria a única oportunidade para Drew recuar.

— Milady — disse Drew, recompondo-se. — Peço desculpas francamente. Esqueci meu lugar e me exaltei. Por favor, me perdoe. — Curvou-se novamente, mas dessa vez menos que antes.

Lady Gretchen voltou-se de Drew para o barão Huth e, com um giro furioso de suas vestes escarlate, partiu rapidamente da varanda em direção a seus aposentos, com suas damas logo atrás.

O barão Huth mancou até Drew, parando a seu lado e apoiando-se em um corrimão com mãos cheias de manchas. Fez uma careta.

— Jovem — ele começou. — Posso lhe conseguir um teto, comida quente e uma cama para dormir por uma semana, não mais. Nesse período você deve ficar confinado nos fundos de minha casa. Meu filho contou tudo que preciso saber.

— Milorde... — Drew começou, querendo pedir desculpas.

— Está tudo bem, garoto, você não precisa dizer nada. Entendo que ela seja difícil. Mas prometi ao pai de Gretchen, em seu leito de

morte, que cuidaria dela e assim devo fazer até que o rei envie seus homens para levarem-na a esse desafortunado casamento. Todos temos nossas penitências a carregar. A minha veio na forma de uma jovem e fogosa Werefox.

— Não o preocupa que ela vá contar ao rei quem você abrigou? — perguntou Vincent.

— Ela não faria isso — disse Hector. — Ela tem a cabeça quente e está acostumada a ter todas as coisas que deseja, mas nunca colocaria a vida de meu pai nem de ninguém mais em risco. Nossas duas casas conhecem-se há muito, é uma amizade sólida. Não, ela pode não gostar de Drew, mas tenho certeza de que ficará em silêncio quanto a nosso envolvimento em ajudá-lo.

Por enquanto, pelo menos.

— Mas você não pode estar aqui quando os homens do rei vierem buscá-la — disse o barão Huth. — Quando eles chegarem, você precisa estar longe de minhas fronteiras, tão longe quanto suas pernas ou um ágil cavalo puderem levá-lo. Agradeço-lhe por ter trazido meu filho para casa, mas também me ofende a vergonha que você fez cair sobre ele. Hector nunca poderá voltar à vida que tinha, nunca poderá assumir seu lugar neste trono nem na corte real de Highcliff. Isso acabou para ele. Hector deve se exilar e nunca mais ser visto, como um criminoso qualquer. Minha equipe aqui merece confiança — são leais e fiéis a mim —, e acredito também que Lady Gretchen manterá o destino de seu primo em segredo para o Leão.

Mas o rei terá de acreditar que meu filho morreu naquela noite, na Dyrewood, nas mãos de bandidos. E devo enlutar-me por sua perda como se tal realmente houvesse acontecido.

A cabeça do barão Huth pendeu para o peito, com pesar. Hector colocou a mão no ombro do pai e apertou-o para tentar tranquilizá-lo. Seu irmão observava-o friamente a distância, os olhos fixos em Drew.

— Mas não estarei morto, pai. Estarei vivo, a salvo de perigos e de vingança. Mas não aqui. Não com você.

O idoso encostou o rosto na mão do filho.

— Drew — disse Vincent, calmamente. — Venha, vamos deixá-los a sós. Eles ainda têm muito o que discutir, pelo menos para definir qual será o local de exílio de meu irmão. Deixe-me levá-lo a seu quarto para nos conhecermos melhor.

A breve jornada de volta ao quarto de hóspedes de Drew, no antigo corredor, não deu bastante tempo para os dois descobrirem muito um sobre o outro. As perguntas de Vincent foram pontuais e previsíveis. O Boarlord mais jovem estava interessado em saber das origens de Drew e como ele poderia ser um Werelord. Drew foi incapaz de responder, pois ele mesmo ainda não sabia quem era. Quando chegou a seu quarto ficou aliviado de poder fechar a porta e se livrar das indagações de Vincent. Deitou-se na cama, olhando as vigas do teto, perguntando-se como conseguia continuar a se meter em situações como aquela.

4: Preparativos

Os dias que se seguiram foram, na maior parte, sossegados para Drew. Ele manteve a cabeça baixa e distância de Lady Gretchen sempre que possível, estando em sua companhia apenas à noite para as refeições em família. A frieza entre os dois era palpável; eles mal trocaram uma palavra durante o restante de sua estada. Ocasionalmente, ela fazia comentários afiados para atacar Drew, mas ele continuava a dar a outra face.

Numa ocasião, porém, ela conseguiu surpreendê-lo. Ele estava na biblioteca, tarde da noite, e ouviu uma voz feminina cantando tranquilamente na varanda. Era uma canção doce, feliz, uma balada muito similar às que sua mãe cantava quando Drew era criança e tinha dificuldades para dormir. Seguindo o som e achando que aquela voz era uma das empregadas, ficou chocado ao descobrir Gretchen como a fonte da agradável canção.

Ela estava de costas para ele, as mãos apoiadas na balaustrada e de frente para o Redwine, sob a mortalha da noite. Estava sozinha; sem damas de companhia, sem plateia, fora Drew, escondido. Uma brisa morna fazia os anéis de cabelo vermelho esvoaçarem enquanto ela abria seu coração para a canção de ninar. Era melancólica, e claramente muito pessoal. Estaria chorando ao cantar? Drew de repente sentiu-se um intruso, mais do que em qualquer momento de sua estada na mansão do Boarlord. Rapidamente deu meia-volta, escapulindo antes que fosse percebido.

Deitado na cama, depois, ele ainda ouvia a música em sua cabeça enquanto se entregava ao sono. Ela o confundia e o irritava, mas não seria por muito mais tempo. Antes de a semana findar, pretendia estar de volta à estrada.

Seu período na Prefeitura de Redmire também lhe permitiu refletir, algo que mal tivera tempo de fazer desde que encontrara Whitley e Hogan na Dyrewood. Seus pensamentos inevitavelmente voltaram à Fazenda Ferran e aos eventos daquela noite fatídica. Ele

logo percebeu por que mantivera essas memórias trancafiadas por tanto tempo — assim que seus pensamentos foram até lá, não conseguiu tirar da mente a imagem da mãe, os olhos dela vitrificados e seu corpo destruído. Podia não ser sua mãe de nascença, mas era a única que conhecera, e a adorava. Seu coração doeu de novo ao lembrar-se da pessoa que amara mais do que qualquer outra, arrancada dele de maneira tão selvagem. Os pesadelos que o assombravam no outono também haviam retornado, pois Drew acordava todas as noites molhado de suor, convencido de que a fera assassina estava em seu quarto.

Seus dedos dirigiam-se às três cicatrizes que permaneciam em seu peito, doloridas ao toque da memória. Ao cair novamente no sono, o monstro voltava a infiltrar-se em seus sonhos.

Veza por outra o monstro era Mack Ferran, com um sorriso perverso ao atravessar a espada Wolfshead contra o filho, repetidas vezes. Trent ficava lá, ao lado do pai, observando impassível, enquanto Drew gritava por socorro a cada golpe. Mas a espada vinha, mais e mais vezes. Ele não conseguia decidir que terror noturno temia mais — a fera ou seu pai.

O único repouso que tinha era durante as horas despertas, quando se permitia voltar a tempos mais felizes com sua mãezinha e Trent. Ele sempre fora um garoto caseiro, ficava perto da fazenda sempre que possível e ajudava a mãe com suas lides. Se estava na companhia dela, estava feliz, ouvindo as histórias de épocas passadas, quando ela trabalhava em Highcliff. Lembrava-se das corridas de cavalo com Trent pelos campos e prados — que quase sempre perdia. Mack Ferran raramente aparecia em suas lembranças.

Ele não pôde deixar de comparar a própria infância com a que Hector havia experienciado. A família de Drew sempre se esforçara — a Costa Gélida não era o ambiente mais hospitaleiro para crescer, mas era cheia de aventuras. Eles viviam bem na beira da floresta, e Drew e Trent aproveitaram aquele mundo. Hector, por outro lado, passara toda a sua vida até então no luxo, desejando pouco e precisando de ainda menos. Por mais diferentes que suas

vidas tivessem sido, Drew sentia uma afinidade com o jovem Boarlord, o que trouxe um sorriso a seu rosto. Sentiria saudades.

O barão Huth dissera expressamente que não queria que Drew e Hector viajassem juntos. Se um se dirigisse para o norte, o outro deveria tomar a direção sul. Na remota possibilidade de que Hector fosse descoberto por alguém enquanto viajava para seu destino, havia uma pequena chance de que conseguisse explicar seu desaparecimento do comboio do príncipe Lucas na Dyrewood. Se tivesse o Werelord fugitivo a seu lado, não teria sequer essa esperança. Esses últimos dois dias seriam os derradeiros que os meninos passariam na companhia um do outro. O Boarlord decidiu que seu filho deveria tomar a direção norte, até Sturmland, para ficar com o duque Henrik. O Urso Branco de Icegarden lhe devia um grande favor, e, dada a inimizade entre Henrik e Leopold, ele esperava que o favor lhe fosse ressarcido sem agruras. Com seus destinos decididos, os dois jovens passaram seus últimos momentos juntos, e cada vez mais unidos.

A amizade ficou mais forte e profunda nos dias que se seguiram. Drew se lembrou de sua vida de fazendeiro e pastor, na qual desafiava os elementos, e falou com sinceridade sobre seu amor pelo irmão e pela mãe. A mãe de Hector, por sua vez, havia morrido no parto, quando os gêmeos nasceram; então, afora uma velha governanta, ele nunca tivera uma figura materna na vida. Apreciava imensamente as histórias de Drew, sentindo o gosto da infância por meio dos relatos do amigo.

Hector fez o que pôde para que Drew aprendesse sobre a política dos Werelords e dos Sete Reinos. Drew ouvia atentamente, fazendo perguntas de vez em quando, escrevendo uma lista mental de quem evitar e de quais reinos, ducados e principados manter-se distante quando partisse. A lista estava ficando gigantesca. Nessas conversas, Drew entendeu melhor o papel dos Boarlords e de suas mãos de cura nessa nobre sociedade.

Tradicionalmente, os Boarlords sempre proveram magísteres para os Lords de cada um dos Sete Reinos, embora também existissem desses especialistas em outras raças. Assim como eram guardiões do conhecimento da vida, eles também possuíam a

sabedoria sobre a morte. Hector levou Drew à antiga biblioteca da Prefeitura de Redmire, com suas paredes cobertas com livros de todos os formatos e tamanhos.

Ele mostrou a Drew um frágil livro que tratava de antigas profecias — como magíster, era seu dever proteger esses artefatos. Os Werelords davam grande importância às antigas profecias e acreditavam firmemente que todas se tornariam verdade. Hector explicou que, quando aprendiz, sentava-se para folheá-los, lendo sobre os fatos maravilhosos que poderiam vir a acontecer. Ele esperava um dia explorar a biblioteca de Highcliff, que tinha a maior coleção de profecias de toda a Lyssia. Se conseguisse retornar, é claro. Alguns manuscritos tratavam da área cinzenta das magias, tanto antigas quanto negras. Eram os prediletos de Hector.

As magias, ele explicou, eram tão antigas quanto o Grande Banquete.

Elas não eram, em si, boas ou más — isso ficava a cargo de quem manejava aquele conhecimento. O poder não matava; as pessoas, sim. Muitas das antigas magias eram logros, ilusões, antigos truques de prestidigitação e pirotecnias que divertiam os Werelords durante visitas a cortes de primos distantes. A maior parte desse conhecimento se perdeu havia muitos séculos, tornando as magias mais mito do que possibilidade física. O uso das magias, como aquelas trabalhadas com prata, fora proibido por toda a Lyssia por várias décadas, embora se soubesse que ainda eram praticadas por almas corajosas. Embora Hector não conseguisse de forma alguma realizar os feitiços, era fascinado por eles desde criança e havia estudado esses volumes antigos em dias de chuva — ou mesmo de sol.

Desses poucos volumes restantes que continham os antigos segredos, dois tratavam da necromancia, as artes negras. Mais uma vez, Hector explicou, era algo que havia se perdido ao longo dos anos. Os antigos magísteres usavam a necromancia para falar com os mortos, para capturar sua alma e espírito antes que partissem para os céus. Isso dava às famílias enlutadas uma última chance de dizer adeus a seus entes queridos, e era um serviço inestimável para as cortes reais em tempos havia muito esquecidos.

Depois de ouvir Hector falar disso com tanto carinho e afeição, não pareceu tão assustador para Drew poder conversar com os mortos.

Nesse período, Drew também teve a chance de conhecer Vincent um pouco melhor. Ele aos poucos começou a admitir que podia ter julgado mal o gêmeo mais novo ao primeiro encontro; ele parecia cínico e arrogante, e havia inclusive um toque de desdém e inveja em sua voz quando falava com o irmão mais velho. Drew sabia bem o que significava ter um irmão gêmeo — mesmo com as revelações de Bergan, ele tinha laços, amava seu irmão, tinha afinidades com ele. Não era assim entre esses dois. Sete breves minutos podiam separá-los no nascimento, mas estavam a um mundo de distância em suas personalidades. Vincent era mais um animal político, ciente de todas as idas e vindas da corte real, e parecia ter um senso profundo de orgulho quanto ao que significava ser um Werelord. Drew percebia a inveja no fato de que, como mais novo, Vincent nunca provaria o poder que seu irmão poderia ter no trono de Redmire. Mas agora que o irmão estava se preparando para partir para algum canto remoto e distante da Lyssia e não voltar mais, sua atitude tinha mudado. Ele estava menos agressivo, mais calmo. O fato de que agora poderia herdar o título do pai provavelmente tinha parte nisso, Drew imaginou.

Na verdade, Vincent estava esmerando-se em ser hospitaleiro com Drew durante o restante de sua estada, encorajando-o a não partir antes de ter um bom plano. Os dois irmãos haviam mexido em todos os mapas e pergaminhos que a biblioteca tinha a oferecer e haviam escolhido o lugar perfeito para Drew. Vários quilômetros a sudeste da Dyrewood, passando as montanhas Barebone, havia um deserto árido conhecido como Omir. Era daí que vinham os nômades Doglords, os Werejackals, os Chacais. Por mais que o lugar não fosse hospitaleiro, também parecia ser o único onde o rei Lucas e seus aliados não o perseguiriam. Era possível qualquer homem — ou marsupial — perder-se em tal vastidão. E ficar perdido.

Aproximadamente duas décadas antes, o rei Wergar, o Lobo, havia levado seu exército até Omir, enfrentando os Chacais numa

guerra longa, sangrenta e cara. Leopold agora podia ter uma coroa, mas apenas um rei tolo decidiria por vontade própria voltar ao reino deserto. As histórias dos feitos de Wergar projetavam longas sombras sobre a Lyssia e por todos os Sete Reinos. O tempo não havia curado nada; a animosidade do Leão contra o Lobo continuava forte como sempre. Outro Werewolf reivindicando seu trono? De forma alguma.

Eles não se iludiam: o rei iria querer ver o último Werewolf derrubado pela espada, e não descansaria até que o fizesse. Em todas as suas conquistas, Leopold havia enfrentado inúmeros Werelords, mas apenas um, Wergar, ficara realmente no seu caminho. Seu ódio aos lobisomens não conhecia limites, e certamente ele gostaria de ver Drew capturado e morto.

Nos momentos em que estava sozinho, Drew refletia sobre seus possíveis planos de fuga. Seu pai sempre o ensinara a nunca correr de uma luta. O Mack Ferran que ele conheceu não questionaria a escolha de Drew sob essas circunstâncias? Drew sabia muito bem que os homens e mulheres dos Sete Reinos eram oprimidos, que sofriam com os pesados impostos do rei e com a brutal Guarda Leonina. A Lyssia precisava de alguém que falasse por seu povo, para dar fim à injustiça de Highcliff. Mas o que Drew podia fazer? Se ficasse lá para desafiar o rei, ele seria morto, sem sombra de dúvida. Não, ele tinha de desaparecer. Filho do Lobo ou não, era apenas um menino, e um menino indefeso. Outra pessoa teria de encarar essa disputa.

Os alfaiates do Boarlord prepararam roupas de viagem para Drew, pelas quais ele logo se encantou. As únicas que já conhecera haviam sido as roupas velhas herdadas de seu irmão mais velho, Trent. Essa era a primeira vez que lembrava de ter roupas próprias, e nelas sentia-se um novo homem.

Um traje de couro marrom com um peitoral cravejado, por exemplo, cujo modelo fora projetado de tal forma que, se ele se transformasse, as fivelas que seguravam a armadura se separariam diante da pressão, fazendo as roupas caírem com segurança ao chão. E poderiam ser usadas novamente quando ele voltasse ao estado normal. E, sobre esse traje, ele usaria o manto verde do

duque Bergan, com a espada Wolfshead embainhada na cintura. O manto, embora de alta qualidade, parecia ser comum e certamente não o ligaria ao Lorde de Brackenholme; era agradável de usar, além de ter sido um presente do velho Werebear. Ele começava afinal a sentir-se um Werelord, mesmo que tudo indicasse que ele nunca viria a ser um.

Quanto à metamorfose, até o barão Huth entrou no jogo, dando a Drew dicas preciosas sobre como controlar e dominar seu dom. Sugeriu exercícios físicos e mentais que poderiam ajudá-lo a controlar a fera. No início de cada manhã eles meditavam, escondidos de olhos curiosos nos jardins aos fundos da Prefeitura de Redmire. Drew devia respeitar a Lua; era uma fonte adicional de poder e força para qualquer transmorfo, mas especialmente para os Werewolves. Embora Drew fosse somente um aprendiz, e o barão apenas tivesse dados lições simples para controlar a transformação, ele o ensinara bem a parte básica.

Gerard, o chefe da guarda que ele conhecera ao chegar, deu-se ao trabalho de ensinar a Drew alguns movimentos com a espada. Como mestre de armas e veterano da cruzada de Wergar, Gerard lutara ao lado de seu soberano, o barão Huth, nas poucas batalhas em que o Boarlord se envolveu. Não ficara bem claro para Drew de que lado o velho havia lutado, do Lobo ou do Leão, e Drew decidiu que provavelmente não seria bom momento para perguntar.

Como um espadachim fantástico, Gerard rapidamente ensinou ao jovem muito sobre a arte, defesas e posturas, e logo depois uma gama de outras técnicas. Bloqueios e fintas, equilíbrio, evasão, cortes e golpes, todo movimento que Drew conseguia sonhar e mais. As lições de Mack Ferran na infância lhe eram extremamente valiosas naquele momento. Drew conseguia até equiparar-se à maioria dos jovens guardas, homens que haviam sido ensinados a lutar desde o nascimento. Apenas Gerard lhe era superior.

Os dias passaram e aumentava a tensão que corroía a boca do estômago de Drew. Seria difícil deixar esse lugar para trás, quanto mais seu melhor amigo. A Prefeitura de Redmire começava a parecer uma casa para Drew, com ou sem a rabugenta Lady Gretchen.

5: Impasse

Drew estava inspecionando suas posses. Ele ganhara uma mochila de Gerard, na qual alojara itens essenciais: duas semanas de comida, uma muda de roupas, um saco de dormir e várias ferramentas e utensílios que poderiam ajudá-lo na estrada. Havia uma pederneira, uma corda, uma pequena panela, prato e colher de metal. Estavam juntos com seu manto e a espada Wolfshead. Fechando o cinto em torno da cintura, com a espada encostada em sua coxa esquerda, ele pôs o manto sobre os ombros, estalando o fecho na altura da garganta. Olhou pela última vez para o quarto, ergueu a mochila e saiu pela porta.

Ao atravessar o patamar que dava para o salão de entrada, ele voltou o corpo, olhou para baixo e viu Vincent conversando com um guarda na porta. Parecia um guardião, com um casaco poeirento e gasto de tanto andar pelas estradas. Vincent olhou para cima e cruzou o olhar com Drew, depois rapidamente levou o homem para longe da porta principal, de volta à varanda. Drew era grato a seus anfitriões por, sempre que possível, empenharem-se em mantê-lo longe das vistas de qualquer visitante da Prefeitura de Redmire. Seria um problema grave se sua presença fosse comentada fora daquelas quatro paredes.

Quando as duas portas se fecharam, Drew foi pelo patamar em direção à galeria. O grande balcão era o coração da casa do barão Huth, onde o velho Werelord tomava café da manhã, almoçava e ceava, reservando seus aposentos somente para assuntos privados ou para dormir. O barão estava lá quando Drew entrou. Curvou-se para a frente para falar com Hector, acororado a seu lado. Lady Gretchen sentava-se numa área mais sombreada do terraço — a última coisa que a nobre queria era ter a pele bronzeada, isso era coisa de aldeões. Suas damas de companhia estavam sentadas sobre almofadas a seus pés, matraqueando enquanto bordavam. Ela não tentou esconder o olhar de desdém quando Drew chegou, mas ele deu a ela seu melhor sorriso. Ele não tinha mais que andar

sobre ovos com ela — estaria longe daqui a pouco. Hector levantou-se para recebê-lo, dando passos em sua direção para cumprimentá-lo.

— Está com tudo arrumado, então? — perguntou o amigo, um tom de tristeza na voz.

— Sim, e por favor agradeça novamente à equipe da cozinha por me preparar provisões; tenho certeza de que elas vão durar um mês ainda se conseguirem apanhar alguma caça no caminho.

— Então está pronto para partir, meu garoto? — perguntou o barão Huth. O velho senhor fora um anfitrião cortês ao longo da estada de Drew, mas todos sabiam que passara a hora de o jovem Werewolf partir. Ele ficara em Redmire por uma semana, dois dias a mais do que planejara, e como os Boarlords esperavam a chegada da escolta do rei em quinze dias, era urgente que ele partisse em direção a Omir.

— Estou, milorde, e mais uma vez repito que não tenho como lhe agradecer o suficiente pela bondade, generosidade e hospitalidade com que me recebeu — disse Drew.

Gretchen ouvia tudo, apesar do tagarelar das damas de companhia, sem demonstrar nada, nem desprazer dessa vez. Estaria impressionada com suas boas maneiras?, perguntou-se Drew. “Talvez ela sinta minha falta”, pensou.

Passos altos ressoavam na escada quando Vincent chegou à varanda, cumprimentando um de cada vez.

— Você já está indo? — perguntou, surpreso. — Foi muito rápido — disse, apertando a mão de Drew com apreço.

— Tenho de sair daqui, tenho uma longa jornada pela frente. E com você, Vincent, estou em dívida por providenciar mapas tão minuciosos.

Você está tornando a viagem muito menos complexa, menos penosa.

— Pois não é nada — disse Vincent. — O prazer foi meu. E lhe digo — acrescentou, aproximando-se do trono de madeira do pai: — Não vá agora, mais uma refeição quente no estômago lhe cairá bem antes da estrada.

— Não sei — disse Drew, passando a mão pelo cabelo. Essa era outra coisa que havia sido ajeitada; Marie, a criada, havia feito um belo trabalho consertando seu corte improvisado, que agora estava aparado, emoldurando suas belas feições. Ironicamente, o corte o fez parecer mais “„lupino”, dissera o barão Huth, como se precisasse de algo mais para declarar sua linhagem.

— Creio que já fiquei mais do que devia — disse, voltando-se para Gretchen, que ergueu uma das sobrancelhas como resposta.

— Não, de forma alguma — disse Hector, colocando-se entre Drew e seu pai. — Ele pode ficar para o almoço, não é, pai? Só mais uma refeição antes de partir? Você pode, não pode, Drew?

— Milorde — disse Drew, depois de pensar por mais um instante. — Se não lhe for inconveniente, aceito de bom grado uma refeição a mais na sua casa antes de partir.

O velho sorriu.

— Muito me agrada — falou, batendo as mãos ossudas. — Sim, fique.

Coma bem e depois siga seu caminho. Se a Guarda Leonina o encontrar numa vala dormindo de barriga cheia a cem jardas de Redmire, a culpa será só sua.

Rindo, os homens abraçaram-se mais uma vez, e Drew largou sua mochila no chão. Ele sentiu Lady Gretchen observando, desejando-o longe dali, e teve uma pequena dose de prazer por poder importuná-la por mais alguns instantes. As cozinheiras foram avisadas de que haveria mais um assento à mesa. O mordomo trouxe uma bandeja de taças e uma garrafa de vinho do Porto envelhecido, que Vincent dispôs-se a servir, enquanto Drew e os Boarlords repassavam seus planos mais uma vez. Hector pegou sua algibeira, selecionou algumas garrafas de ervas e poções e, depois, como um presente de última hora, ajeitou-as na mochila de Drew.

A mesa foi preparada, e o barão Huth e seus convidados tomaram seus assentos para a refeição. Um cozido de tomate os aqueceu para o prato principal, enquanto comiam ao brilho do sol da primavera, diante do caudaloso rio Redwine. Um pernil de caça recém-assado foi trazido à mesa, e Hector levantou-se para trinchar o animal. O apetite de seu amigo maravilhava Drew, que aprendera

a sobreviver de porções frugais. A gordura que ele perdera durante o período em que fugiam pela Dyrewood tinha voltado com força ao rosto do jovem curandeiro.

Enquanto Drew encostava-se na cadeira para receber o pedaço de carne, ouviu cavalos do lado de fora, no jardim aberto em frente à Prefeitura de Redmire. Ao curvar-se para pegar uma colherada de batatas com hortelã de uma travessa fumegante, a porta da frente se abriu, e passos de botas ecoaram na escada. Era Gerard, e seu rosto estava pálido.

— Milorde — disse ele, dispensando a mesura habitual à presença de seu mestre. — Os homens do rei. Eles estão aqui!

— O quê? — gritou o barão Huth, com horror. — Aqui? É impossível!

Você tem certeza?

— Sim, milorde: o capitão Brutus e vinte soldados da Guarda Leonina.

Eles estão à porta neste momento e exigem entrar!

Tão logo disse isso, houve um estrondo vindo do andar de baixo, as antigas portas duplas vindo abaixo. Drew ergueu-se, rápido, alerta, um toque de pânico desfigurando seu rosto. Houve um segundo estrondo, e a porta, as dobradiças e fechaduras esmigalharam-se de tanta força.

Drew apanhou seu manto da cadeira e jogou a mochila sobre o ombro.

— Vá, garoto! — gritou o barão Huth, apontando para a beirada da varanda.

Além do barulho de homens comendo, Drew já podia ouvir o som de armaduras tinindo. Antes que pudesse pular, tropeçou em Vincent, que se levantava da mesa, fazendo-o cair ao chão.

— Alto! — estrondou uma voz no patamar. Uma procissão de soldados abriu caminho pelas portas, com suas armaduras douradas refletindo a luz do sol com um brilho quase angelical. De espadas em punho e rostos rígidos, espalhavam-se em torno da longa varanda, mantos vermelhos esvoaçando.

Três deles caminharam em direção ao indefeso e derrotado Gerard, tirando-lhe a espada e levando-o para fora. No meio deles,

o capitão deu um passo à frente. Era um homem corpulento, moldado pela guerra, com uma grossa barba negra marcada por riscos cinzentos. Sua espada estava suja de sangue.

— Capitão Brutus — falou ofegante o barão Huth, erguendo-se da cadeira, um olhar de ultraje perpassando sua face. — Em nome do velho Brenn, o que é isso? Como ousa entrar na minha casa sem ser convidado?

O capitão Brutus não tirava os olhos de Drew, parado ao lado de Vincent. O sangue da espada caía ritmadamente da lâmina, formando uma pequena poça a seus pés. A espada era parecida com a de Drew, embora o castão trouxesse a cabeça de um leão rugindo. Linhas vermelhas de sangue marcavam toda a extensão da lâmina.

— Barão Huth, você é culpado de acolher um fugitivo, inimigo do rei e do povo livre dos Sete Reinos — ele grunhiu.

— Absurdo — gritou o Werelord. — Estou recebendo convidados, todos leais ao rei. Devo lembrá-lo de que Lady Gretchen está em nossa companhia, se precisa de mais provas de nosso amor pelo monarca.

— Aquele menino — disse Brutus, apontando a espada para Drew — é um inimigo do rei. Você, ciente desse fato e de livre vontade, aceitou esse vilão sob seu teto.

— Ele é um mestre de Brackenholme, e nada mais — disse o barão Huth. Drew olhou para a espada Lionshead, o sangue agora já todo derramado.

— Ele é o último dos Lobos — rosou Brutus.

Do outro lado da mesa, Gretchen soltou um suspiro.

— O rei deu ordens para que ele seja enviado neste momento a Highcliff para aguardar julgamento.

— Julgamento? — gritou o barão Huth. — Que tipo de julgamento pode este pobre garoto esperar?

— Pai — disse Vincent, dando um passo à frente. — Acredito que seja melhor entregarmos esse homem ao capitão Brutus, não? O rei compreenderá, tenho certeza. Lembre-se que ele é um homem compreensivo.

Drew ficou boquiaberto, e ele não foi o único. O barão Huth voltou-se para o filho, sem acreditar no que ouvia.

— Você? — conseguiu dizer o barão Huth, incrédulo. — Você os trouxe aqui! Você traiu seu próprio sangue!

Hector balançou a cabeça, incapaz de esconder o assombro com a traição do irmão.

— Estou apenas protegendo nossos interesses — admitiu Vincent, passando por seu pai e indo em direção ao capitão Brutus, que sorriu triunfante. O barão Huth estava tremendo de fúria. Hector pôs uma mão sobre o ombro do pai, contendo-o.

— Se eu não alertasse o rei quanto a essa insensatez, as consequências seriam desastrosas não apenas para nós, mas também para o nosso povo — prosseguiu Vincent.

Drew olhou para o lado. Poderia escapular dali, um rápido pulo pela balaustrada e estaria longe.

— Vocês vêm até aqui, espadas em punho, atacando meus serviços — rugiu o barão Huth, voltando-se mais uma vez para o capitão Brutus. — E

esperam que eu concorde? — Ele bufou, seu rosto distorcendo-se enquanto suas costas começaram a arquear.

— Pai — gritaram os filhos ao mesmo tempo.

— Controle-se, milorde — disse Vincent. — Em nome do velho Brenn, controle-se!

Mas o idoso nada mais ouvia. Jogou sua bengala para o lado e rasgou os mantos amarrados em seu peito. Seu tórax estalou e esticou-se para a frente quando ossos velhos rangiam e a fera interior tomava a dianteira. Sua boca rachou-se ao surgirem as presas, erguendo-se de sua mandíbula enquanto se transformava.

Drew voltou-se para o capitão Brutus, que não parecia nem um pouco intimidado pelo metamorfoseante Werelord à sua frente. “Por que eles não o temem?”, perguntava-se Drew. O barão Huth era indestrutível, imune aos homens e a suas armas. Então ele olhou para a espada Lionshead. Os raios do sol cintilaram pelas runas revelando filetes mortais de prata.

— Barão Huth — gritou Drew, com uma mão levantada, mas era tarde demais. Brutus deu dois passos à frente e enfiou a espada

profundamente na barriga do idoso, no meio da transformação. Seus rosnados e bufos encerraram-se imediatamente, e o capitão do rei torceu a espada primeiro uma, depois duas vezes, antes de arrancá-la, e o sangue do velho Javali fluiu da ferida.

— Não! — berrou Hector, correndo para o pai enquanto este despencava. Com uma das mãos Drew segurou-o e puxou-o para trás. O

barão Huth caiu ao solo com um ruído repugnante, morto instantaneamente. Lady Gretchen berrou de terror, erguendo-se da mesa e cambaleando para trás até o canto da varanda.

— Pai! — gritou Vincent, caindo de joelhos, desesperado. O sangue empoçou a sua volta enquanto segurava o pai morto nos braços. — Por quê?

— ele soluçou, olhando para Brutus. — Por que, seu monstro?

— É melhor lembrar seu lugar, Vincent — disse Brutus, limpando a lâmina na sua calça vermelha. — Você será poupado apenas pelas graças do rei. Ele agradece por informar-nos de sua família traidora, e garante que você tomará o lugar de seu pai imediatamente.

— Não foi isso que acertamos! — berrou Vincent. — Você levaria o Lobo, nada mais. Meu pai era um homem de idade, confuso e desorientado.

Que ameaça ele seria para o rei?

— Não gostaria de abater outro porco hoje — rosnou Brutus, erguendo um dedo de aviso aos lábios. Então voltou-se para Drew: — Agora, garoto.

Tire essa espada de cão da sua cintura. Você vem conosco. Sem causar problema.

Drew teve de pensar rápido. Ele não tinha ilusões de que se render significaria morte, fosse na estrada ou assim que chegasse a Highcliff. Hector ficou a seu lado num transe que parecia choque. Ele também seria preso por tomar parte na fuga e acobertamento de Drew. Quanto a Vincent, ele merecia qualquer coisa que lhe acontecesse, por trair sua família para defender seus próprios interesses e angariar favores da corte real. Teria de viver com a

morte do pai enraizada na consciência. Isso não era vida para um filho.

Drew olhou em volta, deu uns passos atrás para a beira da balaustrada e focou o cais e os barcos abaixo. Havia várias embarcações amarradas a pilares, seguras contra a correnteza do Redwine. Ele conseguiria? Poderia fazer Hector sair de seu transe?

— Nem pense nisso, garoto — avisou Brutus, que começava a caminhar em volta da longa mesa em sua direção, espada em punho. Drew até consideraria ter chance, não fossem as letais e ilegais runas de prata que decoravam a espada. Um golpe daquela lâmina seria sua morte. Lady Gretchen estava a poucos metros, os olhos arregalados, ainda em choque pelo que havia transcorrido.

— Desculpe — ele sussurrou para ela, e agiu veloz.

Esticando-se, ele a pegou pela mão, puxando-a para si. Ela girou como se estivesse dançando num salão, antes de cair em seus braços. Ele colocou uma mão, uma mão em garra, contra sua garganta, e ela gritou de medo. Se queriam um monstro, agora tinham.

— Para trás! Ou, que Brenn me perdoe, eu rasgo a garganta da sua princesinha!

Funcionou. Não só os homens e Brutus ficaram onde estavam, mas Hector repentinamente movimentou-se, acordado pela voz do amigo e pela gravidade do impasse.

— Deixe a donzela em paz, garoto — disse Brutus, erguendo a mão para os homens ficarem para trás. — Isso não precisa ficar pior do que já está.

— Tire as mãos de mim, cachorro! — gritou Gretchen, remexendo-se em seus braços. Ele fechou as garras contra sua traqueia, sua pata quente corada perto do pescoço tenro.

— Temo que não possa fazer isso — disse Drew. — Hector, como você se dá em saltos?

O outro olhou incrédulo para o amigo, como se estivesse ouvindo outro idioma.

— Saltos — Drew repetiu, gesticulando com a cabeça para o corrimão.

— Prepare um barco, e rápido.

Alguns soldados começaram a destravar suas bestas, carregando-as com flechas. Hector pegou sua algibeira e jogou-a por cima do ombro. Ele olhou para o corpo do pai nos braços do irmão, depois voltou-se para Brutus.

Apontando para o cruel capitão, ele esforçou-se para encontrar palavras de ira e vingança para jogar contra ele. Ao som das bestas sendo engatilhadas, preferiu escalar pelo lado antes de cair com um rangido no quebra-mar logo abaixo.

— Vocês não vão muito longe — Brutus ameaçou Drew. — Para onde acha que vai correr? Seguiremos você pela margem do rio e logo o alcançaremos.

— É um rio largo e rápido — disse Drew. — Vamos correr o risco. — Ele ergueu Gretchen nos braços, ainda com a mão firme em seu pescoço.

Então chutou uma cadeira contra o balaústre e com um passo rápido pulou sobre ela antes de saltar pelo lado. Aterrissou desajeitado numa bagunça de braços, pernas e tecido vermelho, e seu pé direito entalou numa viga de madeira, atingindo a água gelada. Desprendendo-o enquanto segurava a jovem, Drew libertou-se, levantando apenas para ver vinte homens com bestas apontadas para ele. Encolheu-se atrás da Werefox, mantendo-a na sua frente como escudo.

Era um grande blefe. Ele nunca a machucaria, mas apostava que Brutus tinha ordens rígidas para não deixar que nenhum mal acontecesse com a princesa. Hector estava desamarrando um pequeno barco a vela. Ele já lutava contra a corrente. Os homens podiam ter cavalos, mas a velocidade da correnteza dava a Drew uma esperança. Ele viu que havia mais dois barcos atracados; sacando sua espada, rasgou as cordas que os prendiam, libertando-os para flutuar rio adentro. Ainda segurando Gretchen, jogou-se no barco enquanto Hector terminava de desamarrá-lo.

O tempo todo, os homens com as bestas lhes faziam sombra, e alguns desceram até o píer para ficar mais perto. Resoluto, Drew mantinha a jovem Werefox à sua frente. Hector libertou o barco e assumiu a cana do leme.

— O rei vai querer a sua pele, cão — cuspiu-lhe Gretchen, venenosa.

— O rei? O mesmo rei que acaba de matar seu querido tio com requintes de crueldade? — ele sussurrou no ouvido dela. — Ele é um monstro. Um assassino. E você prefere não ver. Não se preocupe — ele acrescentou. — Entrego você a tempo para seu casamento...

O barco rapidamente pegou a correnteza. Hector, marinheiro hábil que passara diversos momentos no Redmire em sua juventude, dirigiu-o para as águas mais rápidas.

— O que estão fazendo parados? Vamos segui-los! — berrou Brutus, furioso, enfiando a espada na bainha.

Vincent estava ajoelhado no chão ao lado do pai morto, os olhos vazios e sem alma.

— Você! — gritou Brutus para um dos guardas. — Queime esta cabana imunda! Queime tudo! Que esses porcos conheçam a desgraça real...

Quando o barco ficou fora do alcance das flechas, Hector soltou as velas, que se elevaram e se agitaram ao deixar o vento assumi-las. Lágrimas escorreram por seu rosto enquanto se distanciavam da casa. Momentos depois, via-se ao fundo a Prefeitura de Redmire em chamas. O céu vespertino de primavera ganhou um brilho vermelho voraz, com uma nuvem negra e fumacenta subindo logo acima.

6: A fuga pelo Redwine

O vento forte empurrava o pequeno barco, e o trio cortava a água a uma velocidade alarmante, deixando a cidade incendiada de Redmire para trás.

Hector comandava as velas e o leme, e observava o horizonte, perdido em pensamentos terríveis. Gretchen deitou-se na proa do barco, protegendo-se dos ventos gelados. Drew ofereceu seu manto para mantê-la aquecida, mas ela rosnou contra ele, dando-lhe as costas.

Ele não tinha como culpá-la. A vida de Gretchen seguia o caminho tranquilo da realeza até Drew entrar em cena. Em questão de dias ele a magoara, ofendera, insultara e agora a maltratava e sequestrava. Até o sequestro, ele sentia-se superior, em termos morais, embora agora fosse o primeiro a admitir que poderia ter passado da conta. Aos olhos da Werefox, agora ele com certeza era o vilão.

Drew acomodou-se na popa, onde Hector fitava o nada, suas juntas estavam brancas de tanto agarrar-se ao leme para manter o curso do barco.

Eles haviam passado pela ponte Dymling no início da tarde, alcançando grande velocidade ao zunir por baixo de seus antigos arcos de pedra. Não havia sinal do capitão Brutus nem de seus homens, e a ponte com certeza teria sido uma excelente tocaia. Eles seriam forçados a dividir-se e a seguir o rio pelas duas margens para não perder o barco, caso ele aportasse. Isso renovou a esperança de Drew, pois significava menos soldados para lutar, embora ainda fossem soldados armados e experientes da guarda pessoal do rei. Mesmo com a habilidade natural de Drew com a espada, seus limites seriam testados contra tais homens — e ele provavelmente seria derrotado, ainda mais se os outros tivessem a mesma aplicação de prata em suas espadas, como a do capitão. Drew não queria descobrir.

Os planos que eles haviam feito em Redmire agora estavam despedaçados. Hector devia estar indo para o norte, rumo a Icegarden, e Drew acampado nas montanhas das Dalelands, ao sol. Agora ele estava voando rio abaixo, para oeste, em direção a Highcliff e ao homem que o queria morto. Se algum dos homens do rei estivesse no rio, eles estavam indo para suas mãos. Por isso, quanto mais cedo deixassem o barco, melhor Drew se sentiria.

Ele não tinha certeza quanto a sua próxima jogada, fora deixar Gretchen a salvo. Seu instinto lhe dizia para dirigir-se a leste: partir em direção a Omir na primeira oportunidade e não parar até sentir a areia do deserto sob os pés. Mas ele fora traído por Vincent — e o rei agora deveria estar vigiando aquela passagem. Para onde mais poderia correr? Suas opções eram limitadas. Por um breve instante ele considerou suas reais chances contra o rei. Ele já vira o povo oprimido da Westland e da Dyrewood, e aquelas pessoas não pareciam do tipo que se revolta. Era improvável que fossem unir-se a um homem bravo e nobre como o duque Bergan, quanto mais a um garoto da fazenda como Drew.

O lusco-fusco aproximava-se, e o nevoeiro começava a aparecer sobre a superfície da água. Hector permanecia em posição junto à popa.

— Hector — disse Drew, aproximando-se. — Quanto mais você pretende seguir? Não vi sinal da Guarda Leonina. Acho que estamos a salvo. Não devíamos cortar para uma margem agora?

O amigo não respondeu nada, e apenas curvou-se para a cana do leme, o rosto austero.

— Hector — repetiu Drew, tocando em seu ombro de mão aberta. O

jovem voltou-se para Drew. Seus olhos estavam injetados, com olheiras, exaustos pelo choro, seu rosto era uma máscara de dor. O olhar que ele deu para Drew foi arrepiante.

“Ele me culpa”, Drew pensou. “Ele me culpa por tudo: pela morte de seu pai, por nossa fuga de casa. É tudo culpa minha.”

Mas, tão rápido quanto o olhar assustador surgiu, ele também se dissipou; fossem quais fossem os sentimentos de ódio a

borbulhar sob a superfície, já tinham ido embora. O rosto de Hector se abrandou, e ele voltou-se para Drew com olhos mais familiares.

— Me desculpe — disse o Boarlord —, eu estava a quilômetros daqui.

— Ele fungou e limpou a garganta. — Temo que precisemos ficar no Redwine noite adentro. Se permanecermos no rio, não podemos ser seguidos. No instante em que chegarmos em terra, deixaremos uma trilha para nos seguirem. Prefiro continuar aqui o quanto conseguir. Se chegarmos aos limites da Wyrwood, podemos nos livrar deles; é uma área totalmente pantanosa, ninguém entra com cavalos lá, a não ser que queiram quebrar suas patas. — Ele caiu para o lado dizendo: — Tome, assumo o leme.

Drew substituiu o amigo na popa, tomando o cabo de madeira com mãos de principiante.

— É só mantê-lo reto e firme — orientou Hector enquanto remexia em sua algibeira. Tirou um pequeno livro, com o desenho de uma bússola entalhado na capa. Abrindo-o à luz do cair da tarde, ele começou a folhear uma série de mapas.

— Tenho este dicionário geográfico há anos, e ele indica a maioria das passagens, estradas, rios e rodovias nesta parte da Lyssia. — Apontou o mapa com seu indicador. — Aqui, é aqui que estamos. — Entregou o livro para Drew e assumiu novamente o leme. Drew virou para o outro lado e começou a examinar o mapa.

— Esta Wyrwood, o que é?

— É a parte mais a noroeste da Dyrewood.

— Então faz parte das terras do duque Bergan? — perguntou Drew, observando onde o rio contornava a enorme mata antes de dirigir-se ao mar.

— Não. O duque Bergan não governa toda a Dyrewood, apenas Brackenholve e alguns assentamentos remotos. Ele tem diversos soldados, mestres e guardiões sob seu comando, mas nem de longe controla toda a floresta. O que ele comanda mesmo é o centro da traiçoeira Dyrewood, um santuário para viajantes ou silvícolas perdidos ou em perigo. A Wyrwood é muito distante de Brackenholve. Digamos que é o primo mais jovem e doentio da Dyrewood. Tradicionalmente era o lar de Vala, a Wyrm, a

Wereserpent. Se ainda estiver viva, o que é bastante improvável, ela deve manter os Wyldermen da região como escravos. Diz a lenda que ela escolheu assumir a forma de uma grande serpente, a Wyrm, abandonando o lado humano de sua vida. Era uma feiticeira, e não apenas aceitou sua metamorfose, mas viciou-se nela, preferindo-a às limitações da forma humana. Vala aceitava os sacrifícios humanos dos Wyldermen, que a adoravam como deusa viva. Ela passou tanto tempo na sua forma Were que esqueceu como voltar à forma humana. Os Wyldermen ainda adoram Vala, ou pelo menos o mito da Wyrm.

— Então ela não era uma deusa? — perguntou Drew, tentando acompanhar.

— Não — respondeu Hector. — Somente uma criatura traiçoeira. Ela não é vista há muito tempo, mas agora os Werelords mantêm distância da Wyrmwood por uma dose sadia de medo, respeito e superstição.

— E é para lá que estamos indo? — interrompeu-os Gretchen, ainda deitada na proa. Drew achou que ela estivesse dormindo, e teve um sobressalto ao ouvir sua voz.

— Não, pelo velho Brenn! — exclamou Hector. — Vamos atracar o barco nos Bott Marshes e depois seguir a pé. Há alguns assentamentos pelo caminho, onde podemos nos abrigar da Dyrewood e do rio Redwine. A Guarda Leonina não deve ter ido tão longe em nossa busca. Eles ficarão nas rodovias principais, imagino. Confie em mim, ninguém espera que desembarquemos nos Bott Marshes.

— Você não pode me deixar no barco para ele me levar mais adiante no rio, Hector? — Gretchen perguntou com sinceridade. — Posso comandar esta coisa, tenho certeza, para chegar à foz do Redwine.

— Temo que não — respondeu Drew, que imediatamente recebeu um olhar penetrante. — Precisamos que você fique conosco até chegarmos a um lugar seguro. Hector me disse que há bandoleiros que percorrem o Redwine, então não seria inteligente deixá-la sozinha.

— Eu não estava falando com você, cachorro — ela vociferou.

— Não, mas eu precisava responder — disse Drew.

— Você só quer me manter como refém o máximo que puder, me usar como instrumento de barganha. Você chama o príncipe Lucas de monstro, mas não é melhor do que ele!

— Peço desculpas mais uma vez pelas minhas ações em Redmire — disse Drew, e Hector olhou a distância. Os dois não haviam feito nada além de discutir desde que subiram ao barco, e Drew estava desconfortável ao saber que as brigas estavam abalando ainda mais seu amigo enlutado pela morte do pai. — Só posso dizer que em nenhum momento tive intenção de feri-la, Gretchen.

— Lá vem você de novo, cão — ela disse. — Esquecendo a educação.

Chame-me de “milady” ou nem se dê ao trabalho de falar comigo. E se aqueles soldados houvessem atirado? E então?

— Era um risco que tive de correr, milady. Além do quê, eu estava certo. Eles não atiraram. Não podiam. O rei e seu filho precisam de você viva. Estou certo em pensar que seu pai tem riquezas além da minha imaginação?

— O que isso tem a ver?

— O rei precisa que seu filho se case com você — ele respondeu. — É

um casamento político, por ouro e conveniência.

— Você não sabe nada de casamentos, garoto —, ela respondeu, virando-se e tremendo de frio. — O príncipe Lucas vai casar comigo porque me ama; ele poderia escolher qualquer noiva em todos os Sete Reinos. Não fale comigo de coisas que não consegue entender. Você não entende de amor.

— Como queira, “sua Majestade” — ele disse, suspirando. — Pode pelo menos aceitar meu manto? — perguntou, desamarrando-o e oferecendo-o a ela mais uma vez.

— Tenho aversão a pulgas. Fique com ele, não quero nada de você.

Ela era impossível. Drew deixou o manto sobre um assento de madeira e voltou para o lado de Hector. Ele preferiu continuar a conversa em sussurros, distante dos ouvidos e escárnios da

Werefox. Ela levantou-se quando percebeu que eles estavam cochichando, fez um barulho de grande enfado e então jogou-se na proa.

— Onde vamos deixá-la, Drew? — perguntou Hector.

— Confie em mim — disse Drew. — Eu a jogaria na água agora mesmo, com prazer. Ela é insuportável. Mas fui eu que a meti nessa confusão, então o mínimo que posso fazer é levá-la a um lugar seguro, onde consiga alcançar facilmente as autoridades. Espero apenas que, quando esse momento chegar, ela não mande as tropas atrás de mim. Talvez ela se acalme até lá — acrescentou, sem crer muito no que dizia.

Hector concordou por simpatia.

— Nesse caso, sugiro que tentemos sair para a costa — apontou o Boarlord. — Há pequenos portos e cidadezinhas ao longo de toda a Costa Gélida. Talvez consigamos embarcar num navio. Tenho ouro comigo — acrescentou, tocando um pequeno bolso de couro no cinto. — É com certeza o bastante para nós dois. Assim que tivermos nossas passagens garantidas, podemos deixar a querida prima seguir seu caminho.

— Quanto antes melhor.

— Dê tempo a ela, Drew. Nossos pais eram muito próximos. Embora não fossem parentes, as famílias se visitavam bastante. Praticamente crescemos juntos. — Curvou-se para ficar mais perto de Drew. — Perdi meu pai hoje, mas Gretchen também perdeu um tio muito amado. Ela está ferida também, então, se entrar em disputas com ela, certamente vai levar coices. Deixe-a como está, por favor.

Drew estava chocado. Ele não percebera que suas palavras haviam sido tão agressivas. Hector estava certo. Ele discutia com Gretchen, sem levar em conta que ela realmente fora muito próxima do barão Huth. Olhou para a menina. Estava estática. Seus pensamentos voltaram à noite em Redmire quando a escutara cantar. Ele não ouvira uma criança mimada naquela noite, mas uma jovem sensível, muito diferente da insolente acompanhada da plateia de meninas tolinhas. Sentia pena dela? Seria simpatia que a canção havia evocado nele? Ela não parecia uma futura e confiante

princesa naquela noite, muito pelo contrário. Parecia tensa e um pouco assustada, como agora.

7: Rei Wergar, o Lobo

O céu havia escurecido rapidamente, e a luz das estrelas iluminava o caminho enquanto avançavam pelo rio noite adentro. A Lua tinha apenas um terço iluminado, mas ainda o atraía. Drew fitou-a, encarando seu brilho como se estivesse encantado por um olho gigante, semicerrado.

— Você faz isso bastante, sabia? — disse Hector.

— O quê?

— Cortejar a Lua — ele sorriu. — É compreensível; afinal, você é um lobo.

— É tão óbvio assim? — perguntou Drew, um pouco envergonhado, sentindo como se tivesse sido pego espiando algo que não devia.

— Todos temos fascinação pela Lua, Drew, todos os transmorfos.

Afinal, a Lua é o olho de Brenn sobre o mundo. Mas com você, compreensivelmente, essa atração é mais forte. Dizem que um Werelord bem trinado pode extrair força dela. Seu pai conseguia, aparentemente.

Drew voltou-se para o amigo. Era a primeira vez que Hector referia-se abertamente à revelação do duque Bergan de que ele seria descendente direto do velho monarca.

— O que você sabe sobre Wergar, Hector? — perguntou, aproveitando a oportunidade. — A verdade, digo, não os rumores e histórias que se ouvem pelos reinos. Seu pai o conhecia?

Os olhos de Hector acenderam-se, como sempre acontecia quando estava compartilhando conhecimento, fosse geografia, idiomas, magias ou história. Além disso, ensinar Drew ajudava a parar de pensar no que havia deixado para trás em Redmire.

— Meu pai era o magíster e médico da corte em Highcliff quando o Lobo reinava. Se for ler sobre a história oficial de nossas terras, vai ver que Wergar é retratado como um tirano, um monstro que comia as crianças dos inimigos vencidos e deixava os ossos para

abutres. Contudo, você deve sempre lembrar que quem escreve a história é o vitorioso; o que realmente acontece é sempre muito diferente.

As palavras de Hector encheram Drew de esperança. Tudo que sempre ouvira do velho rei era de como era um monstro que deixava uma trilha de sangue para trás ao batalhar pelos Sete Reinos. Talvez o homem fosse mais do que as pessoas conheciam. Como Hector sugeriu, era raro o povo ouvir a história do perdedor. Drew notou com o canto do olho que Gretchen se mexeu na proa, a cabeça erguendo-se do assoalho. Estaria escutando?

— Wergar fomentava a guerra, disso não há dúvida — prosseguiu Hector. — Ele vivia para lutar, e fazia seus homens batalharem de coração aberto por toda a extensão da Lyssia. Mas ele os liderava, na linha de frente, inspirando grande fé e coragem naqueles que o seguiam. Os soldados o amavam. O povo também. Ele entrava em conflito com aqueles que queriam ferir seu povo, atacando antes que eles tivessem chance de se preparar. Se você fosse aliado de Wergar, estaria a salvo. Se fosse inimigo, era melhor se cuidar. O Lobo estava chegando.

Drew deu um suspiro por dentro. Ele esperava que seu pai de sangue não fosse um sanguinário como mostrava a história. Infelizmente, tais esperanças foram rapidamente destruídas pelo Boarlord.

— O duque Bergan lutou ao lado de seu pai, assim como vários dos Werelords, mas, pelo que compreendo. A certa altura começaram a sentir que ele estava passando da conta com seus conflitos, levando seus exércitos a lugares distantes para disputar batalhas desnecessárias. Embora o rei Wergar houvesse destruído a ameaça de terras distantes e adquirisse mais riqueza e prosperidade que seu povo já conhecera, os outros Werelords almejavam a paz, querendo o fim da guerra. Na verdade, Wergar promoveu campanhas demais. Ele levava o melhor do seu exército a leste, além das montanhas Barebone e até a terra de Omir, aonde você pretendia ir.

Chegara a ele a mensagem de que um dos Doglords, Faisal, o Werejackal, estava reunindo um exército dos outros Doglords.

Embora houvessem jurado lealdade a ele como rei, os dissidentes juntaram suas forças para lutar contra ele e formar um reino separatista que teria Faisal como monarca. O

duque Bergan não queria auxiliar Wergar nessa batalha, insistindo que o exército era necessário em Brackenholme, e não a meio mundo de distância. Irritado, Wergar fez sua jornada pelo continente para encarar o Chacal, sem a ajuda de seu aliado mais fiel, e, nos desertos áridos de Omir, ele lançou uma guerra ferrenha contra o vizinho distante.

Hector agora retorcia-se no banco, a mão direita erguendo-se de dentro da manga para coçar a nuca. Sua linguagem corporal era compreensível para Drew. Mais uma vez, Gretchen mexeu-se em seu leito. Certamente estava ouvindo a aula de história do Boarlord. Parecia a Drew que, independentemente de como os fatos haviam se seguido, claramente os demais Werelords dos Sete Reinos haviam perdido o poder. Então Hector prosseguiu: — Como alertara Bergan, de fato nem tudo estava bem em casa. Tendo levado o exército para leste, Wergar deixou Brackenholme desguarnecida. E

essa ameaça veio na forma de forças do sul, lideradas pelo até então desconhecido Leopold. Praticamente sem resistência, o Leão marchou para o norte. O único Werelord que se colocou em seu caminho foi Bergan, cujas tropas defenderam Highcliff e enfrentaram o Leão. Mas o Werebear foi derrotado. Além da marcha por terra, o Leão também enviou trinta galeões de guerra pela costa, que destruíram a frota de Wergar. Então Leopold tomou Highcliff, a masmorra, o trono, a esposa e a família de Wergar. Deu ao duque Bergan uma opção: capturar e entregar o Lobo para seu exército.

Somente assim o rei, sua família e seu povo seriam poupados.

— Quando Wergar retornou vitorioso, mas com um exército fatigado e exausto da batalha, o duque Bergan partiu para encontrá-lo, contando as notícias desastrosas. Se quisesse ver mulher e filhos novamente, ele devia render-se e entregar a coroa, antes de ser enviado em exílio. A primeira reação do rei foi querer vingar-se, mas Bergan o fez desistir de atacar, por medo do que poderia acontecer à família real. Outros Werelords também

defenderam o ponto de vista de Bergan, como Manfred de Stormdale e Gaston de Hedgemoor. Até meu pai o incentivou a renunciar ao trono, citando falsas profecias e portentos fabricados como motivos para render-se.

Ninguém entendia a natureza supersticiosa dos Werelords como o barão Huth.

A voz de Hector agora ficara baixa, sua cabeça curvada enquanto sua fala se arrastava. Parecia que essa parte da história era a mais vergonhosa de todas, a julgar pela forma como ele a narrava. Gretchen virara-se em seu leito, sem tentar esconder o interesse na conversa dos dois. Hector ergueu a cabeça e continuou: — Amargurado e traído por aqueles mais próximos, Wergar ficou sem escolha. Meu pai estava lá para testemunhar isso. Preso em algemas de prata, o Lobo foi levado para Highcliff e entregue a Leopold. O que aconteceu então... bom, é quase inimaginável. — Hector balançou a cabeça.

— O quê? — perguntou Drew. — O que aconteceu?

Antes que o Boarlord pudesse responder, o trio sentiu o barco vibrar, ao atingir algo sob a superfície da água. Juncos começaram a passar rapidamente pelos lados, e indicando que estavam numa área de pântano.

Hector foi ágil em baixar a vela, fazendo um gesto para que Drew assumisse o leme. Gretchen abaixou-se na proa, levantando apenas a cabeça por sobre a borda do barco como um guarda num parapeito.

— Onde estamos? — ela perguntou, ofegante.

— Nos Bott Marshes, Gretchen, com certeza na entrada do pântano.

Drew, tente orientar o barco entre essas ilhas de junco, pode ser? — pediu ele, enquanto se esforçava para baixar a vela.

Gretchen saiu do caminho assim que a vela começou a balançar ao ser puxada pelo Boarlord, caindo no fundo do barco. Isso diminuiu a velocidade da embarcação, mas ela ainda ia rápido demais para um iatista novato como Drew. Hector assumiu o controle e começou a navegar pelos afluentes e córregos que riscavam o charco. Aos poucos as pequenas ilhas ficaram mais

numerosas, e o barco diminuía a marcha ao costurar entre elas, a corrente principal do rio ficando para trás. Logo o barco estava flutuando solto, e lentamente aproximava-se do que parecia ser uma larga extensão de terra.

Pulando do barco, Hector caiu na água lodosa, que chegava à sua cintura. Com a corda de atracamento em volta do ombro, ele começou a andar com dificuldade nas águas infestadas de mosquitos em direção à margem. Drew pegou um grande remo que estava no centro do barco, enfiando-o na água até alcançar o fundo, e então empurrou com todo o vigor, impelindo a nau e ajudando seu amigo. Logo Hector já estava subindo no banco de lama, rebocando o leve barco atrás de si. Drew pulou para acompanhá-lo.

— Precisamos arrastá-lo até os juncos para que não seja visível do rio — disse o Boarlord, fazendo força para puxar a corda.

Drew juntou-se a ele, os dois escorregaram e se debateram na lama traiçoeira, mas aos poucos foram conseguindo trazê-lo à terra firme. Quando Gretchen percebeu que não estava ajudando em nada ao ficar sentada enquanto eles trabalhavam, até ela encontrou coragem de erguer o vestido para pular na lama. Ela aterrissou chapinhando, o que Drew achou recompensador. Tentou não deixar que ela visse seu sorriso.

Quando o barco já estava escondido no meio de vários juncos aninhados, os garotos pegaram a mochila, espadas e algibeira, e os três enfiaram-se no charco.

Foi uma caminhada árdua, com insetos picando-os por todo o caminho, mais o som dos pés chapinhando na lama, o zumbido, os tapas constantes na pele para afugentar os mosquitos. Felizmente a luz da Lua iluminava as cercanias; contudo, era impossível enxergar algo além. Tanto Drew quanto Hector esperavam que Gretchen começasse uma nova rodada de reclamações, mas, ela manteve-se calada. Depois de uma hora de marchas penosas, por caminhos enlameados, escorregões e quedas, eles começaram a sentir a terra endurecendo-se a seus pés, as piscinas de lama cada vez mais secas.

À frente eles conseguiam distinguir luzes fracas do que parecia ser um vilarejo. Antes de aproximar-se, Hector examinou seu mapa à luz da Lua.

Eles concluíram que seria a pequena cidade de Oakley, à beira dos Boot Marshes. Drew percebeu que Wyrwood estava distante ao sul, de acordo com o mapa.

— Então qual é o plano? — perguntou Drew. — Podemos tentar conseguir pouso para a noite?

— Com certeza — disse Hector. — Não há como já terem chegado notícias de nossa desventura a um vilarejo afastado como Oakley. Não, aqui estaremos a salvo. Vamos apenas manter a cabeça baixa, achar um quarto e sair bem cedo pela manhã. Queremos passar despercebidos — ele alertou — , portanto, deixe que eu falo, tudo bem?

Drew fez que sim com a cabeça, enquanto Gretchen terminava de olhar o livro de mapas antes de devolvê-lo a Hector. Os três marcharam rumo à cidade pantanosa. Um dique baixo circundava a colônia, defendendo-a tanto de inimigos quanto de enchentes. Um único guarda abrigava-se numa torre de sentinela de madeira, com um braseiro aceso mantendo-o aquecido lá dentro. Ele olhou para baixo enquanto eles passavam, sem responder ao aceno amigável que Hector lhe deu.

Os viajantes conseguiam ver entre quarenta e cinquenta casas em Oakley. Havia uma estalagem exatamente no centro, com a entrada enlameada iluminada por pálidas luzes amareladas que brilhavam por suas janelas sujas. Em uma placa de madeira sobre a porta lia-se: “Estalagem da Sereia”, com uma péssima ilustração da amante dos mares como adorno.

Uma escadaria de madeira corria por fora, pela parede esquerda do prédio, até o que parecia serem os quartos.

Chegando ao alpendre que cercava toda a construção, os três estavam prestes a entrar quando Hector deteve Gretchen, insistindo que ela usasse seu manto para se cobrir. Ela usava ornamentos reais, e seria inteligente ocultá-los. Ela aceitou o manto de bom grado, dirigindo a Drew um olhar furioso enquanto o vestia. Drew virou os olhos enquanto seguia os dois porta adentro.

8: Sereias e milícias

Drew olhou ao redor. Um manto de fumaça de cachimbo tomava o ar da Estalagem da Sereia, juntando-se em nuvens de redemoinhos sobre a cabeça dos fregueses. Cadeiras e mesas eram distribuídas de forma anárquica pela sala, o povo da cidade concentrado em beber, apostar e, em alguns casos, discutir. Uma grande lareira ocupava a parede oeste, próxima a duas poltronas puídas com dois velhos sentados, que se aqueciam perto das chamas. Um balcão circular preenchia o centro do salão, onde um homem grande de meia-idade e com enorme barriga ocupava-se enchendo canecos.

Ele olhou quando os três viajantes entraram, mas no geral foi um dos únicos a notá-los.

Hector foi até o bar, com os outros ao seu lado, e estendeu a mão para chamar atenção do estalajadeiro. O homem terminou de servir a cerveja, enxugou as peças de cobre em seu avental e então aproximou-se do jovem.

— Como posso ajudá-lo, jovem senhor? — perguntou.

— Dois quartos para esta noite, por favor — disse Hector, exibindo uma moeda de prata na palma da mão. — Um para dois cavalheiros e outro para a dama.

— Temo que não tenhamos mais quartos separados; resta apenas um, senhor, duplo. Mas posso providenciar uma lona para o chão, se lhe aprouver.

Hector olhou por cima do ombro, e Gretchen concordou, exausta.

— Será ótimo, obrigado — respondeu. — Você ainda está servindo refeições? Meus companheiros e eu estamos na estrada há um bom tempo e apreciaríamos algo quente para encher o estômago.

— A patroa talvez ainda tenha cozido. Posso preparar umas tigelas, mais pão e manteiga, que tal?

— Que tipo de cozido? — perguntou Hector.

— Porco com legumes.

O Boarlord empalideceu. — Duas tigelas apenas, mais algumas fatias extras de pão, se possível.

— Posso tomar um banho, estalajadeiro? — inquiriu Gretchen, com apenas um traço de arrogância perceptível em sua voz.

— Pela manhã, sem dúvida — ele respondeu grosseiramente. — Não vou aquecer mais água até amanhã, senhorita, perdão. — Ele entregou uma chave para Hector, apontando para cima com o dedão. — Quarto seis.

Drew viu Gretchen eriçar-se por ser tratada dessa maneira, mas ela forçou seu melhor sorriso possível como resposta.

— Então me banharei pela manhã — ela disse, antes de voltar-se para seus companheiros e ajeitar o vestido sujo debaixo do manto. — Cavalheiros, vou me retirar aos aposentos para me lavar. Apreciaria se os dois resistissem à tentação de perturbar-me pela próxima hora enquanto vejo se consigo torcer meu vestido até tirar o Redwine dele.

Hector e Drew concordaram. Ela pegou a chave do quarto com o primo, e o estalajadeiro a alcançou com uma vela tremulante num suporte de cerâmica.

— E seu cozido? — perguntou Drew.

— Leve depois — ela disse com voz mais baixa. — Não pretendo ficar nem mais um segundo aqui com esta ralé de pantaneiros. — E com isso virou-se, partindo para a escadaria externa.

— Ela está mesmo amadurecendo — disse Drew. — Gostei da nova Gretchen.

Hector sorriu.

— Pois é, isso não chega nem perto do que ela está acostumada, não acha? Ela vai ficar bem; depois de uma boa noite de sono estará em boa forma pela manhã, pode anotar minhas palavras.

Os dois jovens encontraram uma mesa com bancos de espaldar alto, o que lhes deu um pouco mais de privacidade. Enquanto o estalajadeiro lhes trazia duas tigelas de cozido e um prato de pão e manteiga, Drew observou o salão sujo com atenção. Hector

empurrou a tigela para o lado, com um olhar de desgosto para o suíno cozido à sua frente.

Os habitantes pareciam, na maioria, ser pescadores e fazendeiros, a julgar pelas roupas e assuntos que Drew escutara. O estalajadeiro, mesmo que grosseiro, era um tipo popular e chamava todos os fregueses pelo nome.

O homem passou o tempo todo de olho nos dois visitantes, voltando-se para eles vez por outra para ver como estavam. Drew mantinha a cabeça abaixada, tentando não atrair atenção.

— Será que a entendi tão errado, Hector? — perguntou Drew.

— O quê?

— Gretchen — ele respondeu. — Vejo-a com você, com outras pessoas, e ela é sempre agradável, até graciosa. Deixe-a comigo por um instante, e ela está pronta para me dar um soco sem pestanejar.

Hector engoliu um naco de pão amanteigado.

— Ela é... complicada — disse o Boarlord. — Você tem de lembrar que ela está sendo preparada para esse papel desde a infância. É tudo que ela sabe. Está acostumada a berrar ordens e esperar que os outros as cumpram, a contar piadas e ver todo mundo cair na risada. Aí encontra você e... bem, você é quase de outro mundo. Você nem sempre concorda com o que ela pensa, nem quer. — Ele fez duas cascas de pão se baterem. — Vocês entram em colisão.

— Ela não pode ser de todo má — disse Drew, provando o cozido.

— Ah, ela não é — disse Hector. — Você só tem de aprender a lidar com ela. Tenho prática, mas depois dos últimos acontecimentos não tenho certeza de que você vá conseguir conquistá-la.

Um pequeno grupo deixou o balcão do bar, e Drew teve o vislumbre de uma espada embainhada na coxa de um dos homens. Quando a multidão abriu caminho para eles, Drew viu quatro homens, todos armados, sentados ao balcão bebendo e fumando. Eles não haviam notado os soldados ao entrar, e parecia que os homens também não os tinham percebido. Os quatro tinham

aparência durona, e os frequentadores claramente estavam lhes dando espaço. Drew fez sinal para Hector, apontando com a cabeça na direção dos homens armados enquanto o Boarlord passava manteiga num naco de pão.

— Milicianos, ao que parece — disse Hector. — Não estão usando trajes militares, mas com certeza são soldados. Provavelmente sentinelas da cidade.

— Devíamos nos preocupar? — perguntou Drew.

— Não, acho que não. Não olhe para eles, coma sua comida e vamos sair do salão. Não vamos procurar problema, certo?

Drew relaxou, confiante que seu amigo era capaz de ler a situação melhor do que ele. Se Hector não via perigo, para Drew tudo bem. Ele se acalmou e se concentrou em terminar de vez o seu cozido, parando apenas para pedir desculpas a Hector por engolir um de seus primos distantes. O

outro deu um sorriso indiferente antes de dar outra mordida grande no pão velho.

Do banco atrás do seu, Drew conseguia ouvir uma conversa que atraiu sua atenção como uma mariposa em torno da luz.

— É o que eu estou dizendo — dizia a voz —, o Werewolf voltou.

Drew quase engasgou, pegando sua taça de cerveja para fazer a comida descer. A voz prosseguiu.

— Meu primo Farr, de High Sankey, disse que havia dois soldados na cidade fazendo perguntas. Falavam sério, até ameaçando as pessoas. Dizem que o Werewolf voltou.

— Ouvi que é o fantasma de Wergar — disse outro —, de volta para vingar-se. Ele trouxe um exército de mortos da Guarda Lupina consigo e vai marchar até Highcliff para reclamar seu trono.

— Não fale baboseiras — interrompeu outra voz. — O Lobo está tão morto quanto minha mãe, que o velho Brenn a tenha. Não passa de história de comadres, nada mais.

— Não ligo para o que você diz — respondeu o primeiro homem. — Ouvi que o rei está procurando pelo Lobo. Entenda como quiser. Meu primo não é mentiroso!

Hector agora ouvia muito bem, percebendo que a mesma conversa acontecia em outros lugares da estalagem. A fofoca

espalhava-se como o fogo, mas no momento era apenas boato num grupo de aldeões desinformados. Somente os dois jovens sabiam a verdade por trás da história. Apesar disso, Hector via Drew encolhendo-se em seu assento.

Eles ouviram vozes exaltadas no bar quando um velho bateu seu caneco contra o balcão.

— Não é sem tempo, eu digo! Precisamos de Wergar de volta, e, se é o fantasma dele que vem, tem minha bênção! — o homem gracejou, tomando um gole de cerveja. O estalajadeiro aproximou-se do ancião, ciente de que os milicianos estavam por perto. Agora eles também prestavam atenção ao discurso do velho.

— Agora quiete-se, Ebert — disse o atendente corpulento. — Controle sua língua ou vai ter problemas.

Mas o velho não queria saber de cautela. Tinha muito a dizer, e o álcool que engolira servia de combustível. Era um camarada magro, com cabelos brancos esparsos puxados por sobre a cabeça calva.

— Você que se quiete, Jonas — ele resmungou. — Aquele Leão só trouxe miséria a esta cidade. Impostos altos em troca de quê? Ele manda seus ajudantes aqui, pega nossas plantações e leva tudo o que quer. Tem um armazém cheio de nossos grãos lá fora que nunca vamos conseguir ver!

— Ebert — avisou o estalajadeiro, claramente preocupado ao ver os milicianos erguerem-se de seus bancos no outro lado do balcão.

— Eles nem são soldados — disse, embriagado —, só ladrões mercenários atrás de dinheiro rápido. Eu lutei no exército do Lobo, eu sei o que é ser um homem de honra. Esses vilões molhariam as calças se vissem um soldado de verdade.

— Então você é um soldado de verdade, velho? — perguntou um dos milicianos, enquanto os outros três cercavam Ebert. Os que estavam sentados à volta saíram de perto, e um silêncio desconfortável tomou o salão. Os aldeões, todos simples trabalhadores, trocaram olhares de preocupação enquanto os quatro armados circundavam um dos seus. O velho bêbado mal parecia registrar a presença deles.

— Não liguem para ele — disse Jonas. — Ele fica assim quando toma cerveja demais. Não lhe deem atenção; ele não sabe o que diz.

Um dos guardas ergueu a mão para silenciar o atendente, que instantaneamente parou de falar, torcendo uma toalha entre os dedos, nervoso. O líder dos homens era claro, com uma insígnia de sargento no ombro direito. Era calvo, com um bigode negro que caía até o queixo.

Dentes amarelos e lascados apareceram em seu sorriso manchado de tabaco ao bater nas costas de Ebert.

— Ele sabe muito bem o que diz — afirmou o sargento. — Parece que temos um fanfarrão por aqui, não é, rapazes? — Os outros riram, em concordância. — Algum camponês aqui concorda com o que este velho garoto tem a dizer? — ele berrou, olhando em volta. Todos os rostos viraram-se, evitando contato visual, enquanto o sargento vasculhava o salão atrás de mais aldeões insatisfeitos. Muitos queriam dar um passo à frente, ajudar o pobre Ebert nessa hora de necessidade, mas, se fizerem isso, os milicianos fariam de sua vida um inferno.

Ebert disse algo à meia-voz, quase inaudível.

— O que foi, companheiro? — disse o sargento, dando um tapa na orelha do velho. Foi o bastante para jogá-lo contra um dos soldados, que prontamente arremessou-o contra outro. Os soldados empurraram o bêbado de um para o outro, até ele cair, em desespero. Jonas ergueu uma das mãos, querendo pegar Ebert pela manga, mas um dos guardas rosnou para ele, impedindo-o de ajudar. Ele recolheu a mão e continuou observando. Os soldados riam, um deles até parabenizando o oficial com um tapinha nas costas.

Ebert olhou para cima, o sangue escorrendo de um corte profundo na testa.

— Escória valentona, vocês todos! — cuspiu. — Vocês nem deviam usar o colete. Vejam! — ele gritou para todo o bar. — Vejam os homens do Leão! Vejam o nobre exército do rei!

Jonas estava balançando a cabeça, aflito atrás do balcão.

— Por favor — disse o estalajadeiro —, deixem-no!

O sargento voltou-se para ele, carrancudo: — Ele desonrou a mim e difamou o rei. Vou punir esse doido como me aprouver. Todos vocês, para fora!

9: O lobo revelado

O sargento deu passos largos para fora da estalagem, seguido pelos outros soldados, que arrastavam Ebert consigo. Uma multidão de aldeões assustados, liderada por Jonas, juntou-se na varanda, a luz da estalagem vazando por trás deles. Hector e Drew juntaram-se à multidão de um lado, ambos os corações a pular numa mistura de raiva e temor.

— Que isto sirva de lição para todos vocês, camponeses — disse o militar. — Se mais algum dos bastardos aqui ficar com vontade de espalhar conversa fiada sobre o rei Leopold, vai levar mais do que uma surra. Terá sua cabeça cortada!

Ele arregaçou as mangas enquanto seus três homens arrastavam o velho para a rua. As pernas de Ebert deixaram uma trilha na lama, sua cabeça caída sobre o peito. Alguns dos aldeões tentaram voltar à estalagem para não ver a cena inevitável.

— Voltem aqui! — berrou o sargento. — Você todos precisam ver! — Dois soldados seguravam o velho, um em cada braço, e um terceiro o pegava pelos cabelos brancos e ensanguentados, mantendo-o em pé enquanto o sargento dava um passo a frente, o punho fechado preparando o soco.

Antes que desse o primeiro golpe, uma mão fechou-se sobre seu punho.

— Não posso deixar você fazer isso — disse uma voz.

Um coro de murmúrios surgiu da multidão. Que ser insano colocaria sua vida em perigo pelo pobre Ebert? Os soldados eram assassinos; disso não havia dúvida. O sargento virou o pescoço para trás, uma expressão de espanto em sua face dura. Um menino com um manto verde-escuro estava lá, segurando seu punho como se sua mão fosse um torno.

— O que você pensa que está fazendo? — vociferou o sargento.

— Impedindo você de ferir esse pobre homem e evitando que você e seus homens se mostrem mais imbecis do que já são — respondeu Drew, o rosto duro e os olhos estreitos. Por dentro, seu

coração estava mais rápido do que nunca, como se quisesse rasgar o peito. Seu estômago revirava, sua cabeça latejava; o medo pressionava cada um de seus nervos, mas ele manteve sua posição. A multidão assistia num misto de fascinação e tensão.

Quem era esse imbecil a arriscar sua vida por um deles? Um louco?

O sargento esforçou-se para soltar a mão até que finalmente conseguiu, virando-se para encarar o menino. Os outros três soldados soltaram o velho, que caiu de cara na lama. Então os quatro soldados ficaram de frente para Drew. O sargento tirou sua espada da bainha, e os homens seguiram seu gesto. As espadas estavam enferrujadas, mal cuidadas por aqueles milicianos preguiçosos.

— Eu não faria isso — avisou Drew. — Guardem suas armas e retornem a seus postos. Ninguém precisa ficar ferido.

Hector adiantou-se para tentar ajudar o velho, tirando o rosto dele da poça suja. Começou a arrastar Ebert de volta à entrada da estalagem, e Jonas desceu os degraus para ajudá-lo.

— Ninguém precisa se ferir? — riu o sargento. Tenho uma lança na minha torre que deve servir para espetar a sua cabecinha — ele disse, dando um passo à frente.

Drew afastou o manto de cima de sua coxa e, como um raio, a espada Wolfshead estava exposta. A multidão deu um suspiro coletivo. Alguns reconheciam a lâmina de tempos antigos e mais prósperos. Os soldados também notaram, dois deles tremendo por um instante até o sargento mandá-los entrar em ação.

— Ataquem! — ele berrou. Os homens jogaram-se à frente, passando por seu comandante enquanto ele tomava distância, esperando para juntar-se à luta em momento mais apropriado.

Apoiando-se em tudo que Gerard havia lhe ensinado em Redmire, Drew desviou do primeiro homem com uma finta, deu um passo para o lado e o fez voar na lama com um chute bem colocado. O segundo era mais bem preparado, e suas espadas encontraram-se com um tinido. Duas rápidas trocas de golpes, e Drew conseguiu dar a volta no soldado, batendo a parte cega de sua espada na cabeça dele com um estampido seco. Ele caiu direto

no chão. Mas Drew deixara sua defesa aberta, o que Gerard o avisara para nunca fazer. O terceiro soldado deu uma investida ágil, um golpe que abriu caminho pelas costas de Drew. Somente o gibão de couro cravejado sobre o manto impediu que a lâmina encontrasse a carne, mas foi o suficiente para atirar Drew num giro pelo ar.

Cambaleante, ele tirou o manto, jogando-o contra os degraus da estalagem. A multidão prosseguia assistindo eletrizada, a esperança crescendo. O sargento e seu homem restante aproximaram-se de Drew, enquanto o soldado que ainda estava consciente fazia grande esforço para sair das trilhas de lama na rua.

Hector também assistia, incapaz de ajudar o amigo. Era em momentos como esse que ele desejava desesperadamente se transformar como seu pai.

Embora fosse um Boarlord, nunca dedicando todo o seu tempo e energia aos estudos, investindo em sua formação de médico e magíster. Enquanto Vincent havia se aventurado nas transformações, para o rato de biblioteca, Hector, a metamorfose permanecia uma questão do outro mundo.

Drew havia provocado a batalha, e sabia que era sua responsabilidade encerrá-la. Mas não conseguiria daquele jeito. Então, enquanto os soldados se aproximavam, começou a transformar-se.

Ele pareceu ganhar quinze centímetros de altura diante dos homens.

Seus ombros cresceram; os braços pareciam engrossar, os músculos saltaram dentro das roupas. Os cabelos negros que caíam em sua face ficaram mais felpudos, como os pelos de um animal. Ele rosnou, revelando dentes afiados e rangentes. Os olhos eram ouro que brilhava sob uma face enegrecida.

— É o Lobo! — veio um grito da estalagem.

— Wergar vive! — berrou outro, seguido de vivas.

— Não pode ser — suspirou o sargento, piscando de descrença.

Agarrando o soldado a seu lado, ele jogou o homem contra o Werewolf. O

homem soltou um grito de fútil de batalha ao atacar, a espada segura pelas duas mãos, como uma lança na altura do peito. Drew pulou para a frente, interceptou-o, e bateu em seu rosto com o cabo da espada Wolfshead. O

homem caiu, instantaneamente inconsciente. O soldado que havia conseguido sair da lama agora cambaleava no sentido do monstro. Drew virou-se para rosnar, e o homem veio abaixo ao lado de seu camarada, desmaiado.

O sargento arremessou-se para a frente, girando a espada na tentativa de um golpe profundo.

Mas Drew era rápido e alerta demais. Ele estendeu sua mão em garra, pegando o homem pela garganta, levantando-o no ar com um simples movimento. O homem soltou a espada no chão enquanto tentava respirar.

A multidão ficou em silêncio.

Drew puxou o sargento para perto, seus dentes lupinos rangiam, e a saliva quente fustigava o rosto do homem.

— Se você ou um de seus homens ferir qualquer dessas pessoas mais uma vez eu voltarei pessoalmente a esta cidade para me vingar de cada de um de vocês. — E, com força sobre-humana, ele jogou o soldado a seis metros de distância, numa carroça de feno.

A multidão de aldeões deu vivas, batendo palmas de alegria. Hector e Jonas ajudaram Ebert a se levantar, enquanto Drew voltava à forma humana tão rápido quanto seu corpo permitia. A mudança era desconfortável, pois seus ossos e músculos precisavam se reacomodar, mas em um minuto a reversão estava completa. Ele ergueu a mão ao povo para acalmá-lo.

— Não deixem esses homens intimidar vocês — ele gritou. — Eles estão aqui para servi-los. Vocês são mais numerosos do que eles. Lembrem-se disso, e sejam corajosos.

— Wergar! — disse alguém. — Você voltou!

— Não — gritou Drew. — Eu não sou...

— O Lobo! É verdade! — gritou outro.

— Salve Wergar!

— Salve o verdadeiro rei!

— NÃO! — gritou Drew. — Eu não sou Wergar, não sou seu rei, e não sou um Lobo. Sou apenas um menino! — A multidão aquietou-se um pouco.

— Mas você é um deles!

— Você é um Werelord!

— Tenho uma maldição — gritou Drew. — Sou um homem comum com uma doença incomum, e este é meu fardo. Nada além disso. Não sou quem vocês pensam. — A multidão ficou desapontada, diminuída. — Vocês devem enfrentar aqueles que os oprimem. Vocês não precisam de mim; para isso têm livre-arbítrio.

Com isso ele foi em direção a Hector, que havia apanhado o manto de Drew e agora o devolvia ao amigo. Ele o pegou, desajeitado, e o amarrou em torno do pescoço mais uma vez. Ebert olhou para a espada na cintura de Drew.

— Você pode enganar a eles — murmurou o velho. — Mas não me engana, milorde. Esta é uma espada Wolfshead, que não é dada a qualquer um. Eu lutei por Wergar. Eu conheci aquele grande homem. — Agora ele falava baixinho: — E reconheceria um filho dele em qualquer lugar... — E

curvou-se diante de Drew, sendo observado pelos aldeões.

Drew sentiu um calor no coração que nunca experimentara. Sentira-se bem em ajudar essas pessoas. Mas a que custo?

— Vou ajudá-lo a se limpar — disse Hector, apontando com a cabeça para o velho ferido e depois se dirigindo a Drew. — Seria bom você dar uma olhada em Gretchen, ver se ela está bem.

Drew fez que sim, enquanto Hector seguia a pequena multidão que voltava para dentro da estalagem. Ficou lá, sem palavras, e o povo passava por ele, alguns fazendo medidas na passagem. O último a entrar foi Jonas.

— Se precisar de um teto ou de um estômago cheio, milorde — disse ele, sorrindo —, não deixe de vir à Estalagem da Sereia. Mas, lembre-se, suas moedas aqui não têm valor. — Ele também curvou-se, antes de seguir os últimos clientes até o bar.

Drew balançou a cabeça. O que ele fizera? Seus instintos haviam lhe dito para proteger o inocente, para impedir os guardas torturadores, nada além disso. Mas ele subestimara o impacto que

a visão do Werewolf teria sobre os aldeões. Agora pensando com calma, ficava evidente que a licantropia ou os Werelords eram uma raridade para aquelas pessoas.

“Bem”, ele pensou. “Se os inspirei a desafiar esses brutos que fingem protegê-los, então talvez tenha feito algo de bom. Mas sem dúvida arruinei nossas chances de chegar à costa sem chamar atenção.” Ele temia ouvir o que Hector teria a lhe dizer em particular.

Subindo a escadaria ao lado da estalagem, Drew caminhou pelo patamar até o quarto seis e bateu na porta. Ficara surpreso que Gretchen não tivesse ido ver de que se tratava o barulho lá embaixo. Não houve resposta no quarto, então ele bateu de novo.

— Gretchen? — Talvez ela facilitasse um pouco as coisas se o visse defendendo os oprimidos, exibindo uma força que ele sempre desejara ter, tanto mental quanto física. Agora tinha essa confiança, mas Gretchen provavelmente veria sua defesa dos mais fracos como mais um descaso ostensivo para com a autoridade do rei. Não havia como agradar essa mulher. Ainda sem resposta, ele bateu pela terceira vez.

— Milady? — ele chamou, esperando obter alguma resposta. Nada.

Tentou a maçaneta; trancada. Algo estava errado. Deu um passo para trás e jogou o ombro contra a madeira, batendo uma, duas vezes; na terceira, a fechadura quebrou-se e a porta se abriu.

O quarto estava como ele esperava encontrar. Uma vela tremeluzia numa simples mesa de canto, ao lado de duas camas, toalhas limpas dobradas ao pé de cada uma. No canto, uma banheira de chumbo vazia. A janela estava aberta, e a brisa fria de primavera fazia as cortinas tremularem quarto adentro, batendo gentilmente contra as paredes de madeira.

Ela não estava lá.

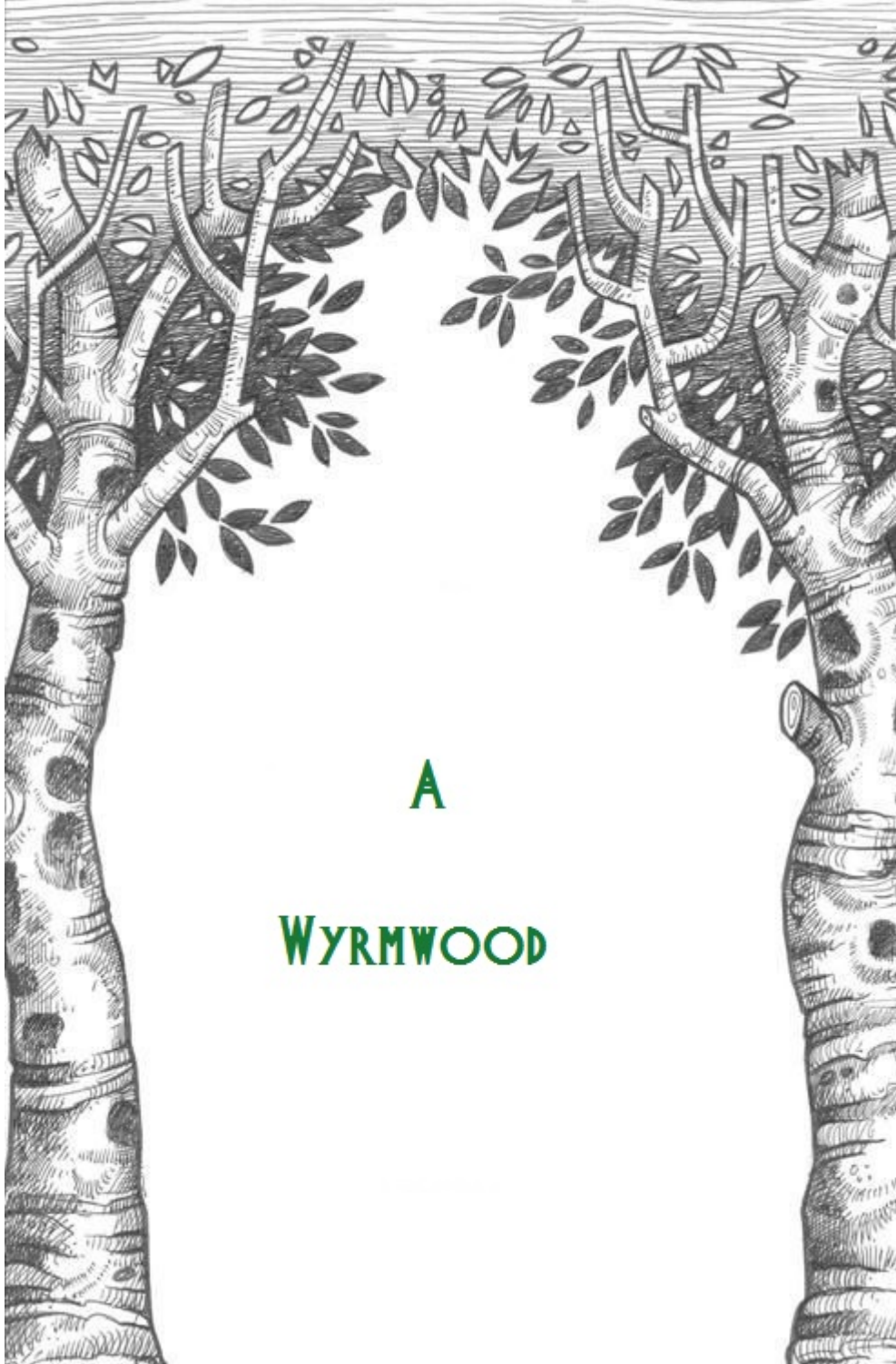
Ele correu para a janela para ver. Um cano descia por toda a extensão da parede até o chão; o topo das árvores e arbustos obstruíram a visão do que estava adiante. Alguém a levará? Que imbecis eles foram de terem-na deixado desprotegida! Nunca

deveriam tê-la deixado sozinha. Se algo lhe acontecesse... ele não queria pensar nisso.

Foi quanto viu um bilhete no travesseiro de uma das camas. Era uma carta dobrada, na qual lia-se em um dos lados do papel, em tinta vermelha: Hector & Cão Ele fez uma careta diante do gracejo. Ela não se continha. Drew desdobrou a carta para revelar a mensagem interna: Fui. Encontrarei alguma maneira de chegar a Highcliff. Não me sigam.

Gretchen Drew amassou o bilhete, sua cabeça cheia de novas preocupações, antes de partir em direção à porta.

PARTE 4



1: O Xamã da Wyrwood

Drew e Hector estavam bem escondidos entre os juncos, imersos até os tornozelos em águas pantanosas de odor estranho, os olhos voltados para a aldeia iluminada pela fogueira. Drew agarrava com força sua espada, a outra mão afastando as folhagens do caminho para ver melhor o desenho do pequeno vilarejo. Não havia paliçadas ao redor, nem patrulhas ou sentinelas pelos quais teriam de passar. Doze grandes barracos de taipa, todos parecendo que caíam sob um vento forte, cercavam a fogueira. Uma choupana maior ficava ao fundo da aldeia, os galhos esqueléticos e nus das árvores enegrecidas da Wyrwood movendo-se sobre ela como mãos espectrais dominando marionetes. A cabana do Xamã, concluiu Drew.

A aldeia inteira dançava em torno da fogueira: homens, mulheres e crianças. Os Wyldermen estavam ou nus ou usavam peles sebatas de animais, seus colares de ossos a balançar ritmadamente enquanto pulavam, saltavam e saracoteavam em torno daquela balbúrdia. Os homens carregavam lanças ou arcos, erguendo-os em direção ao céu enquanto urravam e cantavam. Dois mais velhos ficavam de lado, batendo em um ritmo constante em tambores com pele animal.

Liderando a dança estava o homem que só podia ser o próprio Xamã.

Seu corpo nu estava pintado de preto; na cabeça, seu penteado emplumado era coroado pelo crânio de um carneiro. Os chifres retorcidos saíam de forma demoníaca de sua face, enquanto dançava próximo das chamas. Ele passou um cajado por cima da cabeça com ambas as mãos. Em um dos lados do cajado havia uma caveira humana; do outro, um punhal de pedra.

Drew virou-se para Hector, que tremia a seu lado. Ele olhou por cima do ombro. Sete homens de Oakley estavam atrás, ainda mais aterrorizados do que seu amigo, com espadas, porretes e bestas nas mãos.

— Como foi mesmo que viemos parar aqui? — ele sussurrou para o Boarlord.

Após descer correndo a escada para encontrar Hector na Estalagem da Sereia, Drew avisou que Gretchen tinha sumido e que os dois teriam de partir imediatamente. Antes que saíssem, porém, Jonas insistiu que alguns aldeões os acompanhassem — os pântanos eram mortais à luz do dia, quanto mais ao cair da noite, então era melhor que os meninos tivessem gente familiarizada com o terreno para escoltá-los. Os homens de Oakley já haviam servido a guias e guardiões, o que aceleraria a busca por Gretchen.

Dividindo-se em dois grupos, eles conseguiriam cobrir um terreno maior.

Jonas assumiu um grupo, enquanto Drew e Hector aceitaram a ajuda de sete voluntários.

Com Piotr, o melhor lenhador de Oakley, ao lado de Drew e Hector, o grupo partiu. Com o conhecimento de Piotr daquelas terras, e sua capacidade natural — e sobrenatural — de rastreio, não demoraram a achar o rastro de Gretchen. Ela estava indo para o oeste, mais ou menos a direção correta para Highcliff, quando as pistas sumiram, a aproximadamente oito quilômetros do vilarejo.

Vasculhando o chão lamacento onde as pegadas repentinamente terminavam, Piotr achou que ela podia ter sido atacada, mesmo que não houvesse pegadas por perto. Eles procuraram ao redor, mas não encontraram vestígio de nada nem de ninguém, muito menos do corpo de Gretchen, o que dava esperança a Hector e Drew de que ela estivesse viva.

Quando Drew perguntou se poderia tê-la sequestrado, foi de coração pesado que Piotr falou dos Wyldermen da Wyrwood.

Não era novidade os Wyldermen raptarem em vez de simplesmente matar humanos nessas paragens, arrastando-os até sua aldeia para quaisquer que fossem os atos ímpios que planejavam. Os ataques haviam diminuído em meses recentes, pois o inverno os mantinha afastados, mas a primavera chegara, e os selvagens estavam ficando mais atrevidos. Não havia mais ninguém que a pudesse ter levado sem deixar rastros, disseram os aldeões.

Se tivesse sido um urso, ou lobos, como um deles sugeriu olhando nervoso para Drew, haveria algum vestígio. Eles tinham certeza de que ela havia sido levada pelos Wyldermen, assim a única esperança de encontrá-la era dirigir-se a Wyrnwood, e com sorte resgatá-la antes que mais horrores fossem cometidos. Como se precisassem de mais evidências, a algumas dezenas de metros, Piotr encontrou uma flecha farpada no chão pantanoso, não muito diferente da que havia atingido mestre Hogan quando Drew fora encontrado pela primeira vez na Dyrewood.

Enquanto o grupo avançava em direção à aldeia Wylderman, de repente ouviram primeiro os tambores, e então viram o céu iluminado pelo fogo. Quanto mais eles se aproximavam, tropeçando no brejo sinistro, ajudando um ao outro, cada vez mais a paisagem ficava aterrorizante. As árvores negras e nuas da Wyrnwood alcançavam o céu, assomando-se sobre a aldeia. Todos os sete moradores de Oakley sussurravam ou mexiam a boca fazendo preces ao velho Brenn, supersticiosos que eram quanto à floresta assombrada. Era o mais perto dela que qualquer um já havia chegado em suas vidas, e sua bravura não passava em branco para Drew ou Hector.

O Boarlord virou-se para o amigo: — Minha querida prima tem mesmo o hábito de provocar o caos aonde quer que vá — disse com um alto riso forçado.

Drew não sorriu. Olhou para os homens atrás de si.

— Vocês não precisam nos seguir — disse em tom sincero. — Já fizeram mais do que o necessário, amigos. Vocês têm famílias e entes queridos esperando-os em Oakley. Podem dar meia-volta.

Piotr observou os outros para avaliar as reações, com a sua pesada besta armada sobre a perna. Mas todos balançaram a cabeça em sinal negativo.

— Não — sussurrou o lenhador. — Vamos ficar com você. Hoje encontramos coragem onde não havia nada. Devemos-lhe isso, Drew da Dyrewood.

Drew concordou com satisfação, mas também com um tanto de remorso. Uma vez na aldeia Wyldermen, Drew imaginava situações onde um ou dois — talvez todos — pudessem ser feridos ou mesmo

mortos. Isso seria outro fardo terrível para carregar, que ele faria tudo para evitar.

— Muito bem, então — respondeu. — Mas fiquem sempre atrás de mim. Não há sentido em se colocarem em perigo mais do que o necessário.

Farei o melhor para protegê-los... se puder — ele prometeu, ainda inseguro quanto à sua habilidade de invocar o lobo. Os sete fizeram que sim.

Hector encostou-se em Drew, falando baixo em seu ouvido: — Hã, qual é mesmo o seu plano? — perguntou o Boarlord, agarrando um punhal com mãos atarracadas e destreinadas.

— Plano? — repetiu Drew, incapaz de esconder o fato de que não havia um. — Como falei, deixe-me eu assumir a frente. Só fique atrás de mim, Hector, por favor. — Ele acenou com a mão livre para que os outros o seguissem, e o grupo caminhou em meio à lama.

O pântano logo deu lugar a um solo mais duro. Sem fazer barulho ou chamar atenção, o grupo passou por trás de uma das cabanas dos Wyldermen. Três dos homens de Oakley tinham bestas, e o restante, armas mais apropriadas para lutas mais corporais.

— É com o Xamã que você precisa conversar — Piotr sussurrou. — Ele é o chefe aqui. É ele que sabe onde ela está.

Drew fez sinal de que havia entendido.

— Revelem-se apenas se necessário — ele instruiu. E, assim, deu a volta no barraco até a luz forte da fogueira.

De início, os Wyldermen não o notaram, tão envolvidos que estavam com sua cerimônia, cantando e pulando loucamente em volta das chamas.

De repente ouviu-se o guincho de um deles; Drew havia sido avistado. Os tambores cessaram imediatamente. Os Wyldermen ficaram lá, imóveis, por um longo instante.

O Xamã virou-se lentamente, seus olhos selvagens e maléficos fitando Drew. O jovem Werewolf sacou a espada, espetando a Wolfshead no chão à sua frente. Ele abriu os braços, provando que estava desarmado. O Xamã abriu a boca para revelar dentes afiados, que estalaram de forma ameaçadora antes de passar a

língua neles. Então, erguendo seu cajado com a caveira numa das pontas, rosnou um comando numa língua gutural, e os Wyldermen partiram para emboscar Drew.

Braços seguravam-no, mãos o pegavam, e ele foi levantado sobre a cabeça deles para ser levado para mais perto do Xamã, próximo à fogueira.

Drew flutuou por um mar de fúria enquanto pontas de lança o espetavam, rasgando seu manto. Enfim, jogaram-no ao chão, a centímetros das chamas, fazendo um cerco a seu redor, as lanças afiadas apontadas para ele, impedindo-o de mover-se um centímetro que fosse.

Hector espiou pelo lado da cabana, tentando ver o que acontecia. A ponta da espada Wolsfshead continuava fincada na terra. Mais à frente, a multidão se abriu para deixar o Xamã passar.

Drew não perdeu tempo, por medo do que poderia acontecer se fizesse uma pausa.

— Você raptou uma amiga minha — explicou. — Estou aqui para levá-

la de volta. Entregue-a e prometo que não haverá derramamento de sangue.

O desafio de Drew foi audaz, e, ainda preso ao chão, ele olhou nos olhos do Xamã.

O Wylderman abriu sua boca monstruosa e gargalhou loucamente. Os outros seguiram a deixa, uivando e arquejando até ele erguer a mão para aquietá-los. Caíram em silêncio no instante em que ele começou a falar, sua voz soando estridente enquanto os dentes limados batiam uns nos outros.

— Ela foi — ele disse. — Ela oferenda.

— Oferenda? — disse Drew, olhando ao redor, para as cabanas vazias.

— O que você quer dizer com oferenda?

— Ela foi dada para Wyrwood. Ela é para Wyrm.

A multidão berrou com deleite de vitória, dando gritos para o céu quando o Xamã mencionou Wyrm.

— Diga-me onde ela está! — ordenou Drew, desviando uma ponta de lança de seu rosto. — Pelo amor do velho Brenn, antes que seja tarde demais.

O Xamã deu-lhe um tapa na face e jogou terra em seu rosto.

— Não menciona falso deus aqui. Há um deus só. Vala, a Wyrm.

Era mais sério do que Drew esperava. Ele tinha esperança de que Gretchen estivesse presa numa das cabanas, aguardando alguma terrível cerimônia com os Wyldermen, mas parecia que já era tarde demais. Tentou erguer-se, mas dois guerreiros Wyldermen deram um passo à frente, pressionando lanças contra ele. Uma se apertou contra seu peitoral, mas a outra lança encontrou uma fenda em sua armadura, rasgando profundamente seu ombro. Ele soltou um uivo de dor.

— Vala tem oferenda já — disse o Xamã. — Agora temos a nossa. Vala abençoada! — ele gritou, enquanto os homens empurravam Drew até os pés do Xamã.

Hector e os aldeões começaram a sair de seu esconderijo. Ao ouvirem o grito de Drew, perceberam que teriam de agir rapidamente. De armas em punho, eles dispersaram-se, os de besta cuidando da cobertura, enquanto os outros homens avançavam silenciosamente. Hector estava ombro a ombro com um pescador de meia-idade chamado Joss, que segurava um grande arpão, um gancho de pesca com curva sinistra e uma lâmina na ponta. Era uma ferramenta para as águas, não uma arma de guerra, mas o homem a empunhava com temível determinação.

O Xamã enfiou as mãos nas penas que serviam de cabelo à caveira de carneiro sobre sua cabeça, revelando uma longa e fina lâmina de pedra ali escondida.

— O coração! — ele gritou para a multidão em transe, fascinada. — O coração é meu! — E, assim, enfiou sua faca no peito de Drew.

Com isso, o caos se instaurou.

Três gatilhos de bestas foram ativados imediata e simultaneamente, alvejando três Wyldermen. Hector soltou seu próprio grito de guerra, antes de jogar-se contra um dos selvagens. Joss arremessou seu arpão contra as costas de outro, em seguida arrancou o gancho do moribundo antes de virar-se para encarar

mais um. Os outros aldeões entraram na luta, enquanto as bestas eram recarregadas para tentar acertar mais Wyldermen.

Para alívio de Hector, a segunda equipe de busca, liderada pelo estalajadeiro Jonas, chegou à aldeia nesse instante, apressando-se para unir-se aos amigos na balbúrdia. Jonas carregava um grande machado, que logo usou contra um Wylderman. Atrás dele, um dos aldeões de Oakley tombava ao chão, uma flecha curta enterrada em sua garganta. Ali perto, outro de seus companheiros foi derrubado por três mulheres selvagens com pedras e facas.

Os reforços podiam ter chegado, pensou Hector, desviando os golpes de uma lança selvagem, mas eles estavam em menor número e havia poucas chances de vencer essa batalha.

Drew gritou enquanto o Xamã forçava o punhal contra seu peitoral, o couro partindo, e a lâmina rasgando seu peito. O Xamã só parou quando a lâmina encontrou as costelas, rangendo contra o osso. Enquanto tentava alcançar o coração de Drew, o branco dos olhos do Xamã brilhava de deleite, e ele lambia os dentes com a expectativa. O punhal podia não matar Drew imediatamente, mas o incapacitaria, com ou sem licantropia. Ele lembrou-se das palavras do barão Huth e tentou manter a concentração enquanto o corpo se contorcia para defender-se.

De repente, o punhal do Xamã deixou o peito de Drew. Quando a caixa torácica do jovem começou a se expandir, músculos surgiram sobre músculos e ossos mudaram de forma. Ele jogou os braços para trás, fazendo os quatro homens que o mantinham preso voarem para a fogueira, num coro de gritos. Sua mandíbula distorceu-se, o focinho cresceu, os olhos assumiram a cor âmbar num instante. Pelos brotaram de seu corpo, e ele retirou o manto enquanto sua armadura de couro caía ao chão, as presilhas soltando-se conforme haviam sido projetadas para fazer.

O Xamã não cedeu, investindo loucamente com seu punhal, tentando talhar a fera que surgia diante de seus olhos. Em segundos Drew lhe fazia sombra, o Lobo comandando o contra-ataque e soltando um rugido. Com uma mão em garra ele arrancou o punhal das mãos do Wylderman, enquanto com a outra deu uma investida, direta e veloz, no peito do homem, desaparecendo em

seu interior. Sua mão apertou o coração ainda pulsante do Xamã, e num movimento selvagem e repentino ele o comprimiu no punho fechado.

— Coração — ele grunhiu para o sacerdote enquanto a luz sumia de seus olhos selvagens. Ele deixou cair ao chão o órgão sem vida, e olhou em volta para conferir se mais alguém o encararia. Os Wyldermen haviam saído de perto, olhando com horror para o corpo imóvel de seu líder e para a fera à sua frente. Gritando e gemendo, mulheres e crianças correram para suas cabanas, e os homens retiraram-se logo em seguida. Drew soltou um uivo de gelar a espinha, com a cabeça erguida para o céu. Foi bom. Os homens fugiram correndo para suas cabanas, batendo as portas após passarem.

A parte de Drew que fora deixada de lado, sua humanidade, encontrou caminho de volta à sua mente enquanto o lobo se deliciava com a selvageria do momento. “Lembre-se do mantra”, diziam as palavras do barão Huth.

“Assuma o controle da fera.” Lentamente, Drew relaxou, seu corpo voltando ao tamanho normal enquanto os aldeões lhe davam passagem.

Fragmentos do terror que acabara de infligir passaram por sua mente. Ele olhou para a mão ensanguentada.

Hector surgiu a seu lado.

— O que... o que eu fiz? — ele gaguejou, fitando o corpo do Xamã caído no chão, uma onda de náusea subindo-lhe pela garganta ante a visão do peito ensanguentado do homem.

Hector recolheu a espada Wolfshead.

— Drew, não busque respostas nem explicações — ele respondeu. — O

Lobo dentro de você é inumano; você levará uma vida inteira para assumir o controle. — Hector recolheu as roupas do amigo e as devolveu: — Você fez o que era necessário.

Um raio de medo cruzou o corpo de Drew ao perceber as verdadeiras implicações de sua herança. Não era algo que podia ser libertado sem sérias repercussões. Alguma coisa dentro dele

pareceu aceitar a responsabilidade indesejada que a licantropia trazia. As coisas nunca mais seriam as mesmas.

— Temos de nos mexer rápido — disse Hector. Atrás deles, os homens de Oakley cuidavam dos feridos e erguiam os mortos.

Drew afivelou seu cinto de armas na cintura, e o simples ato o trouxe de volta ao presente.

— Eles deram Gretchen em sacrifício à Wyrwood, a essa mulher Vala de que você falou — disse, vestindo-se rapidamente.

— Vala? — repetiu Hector enquanto eles caminhavam em direção aos aldeões de Oakley. — Ela é só um mito, uma história que as pessoas destas partes contam para as crianças. Se levaram Gretchen à Wyrwood, então é alguma outra coisa que vai levá-la, não uma mítica Wereserpent.

— Eu sei que você disse que era improvável que ela vivesse, mas isso não significa impossível — disse Drew. — Além disso, Gretchen corre perigo aqui. Precisamos encontrá-la logo.

Ele passou por cima do corpo do Xamã, observando as cabanas ao redor, mas não havia sinal dos Wyldermen. Eles haviam ficado aterrorizados ao ver o Werewolf atacando seu Xamã.

— Jonas, Piotr — disse Drew, percebendo que dois aldeões haviam morrido. — Obrigado por nos ajudar. Não posso dizer o quanto sinto pelo que aconteceu a seus amigos.

— Não peça desculpas, milorde — disse Jonas, pesaroso, insistindo em usar um título honorífico ao falar com Drew, não importando quão desconfortável o jovem se sentisse com isso. — Esses homens juntaram-se a nós sabendo bem os perigos com que se deparariam. Morreram com honra, e o povo de Oakley nunca os esquecerá.

Drew e Hector fizeram um sinal de respeito.

— Hector e eu não terminamos — disse Drew. — Gretchen foi levada a Wyrwood, e devemos tentar encontrá-la. Vocês devem voltar para casa enquanto esses Wyldermen estão escondidos.

Os aldeões se entreolharam. Não precisariam de argumentos para voltarem à sua cidade. Encarar os Wyldermen, seus velhos inimigos, era uma coisa, mas entrar na floresta assombrada era querer morte rápida e violenta.

— Muito bem, milorde — disse Jonas, curvando-se tanto para Drew quanto para Hector. — Que o velho Brenn os guie até sua amiga e que faça os três saírem a salvo da Wyrnwood.

— Obrigado — respondeu Hector. — Sua bravura nunca será esquecida por nós nem por nosso povo.

Com isso, os homens viraram-se, começando sua jornada de volta através dos pântanos, em direção a Oakley.

Drew notara que três diferentes trilhas levavam ao acampamento Wyrnwood. Gretchen podia ter sido levada por qualquer uma delas. Virou-se para Hector e viu que o Boarlord havia esvaziado sua mochila no chão e estava revirando garrafas, cântaros e frascos.

— O que você está fazendo? — perguntou Drew, fitando-o com nervosismo. — Já ficamos tempo demais aqui, temos de seguir em frente.

— Para onde? Não sabemos onde ela está — disse Hector, concentrado em sua busca.

— Mais motivo, portanto, para começarmos a busca.

— Buscar onde? — disse Hector. — Wyrnwood é imensa. Não sabemos para onde eles a levaram.

— E agora não temos como descobrir — admitiu Drew, com um olhar desolado para o Xamã morto.

Hector examinou o corpo atrás de si, pensativo.

— É nisso que você se engana, Drew. Tenho uma ideia.

2: O magíster

— Como lhe contei antes, passei muitas noites na biblioteca de Redmire, estudando até altas horas, lendo sobre rituais que eram realizados muito, mas muito tempo atrás, nos quais os líderes se comunicavam com aqueles que tinham morrido súbita e inesperadamente com o objetivo de descobrir qual seus últimos desejos — explicou Hector. — Muitas sociedades tinham seus próprios magísteres, embora com nomes diferentes. Xamãs, feiticeiros, magos, chame do que quiser, eram todos praticantes de magias antigas e feitiços arcanos. Com o tempo, essas práticas foram proibidas. Os Werelords cuidaram para que ninguém além deles tivesse domínio sobre o povo escravizado, e todos os antigos usuários de magia morreram.

— Como falei, entendo muitos dos princípios básicos da antiga magia.

Há feitiços simples que já aperfeiçoei, como o ventriloquismo, as nuvens de fumaça, pequenas ilusões e assim por diante...

— O que você está tentando me dizer? — perguntou Drew.

— Creio que posso falar com os mortos — Hector respondeu. — Especificamente com este camarada aqui — ele prosseguiu, apontando para o Xamã morto. — Me dê um minuto, não mais que isso, prometo. Com esta criatura sob meu comando, saberei o paradeiro de Gretchen.

Drew balançou a cabeça, querendo dissipar essa insanidade de sua cabeça. A ideia de que ele e alguns poucos “nobres” eram lobisomens já fora difícil o bastante de lidar. E agora ouvir que seu caro e compassivo amigo era uma espécie de bruxo aprendiz de necromante ameaçava levá-lo à loucura. Fosse o que fosse que o Boarlord planejava, com certeza estava muito além de qualquer coisa que já lera nos livros. Com certeza era perigoso.

— É seguro, Hector? Essa coisa que você quer fazer? — perguntou Drew. — Você nunca fez isso antes. Você mesmo disse que isso é coisa dos magísteres e dos magos.

— Está tudo aqui — ele respondeu, apontando para a cabeça enquanto vasculhava a algibeira. — É apenas questão de manter tudo em ordem, tudo em seu lugar.

— Contanto que você saiba o que está fazendo — disse Drew, preocupado. Ele não acreditou naquela possibilidade nem por um instante, e queria ter a mesma fé na magia que Hector possuía. Mas a verdade era bem clara: eles não sabiam coisa alguma sobre o destino de Gretchen. Talvez valesse a pena, se houvesse alguma chance de Hector conseguir a resposta de que precisava do Xamã morto. Drew tentou se convencer de que valia a pena correr o risco, mas uma nuvem negra nublou seu coração.

Independentemente disso, teria de ajudar seu amigo: — O que você quer que eu faça?

— Um passo para trás seria um bom começo — disse Hector, sorrindo, enquanto sentava-se no chão. Numa das mãos tinha um frasco de vidro verde-escuro. Tirando a rolha, ele começou a soltar uma linha de pó amarelo no chão, num círculo em torno do corpo do Xamã. Ele habilmente arrolhou o frasco e devolveu-o à algibeira. — Mas tenho de agir rápido.

Talvez tenhamos perdido nossa chance. A alma só pode ser invocada logo depois da morte. Sabendo como é minha sorte, nossa janela de oportunidade já está fechada. Fique de olho nas cabanas; não quero ser interrompido.

Drew ficou de costas para o fogo, a espada Wolfshead na mão, observando as cabanas dos Wyldermen enquanto Hector acomodava-se no chão em frente ao corpo e ao círculo de pó.

— Que coisa é essa? — perguntou Drew. — Que fedor!

— Enxofre, Drew. Agora fique quieto, por favor.

Drew foi pego de surpresa pelo tom impositivo do amigo, mas não quis discutir. Ficou ao lado, em pé e alerta, enquanto o Boarlord retirava uma grande vela negra de sua bolsa e punha o pavio no fogo para acendê-la.

Então fechou os olhos e começou a entoar. Com as mangas da camisa arregaçadas, ele abriu a mão esquerda voltando a palma para o céu, enquanto murmurava antigas palavras. Drew deu um olhar nervoso por cima do ombro.

Inclinando a vela, Hector deixou a cera pingar da ponta, juntando-se numa pequena poça quente na palma de sua mão esquerda. Mesmo com a dor, ele não perdeu o ritmo, continuando a entoar enquanto a cera fumegante gotejava em sua pele.

Drew sentiu um calafrio quando uma brisa gelada repentinamente passou pelo assentamento. Ele olhou ao redor e viu que as sombras do fogo pareciam mudar e distorcer-se. A cera negra agora enchia a mão de Hector, escorrendo por entre seus dedos e até seu colo. Então ele parou de entoar.

Fechando o punho, baixou a mão até a terra e bateu uma vez no solo.

Depois duas. Três vezes.

O cadáver no chão pareceu vibrar.

— Viu aquilo? — disse Drew, ofegante.

— Quietos, Drew! — Hector sussurrou, concentrando-se.

O corpo do Xamã estava se mexendo, tremulante. Drew instintivamente olhou em volta para saber se estavam sendo observados, mas parecia não haver vida nas cabanas. Seus dedos estalaram ao apertarem a empunhadura da espada Wolfshead.

— Erga-se, criatura, e responda aos comandos de seu mestre — disse Hector. O Wylderman sentou-se reto no chão, o sangue fresco a escorrer do ferimento no peito. Sua pele tinha uma palidez de morte, e viam-se os ossos lascados em sua caixa torácica aberta. O pescoço estava flácido, a cabeça pendurada contra o peito. A figura ficou imóvel por um instante antes de a cabeça erguer-se com um estalo, os olhos abertos, revelando luzes peroladas por dentro. Após um momento de silêncio, sua boca abriu-se num sorriso partido, grotesco, expondo gengivas sangrentas e dentes afiados. Uma risada baixa, gutural, emanou dela. Soava como a própria morte.

— Porquinho — ele disse, erguendo o braço mole na direção de Hector, a saliva negra escorrendo de sua boca horrenda. Um dedo partido apontava acusatório para o Boarlord. Reconhecia o legado que havia nele.

— Estou aqui, Hector. Estou do seu lado — Drew sussurrou. — Faça o que tem de fazer e seja rápido.

— Onde está ela? — perguntou Hector com confiança renovada.
— O

que você fez com Gretchen?

— Porquiiiiinho — disse com desdém o Xamã ressuscitado, a cabeça caída para o lado num ângulo impossível e a língua solta, negra e inchada.

— Porquinho — ele o desafiava. — Sem resposta!

— Eu o trouxe de volta e ordeno que me diga AGORA — gritou Hector, batendo o punho no chão mais uma vez. — Onde está ela?

Drew olhou em volta; ele agora ouvia movimentação dentro das cabanas. Uma porta abriu-se, só um pouco, mas o suficiente para os ocupantes espiarem. Voltou-se para a cena terrível que se desenrolava à sua frente. O cadáver reanimado olhava para o Boarlord, as luzes brancas de seus olhos estreitando-se no menino. Drew sentiu repulsa, observando os movimentos artificiais do corpo, seus membros retorcidos vibrando, e sua caixa torácica aberta moendo os órgãos a cada movimento.

— O que você fez com ela? — repetiu Hector.

A mandíbula solta do Xamã rangeu ao falar: — Wyrm a levou. Vala alimento. Dentes serpente mordem. Snip! Snap! Snick! Snack!
— Os dedos do cadáver fizeram movimentos de mastigação.

Hector engoliu em seco.

— Onde podemos encontrá-la? Mais uma resposta, e o libertarei de sua servidão.

Os olhos cintilantes do Wylderman faiscaram, e um sorriso entalhado ressurgiu em seu rosto pintado. — Booooooom.
Porquinho soltar...

— Diga-nos para onde a levou!

A criatura estendeu o pescoço para a frente e ergueu o dedo esquelético até os lábios. — Seguir terceiro caminho da Wyrmwood. Caminho bifurca em pedra. Encontrar ela. Encontrar ela na Árvore da Serpente.

Hector soltou uma expiração profunda, como se a estivesse segurando o tempo todo.

— Bom trabalho, Hector — disse Drew, batendo nas suas costas.
— Agora vamos nos livrar dessa coisa para poder ir.

Hector estalou os lábios e limpou a garganta seca. As portas das cabanas dos Wyldermen agora estavam se abrindo, os homens da aldeia encontrando coragem. Drew mexeu na espada Wolfshead.

— Agora — disse Hector, dirigindo-se à criatura — retorne para onde veio. — Ele abriu a mão e deu um tapa no chão com a cera negra. O Xamã começou a reclinar-se, seus ossos triturando os outros no peito enquanto voltava a cair. O brilho em seus olhos sumiu.

Drew estava aliviado pela ressurreição ter sido tão tranquila como desejava. Com certeza havia mais em seu amigo do que ele pudera imaginar.

Enquanto Hector se erguia, apoiado nos joelhos, seu pé esquerdo deu uma pequena derrapada, e a ponta da bota do Boarlord deixou uma falha no círculo de enxofre. Sem saber o efeito disso, eles viraram-se para sair logo dali.

O grito abismado de um Wylderman os alertou. De repente o cadáver estava em cima deles. Drew tropeçou e girou, de espada em punho, seus olhos arregalados de terror. Hector sentiu o aperto gélido das mãos do cadáver em torno de sua garganta. O que estava acontecendo?

Drew ia para um lado e para o outro, sem saber o que fazer. Como o corpo do Xamã podia ter voltado à vida? Hector soltou um guincho de terror, tentando tirar a mão do cadáver de seu corpo. Foi o bastante para fazer Drew sair da inércia. Num instante, as aulas de manejo da espada com Gerard passaram mais uma vez por sua mente. Ele pulou para ajudar Hector, primeiro dando uma cotovelada no rosto do monstro. A cabeça do Xamã voou para trás, e ele libertou Hector, que foi jogado ao chão. Num movimento rápido, Drew rodopiou a espada Wolfshead sobre a cabeça do Xamã, fazendo um arco e descendo-a num movimento de foice.

O corpo do Wylderman decapitado veio abaixo enquanto a cabeça caía a seu lado, os olhos inertes, negros e mais uma vez mortos. Drew chutou-a na fogueira, que a consumiu vorazmente.

— Não vamos correr mais riscos — disse Drew, ajudando o amigo a ficar de pé.

Os outros Wyldermen agora começavam a sair de suas cabanas, dando passos lentos, ainda com as lanças abaixadas. Assim que Hector recolheu suas garrafas e frascos de volta à algibeira, os dois jovens partiram na direção do terceiro caminho, para aos poucos serem tragados pela escuridão da Wyrnwood.

3: O covil da Serpente

O pio baixo de uma coruja assustou Hector, que tropeçou enquanto seguia Drew, ambos cada vez mais enfurnados na Wyrwood. O pássaro olhou para ele, os olhos brilhantes piscando ao observar a passagem dos meninos.

O caminho se esgueirava por troncos de árvores e trepadeiras, fazendo um zigue-zague pelas profundezas negras e nebulosas da mata. Drew perguntava-se se os Wyldermen os haviam seguido, mas suspeitava que estavam de luto pela morte do Xamã e possivelmente sem pressa de encarar o Lobo pela segunda vez. Se realmente viessem atrás deles, tinha confiança de que conseguiria esconder-se usando as habilidades adquiridas na Dyrewood — mas não tinha a mesma esperança com Hector.

O chão estava molhado e pegajoso, mas eles prosseguiram, o musgo podre amassado por suas botas, besouros gigantes e larvas procurando abrigo. A neblina se espessava, encobrendo o chão e deixando o caminho menos visível. Ela ficava suspensa no ar como uma grande teia de aranha leitosa. Drew olhou em volta, em busca de algum sinal de Gretchen.

À frente deles, uma grande rocha negra ergueu-se em meio à névoa, marcando a bifurcação da trilha. Drew aproximou-se, passando as mãos sobre a superfície. Parecia ser uma enorme placa de algum tipo de quartzo.

Como chegara ali, ele não tinha ideia; talvez os Wyldermen a tivessem levado, mas com certeza não pertencia àquele lugar. Claramente servia a um propósito — a superfície estava entalhada e lascada nos pontos em que a tribo havia tirado pedaços para suas armas. Drew seguiria à direita, como o Xamã morto havia instruído, com Hector logo atrás.

Eles embrenharam-se cada vez mais na Wyrwood. Diferentemente da Dyrewood, onde havia o som constante e regular da vida silvestre pela floresta, ali emanava um silêncio mortal, exceto por um ou outro ocasional pio de pássaros. Poucas

criaturas tinham essa floresta como lar, somente as que rastejavam e deslizavam pelo chão pantanoso e suas árvores esqueléticas.

Lembrar do Xamã não fazia bem a nenhum dos jovens. Sempre que Drew fechava os olhos, ele se recordava da luta na aldeia, a imagem do homem que matara assombrando cada um de seus pensamentos. Assim que ganharam distância da aldeia, Drew encostou-se numa árvore, curvou-se o quanto pôde e vomitou até o estômago grunhir. A parte racional de sua mente lhe dizia para ver as coisas claramente; os Wyldermen estavam tentando matá-lo. Queriam assassiná-lo. Era matar ou ser morto, e ele havia feito o que precisava para sobreviver. Ainda assim, aquilo não lhe fazia bem.

Voltou-se para Hector. Seu amigo não era mais o mesmo, e Drew estava preocupado. Um lustro fino de suor cobria sua face, e ele esfregava o rosto e a garganta sem parar. Drew viu as marcas roxas em torno do pescoço do Boarlord, por onde o Xamã o pegara. Quando não estava esfregando a garganta, coçava a ferida negra na palma de sua mão esquerda, onde a cera negra se juntara.

Um cheiro pútrido de decomposição engrossava o ar da Wyrwood.

Ocasionalmente o grasnido de um abutre flutuava pelos galhos no alto, mas o único barulho que vinha do chão era dos passos dos dois jovens. Eles prosseguiram, lentamente, cegos quanto a seu destino, tropeçando pelo caminho. Hector encostou-se num tronco de árvore para recobrar o equilíbrio. A casca da árvore quebrou-se em sua mão, totalmente podre, e uma enorme centopeia passou por seus dedos. Um calafrio percorreu-lhe o corpo enquanto arrancava a mão dali.

Em meio a trevas, eles prosseguiram. Drew ficava dez passos à frente de Hector, agora confiando em seus instintos lupinos para levá-los até Gretchen. Esforçou-se para encontrar um cheiro além do odor do musgo, de umidade e de morte. Uma árvore chamou a atenção, pouco maior do que as outras e com um tronco negro mais grosso. Algo o atraiu até ela. Seu coração pulava no peito, suas orelhas quase estouravam com o sangue que corria por suas veias. Uma certa covardia, que até agora estivera escondida, dizia-lhe:

“Dê meia-volta, dê meia-volta e fuja. Gretchen já está morta. Se você prosseguir, também vai morrer”. A árvore parecia tê-lo pegado pela mão, controlando seus pensamentos, e ele esforçou-se para se livrar de seu poder. Afugentando os pensamentos obscuros, virou-se a tempo de ver que Hector estava dando meia-volta, sob influência da árvore de tronco grosso.

— Hector — ele falou baixinho. — Volte. Fique. É só um encanto!

Hector se deteve, uma figura cinzenta na neblina. Drew chegou mais perto da árvore e a examinou. A casca estava marcada e descamada, como as outras, mas havia alguns entalhes. Ele apertou os olhos para ver o que eram aquelas marcas, mas não conseguiu distingui-las. Passando os dedos por elas, claramente via-se que foram feitas pelo homem. Seus sentidos de repente ficaram mais alertas.

Ele ouviu algo.

Era baixo, quase inaudível, um som que não pertencia à Wyrwood.

Vinha do alto da árvore. Drew estava prestes a começar a escalar quando ouviu um novo ruído vindo da mata, das poças de água pantanosa, como se algo pesado houvesse caído do alto. Olhando ao redor, ele só via a névoa e a silhueta negra das árvores.

— Hector — sussurrou. — Não saia daí.

— Vou esperar bem aqui — seu amigo respondeu, com o nervosismo perceptível na voz.

Drew tremeu e voltou-se para a árvore. Enfiando as unhas para encontrar apoio, começou a escalar. Embora a casca estivesse mesmo podre, a madeira nua do tronco lhe dava estabilidade suficiente para agarrar-se.

A mais ou menos três metros do chão ele encontrou um grande buraco no tronco. Pequenos insetos saíam dali, e às vezes entravam. O buraco era grande o bastante para entrar na brecha podre. O que o detinha? Nada, além do medo. Entrou, desaparecendo até a cintura.

O fedor de morte era forte ali. As pontas de seus dedos tocavam cadáveres de pequenos animais e de pássaros empilhados ao fundo, larvas retorcendo-se e moscas zumbindo. Drew colocou a

mão lá dentro, nas entranhas da árvore, e sentiu sua mão fechar-se em algo frio e duro. Logo em seguida, ele a retirou, seus dedos reconheceram saliências ósseas. Parecia um crânio humano. Recuando, ele tirou-o do buraco e o fez cair na lama com um ruído abafado. “Se humanos já ficaram presos aqui antes...”.

Sua mão vasculhou mais uma vez aquelas trevas, e dessa vez encontrou algo mole e úmido. Instintivamente ele tirou a mão, chocado. Porém, insistiu e esticou-se. Então, fechou a mão sobre carne macia, que se encolheu a seu toque.

— Gretchen? — ele sussurrou. Sua pergunta foi respondida por um murmúrio. Suas mãos tatearam o rosto da menina. Havia uma trepadeira em volta de sua boca, para mantê-la amordaçada. Sempre apalpando, Drew descobriu outras trepadeiras que a prendiam.

— Espere. Vou soltá-la — ele disse, no escuro.

Primeiro ele rasgou a folhagem que a amordaçava. A cabeça de Gretchen caiu para a frente. A jovem Werefox estava quase inconsciente após aquela provação. Drew continuou a rasgar as trepadeiras que a atavam, cada músculo esforçando-se para libertar a garota. Uma depois da outra, as trepadeiras abriam-se, com sua seiva repugnante respingando nos dois durante o processo. Enfim, Drew pegou Gretchen nos braços e lentamente começou a descer pela árvore, carregando a Werefox sobre o ombro.

Derrapando e deslizando, os pés de Drew tentavam achar apoio em meio ao nevoeiro, enquanto sua mão livre agarrava-se ao tronco carcomido.

Musgo e líquen caíam sob o peso de seu pé, e ele sentiu as pernas perderem o apoio. Os dois escorregaram em meio à neblina, caindo no solo molhado com um baque. Cego diante da barreira de névoa, Drew tateou atrás de Gretchen, encontrou-a e a levantou.

À luz fraca, ele a observou. O olho esquerdo da Werefox estava bastante ferido, o lábio, inchado e partido. Enfiando o polegar e o indicador na boca da menina, Drew tirou restos de terra, casca e trepadeira. Ela tossia e seu peito arfava.

— Está tudo bem, Gretchen. Já a peguei.

A garota de cabelos vermelhos murmurou algo inaudível, apoiando-se em Drew, sua cabeça caída para a frente. Drew estremeceu ao ver dois cortes profundos na nuca de Gretchen, onde o topo de sua espinha era visível logo acima da borda do vestido escarlate rasgado e em frangalhos.

Um líquido ocre e grosso escorria pelos ferimentos, amarelo e luminoso contra a pele clara da menina. Seria veneno?

Drew suspendeu Gretchen sobre seus ombros de novo. Tinha que tirá-

la dali. Hector teria algo na algibeira para cuidar dos ferimentos. Ele começou a andar a esmo pelo nevoeiro, tropeçando nas poças e em toda raiz por que passava. Gretchen pesava em suas costas, braços e pernas batendo em seu corpo jovem de Lobo.

Ele parou.

Suas orelhas se eriçaram ao ouvir algo na escuridão. Ele já conseguia enxergar a silhueta de Hector esperando mais à frente, mas isso era outra coisa. Viu somente galhos secos enquanto tentava reconhecer o som que vinha de outro lugar. Conferiu novamente a grande árvore em que Gretchen ficara presa. Que som era aquele? Chamar Hector apenas alertaria o que estivesse por ali para a presença deles.

Ele ouviu o som de novo, como um baque pesado na água. Splash! Havia algo lá, mas estava abaixo da névoa. Ele olhou em volta para se orientar de novo. Hector se fora. Não havia mais nenhum sinal dele no local onde estivera segundos antes. Para onde teria ido? Os sons estranhos o teriam feito sair dali?

Drew então apertou o passo, determinado a sair do pântano repugnante e voltar a terra firme. As pernas bambeavam enquanto seu ritmo aumentava, e ele ignorou o desconforto por carregar Gretchen. Rangendo os dentes, vagou pela cerração, a capa grossa ondulando, enquanto abria caminho. Sua respiração profunda arruinava qualquer chance de ouvir o som novamente; apenas esperava que o tivesse deixando para trás.

Ele praguejou quando seu tornozelo ficou preso numa raiz. Ao puxar a perna para tentar soltá-lo, aquilo que achava ser uma raiz o apertou. Os olhos de Drew arregalaram-se de terror. Com um puxão

forte, o menino foi sacudido violentamente, e Gretchen voou de seus braços enquanto ele era arrastado para baixo do nevoeiro.

4: O inimigo na névoa

O que quer que tivesse agarrado Drew o havia arrastado, mesmo com ele chutando e agitando os braços, por pelo menos dez metros antes de finalmente soltá-lo com um splash no meio de uma grande poça pantanosa. Drew tentou dar um chute naquilo que o atacava, mas só atingiu o ar ao tentar endireitar-se na água suja. Com o corpo tremendo de dor, ele virou-se e tentou ficar de pé, ainda sem conseguir ver qualquer coisa por causa da neblina cegante. Antes de erguer-se, sentiu um forte impacto por trás e então voou, caindo mais uma vez na poça.

Drew sentiu nas costas toda a força de seu agressor. Debateu-se, seu rosto submerso na água nojenta. Engasgou-se com grandes goles de líquido que entrou em sua garganta até os pulmões. Seu inimigo não estava ali para perder, empurrando-o para baixo, serpenteando e agarrando-o em torno da cintura enquanto arqueava-se e pinoteava. Preso debaixo d'água, ele viu pequenas luzes explodirem diante de seus olhos, enquanto sua vida ameaçava esvanecer.

“Não assim”, ele pensou. “Não assim.”

Com os últimos resquícios de sua força, ele dirigiu sua energia para canalizar os poderes extraordinários dentro de si. O lobisomem reagiu rapidamente. A mandíbula doeu com o alongar dos dentes, e sua espinha estalou, afastando o que o atacava. Erguendo-se com força, projetou seus ombros para trás e o inimigo caiu, permitindo que Drew inflasse os pulmões com ar. De pé, ele estendeu-se, as mãos erguidas em garra abusando seu agressor no ar pantanoso. Cada sentido tilintava, e seu corpo tremia de expectativa. Seu sangue borbulhava. Os olhos amarelos espremiavam-se. Ele estava rosnando.

O que se ergueu da névoa diante dele só podia ser algo saído de pesadelos. Uma imensa cobra serpenteou no ar, balançando-se para um lado e depois para o outro, enquanto seu corpo negro enrolava-se em si mesmo, às vezes expondo o lado interno com suas

nervuras púrpuras que resplandiam à luz turva e bruxuleante. Da ponta de sua cabeça chata e extensa até onde se podia ver, devia haver nove metros de comprimento.

Drew podia apenas imaginar quanto mais da fera continuava ainda sob a superfície da névoa.

Sua boca se abriu, e uma língua vermelho-sangue chicoteou o ar enquanto suas gigantescas presas estalavam ameaçadoramente. Drew deu um pulo quando elas se fecharam sobre onde ele estava um instante antes.

Era maior do que qualquer coisa viva que já encontrara, do que qualquer coisa que já imaginou que enfrentaria. Ela avançou sobre ele de novo, e Drew pulou atrás de uma árvore para se proteger. A árvore não serviu de defesa, pois partiu-se com o impacto da grande cobra. Drew rolou pelo chão sob uma chuva de madeira partida, e depois se arrumou para encarar seu oponente. Os olhos do monstro flamejaram diante dele, como esmeraldas gigantes a queimar com um fogo interno de ódio.

Sua mente voltou ao que Hector dissera sobre Vala, a Wyrms, a antiga Wereserpent, e que ela havia se transformado numa cobra gigante.

— Vala?

O nome saiu de sua boca sem ele perceber, um desafio audaz antes de saber exatamente quem, ou o quê, estava encarando. A criatura parou brevemente, erguendo-se mais uma vez para observar o inimigo diminuto.

Drew maravilhava-se com o tamanho dela. Se esta era Vala, então qualquer controle que tinha sobre sua metamorfose, ou mesmo qualquer poder dos Werelords, estava muito abaixo do que ela havia conseguido. Ela se metamorfoseara integralmente em sua Were, não sobrando um único elemento de sua antiga forma humana. Exceto a voz.

— Então, cachorrinho — sibilou Vala, sua voz soltando veneno, mais profunda e gutural que qualquer coisa que já ouvira na vida.
— Você rasteja pela minha corte, em meu palácio. Por que a pressa em achar sua perdição?

— Vim por Lady Gretchen — explicou, sua voz combinada a um grunhido profundo. Drew tentou controlar sua licantropia e permanecer calmo, ao mesmo tempo com medo de que o animal o dominasse. Ele precisava discutir com a Werelord. — Seus Wyldermen trouxeram uma donzela Were a você como oferenda por engano. Eu a levarei daqui e estarei longe de seu palácio num instante.

— Engano? Carne é carne, cachorrinho — sibilou ela. — Humana ou transmorfa, para mim é a mesma coisa. Parece — ela prosseguiu, começando a erguer um guizo antes escondido na névoa — que agora tenho uma refeição melhor!

Erguendo-se do cobertor de névoa atrás dela, surgiu o final de seu corpo negro reluzente, elegantemente enrolado em torno do corpo de Hector. O rosto dele estava escondido pelo aperto firme do monstro, assim como a parte inferior de seu corpo, enquanto as mãos debatiam-se em vão na tentativa de se libertar. Drew podia apenas assistir os dedos do Boarlord arranhando a pele da serpente, incapazes de conseguir agarrá-la. Estava sufocando. Estava morrendo.

— Solte-o! — ele berrou, arrancando a espada Wolfshead de sua bainha com a mão peluda em garra. — Se nos matar, você vai atrair a ira do rei Leopold — ele arriscou, desesperado. — Um ataque contra seus súditos é um ataque contra o próprio rei! Esta garota está prometida ao príncipe Lucas. Se algo acontecer com ela, o rei virá com toda a fúria contra você!

— Cachorrinho, cachorrinho. Não tenho rei. Ssssou incomparável entre os transmorfos. Sou uma deusa em carne, osso e morte. E você se esquece que mesmo se eu temesse o rei, ele não enviaria ninguém. Ele nunca saberá onde vocês estavam...

— Você é um monstro! — Drew berrou, mostrando os dentes. Os pelos de seu pescoço eriçaram-se, e seu olhos vasculharam o corpo da inimiga em busca de um ponto fraco. Os braços de Hector aos poucos ficavam flácidos.

Ele teria de agir rapidamente.

— Todos somos — ela gritou de volta. — Mas alguns sabem que isso não é ruim. Aceite o fato de que seu sacrifício vai apenas me

fortalecer. Seu espírito viverá no meu coração e no meu estômago! — Ela arqueou-se, a língua bruxuleando mais uma vez enquanto os olhos imensos estreitavam-se. — Chega de falar, cachorrinho fidalgote. Esta noite você morre aqui.

Junte-se a seus amigos e caia diante da deusa Wyrn!

— É aí que você se engana — vociferou Drew. — Acha que sabe de tudo. Não sou cachorro. Nem fidalgote. — Jogando os braços para atrás, ele pulou alto no ar na direção dela, pegando a Wyrn de surpresa. Ele caiu sobre o corpo dela ao lado de Hector, atacando com a espada Wolfshead e deixando um grande rasgo na pele negra. Por dentro, ela era clara, mesmo com o sangue negro que começou a vaziar. Instantaneamente Vala soltou o Boarlord, puxando o corpo para fazer o rabo chicotear ao seu redor, acertando Drew e fazendo-o voar pela clareira. A espada caiu de suas mãos e ressoou ao acertar o tronco de uma árvore.

Drew ficou imediatamente de pé e pulou para a frente, agarrando a imensa serpente, logo abaixo da mandíbula. Quando a boca de Vala tentou mordê-lo, Drew devolveu na mesma moeda, seus caninos rasgando a carne madura de seu baixo-ventre. Por mais que tentassem, as grandes mandíbulas da serpente não alcançavam o Werewolf, embora procurassem atingir sua cabeça ao fechar-se várias e várias vezes. Gotas de sangue escarlate e grosso saltavam do ventre da serpente. Ela soltou um urro que pareceu fazer a floresta tremer. Seu corpo entrou numa violenta convulsão, que fez Drew ser jogado longe. Ele caiu a uma longa distância sobre as quatro patas, exausto da contenda.

A Wereserpent caiu e debateu-se pela clareira enevoadada, desaparecendo sob a superfície da névoa, para depois reaparecer e agitar-se no ar. Seu rabo surgiu, chicoteando e chocalhando enquanto ela sofria espasmos.

“Os últimos suspiros”, Drew concluiu, procurando os amigos antes que a serpente moribunda pudesse lhes fazer mais mal.

Ele vasculhou a superfície sob a névoa, mas só encontrou seu próprio manto e armadura, que haviam sido descartados quando se transformou.

Até que finalmente achou Gretchen sob a névoa. Drew curvou-se para levantar a garota, encaixando suas mãos nos braços dela e trazendo-a até um local seguro. Quando a colocou de pé, voltou para encontrar Hector que, caído, aos poucos recobrava a consciência. Ficou muito feliz ao rever Drew, que o ajudou a levantar-se. Quando a dupla chegou a um lugar mais alto e mais estável, os gritos que sinalizavam o fim de Vala desapareceram nos confins da Wyrwood. Voltando para Gretchen, Drew levantou-a sobre os ombros, e eles fugiram. Drew poupou energia para controlar sua licantropia — era cedo demais para renunciar ao poder inumano que ela lhe dava.

— Minha espada — Drew disse de repente. — Esqueci minha espada!

— Você vai ter de deixá-la — disse Hector, coçando a garganta. — Encontre outra.

— Não posso — disse Drew. — É a espada de meu pai. Não vou deixá-

la. — Ele desceu Gretchen de seu ombro e soltou-a cuidadosamente no chão. — Espere aqui.

— Drew! — gritou Hector desesperadamente, mas sem sucesso. O

Werewolf estava correndo de volta à clareira, cambaleando pelo atoleiro.

Os olhos alertas de Drew vasculharam a bruma, à procura de Vala. O

corpo dela estaria sob o nevoeiro, inerte sobre o lamaçal repulsivo. Ele avistou a espada, a lâmina enfiada na casca podre de um tronco perto dali.

Aproximando-se com dificuldade, conseguiu pegar a empunhadura e puxou-a com força. A Wolfshead soltou-se, mas ele tropeçou para trás quando um vento gelado e ameaçador soprou pela clareira.

Momentaneamente, as névoas recuaram, espiralando até revelar o pântano mais abaixo. Ele via agora que a poça estava cheia de ossos e carcaças de centenas de oferendas, tanto animais quanto humanas. A superfície emitia uma luz trêmula, o sangue de

um vermelho profundo espalhava-se pelas águas lamacentas. Mas não havia sinal da Wereserpent.

Drew correu dali, fugindo do covil do monstro e voltando até seus companheiros. Hector então, examinou os ferimentos nas costas de Gretchen com o rosto sério. Drew ergueu a Werewolf nos braços, e eles deram sequência à fuga.

No momento em que os três chegaram aos limites da Wyrwood, Drew estava prestes a cair no chão. Cada músculo de seu corpo gritava por descanso, um passo provando-se mais exaustivo que o outro. Ele e Hector haviam se revezado para carregar Gretchen sobre os ombros, mas a força de ambos desaparecia em ritmo alarmante. Sem que ele ordenasse, o corpo de Drew voltara à forma humana, uma reação instintiva para conservar energia, como Hector lhe explicara.

Drew tentava evitar que eles voltassem à aldeia Wylderman — outro combate era a última coisa de que precisavam agora. E, tomando outro caminho, conduziu-os para fora da floresta assombrada, saindo em algum ponto ao sul do assentamento. O trio caiu no chão num leito improvisado com juncos, a uma distância razoável dos Bott Marshes.

Vendo seu amigo em estado deplorável, Hector assumiu a liderança, trocando Gretchen de ombro e acenando para que Drew o seguisse. Eles não podiam ficar ali, tão perto dos Wyldermen e ainda mais na Wyrwood.

Tinham de continuar a se locomover, encontrar chão mais firme e mais seguro depois do brejo. Hector prosseguiu, seu corpo se ressentindo pelo esforço e exigindo descanso. Drew rastejava atrás dele, arrastando os pés por todo o caminho.

Quando o sol lentamente começou a pintar o céu de rosa a leste e a alvorada finalmente mostrava seu rosto, Hector ainda mantinha o passo, incitando Drew a segui-lo com palavras de encorajamento. Para Drew era algo surreal. Ele ainda sentia o sangue da Wereserpent na boca, um sabor metálico com um toque de algo mais — toxinas perigosas que acompanhavam a picada venenosa de Vala. Ondas vertiginosas de náusea amoleciam seus joelhos, o peso de seu corpo parecia ter quadruplicado quando o veneno

começou a fazer efeito. Ele ouvia o som dos passos de Hector, o tilintar das garrafas de sua algibeira, e via Gretchen jogada sobre os ombros do amigo, mas não conseguiria resistir por muito mais tempo.

Quando o corpo de Drew finalmente desistiu e ele caiu na inconsciência, apenas ouvia o som de pássaros cantando no que parecia ser um imenso prado aberto.

PARTE 5



1: O Javali assume o comando

O fazendeiro ergueu a foice alto no ar, prestes a dar o golpe, mas parou para observar sua plantação de cevada. O sol da primavera alto, logo acima, esquentava a nuca com seus raios suaves, e a camisa estava banhada de suor. Uma carroça vinha rodando pelas proximidades de Little Lane, puxada por uma grande égua cinzenta que já vira dias melhores. Ele e o filho vinham trabalhando no campo desde uma hora antes do erguer do sol, e era a primeira alma que haviam visto no dia. O menino ergueu-se do lugar onde estava ensacando os grãos para acompanhar o olhar do pai. Seria alguém que eles conheciam? Tanto pai quanto filho abanaram na direção do condutor, um estranho, que devolveu o gesto de imediato. Sorrindo, o fazendeiro ergueu a lâmina curva mais uma vez antes de fazê-la cortar as plantas.

Hector olhou para trás após passar pelos dois trabalhadores do campo.

Sua passagem pela estrada em Westland não atraíra suspeitas; então ainda havia esperança de que o rei não houvesse colocado o exército atrás deles em busca de vingança. Se tivesse, Hector imaginava, a ordem ainda não havia chegado a Merrydale. Ele deu um estalo nas rédeas, e Esther, a velha égua, apressou o galope.

Ele conseguira comprar o cavalo e a carroça de um fazendeiro à beira dos Bott Marshes. O senhor o havia tratado com alta dose de desconfiança, o que era compreensível. Não era todo dia que um garoto de fala empolada com uma bolsa cheia de soberanos de ouro aparecia na sua porta perguntando se podia comprar um cavalo e uma carroça, quanto mais no meio da noite. Por mais desconfiado que tivesse sido, o fazendeiro encantou-se com a cor das moedas do Boarlord e, emboscando duas delas, ele alegremente livrou-se de sua amada Esther. Hector conduziu a velha égua cinzenta ao longo da fazenda, encontrando-se novamente com Gretchen e Drew onde os tinha deixado, na Little Lane.

Não havia opção além de deixar os dois escondidos entre os juncos ao lado da estrada. Ele ficou aliviado ao descobrir que nenhum predador ou carniceiro havia descoberto os corpos; de relance, ambos pareciam mortos.

Jogando-os nos fundos da carroça, ele conferira seus sinais vitais, cobrira-os bem com seus mantos, e então puxou por cima deles um oleado grosso que persuadira o fazendeiro oportunista a também incluir na compra.

A Little Lane ia desde as fazendas à beira dos Bott Marshes até o coração de Westland. Estendia-se dos campos selvagens dos Kinmoors e serpenteava por Merrydale antes de cruzar a estrada Tallstaf, a caminho do mar. A parte da estrada em que estavam agora, seguindo os córregos e riachos que se transformariam no rio Barleymow ao passar por Merrydale, não era uma rota muito utilizada. Era mais usada por fazendeiros e comerciantes que precisavam visitar pequenos vilarejos nos arredores. Não levava a mais nenhum lugar importante, apenas apagava-se ao chegar aos brejos e à Wyrwood. Se alguém quisesse ir à Dyrewood, tomava outro caminho. Com certeza não iria querer pegar um atalho pela Wyrwood.

Já fazia quase uma semana desde que o trio escapara da floresta, e nesse tempo Hector teve apenas Esther como companhia. A égua era de temperamento suave, feliz quando estava comendo, mas não era dos melhores interlocutores para o Boarlord. Seus pensamentos davam voltas em torno de quatro temas: a saúde de seus amigos, a situação atual deles, o que acontecera com seu pai e os encontros com o Xamã e Vala. Ele desejava muito ter alguém com quem falar, alguém que o ouvisse, mas teve de se contentar em monologar com a equina desinteressada até seus amigos recobrem a consciência.

Se Hector e, acima de tudo, sua bolsa não estivessem presentes quando Gretchen e Drew fugiram da floresta assombrada, os dois estariam mortos agora. Hector não apenas sabia como preparar remédios, mas também levava consigo os soros antiveneno, com os quais pôde tratar rapidamente os companheiros de jornada. Havia algumas ervas que lhe faltavam, mas ele conseguiu encontrá-las

logo que deixaram os pântanos. Sendo um Boarlord, tinha destreza em encontrar o que precisava pelo chão, coisa que seu pai caçava, mas Hector não via aquilo como algo degradante. Misturando as ervas e o soro, ele preparara as drogas exatas de que os dois precisavam.

Aplicar cataplasmas sobre as mordidas no pescoço de Gretchen fora relativamente fácil, e elas foram sugando as toxinas, o que acelerou a cura do ferimento, além da capacidade incomum do corpo de uma Werelord em se regenerar.

Com Drew fora mais complicado; o Werewolf havia ingerido um pouco do sangue tóxico de Vala, e não havia como extrair aquilo de seu organismo. Tudo que Hector podia fazer era derramar poções pela boca de Drew, mantê-lo aquecido enquanto durasse a febre e esperar que ele aguentasse. Hector também cuidou de sua mão esquerda, passando unguentos na pequena ferida provocada pela cera negra. Ele não tinha a poção certa para esse tipo de queimadura.

O incidente com o cadáver do Xamã ainda pesava em sua mente. Todo o sabor da conquista e orgulho rapidamente evaporaram quando o monstro voltara à vida. O que havia dado errado? Ele lera os livros, memorizara os manuscritos e seguira todos os encantos. Foi fácil invocar o Xamã morto. A libertação do monstro é que havia sido malfeita. Se não tivesse passado o pé pelo enxofre e quebrado o símbolo de proteção, o fiasco poderia ter sido evitado. Em vez disso, ele passou por idiota diante do amigo. Estava determinado a aprender com aquilo, e não cometer o mesmo erro de novo.

No dia anterior, a condição de Gretchen melhorara rapidamente. Ela ficou de pé pela manhã, e até ajudou Hector a desmontar acampamento.

Embora ainda adoentada, o pior já tinha passado (o que ainda não se podia dizer de Drew). Hector olhou de novo para a Werefex repousando na carroça; estava cochilando ao lado de Drew, sua cabeça sobre o peito dele.

Soubesse ou não, o calor de seu corpo ajudava na recuperação de Drew, mantendo sua temperatura estável enquanto o organismo

lutava contra a febre.

Enquanto o sol vespertino lentamente desaparecia além dos morros e do oceano, Hector guiou a velha égua até um celeiro abandonado de onde se via o Barleymow. Desenganchando a carroça, ele deixou Esther seguir até a beira da água para beber e pastar na grama alta da margem. Gretchen mexeu-se nos fundos da carroça, e Hector observou-a abrir os olhos e ver o rosto de Drew perto do seu, os olhos dele cerrados em sono profundo. Ela não pulou de horror imediatamente; em épocas passadas, é o que teria feito.

Em vez disso, pegou o oleado e cobriu Drew antes de descer.

— Bom dia — disse Hector, enquanto atravessava uma cerca viva, à procura de galhos, varetas e folhas secas.

— Bom dia mesmo — respondeu Gretchen, soltando um grande bocejo. — Quanto eu dormi?

— Desde a metade da manhã. Você nem almoçou. Eu falo almoço, mas eram apenas umas frutas vermelhonas que tirei de uma macieira. Tem uma para você no banco da frente, se estiver com fome.

A Werefox achou a maçã e enfiou os dentes nela com entusiasmo, enquanto Hector continuava a juntar o que precisava para a fogueira. Na frente do celeiro, ele começou a fazer o fogo, tentando lembrar como Drew lhe ensinara. Fazia seis noites que ele tentava acender uma fogueira, e havia seis noites que falhava, seja porque os galhos estavam úmidos ou porque a pederneira, molhada pelas águas do pântano, ainda não secara de todo.

Tentou ignorar a voz resmungona em sua cabeça que soava como seu pai: “Quem trabalha mal sempre culpa suas ferramentas”. Ele tentava aumentar suas chances durante a manhã, deixando a pederneira tomar sol no banco da frente da carroça.

— Como você está se sentindo, Hector? — Gretchen perguntou, comendo a última parte da maçã. Ela ajoelhou-se a seu lado enquanto ele recolhia madeira.

— Ah, tudo bem, prima, tudo bem — ele respondeu, mantendo a concentração.

— Precisa conversar sobre alguma coisa? — ela perguntou. — Seu pai?

Não há por que guardar essas coisas, como faz com suas poções na algibeira.

Pode conversar comigo.

Hector estava farto de falar sobre o pai. Ele falara consigo mesmo sem parar nos últimos dias, relembando em voz alta o que acontecera em Redmire. Ele não conseguia perdoar o fato de que o próprio irmão o traía.

Seu querido, amado pai fora assassinado, e o assassino ainda estava à solta.

Hector queria vingança. Não, ele já falara o suficiente sobre o que aconteceu em Redmire. Claro, estava falando consigo mesmo, e temia estar ficando louco, mas não tinha mais nada a dizer sobre o assunto para Gretchen, independentemente das boas intenções dela.

— Não — ele disse, afagando-lhe o braço. — Estou bem, de verdade.

Acho que já consegui me acertar aqui. — E deu um tapinha na testa. Com a pederneira, tentou acender o fogo, golpeando a pedra com o aço.

— O que você vai fazer? — ela perguntou.

— Acender o fogo, é claro — respondeu, sorrindo.

— Não — ela disse, balançando a cabeça. — Estou falando do futuro.

Para onde vamos? Sei o que estava acontecendo em Redmire. Você tinha planos de ir para o norte, não tinha? Para Icegarden?

As bochechas de Hector ficaram enrubescidas. O fato de lembrar que ele era um fugitivo o alarmava. Sua prima ia se casar com a família do rei e que o rei estava atrás deles. Qualquer coisa que Hector dissesse para Gretchen poderia servir de informação para o inimigo. Ele manteve os olhos na pederneira, mesmo desajeitado.

— Eu sinceramente não sei — respondeu, e estava dizendo a verdade.

Não fazia ideia de aonde ir, agora que seus planos e os de Drew haviam virado fumaça, tal qual a Prefeitura de seu pai. Na estalagem de Oakley, os dois jovens tinham discutido a ideia de embarcar num navio na Baía de Todos os Santos, mas além daquilo não tinham qualquer plano.

— Só quero que você saiba, Hector — ela disse, apertando sua mão para tranquilizá-lo —, faça o que você fizer, vá para onde for, por favor não se preocupe. Eu não vou contar a ele. Você tem minha palavra.

Não era necessário dizer que ela se referia ao rei. Gretchen nunca mentira para ele antes, e ele não achava que começaria agora. Hector apertou a mão da prima também, num agradecimento silencioso.

— Você foi muito corajoso, Hector, por ter me salvado.

— Corajoso? — ele perguntou, balançando a cabeça. — Não, eu só segui o Drew. Era ele que queria ir atrás de você; tudo o que pude fazer foi ficar ao lado dele. Foi ele quem a salvou. Não eu.

— Bem, não importa o que você diga, Hector — ela falou, curvando-se para dar um beijo estalado em sua face. — Você é meu herói e salvou nossas vidas. Se não soubesse como nos curar, agora seríamos alimento de vermes bem variados.

Ele corou. — Ora, bem, eu certamente aceito os aplausos por isto. É

verdade, você estaria com a cara enfiada nos Bott Marshes se eu não estivesse com minha algibeira — disse ele, sorrindo enquanto mexia na bolsa. Ela deu tapinhas nas costas dele antes de se sentar novamente, dobrando os joelhos até o queixo e olhando para ele, pensativa.

— Você percebe que o rei está vindo atrás de nós, não? — ela perguntou. — O príncipe Lucas não vai descansar até me ver segura em Highcliff, e pode apostar que ele está caçando vocês dois também.

— Eu sei — disse Hector, o medo elevando-se em sua voz. — Mas o que podemos fazer? Temos de continuar em frente. Assim que chegarmos à Baía de Todos os Santos deixá-la em segurança e depois embarcar em algum navio.

— Você podia tornar as coisas mais fáceis me deixando ir agora — disse Gretchen. — Eles estão atrás de nós três, dois jovens e uma mulher. Deve haver uma recompensa por informações que levem até nós. É apenas questão de tempo antes que alguém nos ache. Há quanto tempo estamos viajando? Sete dias?

— Mas não podemos deixar você ir agora. É muito perigoso por aqui, e estamos longe demais de qualquer lugar seguro para deixá-la. Precisamos ficar nestas estradas sem atrair atenção. Por favor, Gretchen, espere até chegarmos à Baía de Todos os Santos. As autoridades de lá a despacharão seu pretendente para Highcliff sem pestanejar.

À menção do casamento ela ficou quieta, olhando para as mãos de Hector, que continuava tentando acender o fogo com a pederneira.

Hector notou seu jeito desanimado.

— Sabe — e prosseguiu —, você podia vir conosco. Quer dizer, se estiver repensando o casamento?

— Não — ela rebateu, de pronto. — Meu lugar é em Highcliff. Tenho casamento marcado com o príncipe Lucas e não posso quebrar meu juramento.

— Mas você sabe como ele é cruel, Gretchen. Você ouviu o que Drew falou sobre ele.

— Mas podemos confiar em Drew?

— É a verdade!

Gretchen ficou em silêncio por um momento, pensando no que o príncipe Lucas era capaz de fazer.

— Sei que considera Drew seu amigo, mas o que você sabe de verdade a respeito dele? Que ele pode se transformar? Ele pode ser só um mestiço, um vira-lata. Acha de verdade que esse estranho é um Werelord como nós?

Ele pode estar mentindo. Estamos falando da Coroa, pelo amor a Brenn.

— Você esquece, Gretchen, que eu viajei com o príncipe. Por mais que odeie admitir, cada palavra que Drew falou é verdade. O homem é um vilão, um sujeito cruel e ignóbil. Que vida você vai ter com ele?

— Eu serei rainha — ela disse, um toque de petulância a erguer-se em sua voz. — Uma vez rainha, posso começar a consertar qualquer injustiça que tenha sido feita por Lucas e seu pai. Ele vai me ouvir. Vou ser sua esposa, sua parceira.

— Você acha isso mesmo? — Hector encolheu-se. — É uma ilusão, para dizer o mínimo. Ele pode sentir algo por você, não sei, mas o pai dele quer que você se case com o filho por causa da grande riqueza que Hedgemoor possui. Seu pai era um grande líder e homem de negócios. A fortuna que ele acumulou e que está na caixa-forte de seu palácio será esbanjada pelo rei Leopold em segundos.

— Ofendo-me com esse insulto quanto à minha capacidade de proteger aquilo pelo que meu pai trabalhou, Hector — ela vociferou. — Apesar disso — disse, claramente tentando dissipar os pensamentos que Hector plantara em sua mente —, meu lugar é na corte de Highcliff, e não pulando de um vilarejo pulguento a outro acompanhada de um Werelord mestiço.

Ele olhou para ela com expressão severa.

— Veja só. Lá vem você de novo. Depois de tudo o que Drew fez por nós.

— O que ele fez? — ela exclamou, com toda a seriedade. — Minha vida era tranquila e agradável até ele aparecer seminu na casa de seu pai.

— Ele abriu nossos olhos — respondeu Hector. — Bem, os meus certamente. — E virou-se de costas para o seu trabalho manual, observado por Gretchen.

— Agradeço por ele ter me salvado da Wereserpent, entenda, mas se não tivesse me raptado eu nunca precisaria ser salva.

— Ele fez o que tinha de fazer. Foi impulsivo, talvez apressado, num tipo de jogo no qual teve sorte. Se não tivesse agarrado você, provavelmente não seria só ele a morrer, mas eu também. Desculpe, Gretchen, mas não concordo com você em nada disso. Drew salvou minha vida em mais de uma ocasião.

— Só acho difícil confiar nele, Hector — ela disse, taciturna. — Tem algo nele que me deixa nervosa. Talvez seja o Lobo que existe dentro dele.

— O duque Bergan não teve problemas em confiar nele — respondeu Hector. — Você diria que ele é um péssimo juiz de caráter?

— Que circunstâncias levariam Bergan a confiar nele? — Gretchen perguntou.

— Você não deve ter escutado — Hector prosseguiu, contente —, mas Drew até salvou a vida da filha do duque Bergan. Ela podia ter morrido na Dyrewood se ele não estivesse lá.

— Quem, Whitley? A surpresa estampada na sua voz. — O que ela estava fazendo no mato?

Hector fez um gesto de repúdio.

— Ela está treinando para ser uma mestra, uma guardiã. Não é o que seu pai deseja, mas é o que ela quer fazer. Os homens de Bergan estão fazendo o que podem para esconder isso, para protegê-la de qualquer inimigo que possa se aproveitar disso.

— Ela sempre foi peculiar — suspirou Gretchen.

— Ela tem gênio forte, só isso, personalidade. Achei que você valorizaria isso. Mas, enfim — Hector prosseguiu —, Drew salvou a vida dela, e a de seu mestre também. Levou os dois em segurança até Brackenholve quando estavam sendo caçados por Wyldermen.

— Parece que ele só provoca caos por onde quer que passe — ela ironizou.

— Talvez do caos ele traga a ordem. Há profecias que dizem isso, sabe?

— Profecias sobre Drew? — exclamou Gretchen, incrédula.

— Não mencionei isso a ele, mas há antigas profecias que falam de um Campeão da Luz, uma força do bem que chegará aos Sete Reinos num cenário agourento como o de hoje: o reino partido, os mortos caminhando sobre a terra, irmão contra irmão; você já ouviu falar disso. Há muitas profecias e ninguém precisa acreditar em todas. Mas, se há uma em que todos os magísteres acreditam, é essa: um Campeão virá, Gretchen. E pode ser Drew.

— Pode ser você, Hector, até por tudo o que você sabe. Eu não teria tanta fé nas especulações de um bando de anciões mortos há muito tempo.

Hector remexeu-se desconfortavelmente diante da blasfêmia da Werefox. Talvez ela estivesse certa. Talvez ele até estivesse depositando muita fé nas antigas escrituras. Ele prosseguiu: — Ele tem potencial para fazer a diferença. Se mais gente soubesse de sua existência, as coisas poderiam mudar nos Sete Reinos. Imagine se as pessoas soubessem que há uma alternativa a Leopold? Mas como explicar isso a Drew? Ele não está pronto, e seria injusto de minha parte colocar mais essa pressão sobre seus ombros. Acho que ele não entende como isto é importante: não apenas ser um Werewolf, mas ser o filho de Wergar.

Qualquer mortal ficaria louco ao descobrir que é um Werelord. Ser herdeiro legítimo do trono, ainda por cima? Isso faria alguém se jogar da montanha.

Ele pode ser tudo aquilo de que precisamos para mudar. — O Boarlord balançou a cabeça. — Eu não sei, mas ele é um bom homem, seja ele o último filho de Wergar ou um simples jovem pastor.

— Você gosta mesmo dele, não é? — Gretchen disse, num tom que agora não era zombeteiro, mas reflexivo. Hector tinha defendido o amigo de forma veemente, imperturbável, praticamente ignorando as palavras dela.

Ela não estava acostumada com pessoas que não levassem suas opiniões em conta, e teria sido mais agressiva se não estivesse falando com Hector.

— Você sabe que eu gosto — ele disse de modo vivaz. — Ele é como uma brisa de ar fresco. Uma vida na estrada com Drew é uma vida melhor do que a servidão ao rei Leopold e sua corte. Não desejaria a ninguém a companhia daquela vil criatura, Vankaskan.

— Talvez... — ela disse, procurando as palavras certas. — Talvez ele e eu tenhamos começado com o pé esquerdo.

— Não tenho dúvidas — respondeu Hector, agora animado. Era encorajador ouvi-la falar de seu amigo num tom que não de irritação. — Se lhe desse uma chance, tenho certeza de que veria o verdadeiro Drew.

Lembre-se, ele não passou a vida com os privilégios que nós tivemos. O que para você e para mim é normal para ele é estranho.

Ele nem sabia da licantropia até há pouco tempo. Vocês dois têm personalidade forte — ele encerrou por aí, sem saber mais o que falar. Sabia que aquela ponderação de Gretchen fora bastante difícil para ela. A nobreza da Lyssia não estava acostumada a pedir desculpas.

— Eu sei que às vezes posso ser... difícil — ela disse.

Hector abriu a boca para falar algo, mas ela ergueu a mão para silenciá-lo.

— Obrigada, primo, mas você não precisa ficar pisando sobre ovos à minha volta. Sei que tenho um temperamento difícil, e que estou acostumada a ter as coisas do meu jeito. Não é algo de que me orgulhe.

Ela baixou a cabeça, e Hector viu-se novamente sentindo pena de Gretchen. Era uma jovem complexa, e talvez ele a tivesse julgado seu comportamento recente de modo apressado.

— A ideia de ser princesa lhe parece tão fácil, Gretchen — ele sussurrou, passando a mão em suas costas. Ela sorriu, exausta.

— É meu dever — ela suspirou. — Não vou mentir. Posso dizer que em boa parte do tempo é divertido e estimulante. Mas vez por outra desejo a liberdade que nosso amigo teve na vida — disse, apontando na direção de Drew.

— Veja — Hector disse, dando-lhe uma cotovelada brincalhona. — Você já o está chamando de amigo! — E soltou uma gargalhada enquanto continuava tentando acertar-se com a pederneira. Gretchen mordeu os lábios, perdida em pensamentos.

— Como é que está isso aí? — ela perguntou, vendo-o brigar com a pedra e o aço. Por mais que tentasse, não conseguia fazer sair faísca.

— Não muito bem — ele resmungou. — Deve ter um jeito certo.

— Deixe-me tentar — surgiu uma voz por sobre os ombros deles. Drew estava recostado na parte de trás da carroça. Há quanto tempo estaria ouvindo a conversa? Descendo, ele caiu cuidadosamente no chão, suas pernas enfraquecidas se curvando e fazendo-o se agarrar numa roda para manter o equilíbrio. Hector ergueu-se naquele instante e foi para ajudá-lo.

Gretchen ficou no mesmo lugar, assistindo a tudo.

Hector apoiou Drew enquanto ele cambaleava como um fauno recém-nascido até o montinho de galhos e gravetos. Drew pegou a pedra e o aço nas mãos tremulantes e começou a riscá-los. Na terceira tentativa, faíscas voaram pelo ar e caíram nas folhas secas que Hector reunira à base da fogueira. Ele fechou as mãos sobre a lenha fumacenta, protegendo-a, enquanto soprava para avivar o fogo. Lentamente as folhas fumegaram e depois uma chama laranja ganhou vida. Os outros dois ficaram assistindo Drew ajeitar os gravetos. Hector pegou a panela da mochila de Drew e levou-a até a margem do Barleymow para enchê-la de água. Fazia mais de uma semana que não tomava uma xícara de chá, e não iria perder a oportunidade agora.

— Como está se sentindo? — Gretchen perguntou a Drew, tentando esconder sua preocupação.

— Como a morte — ele respondeu, reclinando-se de exaustão.
— O

que aconteceu? A última coisa de que me lembro é sair da Wyrwood e aí...
mais nada.

— Você ingeriu o veneno de Vala. Sem Hector e os remédios dele nós dois estaríamos mortos.

— Devo minha vida a ele, então — disse Drew, observando o Boarlord andando pela margem do rio à procura de um lugar para agachar-se e encher a panela.

— E parece que devo a minha a vocês dois — disse Gretchen, rija.

Drew foi pego de surpresa; não esperava palavras de gratidão da Werefox.

— Foi muito gentil de sua parte vir atrás de mim, Drew da Dyrewood.

Obrigada.

Por mais doente que estivesse, o rubor que coloriu suas bochechas era inegável. Ele coçou o pescoço, desajeitado, baixando a cabeça enquanto atiçava as chamas com um graveto.

Considerando a relação entre eles, foi preciso muita coragem para

ela dizer isso. Afinal, ela era sua refém, e ele, o sequestrador. O mínimo que podia fazer era responder.

Fez um aceno de apreciação.

— Eu não podia fazer menos, uma vez que coloquei sua vida em risco, pelo que peço desculpas — acabou dizendo finalmente. — Tenho certeza de que você quer chegar logo em Highcliff e se livrar de nós — acrescentou.

— E o que você quer dizer com isso? — ela perguntou bruscamente, cruzando os braços.

— Você não quer chegar à corte? Para o casamento, lembra? — disse Drew, abalado pelo tom da reação. Sua cabeça ainda estava zonzona.

— Oh, o casamento! Como poderia esquecer? Pois não haveria como eu querer passar mais um minuto na companhia de uma dupla de foras da lei, não é? — ela exclamou. — Eu só poderia estar interessada em Highcliff, não é mesmo? Não passo de uma garotinha mimada, é isso?

Ela levantou-se e saiu de perto, espalhando uma poeira que caiu sobre Drew, fazendo-o tossir e cobrir a boca. Quando Hector ressurgiu com sua panela de água, lançou um olhar de incredulidade para Drew.

— O que você disse dessa vez? — ele perguntou, aborrecido. — Achei que vocês iam ficar de bem agora!

— Nada! — respondeu Drew, assustado com a mudança de humor de Gretchen. — Nada de mais. Eu só disse que ela iria querer se livrar de nós o mais rápido possível.

— Sabe — disse Hector —, eu me desespero com você dois, de verdade...

Hector colocou a panela de água sobre o fogo e buscou algumas folhas em sua algibeira. Drew girou o pescoço para ver aonde tinha ido Gretchen.

A garota era impossível. Ela havia subido na carroça e deitara-se, amuada.

A noite começava a descer, e Gretchen não se mexeu até que Hector levou-lhe uma xícara de chá fumegante. Depois daquilo, ela

não dirigiria mais uma palavra a Drew por dois dias. Foi uma longa travessia até a costa.

2: O bar do afogado

À beira do turbulento Mar Branco ficava o exuberante porto da Baía de Todos os Santos. Hector viu quatro grandes e extensos píeres adentrando as águas encrespadas como dedos de madeira, buscando agarrar-se a algo na espuma, enquanto o mar se erguia contra eles. Barcos e navios de todos os formatos e tamanhos aglomeravam-se em busca de espaço, e, nas docas, marinheiros e pescadores andavam em bando, ansiosos para dar conta do serviço. A própria cidade se avolumava em torno da baía, que tinha formato de foice; edificações amontoadas ladeavam a estrada Tallstaff. A fumaça formava vagalhões sobre os canos de chaminé, jogando nuvens sobre o porto e desenhando um halo cinzento.

As ruas pavimentadas eram cobertas de tendas e carroças de fazendeiros, comerciantes e moradores que vendiam mercadorias. Havia um humor contagiante na cidade — as risadas atravessavam as paredes das tavernas, e a música escorria das janelas das estalagens. Podia-se encontrar todas as cores e tons do mundo na Baía de Todos os Santos, e não era segredo que, pelo preço certo, o capitão de um navio levaria uma pessoa a qualquer lugar.

Hector puxou as rédeas de Esther, tentando diminuir seu passo quando começaram a descer uma rua íngreme e sinuosa. Seus primeiros passos tinham sido firmes, mas, quanto mais andavam pela estrada serpenteante, mais traiçoeira ficava a passagem sob seus pés. Esther estava acostumada às estradas rurais de Merrydale, não às pedras derrapantes do porto. Ela tropeçou, a charrete deu uma guinada e eles não viraram por pura sorte.

Hector queria que eles saíssem da estrada na primeira oportunidade.

Passaram por vários soldados que usavam mantos vermelhos da Guarda Leonina. Patrulhando em grupos de quatro ou cinco, os homens atinham-se às principais avenidas da Baía de Todos os Santos, olhando para todos que passavam, a pé ou de carroça. Eles não podiam ser chamados de defensores do povo; intimidação era

uma tática de assassinos. Drew sentiu sua raiva aumentar. Com a cabeça baixa sob o capuz, Drew e Hector pilotavam a carroça sem atrair atenção. Gretchen, a contragosto, tinha se escondido sobre o oleado. Para os soldados, os dois deviam parecer apenas uma dupla de fazendeiros visitando a cidade. A julgar pela maneira como os homens da Guarda Leonina andavam pelas ruas lotadas e as pessoas apressavam o passo para lhes dar espaço, parecia que ali também agiam com impunidade.

Aparentemente não estavam procurando ninguém em especial. Talvez a caçada ainda estivesse concentrada ao longo das margens do Redwine.

Drew perguntara a um vendedor de rua se ele conhecia algum lugar, talvez um bar, onde ele pudesse conversar com alguém para conseguir entrar num navio que fosse cruzar o Mar Branco. O mais recomendado atendia pelo nome terrível de Bar do Afogado. Logo ao deixar o calçadão principal, era a maior taverna da cidade, e a primeira escala para capitães atrás de tripulação, comissões ou passageiros. Rodando pela estrada Tallstaff entre uma montanha de engradados e barris, Hector fez o cavalo entrar numa rua ampla e seguiu as indicações que recebera.

Embora o crepúsculo jogasse sombras sobre a cidade, era impossível não achar o Bar do Afogado. Com quatro andares, era o prédio mais alto da cidade. Um grande telhado irregular de ardósia vinha dos céus como um chapéu de bruxa. Hector guiou Esther até a esquina do edifício, descendo para amarrá-la a um poste. Drew virou o pescoço para trás, batendo no oleado e na forma sob ele escondida.

— Chegamos — ele sussurrou, alto o bastante para Gretchen ouvir.

— Graças a Brenn — ela disse lá de baixo. — Posso sair?

Drew olhou em volta para ver se alguém estava atento a eles, mas os espectadores mais próximos, três pescadores que consertavam suas redes, não lhes deram qualquer atenção.

— Sim — ele respondeu, tirando a coberta.

Gretchen desceu da carroça, o capuz do manto de Hector firme sobre a cabeça, seus cachos vermelhos amarrados e escondidos. As

roupas sob o manto estavam rasgadas e esfarrapadas.

Sobre suas cabeças, uma grande placa pintada rangia ao balançar nos suportes de ferro. A ilustração era de uma mão que, saindo de um mar revolto, parecia pertencer a um sepultado vivo na água. Os três se olharam e entraram na taverna.

Dois homens os encararam assim que passaram pela porta. Drew mordeu o lábio. À esquerda da entrada, o lugar estava menos movimentado, possivelmente reservado para os hóspedes dos poucos quartos que o dono do lugar alugava aos viajantes. Ali Drew via homens de olhar sério sentados às mesas, discutindo rotas comerciais e inventários enquanto bebiam cerveja. À direita ficava um bar, no qual homens de olhar grosseiro tomavam drinques no longo balcão. Uma grande lareira, com uma chaminé de cobre, preenchia o meio do salão.

Uma mulher de meia-idade usando um avental branco e um gorro passou apressada pelo trio com uma bandeja de canecos espumantes acima de sua cabeça.

— Licença, chapas — ela disse, fazendo a volta neles antes de entregar as bebidas a uma mesa cheia de marinheiros. Ela virou-se para o balcão, e Drew deu um passo à frente para detê-la.

— Com licença — perguntou, o mais polidamente possível. A mulher o olhou de cima a baixo por um instante, sorrindo.

— Meio novo por aqui, não? — ela falou com alegria. — Como posso ajudar, minha flor?

— Você tem alojamentos? — ele perguntou. Os três haviam concordado que conseguir um quarto era a prioridade ao chegar à cidade, pois não tinham certeza de quanto tempo levariam para encontrar um navio.

— Para vocês três? — ela perguntou. — Com certeza que sim, mas vão ter de dividir um só. São nove peças de bronze — ela disse, estendendo a mão.

Tomado de surpresa, Hector vasculhou seu cinto, enfiou a mão na bolsa de dinheiro e retirou algumas moedas de bronze.

— Devo crer que isto garanta qualquer outra assistência que precisemos ao longo da noite, minha boa senhora? — disse ele.

Drew virou os olhos, preocupado com o quão empolado o Boarlord soou.

A mulher sorriu e lhe deu uma piscadela.

— Vou tratar você muito bem, milorde — ela disse. — Arranjem um lugar para sentar que já lhes trago a chave.

Quando a mulher desapareceu atrás do balcão, os três viajantes sentaram-se em torno de uma mesa.

— Muito bem, Hector — sussurrou Gretchen. — Bem discreto!

— Na verdade acho que ela estava brincando com ele — intrometeu-se Drew, e deu uma cotovelada nas costelas do Boarlord, que estava corado.

Hector sentou-se à mesa, agarrando a mão esquerda, seu dedo fazendo círculos na palma queimada.

— O que há? — perguntou Drew. — Por que você está tão ansioso?

Nós finalmente chegamos. É motivo para comemoração.

— Não estou preocupado, Drew — confessou o amigo. — É esta queimadura — disse, mostrando a pequena marca negra na palma da mão, não mais do que uma bolota. — Ainda não sarou desde nosso encontro com o Xamã.

— Bem, então pare de mexer nela — disse Gretchen, afastando as mãos dele como uma mãe mandona. Drew não pôde deixar de sorrir.

— Você não tem nada na sua algibeira para resolver isso? — Drew perguntou.

— Provavelmente — disse Hector, corando. — Só que ainda não encontrei a receita certa; tenho andado bastante ocupado cuidando de vocês dois. Eu vou dar um jeito, não se preocupem.

Os outros sorriram, mas era verdade. Hector tinha se preocupado mais com os dois do que com ele mesmo; essa era a medida de sua amizade, pensou Drew.

Ao longo daquela hora, os três deliciaram-se com uma substanciosa refeição de peixe assado com purê de batatas, e com uma pilha de vegetais verdes cozidos de origem indeterminada. Após a refeição nutritiva, Gretchen pediu licença e partiu para o quarto.

— Já vai para a cama? — perguntou Drew com uma expressão triste na face.

— Eu adoraria ficar e ouvir mais de suas histórias, Drew, realmente adoraria — ela disse, batendo seus longos cílios. — Mas infelizmente ovelhinhas, como aquelas que você cuidou na sua fazenda, me chamam para dormir.

Ela sorriu com timidez, e Drew fez o papel do pretendente ferido.

— Essa é a história de minha vida, a única que tenho, é tão difícil assim para você escutar?

Hector se inclinou.

— Para ser justo com Gretchen, quando você ouve uma história de cordeiros, já ouviu todas...

E então os três caíram juntos na risada. A relação de Drew com a Werewolf tinha mudado nos últimos dias. As hostilidades haviam degelado.

Era claro que ela ainda era uma vítima de sequestro — o que não era o melhor contexto para construir uma amizade — mas, quando se aproximavam da Baía de Todos os Santos, e com o fim de sua provação à vista, ela ficara mais relaxada e menos belicosa. Drew estava quase gostando da companhia dela.

— Admita — disse Drew, sorrindo para ela.

— Admitir o quê? — Gretchen perguntou, franzindo a testa. — Não entendi.

Ele se aproximou, mantendo a voz baixa: — Tem uma parte de você que vai sentir saudade, não é? Da agitação, do drama, da estrada. De ser refém de um simpático Werewolf renegado e de seu astuto cúmplice Boarlord. Admita. Você vai sentir saudade de mim.

— Ele sorriu enquanto Hector gargalhava a seu lado.

Ela chegou mais perto, sussurrando em seu ouvido: — Existe mais chance de eu sentir falta de suas pulgas, cão!

Hector deu um ronco, incapaz de reprimir a risada.

— Precisamos mandar alguém lá em cima para garantir que você não fuja? — perguntou Drew. — Ou vamos resgatá-la dos tentáculos de um polvo daqui a algumas horas?

Gretchen deu um sorriso frio para ele, os olhos espremidos, antes de dar um beijo doce na bochecha de Hector. Com isso, deu meia-volta e saiu em direção ao quarto. Drew observou-a ir, notando que Hector estava reluzindo de prazer. Ele balançou a cabeça. Que espírito ela tinha. Era bom eles estarem se despedindo em termos melhores do que quando se conheceram.

Agora, tão perto de sumir no próximo navio, Drew viu-se fazendo um balanço de seu envolvimento no grande esquema das coisas mais uma vez.

Uma pequena parte de si sentia que ele estava fugindo, abandonando sua gente; o que era ridículo. Ele pensava em como seria se assumisse seu sangue real e se tornasse o rei legítimo de Westland, não era um papel a que se acostumaria tão facilmente. Era um homem do povo, um garoto da fazenda — quem o seguiria caso fosse desafiar a posição de Leopold no trono? Mas isso não aconteceria. Em breve, ele partiria. Uma vez longe, simplesmente sumiria do cenário, distante do drama dos Werelords e de suas cortes.

Ainda assim, ao lembrar tudo que havia testemunhado no último ano — as provações por que passavam as pessoas normais dos Sete Reinos; a brutalidade com que Leopold e sua Guarda Leonina governavam —, ele não podia deixar de sentir que estava traindo o povo da Lyssia. Drew esperava que alguém tomasse a dianteira, que se opusesse à tirania; alguém mais forte e mais preparado que um pastorzinho da Costa Gélida.

Drew esticou-se em seu assento, colocando os pés em frente à lareira e deixando o calor entrar pelo couro até seus dedos. Com a mesa tão próxima àquele formidável fogo, Drew sentia as pálpebras pesadas, e em segundos estava cochilando.

Ele foi acordado ao ouvir uma nova cadeira ser puxada. Aprumando-se, coçou os olhos. Um homem cujas rugas mostravam ser um impetuoso capitão marítimo juntara-se a Hector na mesa.

O estranho parecia estar na terceira década, com uma massa de cabelos negros grossos amarrados num rabo de cavalo. Usava uma longa capa de homem do mar, preta por fora e vermelha por dentro, que ficava em grande parte pelo chão, e botas pretas que

iam até os joelhos. Drew conseguiu ver em seu quadril o cabo de uma faca. Quando sorriu, revelou os dentes mais deslumbrantemente brancos que já vira. O homem esticou a mão bronzeada a Drew, e Hector fez um gesto para que ele o cumprimentasse.

— Capitão Cane — ele disse com voz macia e afetuosa. Drew não reconheceu o sotaque, que era exótico e falava de terras distantes e climas tropicais. — Seu amigo aqui diz que vocês dois estão buscando passagem num navio?

— De fato — respondeu Drew, espantando o sono. Ele estendeu a mão a Cane e estremeceu ao aperto forte. — Presumo que ele já tenha lhe contado que nosso destino está ao sul; então esperamos subir numa nau que se dirija àqueles lados.

Hector curvou-se para sussurrar: — O capitão iça velas para o sul amanhã de manhã; ele é comerciante de Óleo de Splyr, então sua rota comercial o leva pela Costa Gélida por todo o ano. Que sorte!

— Óleo de quê? — perguntou Drew. Com isso, Hector balançou a cabeça. — Perdão — disse, virando-se para o capitão Cane. — Vivi numa fazenda a maior parte de minha vida, e o único óleo que conheço é o que usávamos num lampião.

— Você não ia querer usar Óleo de Splyr num lampião, meu amigo — brincou o capitão dos mares calmamente. — Ele é altamente inflamável, com certeza, mas tem mais valor por suas... digamos... qualidades eufóricas!

— É uma droga — explicou Hector, com cautela.

— Você conseguiu passagem para nós com um contrabandista de drogas? — devolveu-lhe Drew.

— Contrabandista, não — corrigiu Cane, rindo. — Eu lhes garanto, o pessoal mais rico de toda a Lyssia pode ser considerado meu cliente. Se eu sirvo lordes e damas com este produto de valor, não posso ser considerado um fora da lei, posso? São justamente as pessoas que fazem as leis, meu jovem. — Ele sorriu, mais uma vez exibindo dentes excepcionais.

— Não tenho certeza — disse Drew, num sussurro, a Hector. — Você já checou se ele está falando a verdade?

O capitão do mar encostou-se na cadeira, pediu uma jarra de vinho quente, que a atendente rapidamente trouxe. Enquanto o homem pagava e pegava os copos, os dois jovens continuaram sua discussão sussurrada: — Acredite, investiguei bastante. Este chapa parece ser o melhor capitão para nos levar, e dizem que conhece o Mar Branco melhor do que qualquer marinheiro que já tenha navegando nele.

— Ah, todos dizem isso — repreendeu-o Drew. — Então podemos confiar nele? Acha que está sendo sincero conosco?

— A sua amiga não vai se juntar a nós? — perguntou Cane, voltando à conversa.

— Não — respondeu Drew, curto e grosso. — Ela já se retirou.

— Mas você disse que precisava de passagem para dois, não três — prosseguiu o capitão.

Hector intrometeu-se: — Ela vai ficar aqui após partirmos. Tem família na cidade e vai encontrar-se com eles.

— Uma pena — disse o capitão, tomando um grande gole de vinho. — Uma moça adorável a bordo certamente elevaria a moral de todos.

— Não creio que um navio seja lugar para uma moça — devolveu Drew, na ofensiva.

— Pelo contrário, meu jovem — disse Cane. — Minha velha mãe deu à luz no mar e era a mulher mais formidável e incrível que vocês poderiam conhecer. Certamente é um lugar perigoso, mas no meu navio trabalhei com moças o bastante ao longo dos anos para saber que você é um imbecil se julga alguém pelo que tem lá embaixo, me entendem? — Ele piscou para os dois, com um aceno conspiratório antes de dar uma longa gargalhada, seguido por Hector.

Drew sentiu-se levemente aborrecido por Hector parecer achar o homem tão divertido. Para Drew, era um falastrão arrogante.

— Bem — ele disse, os nervos à flor da pele. — Ainda não tenho certeza. Talvez seja melhor esperarmos mais, Hector. Não temos pressa, e alguns dias no porto não vão nos fazer mal.

Era uma mentira, mas ele sentia que havia algo errado. Não sabia se era o lobisomem se agitando por dentro, mas os sinais de

aviso pareciam estar pipocando em sua mente. Esse capitão de fala mansa merecia confiança? Se os seus instintos estivessem corretos, podiam assumir o risco, sabendo que ficariam presos num barco? Mas qualquer que fosse a razão para desconfiança, parecia que Hector não tinha tal preocupação.

— É um pouco tarde para isso — disse Hector, começando a explicar quando Cane o interrompeu.

O capitão do mar balançou uma bolsa de couro na palma da mão.

— Então, são estes cinco ouros aqui, e mais cinco quando chegarmos às Ilhas Shanti? — ele disse, agarrando a bolsa como se enfatizasse o fato de que o negócio já havia sido fechado enquanto Drew cochilava.

Drew suspirou. Parecia que a decisão já não estava mais em suas mãos.

— Desculpe, Drew — disse Hector. — Mas acho que é nossa melhor opção.

O Boarlord estava decidido. Talvez Drew estivesse sendo cauteloso demais, mas ele não gostava de gente assim. Todo homem que já encontrara e gostava tanto de si próprio acabava sendo alguma espécie de vigarista.

— Muito bem, senhor — disse Drew a Cane. — Peço desculpas se pareci duvidar de suas credenciais. Só fico um pouco receoso com negócios como este. — Com isso, Drew fez seus ombros erguerem-se e esticarem-se somente por um instante, o suficiente para revelar uma partícula do lobo e intimidar o capitão. Ele sentiu os olhos obscurecerem-se um pouco, um lampejo do âmbar lupino. — É que se ouvem histórias de pobres inocentes que foram explorados e passados para trás. Entende?

O homem, sério em sua cadeira, parecia estar reavaliando a situação.

Hector estava erigido de tensão.

— Você tem a palavra do capitão Cane, meu jovem — disse. — Eu lhes darei passagem rápida e direta até as ilhas Shanti, e que Sosha me arraste para as profundezas se estiver mentindo uma palavra que seja — garantiu o homem, voltando-se para eles com a

mais rígida e honrada das expressões. Drew relaxou, e Hector soltou um suspiro alto.

— Maravilhoso — disse o Boarlord.

— Então vamos beber a isso — sugeriu o capitão Cane, erguendo seu copo. Os três entornaram o vinho quente e depois brindaram.

— A que horas partimos? — perguntou Hector.

— Ao nascer do sol — disse o capitão do mar. — Tenho que garantir provisões para a jornada — pão, temperos, frutas —, mas estaremos no mar com o sol às nossas costas o mais cedo possível.

Drew encostou-se na cadeira, cada vez mais perto do fogo e do calor.

Deixaria o resto da conversa por conta de Hector nessa noite. Não estava feliz quanto à escolha do navio, mas apesar de tudo era uma saída, e a cavalo dado não se olham os dentes. Seu corpo ainda doía dos esforços das últimas semanas, e ele não havia se recuperado por completo do veneno de Vala. Sentia o sono voltando com velocidade.

— Digo mais uma vez, é uma pena que a moça não possa juntar-se a nós na jornada — disse o capitão Cane, retirando um charuto de um bolso de sua capa e acendendo-o. — Seria uma jornada muito mais agradável com uma donzela tão incomum a bordo.

Drew virou a cabeça para olhar o homem, e notou que Hector também estava jogado em sua cadeira, a cabeça pendente e sua têmpora cada vez mais próxima da mesa.

— Qual é mesmo o nome? — disse o capitão do mar, coçando o queixo com um dedão torto. — Gretchen, não? Criatura encantadora.

A mente de Drew ficou enevoada, e ele tentou desesperadamente clarear seus pensamentos. “Como ele sabe o nome dela?” Ele olhou para as taças vazias e depois para o amigo sonolento. “Oh, não.”

Cane curvou-se para a frente e deu uns tapinhas na mão direita de Hector, cujo dedo refinado trazia um anel ornamentado com a cabeça de um javali. — O que você fez consigo, meu majestoso

amigo, Hector, não é mesmo? — A cabeça de Hector caiu com um baque na mesa.

Drew não conseguia manter os olhos abertos. Mesmo lutando contra o sono com toda a força que tinha, ele não resistiu ao poder do sedativo que o capitão usara para batizar suas bebidas. Só teve tempo de ver Cane se aproximar, jogando fumaça em seu rosto.

— E você... deve ser o Lobo.

3: O turbilhão

Quando Drew voltou a si, já sentia o balançar de um navio agitando-se no mar. Erguendo a cabeça, ele estremeceu. A cada movimento, cada solavanco parecia que seu cérebro estava solto dentro do crânio, estalando conforme batia dos lados. Seu corpo inteiro doía, e a cabeça ainda mais.

Abriu os olhos devagar, tentando enxergar através do emaranhado de sua franja.

Estava suspenso por um gancho em uma trame no porão do navio, as mãos presas em algemas, e uma corrente mantendo seu corpo numa desconfortável posição. Suas pernas estavam curvadas sob o peso de seu corpo. Ele levantou-se, tirando o peso dos braços cansados, deixando o sangue fluir por eles novamente. Olhou o aposento escuro, seus olhos acostumando-se à luz fraca, enquanto o mar rugia lá fora.

Engradados, sacos e barris presos por grossas redes estavam alinhados a cada parede, deixando pouco caminho para passagem. No chão, jogado num canto, estavam sua armadura e seu manto. Não havia sinal de sua mochila nem da espada Wolfshead, e ele estava nu da cintura para cima. Olhou para o alto e viu uma grade de metal a uns seis metros acima, onde vislumbrou botas que passavam.

— Olá! — ele gritou. — Alguém me ouve? — Era inútil, pois o som trovejante do mar e o ranger e gemer das paredes apagavam seus berros. Ele se olhou, procurando ferimentos ou machucados que Cane podia ter desferido enquanto ele estivera inconsciente, mas nada encontrou. Gritou mais uma vez, e seus lábios ressequidos rachavam quando abria a boca.

Drew sentia a raiva crescendo por dentro. Quem eles achavam que eram, para prendê-lo assim, acorrentado como um animal? Bem, ele pensou, se era um animal que queriam, era um animal que teriam. Vamos ver como esses sequestradores vão lidar com um monstro no navio. Ele deixou a mente se concentrar, invocando

o Werewolf. A forma escura do Lobo lhe veio à mente, mostrando os dentes e as garras. Sentiu o arquear das costas, respirando fundo enquanto trazia o animal à vida.

Mas logo recuou, e, em grande agonia, sentiu as algemas cortando-lhe os pulsos. Tolo, achou que poderia partir seus grilhões, mas havia pensado errado. O sangue escorria por seus braços, em meio à transformação.

Sofrendo com a dor, começou a saltar, até conseguir tirar o gancho do mastro. Mas mesmo assim as algemas continuavam lá, ameaçando rasgar a carne e os músculos de seus braços. Ele caiu ao chão, rolando com a tormenta enquanto tentava reverter a transformação o mais rapidamente possível. Agitado, dava coices, embaraçando os pés num emaranhado de redes e fazendo várias caixas e engradados caírem com um estrondo. Um líquido quente e picante respingou sobre seus olhos, seu rosto, sua boca.

O blecaute foi instantâneo.

Quando Drew acordou pela segunda vez, descobriu que suas acomodações haviam melhorado substancialmente. Estava deitado numa cama, olhando para um candelabro que balançava para um lado e para o outro, sinal de que ainda estava a bordo de um navio. Olhando para suas mãos, viu que ainda estavam algemadas. Mas não havia ferimentos nem cicatrizes em volta dos pulsos — estavam curados e sem qualquer marca. Há quanto tempo estaria dormindo?

Ele virou a cabeça para um lado e depois para o outro, relaxando os músculos, então se estirou para cima aos poucos para se recostar na cabeceira de madeira ornamentada. O quarto era bem mobiliado, com uma escrivaninha presa à parede e uma portinhola logo acima. Uma poltrona de couro com belo estofado ficava à frente, o assento a balançar preguiçosamente, enquanto o mar, manso, embalava a nau. Uma porta marcava a saída. Então ele deixou a cama e andou até ela. Agarrou a maçaneta; estava trancada. Drew bateu os punhos contra ela, algemados como estavam, gritando com força para chamar atenção. Ninguém veio, e ele caminhou até a portinhola para espiar. O Mar Branco estava lá até onde a vista alcançava, sem sinal de terra.

Veio o som de uma chave girando na fechadura, e Drew apressadamente apanhou a única coisa que parecia uma arma: um penico de porcelana que estava aos pés da cama. Erguendo-o bem para o alto, foi para trás da porta e, quando ela se abriu, ele estava pronto para atacar seu captor.

Ficou abismado ao ver Gretchen entrar no quarto, olhando em volta.

Ela usava um vestido verde-esmeralda impecável que deixava à mostra seus suaves ombros de marfim.

— O quê? — ele quase gritou com o choque. — Agora você é minha carcereira?

Ela se virou, obviamente surpresa de ver Drew pronto para atacá-la com o valoroso penico. Antes que pudesse falar, foi conduzida para o interior do quarto por três outras figuras. Primeiro um homem magro e baixinho, com uma espada curta nas mãos apontada para Drew. Atrás dele vinha Hector, com um olhar cauteloso ao se colocar ao lado de Gretchen.

Finalmente, o capitão Cane entrou no dormitório, fechando a porta atrás de si com uma confiança que demonstrava que ele não tinha o menor receio de Drew.

— Seu mentiroso! — disse Drew, ofegante. — Você nos deu sua palavra de que não ia nos ferir, que nos levaria em segurança até as ilhas Shanti!

— Não — corrigiu o capitão do mar. — Eu lhe dei a palavra do capitão Cane, um homem tão fictício quanto um conto de fadas. Ele não passa de um fruto de minha imaginação. Aquele camarada não existe — ele prosseguiu, batendo em sua testa —, a não ser aqui.

Drew sentia a raiva assomar dentro de si.

— Calma, totó — disse o homem. — Não queremos mesmo outro acidente como o que tivemos no porão, não é? Precisamos de todo o conhecimento de seu amigo para garantir que você não perdesse suas lindas patinhas. E, já que estamos falando disso, é melhor soltar o penico. É uma antiguidade, você sabe.

Petulante, Drew jogou o objeto contra a parede, onde se estilhaçou numa miríade de magníficos pedaços.

O capitão balançou a cabeça, exausto.

— Ele é sempre assim? — perguntou a Hector.

— Sim — Gretchen respondeu pelo primo.

— Então quem é você?

— Ele é o conde Vega — respondeu Hector. — Das ilhas Cluster.

— Príncipe das ilhas Cluster, se me permite — corrigiu o capitão.

— Príncipe Pirata, você quer dizer — disse Gretchen.

— Ora, por favor — protestou Vega, dirigindo-se à portinhola para observar o mar. — Sou tão pirata quanto este rapaz é filho de Wergar, milady. Sou um homem de negócios, um empreendedor; avisto oportunidades e as aproveito.

— Assim como se aproveitou de nós? — desafiou Drew.

— Sim — respondeu o homem, atalhando. — Você é um negócio, nada mais.

— E o que pretende fazer conosco? — perguntou Drew, voltando-se para a porta, imaginando um meio de escapar. O conde Vega parecia ler seus pensamentos.

— Não há mesmo por onde fugir, Drew. Contanto que essas algemas de aço fiquem firmes em seus pulsos, você não é ameaça para ninguém, a não ser que fira a si mesmo. Mas veja: mais um ataque de lobinho, e não deixarei seu amigo tratar de suas feridas. Você se vira com duas patas, não precisa de quatro. Você é tanto meu convidado quanto meu prisioneiro.

— Aonde você vai nos levar? — Drew dava corda enquanto tentava compreender qual era exatamente o perigo que corriam.

— Ele vai entregar nós três em Highcliff — Gretchen disse, triste.

— Para o rei, sabe lá o velho Brenn por quê. Você sabe, Vega, que está banido de Highcliff sob pena de morte, não sabe?

— Ah, milady — disse o conde, aproximando-se para passar a mão no cabelo dela. Ela recuou, e Drew se viu dando um passo à frente. — Acredito que, ao entregar seu rostinho lindo e seus sequestradores ao rei, provarei tanto minha lealdade à Sua Majestade que até receberei sua gratidão.

Então, tomarei de volta o que é meu por direito.

— Você é um tolo — disse Gretchen.

— Não — respondeu o conde. — Sou um oportunista. Não é todo dia que um trio de Weres procurados cai direto em meus braços.

Aproveitarei o máximo que puder enquanto o sol brilha e o mar se agita.

Ele foi para a porta, pegando a maçaneta.

— Venha, Figgis — ele disse, e o camarada baixinho, que ficara o tempo todo em silêncio, o acompanhou. — Milordess, Lady, vocês têm liberdade no Turbilhão. Por favor, apreciem sua estada. E tentem não quebrar mais coisas.

Com isso os dois homens saíram do quarto, deixando a porta aberta, rangendo em suas dobradiças.

Drew sentou-se na cama, a cabeça ardendo de raiva diante da nova situação.

— O que diabos aconteceu? — ele perguntou, achando difícil acreditar no que acabara de ver. — Estávamos tão perto de fugir, como acabamos aqui?

— Primeiro — disse Hector, totalmente envergonhado —, tenho de pedir desculpas pelo que só posso descrever como uma pavorosa falta de critério...

Drew fez sinal para ele ficar quieto.

— Hector, o que está feito está feito, não se preocupe agora. Me diga o que aconteceu.

— Bem — o Boarlord prosseguiu —, depois que Vega nos drogou, ele nos trouxe a este navio, o Turbilhão. E então mandou seus homens buscarem Gretchen.

Drew olhou para a Werefex, a preocupação marcando seu rosto.

— Eles a machucaram? — perguntou.

— Não — ela disse. — Mas eu os machuquei. Quando subir ao deque, vai ver que alguns ainda têm as marcas de minhas garras.

— Eles içaram velas na mesma noite. — prosseguiu Hector. — Parece que acordamos à mesma hora, eu e você, porque ouvi o tumulto todo da cabine.

— Eu sou o único que eles acorrentaram? — perguntou Drew ao ouvir Hector mencionar o tumulto.

— Parece que sim — o Boarlord encolheu os ombros, levemente envergonhado de não parecer ameaça para o conde Vega. — Bem, você devia ter orgulho, Drew. Provocou uma grande bagunça no porão.

Derrubou um engradado de Óleo de Splyr em sua cabeça. Quando o libertamos você estava delirante; não sabia quem era, o que era, nem onde estava. Ficou sob o efeito daquilo por três dias, e agora é a primeira vez que recobra a consciência. Se um homem normal tivesse tomado tanto Splyr, acho que o cérebro teria explodido.

— Três dias? Quantos dias do último mês eu passei inconsciente? — disse Drew tentando fazer graça, sem conseguir.

— Gretchen o lavou. Nós dois temos nos revezado para cuidar de você.

— Obrigado. A ambos — ele disse, fazendo esforço extra para estender sua gratidão a Gretchen. — Ele vai mesmo nos levar a Leopold?

— Temo que sim — disse Gretchen. — Passamos esses dias na companhia do conde, conversando com ele durante o café da manhã, almoço e jantar, e ele é inflexível quanto a isso. Vê isso como um jeito de recuperar suas preciosas ilhas Cluster.

— Qual é a história aí? — perguntou Drew, ainda tentando entender a situação.

— Bem, é interessante — começou Hector. — O conde Vega era um dos aliados prediletos de seu pai durante as campanhas. Ele lutava por Wergar no mar. Eu não o conhecia antes, mas meu pai me contou muito sobre ele. Ele foi o capitão do mar mais jovem na marinha. Vem de uma longa linhagem de nobres das ilhas Cluster. Digo nobres, mas eram piratas, que governavam traindo-se uns aos outros. Quero dizer, como é possível governar piratas? — E prosseguiu. — Contudo, justo quando seu pai mais precisou dele, ele o traiu, vendendo informações preciosas a Leopold sobre o paradeiro da Frota Real. Com sua traição, a frota foi sabotada, e Leopold entrou em Highcliff sem oposição. Diz a história que ele pensou que isso lhe traria riqueza ainda maior do que suas ilhas Cluster.

Drew começava a pensar se algum dos Lords dos Sete Reinos conseguira evitar de trair Wergar. Parecia-lhe que o Lobo fora abandonado por aliados de todos os lados, na hora mais difícil, o que podia ser lido de duas maneiras. Ou Wergar era o monstro

maníaco que as lendas contam, ou o rei Leopold era uma fera muito mais ardilosa do que qualquer coisa que o Lobo houvesse encontrado em suas várias campanhas militares. Ele subestimara o Leão, e isso lhe custara tudo: o trono, a família e a vida.

— E qual foi a recompensa de Vega? — continuou Hector. — Ele foi proibido de colocar os pés em Highcliff; o novo rei Leopold disse que qualquer homem disposto a vender seu rei por ouro não era merecedor de confiança. Ele não o queria nem perto da corte. O rei enviou um governador para as ilhas Cluster, e desde então Vega é forçado a vagar pelo Mar Branco, pirateando em nome do rei, fazendo pilhagem para Sua Majestade e então voltando ao mar. Ele é um traidor errante, sem lar a não ser seu navio.

Drew ficou surpreso ao ouvir Hector falar sem freios. Ele claramente detestava o conde Vega, falando cheio de coragem e raiva. Ainda assim, Drew se perguntava se o conde não havia sido descrito muito desfavoravelmente pelo rei Leopold, da mesma forma que seu pai, Wengar, era retirado pelo Leão. Sua cabeça girou; em quem ele poderia confiar além de Hector nesse mundo de facas pelas costas, traições e nobres que trocam de lado?

— Não temos qualquer esperança de fazê-lo mudar de ideia? — questionou Drew. — Uma vida velejando pelo oceano, banido pelo rei tirano, tudo isso já devia ter trazido algum senso ao homem, não? Por que ele iria querer ajudar o rei se ele é claramente seu inimigo?

— Vega acredita mesmo que pode se redimir aos olhos do rei, e acha que este é o caminho — disse Gretchen, interpondo-se. — Essa coisa toda faz gelar meu sangue. Estou sendo atirada para lá e para cá como um saco podre de recompensa, entregue a quem der mais. E nenhum de vocês, não importa quão irritante eu os considere — disse ela, olhando para Drew —, merece esse destino.

— Nós podíamos pular no mar — sugeriu Drew.

— E nadar para onde? — perguntou Gretchen. — Estamos em alto mar.

— Talvez pudéssemos roubar um barco? — ele tentou. — Eles não têm bote salva-vidas?

— Têm — disse Hector —, mas não teríamos esperança de encontrar terra sem equipamentos de navegação e mapas. Além disso, estamos no Turbilhão, lembre-se — ele acrescentou.

— O que há de tão especial no Turbilhão? — perguntou Drew. — Perdi alguma coisa?

— Não que o homem não seja chegado a um exagero — disse Hector —, mas, se o conde Vega lhe disser que o Turbilhão é a nau mais veloz do oceano, não estará mentindo. É lendário. Ele pode vencer qualquer navio.

Perseguir um barquinho pilotado por três fugitivos não seria desafio algum.

Como se precisasse de mais detalhes quanto às proezas do barco, Drew saiu pela porta para subir ao deque. Os outros dois o seguiram de perto.

Serpenteando por um corredor, ele subiu um lance de escada de madeira até divisar o sol que brilhava lá em cima.

O Turbilhão era realmente magnífico. Homens corriam pelo deque, ocupados em lidar com as cordas, sem dar qualquer atenção aos três recém-chegados. Drew notou que Gretchen não dissera nenhuma mentira — dois dos marinheiros andavam por ali com grandes cicatrizes no rosto, a pele ainda rosada e dolorida dos cortes de suas garras afiadas.

Três imensos mastros alcançavam o céu, e no alto de um deles, numa vigia, Drew enxergou o contorno de um garoto contra o sol. Oito grandes velas estavam esticadas com vento favorável às suas costas, impulsionando o Turbilhão pelas ondas do Mar Branco. Drew espiou pela amurada para o mar abaixo, onde uma espuma branca decorava a superfície da água, indiferente à fileira de canhões que o navio carregava.

Drew olhou para cima, tonto com o tamanho do navio. Ninguém o desafiara; ninguém lhe dava atenção; ninguém o via como ameaça. Ele era um lobo inofensivo para esses homens. Orgulhoso no deque, segurando a roda do leme, estava o conde Vega, Príncipe Pirata das Ilhas Cluster, Senhor de Tudo que Via. Ele sorriu para Drew, revelando os dentes brancos perfeitos, enquanto o Turbilhão dirigia-se para Highcliff e o rei.

4: Conversando com os mortos

No sexto dia de viagem, o Turbilhão ancorou na pequena ilha de Cutter's Cove. Era um porto também pequeno, mas muito visitado pelos que velejavam no Mar Branco, seja para comprar ou vender mercadorias. O

conde Vega raramente perdia a chance de parar ali; o capitão explicara que tinha um engradado de tâmaras e bons vinhos para entregar ao governador da ilha. Os três prisioneiros ouviram da tripulação uma outra razão para o Turbilhão ter atracado no porto, pois alguns dos marujos contavam fofocas sobre a relação do conde Vega com a esposa do governador.

Outros navios estavam ancorados por perto, também aproveitando tudo que Cutter's Cove tinha a oferecer. Alguns eram naus mercantes, outros também pertenciam a piratas. Cutter's Cove era um território neutro, no qual uma trégua vigorava e os piratas não podiam se atacar.

Drew, Hector e Gretchen permaneceram no navio, torturantemente próximos da suposta liberdade de Cutter's Cove. Embora houvesse morros e florestas na ilha onde poderiam encontrar refúgio, isso seria apenas temporário. Uma equipe de busca logo os encontraria, pois a ilha não tinha mais do que oito quilômetros de extensão. A melhor esperança era tentar abordar outro navio com destino ao continente, mas o capitão havia deixado instruções claras durante sua ausência. Não só eles deveriam ficar a bordo do Turbilhão, como a tripulação teria de observá-los a todo momento, sem dar chance de encostarem num barco a remo.

Enquanto a maioria da tripulação tinha pouco a ver com os prisioneiros, havia um que parecia ter se encantado com Drew: o vigia, um garoto de dez anos chamado Casper. Ele sempre se dava ao trabalho de trazer comida e bebida para ele, em qualquer oportunidade, sentando-se com Drew e fazendo perguntas enquanto ele comia. De início, Drew não se sentia inclinado a bater

papo com o garoto — um futuro pirata em todos os poros. Casper era convencido, loquaz e mais cheio de si do que o necessário.

Tendo um capitão como o conde Vega de modelo, não era de surpreender que Casper estivesse ficando assim.

Com isso em mente, Drew decidira aceitar as conversas do menino, respondendo a perguntas sobre a própria infância na fazenda e até sobre algumas das aventuras em que se metera nos últimos meses. O garoto se aprazia com esses contos e os devorava vorazmente. O tempo todo Drew sutilmente cutucava a consciência de Casper, questionando-o sobre as escolhas na vida que o haviam trazido até o Turbilhão, um fugitivo da lei.

Numa ocasião, Drew encontrou o menino sentado numa frágil tábua de madeira suspensa na proa do navio. Um balde balançava-se preso numa corda, enquanto o garoto lavava a figura esculpida à frente da embarcação, sob um sol impiedoso. Drew inclinou-se sobre a balaustrada.

— Você não tem algo mais arriscado em que trabalhar?

Casper olhou para cima, um sorriso a abrir-se no rosto sardento.

— Não tem perigo — disse o garoto, enquanto as ondas batiam contra o casco do Turbilhão, poucos metros abaixo. — Você precisa ver como é quando ele está quebrando ondas, carregado pelo vento!

— O que foi que o atraiu a essa vida, Casper?

— Me atraiu? Não estou aqui por escolha, chefe. O capitão é que me acolheu quando eu era uma criancinha.

— Acolheu?

— Minha família foi morta por piratas, sabe? O capitão me acolheu.

— Foram os piratas dele que os mataram?

Casper deu de ombros.

— Interessas? Ele não precisaria ter me trazido; poderia ter me deixado para morrer, mas decidiu que não.

Drew ficou mais interessado. Conde Vega, um egoísta de primeira demonstrando compaixão? Ou seria culpa?

— Não parece ser o camarada que conheci — disse Drew, curioso para ver como o garoto reagiria. Casper parou

momentaneamente para limpar a testa e olhar para cima.

— Não me entenda mal, chefe — disse, o sorriso revelando uma fenda entre os dentes. — Tem vezes em que ele vira um monstro. Já o vi rasgar um homem ao meio por trapacear no jogo dos ossos. Não se meta com ele.

Contudo...

— Contudo...? — perguntou Drew, incitando o menino a prosseguir.

— Contudo, ele é o mais próximo que tenho de uma família, não é? Ele tem um coração gentil, chefe. Juro por Sosha que ele tem.

— Nunca deixe de pensar nisso — suspirou Drew em silêncio, decidindo-se a não pressionar mais o garoto. Seus próprios pensamentos viajavam pelo vento, voltando à antiga fazenda na Costa Gélida.

— Não tenha dúvida de que família é algo precioso.

Drew também passava mais tempo na companhia de Gretchen, pois Hector havia se trancado em seus aposentos para escrever e meditar. O Boarlord estava assustado; Drew sabia disso muito bem. Eles estavam a dois dias de Highcliff, e ambos sabiam que destino os aguardava quando o rei os recebesse. Se Hector queria passar o tempo sozinho, refletindo sobre as decisões que o haviam trazido até o navio, então Drew não iria atrapalhar.

Mas talvez uma visita não fosse má ideia. Drew caminhou até o dormitório do amigo e bateu à porta.

— Hector — ele chamou. — Está aí? — Tentou a maçaneta, mas a porta estava trancada.

— Só um instante — respondeu o amigo.

Drew ouviu movimentação dentro do quarto e o som de móveis sendo arrastados. O Boarlord levou um bom tempo para abrir a porta; o que estaria fazendo? Quando enfim abriu, Drew viu que a cabine estava escura, a cortina da portinhola fechada. A cama ainda estava arrumada, e a algibeira de Hector estava aberta sobre a colcha, parte de seu conteúdo esparramado.

— O que você está fazendo? — perguntou Drew, passando por seu amigo e caminhando até a janela. Ele pegou a cortina e a

puxou, deixando os raios do Sol adentrarem o quarto. Hector apertou os olhos diante da luz impiedosa, aprumando-se na cama.

— Dormindo, só isso — disse Hector. — Estou cansado.

Drew olhou novamente para a cama arrumada, com apetrechos espalhados em cima dela. “Não tem como ser verdade”, pensou.

— Eu estava preocupado com você — Drew disse, sentando numa poltrona de couro como a que ele tinha em seu quarto. Havia papéis esparramados por toda a escrivaninha do Boarlord, anotações a tinta, rabiscadas numa linguagem que Drew não reconhecia, adornando cada página. — Você sabe, se quiser falar de qualquer coisa, estou aqui.

— Eu sei — disse Hector, escondendo um bocejo. — Mas, é sério, não se preocupe comigo. Estou apenas esgotado. — Ele esticou-se, seus calcanhares roçando cuidadosamente o tapete redondo ao pé da cama, cuja ponta estava enrugada. Drew pulou e agarrou o tapete, levantando-o e fazendo os pés de Hector erguerem-se no ar.

— Drew, não! — ele berrou, mas era tarde demais.

Havia um círculo de enxofre cuidadosamente traçado no chão; no centro, círculos menores e símbolos feitos de cera derretida sobre os veios das tábuas. Com o movimento do navio, uma vela negra veio rolando de baixo da cama, uma prova para Drew de que seu amigo estava praticando magia.

— O que você anda fazendo, Hector? — ele perguntou.

— Nada — disse o Boarlord, balançando a cabeça. — Não se preocupe, Drew, por favor. Não causei mal a mim nem a ninguém a bordo deste navio.

— Mas enxofre? Vela? Você está se comunicando com os mortos?

— Sim — respondeu Hector, envergonhado.

— Mas por quê? — perguntou Drew. — Você viu como isso foi perigoso da última vez. O cadáver daquele Xamã podia ter matado você se eu não estivesse lá. Por que se colocar, e a todo mundo, em perigo novamente?

— Mas eu sei o que deu errado da última vez, Drew. Eu não respeitei a cerimônia; fui descuidado. Dessa vez não cometi os

mesmos erros. Fui cuidadoso — argumentou, caminhando em direção à mesa e juntando vários papéis. — Estas são minhas anotações sobre a cerimônia, com revisões e medidas de segurança para garantir que eu não me distraia de novo.

— Não gosto disso — falou Drew. — Você tem falado com o Xamã?

Pelo velho Brenn, o que ele tem para dizer? Isso é loucura!

— Eu tenho falado com meu pai — respondeu Hector com voz calma e trêmula. — Venho me despedindo dele.

Drew ficou em silêncio. Seus ombros cederam, e com comovente solidariedade ele caminhou até o amigo, de braços abertos, e abraçou-o contra o peito.

— Oh, Hector — ele disse, enquanto o outro começou a soluçar. — Sinto muito. Não... não percebi que...

— Não era para você saber — fungou o Boarlord. — E, sim, estou envergonhado. Mas eu precisava dizer adeus, precisava saber que ele estava em paz. E ele está, Drew. Está. Ele quer que eu perdoe meu irmão, você acredita?

— Bem, entendo o que ele diz, por mais difícil que isso seja. Vincent só estava fazendo o que achava melhor para a família.

— Para si mesmo — vociferou Hector, ainda não preparado para perdoar. Ele olhou para Drew, com seu rosto pálido, uma camada de suor dando-lhe a aparência de doente.

— Então como você falou com ele?

— Dessa vez entrei no círculo. Não é perigoso quando você se comunica com um ente querido. Apenas quando a linha é partida e você está em contato com um espírito do mal é que você se expõe ao perigo. Eu não temo o fantasma de meu pai. Ele pode descansar agora, Drew. Ele pode ficar em paz. — Hector esfregou a cera que secara em sua palma esquerda, descascando-a em grandes pedaços. A marca negra continuava lá, Drew notou, agora maior devido às novas queimaduras.

— E você vai ficar em paz agora, Hector?

— Não entendo o que você quer dizer — respondeu, embaraçado.

— Você teve que lidar com muita coisa nos últimos tempos, meu amigo. Você perdeu tudo, e em grande parte por minha causa.

— Drew — disse Hector, colocando a mão sobre o ombro do amigo, dando-lhe um aperto tranquilizador. Seus olhos de repente iluminaram-se, e a voz era forte e confiante: — Você tem de entender que, por mais que eu tenha perdido e sofrido, não é nada comparado ao que você passou, e ainda sobreviveu a tudo. Isso faz minha cabeça dar voltas. Eu não conseguiria.

Acho que você não percebe a sua importância, Drew.

Drew começou a negar com a cabeça, mas Hector prosseguiu: — Os Sete Reinos da Lyssia estão em pedaços graças a Leopold, destruídos por sua cobiça e crueldade. Sei que você não queria, Drew, mas, mesmo que não se veja como herói, veja o que já fez por esse povo.

— Não fiz nada.

— Você salvou a vida do guardião e do aprendiz. Você mostrou ao povo de Oakley que eles podem reagir. Você venceu a Wereserpent.

Derrotou os Wyldermen e salvou a vida de Gretchen. E ajudou um Boarlord covarde a se encontrar. Você tem um efeito sobre todos com quem entra em contato. É uma reação em cadeia, Drew, e sua influência está se espalhando. Imagine quanto você conseguiria se tivesse um plano.

— Um plano?

— Sim. Você deixou o destino trazê-lo até aqui e jogá-lo nessas situações. O povo da Lyssia precisa de um herói, alguém que desafie o rei.

Até sua chegada, parecia que isso nunca aconteceria. Eu estudei, lembre-se, estudei muito. Li os livros de história e as profecias da biblioteca de Redmire. Aquelas escrituras estão cheias de previsões de todo tipo: “A Era dos Catlords”, dragões levantando-se, mortos caminhando, irmãos em conflito, uma grande Guerra dos Weres; quem sabe quantas foram, são ou se tornarão verdade? Mas a maioria dos magísteres crê que esta é confiável: a de um Campeão da Luz que desafiaria as Trevas. Acho que esse Campeão é você, Drew.

Drew riu, mas Hector não estava brincando. Drew ficou chocado ao ouvir o Boarlord falar com tanta veemência, só parando para enxugar as lágrimas que insistiam em cair. Ele parecia quase delirante; será que tinha ficado tempo demais no círculo espiritual?

— Luz e Trevas?

— Isso mesmo. As escrituras dizem que, quando os Sete Reinos estiverem despedaçados, haverá uma grande batalha do dia contra a noite, da Luz contra as Trevas.

— Então as Trevas são o rei?

O Boarlord deu de ombros, sem resposta definitiva. Drew prosseguiu: — Hector, você tem uma imaginação poderosa. Sem querer ofender, eu não acredito em profecias. Sou um tolo garoto de fazenda que caiu nas mãos do inimigo com facilidade vergonhosa. Não teria como tornar as coisas mais fáceis para Leopold, a menos que se eu aparecesse em Highcliff e batesse na sua porta.

— O destino é uma coisa engraçada, Drew. Talvez você deva chegar a Highcliff. Tudo tem motivo para acontecer.

— Acho que você passou tempo demais “comunicando-se com os mortos”, meu amigo. Talvez precise de um descanso. Você passou por muita coisa.

Hector o ignorou e continuou a falar: — Eu acredito em você, Drew. Sei que as coisas parecem estranhas, mas ainda estou convencido de que sua história não vai terminar em Highcliff nas mãos do rei. Acho que o Destino tem mais planos para você.

— Queria compartilhar desse otimismo, Hector.

Um alarme soou no deque, interrompendo a conversa. Era o sinal de que o conde Vega estava voltando a bordo.

— Venha — disse Drew. — Vamos limpar isto aqui. Acho que não é bom o capitão descobrir que você vem praticando cerimônias a bordo do navio. Marinheiros são supersticiosos mesmo em tempo bom; se descobrirem que você anda se metendo com magia negra, provavelmente vão jogá-lo ao mar como oferenda a Sosha!

Enquanto Drew cuidava do chão, Hector juntou todos os seus papéis e enfiou-os na algibeira. Drew entregou a ele a grande vela negra.

— Obrigado, Drew — ele disse, sorrindo e limpando as lágrimas. Agora ele estava bem mais calmo, para alívio do amigo.

— E por favor, não faça mais esse tipo de coisa por enquanto, Hector, pode ser? — pediu Drew. — Não aguento mais ver você afundando em mais sofrimento. Você já se despediu do seu pai. Agora se concentre no mundo dos vivos.

— Prometo — respondeu o Boarlord fungando, enquanto ajeitava a vela no fundo de sua bolsa.

5: O mar vermelho

Ao voltar ao deque, Drew juntou-se a Gretchen para assistirem ao conde voltar em um barco a remo. A tripulação do Turbilhão havia se reunido de um lado do navio para receber seu capitão. O baixinho magrelo, Figgis, estava com tudo pronto para jogar uma corda a bombordo para o pequeno barco. Seis homens remavam, enquanto o príncipe pirata ficava sentado ao fundo, com aparência satisfeita. Ele estivera em terra durante toda a manhã, tempo suficiente para concluir seus negócios com o governador. Um barrilete de bebida estava no meio do barco, certamente o pagamento por quaisquer que tenham sido os serviços escusos que ele prestara. A tripulação do Turbilhão estava entusiasmada.

— Ele é um renegado — disse Drew. — Um vilão.

— É mesmo — Gretchen concordou. — E não há uma partícula de decência à qual apelar naquele corpo sem coração.

De mão algemadas, Drew encostou-se nela, num gesto de cumplicidade, e ela não saiu de perto.

— Ainda pode haver chance para você, Gretchen. Hector e eu... bem, não pensar o que será de nós. Mas, por favor, não se permita ser presa por essa gente. O duque Bergan a ajudaria, tenho certeza.

— Meu lugar é em Highcliff, Drew. Eu casarei com o príncipe Lucas, e não há nada que você ou eu possa fazer contra isso. Minha vida me trouxe até aqui; ele e eu estamos prometidos desde a infância. Talvez ele possa mudar.

— Ele nunca vai mudar, e você sabe disso. Ele é um monstro sádico, como o pai dele, e só vai lhe dar tristeza e um coração partido. Você não será feliz ao lado dele.

Ela não disse nada, perdida em pensamentos, e recostou a cabeça no ombro de Drew, fazendo os cachos de seu cabelo ruivo roçarem no queixo do jovem. Ele não pôde deixar de respirar o cheiro dela, que o fazia se lembrar das flores selvagens na floresta, o cheiro de um tempo sem preocupações.

Mas no que ele estava pensando? Essa era a garotinha mimada que o odiava quase tanto quanto ele a detestava. Agora não era hora de ficar imaginando coisas sem sentido. Ela provavelmente lhe daria um chute se soubesse o que passava por sua cabeça. Ele tirou do caminho ideias fantasiosas, e olhou de volta para o barco a remo que se aproximava do Turbilhão.

Antes que o bote chegasse ao navio, Drew teve uma sensação de alerta, de que algo não estava certo. Teria ouvido algo? Uma série de ruídos ocos, como machado atingindo madeira? Olhou para a tripulação reunida à sua volta, distraída, chamando os camaradas que se aproximavam do navio, aguardando ansiosos por aquele pequeno barril de bebida. Atrás deles, notou que o deque estava vazio. Todos os marinheiros estavam naquele lado do navio. Drew saiu de perto de Gretchen.

— O que foi? — ela perguntou, observando enquanto ele se dirigia para estibordo, onde não havia ninguém. Olhou para a amurada. Ela estava pontilhada por ganchos de metal em toda a sua extensão, com cordas amarradas, que desapareciam logo abaixo. Ele só entendeu o que estava acontecendo no momento em que o primeiro pirata pulou a bordo, o punhal saindo de seus dentes para pousar firme na mão.

— É um ataque! — berrou Drew, e o deque entrou em erupção.

Quando o pirata se jogou contra ele, o jovem pôde apenas pular para o lado, pois suas mãos ainda estavam presas por correntes de aço. Pulou para trás enquanto o homem investia contra ele, procurando apunhalá-lo enquanto seus camaradas chegavam ao deque. Os homens de Vega logo juntaram-se à batalha, com golpes de cutelos e espadas desferidos contra os inimigos. Em instantes, o deque era um mar de gritos e berros com punhais e facas, cutelos, espadas e porretes batendo-se uns contra os outros. O sangue voava à medida que a ferocidade da batalha crescia.

Enquanto tudo isso acontecia, Drew continuava sendo atacado pelo primeiro pirata a subir a bordo, suas costas agora contra a parede do deque inferior. Sem ter para onde se retirar, ele se desviou de um golpe e pulou na direção do agressor, dando-lhe um soco no rosto com os dois punhos fechados. Ouviu o nariz do pirata

partir-se assim que seus antebraços o acertaram, o que fez o homem desabar inconsciente no deque. Ele olhou em volta. Não havia sinal de Gretchen nem de Hector, o que com sorte indicava que estavam a salvo. Com o punhal do pirata em mãos, Drew tentou abrir caminho em meio ao combate, mas logo era atacado novamente.

Um homem alto e de peito nu coberto de tatuagens avançou em sua direção com uma espada curta em cada mão. Drew conseguiu evitar uma das armas, mas não a outra, e o metal frio rasgou a carne de sua coxa.

Fechando a cara de dor, Drew jogou-se contra o ladrão, considerando que essa era sua melhor chance, já que continuava de mãos atadas. Os dois caíram no deque, abraçados. O homem começou a morder Drew, com seus dentes podres entrando fundo na pele de seu pescoço. Drew quase desmaiou com a selvageria do ataque do pirata, e sobretudo com o esforço para controlar sua raiva, pois sabia que tinha de manter o Lobo preso e lutar como homem. Se perdesse o controle agora, seria seu fim. As algemas duras de metal lembravam-no do que tinha a perder. Uma cabeçada bem dada no rosto do homem obrigou-o a soltá-lo. Com o pescoço livre, e sangue saindo do ferimento, Drew apunhalou a perna do pirata com a adaga, o que fez o outro desabar.

Cuidando de sua garganta ensanguentada, Drew olhou para cima e teve um vislumbre de cabelos vermelhos em meio à multidão de lutadores: Gretchen! Ela estava sendo agarrada e erguida sobre aquele mar de espadas por uma dupla de piratas. A jovem não se entregava facilmente. Ela transformava-se enquanto se debatia, o rosto se contorcendo, e dentes afiados surgindo em sua boca. Seus dedos já haviam virado garras, e ela atacava a esmo, arrancando tiras de carne dos braços e rostos dos homens.

Naquele momento o conde Vega embarcou no Turbilhão, de florete na mão, e jogou-se à batalha.

— Soltem-na! — ele berrou, partindo à frente e encontrando um pirata inimigo a cada golpe.

Drew ficou momentaneamente fascinado. O capitão do mar era um espadachim com habilidades que ele nunca vira. Vega girava,

parava e atacava, cada vez deixando novos ferimentos em seus oponentes e sem ser acertado por nenhum deles. Os corpos caíam à sua passagem, sem vida ou feridos. Drew olhou para onde estavam levando Gretchen e avistou um pirata parado na amurada, acenando para que seus homens a levassem até ele. Usava um grande chapéu negro coberto de fitas vermelhas que esvoaçavam ao vento como algas escarlata.

— A mim, garotos! — ele gritava. — Tragam a garota para mim!

“Eles estão levando Gretchen”, Drew pensou instintivamente. No pouco tempo que o capitão ficou em terra, boatos deviam ter se espalhado quanto aos bens singulares que o conde Vega transportava no Turbilhão.

Parecia que o príncipe pirata não era o único oportunista no Mar Branco, afinal. Na amurada, o capitão inimigo de chapéu negro podia ver Vega abrindo caminho pelos homens em sua direção. Agarrando Gretchen sob o braço como se fosse um saco de batatas, ele começou a descer rapidamente por uma das cordas amarradas com ganchos presos à embarcação; o atrito queimava suas mãos ao descer em ritmo alarmante para alcançar o barco logo abaixo.

— Voltemos ao Hellfire, rapazes! — ele urrou quando aterrissou no bote e os homens à espera tiraram Gretchen de seus braços.

As mãos em garra da jovem atacavam os captores, mas eles eram muitos e conseguiram amarrá-la, jogando-a no fundo do barco a remo.

Vega seguiu em frente no deque, esquivando-se e investindo, em meio ao som do aço ressoante e dos banhos de sangue. Figgis estava a seu lado, manejando com competência um punhal e uma espada curta. Podia ser velho, mas era tão ágil quanto qualquer um dos marujos do Turbilhão.

Casper movia-se pela multidão com sua arma reluzindo, acertando piratas aqui e ali.

Drew saltou um pequeno lance de escada para chegar ao convés superior, correndo até a amurada para olhar para baixo. Os invasores já estavam em retirada, três barcos partindo com remos que erguiam as águas.

Os piratas restantes a bordo começaram a saltar do Turbilhão, caindo no mar e nadando até os pequenos barcos para fugir. Dois deles não resistiram e deram golpes em Casper ao passar por trás do jovem — um deles causou um corte profundo nas costas do vigia. O menino cambaleou até a beirada do navio, antes de tombar para fora.

O conde Vega deu três passos para trás, deixando seu florete de lado.

Com dois passos largos, ele subiu na amurada e se lançou pelo ar, num mergulho perfeito, emergindo a poucos metros do barco que levava Gretchen. Tudo indicava que Vega não tinha intenção de deixar a Werefox ir embora. Drew olhou para baixo e viu Casper debatendo-se na água, tentando se manter à tona enquanto o sangue saía de suas costas. Drew fez uma pausa antes de decidir-se. E pulou.

A água estava gelada, fria como ele nunca havia sentido. Ao emergir, procurou o jovem vigia. Enfim viu o menino no momento em que sua cabeça desaparecia e só a mão ficava para fora do mar. Drew começou a nadar como um cachorrinho, puxando a água com as mãos algemadas enquanto as pernas o propeliavam. A mão de Casper sumiu sob as ondas, e ele afundou. O branco dos olhos do menino reluziu na água negra e uma corrente de bolhas saiu de sua boca quando a corrente o puxou para baixo.

Drew mergulhou atrás, apanhou o pulso de Casper e então subiu para a superfície, trabalhando com suas pernas com toda a energia que conseguiu reunir. Inalando uma golpada de ar, ele puxou o menino para o seu ombro, ajeitando-o no peito enquanto tentava manter-se acima da água. Outros marujos mergulharam para ajudar a trazer o vigia a bordo, dois dos quais também seguraram Drew, que não tinha condições para nadar. Jogaram escadas de corda e ajudaram-no a subir no Turbilhão. Na amurada olhou para o mar, procurando Vega e Gretchen, enquanto os marinheiros cuidavam de seus feridos.

O barco a remo dos piratas estava sendo remexido por uma grande força sob as águas. Dois, três homens perderam o equilíbrio e caíram do barco, e, na mesma hora, o mar ficou vermelho de

sangue. Agora só restava o capitão dos piratas invasores a bordo. Ele estava de pé junto ao corpo caído de Gretchen, com seu cutelo à frente, temeroso, tentando se defender de um ataque invisível. Então, os golpes sob o bote cessaram. A tripulação do Turbilhão alinhou-se na amurada, uma plateia curiosa esperando ver o que estava para acontecer.

Fez-se silêncio, mas apenas por um momento.

A água entrou em erupção ao lado do barco quando uma figura monstruosa emergiu de repente, acertando o capitão antes de desaparecer pelo outro lado, levando o homem condenado consigo. Por mais que estivesse diante de uma transformação, Drew ainda conseguiu reconhecer na criatura uma parte do conde Vega. A cena parecia ter acontecido em câmera lenta, pois Drew assimilara cada detalhe. Desaparecera o boa pinta malicioso, desaparecera o gracioso esgrimista que rodopiava entre os piratas a bordo do Turbilhão. O sorriso de dentes brancos perfeitos fora substituído por uma boca escancarada de trinta centímetros, que formava um arco na ampla cabeça cinzenta. Dentes serrilhados estendiam-se da mandíbula, fileira após fileira, e sua cabeça havia se alongado até atingir uma forma pontuda e cinza. A camisa branca do príncipe pirata ainda estava presa ao torso. Olhos negros mortais cintilavam quando os dentes da criatura se fecharam no peito da vítima, piscando ao morder pele, carne e ossos, antes de ambos desaparecerem no Mar Branco, agora vermelho numa explosão de sangue. A tripulação do Turbilhão comemorou e jogou cordas em direção do bote.

Um dos marinheiros trouxe um cobertor para Drew, colocando-o sobre seus ombros e agradecendo-lhe com cumprimentos nas costas. Hector veio do convés inferior, onde estava escondido. Gretchen estava sendo escoltada por uma escada de corda de volta ao navio, os homens tratando-a com cortesia enquanto ela subia a bordo. Ela correu até Drew e Hector, aliviado por ver os amigos a salvo, e os três abraçaram-se.

O conde Vega foi o último a retornar ao Turbilhão. Ele subiu por uma das cordas presas à embarcação, pulando o balaústre de madeira num salto gracioso. A camisa branca ainda pendia de seu

peito, pingando água e com manchas rosadas de sangue. Ele havia voltado ao normal, quase sem sinais da fera em que se transformara. Um membro da tripulação falou em seu ouvido, apontando para Drew e depois para Casper, que estava sendo atendido no deque. Vega pegou seu florete e seguiu em direção aos dois, as solas duras de suas botas batendo contra as tábuas enquanto se aproximava.

— Parece que lhe devo gratidão — disse o príncipe pirata, torcendo o pescoço para o lado para encaixar seus ossos no lugar. Ele esticou sua mandíbula ao virar a cabeça de um lado para o outro, provocando um estampido ao relaxar as juntas. Gretchen encolheu-se.

— Eu teria feito o mesmo por qualquer um — disse Drew, olhando para o menino ferido. — Ele está bem?

— Ele vai sobreviver, Drew, graças a você. — Vega deu mais um passo adiante, seu habitual comportamento agradável agora substituído por um tom mais sério. — Mas nada mudou, garoto. Ainda devo entregá-lo ao rei.

Negócios são negócios, entende? Perdoe-me.

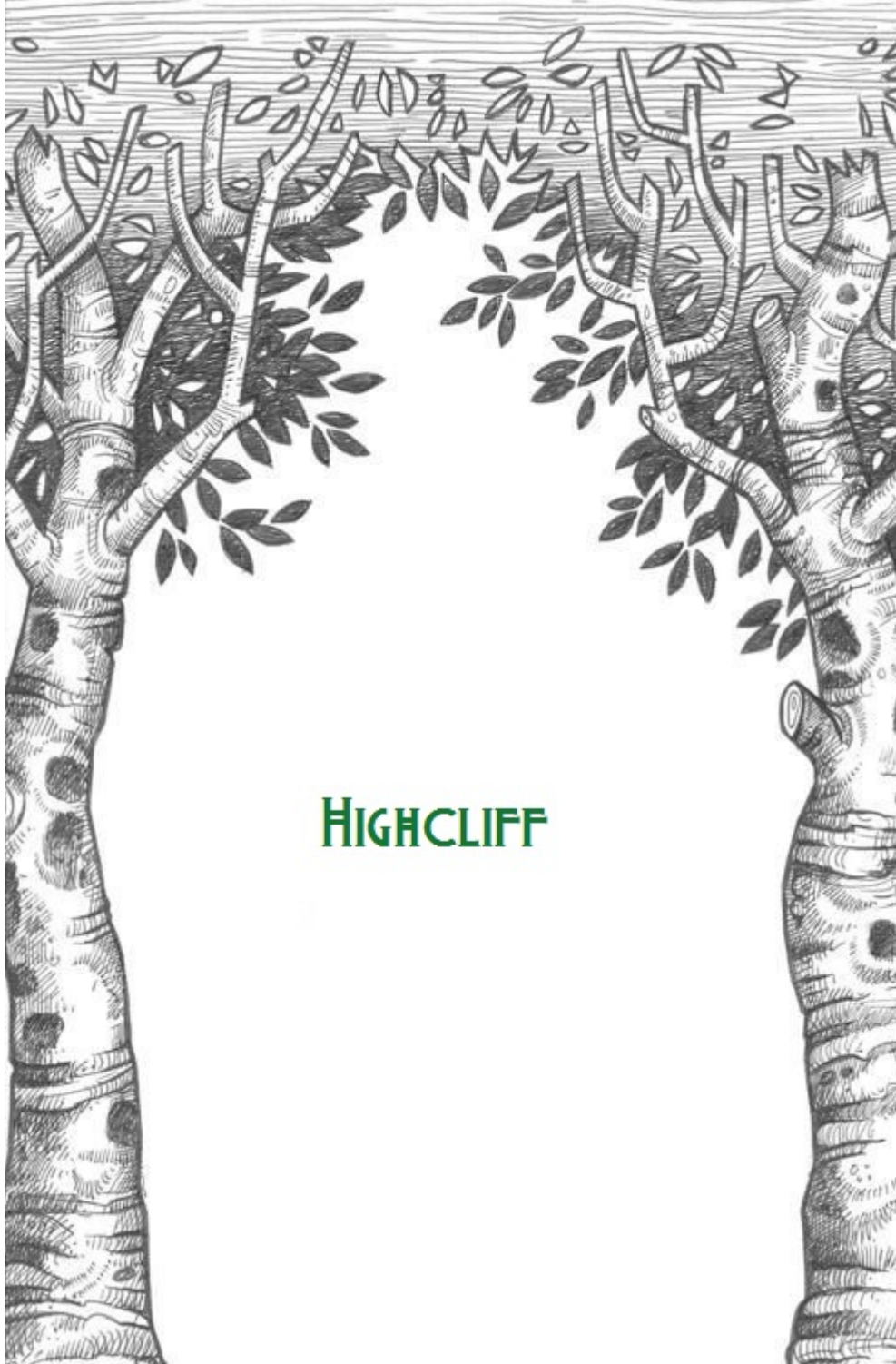
Drew concordou, já resignado.

— O que aconteceu lá? — ele perguntou, embora já soubesse a resposta. Acabara de testemunhar conde Vega, o Wereshark, o tubarão, flagelo dos mares, em toda a sua glória.

O príncipe pirata ergueu seu florete e virou a lâmina como espelho, para poder olhar sua boca. Ele riu, passando o polegar sobre os dentes com um chiado, limpando-os cuidadosamente. Muito brancos, eles brilharam mais uma vez.

— O quê? — ele disse. — Você achava que era o único que tinha esses truques, cachorrinho?

PARTE 6



HIGHCLIFF

1: Na cova do Leão

O chicote estalou. A carne das costas de Drew foi rasgada mais uma vez pelas pequenas tachas de prata que reforçavam a crueldade da tortura. Suas pernas ameaçavam ceder enquanto ele cambaleava pela ponte levadiça, os pés tropeçando um no outro. As algemas haviam sido retiradas e substituídas por uma peça de madeira feita sob medida, encaixada em torno do pescoço e dos pulsos como um jugo. Para enfraquecê-lo ainda mais, anéis de prata estavam embutidos em cada um dos três buracos, envolvendo seu pescoço e suas mãos num abraço gelado. Soldados da Guarda Leonina marchavam a seu lado, desfilando com ele pela ponte. Atrás dele, o capitão Brutus segurava o chicote, preparando-se para dar outra açoitada contra as costas do Lobo. Com os olhos encharcados de lágrimas, Drew viu o enorme portal de uma fortaleza desaparecer sobre sua cabeça, como a boca de um imenso monstro marinho, enquanto ele passava pela ponte levadiça e sumia no interior de Highcliff.

Eles tinham apontado havia apenas uma hora, com o Turbilhão escoltado por uma frota de fragatas até o porto da cidade. O povo fazia fila nas ruas até a entrada do castelo para ver o Lobo ser trazido à porta do Leão. Alguns comemoravam, e os apoiadores mais fervorosos do rei jogavam lixo e frutas podres em Drew. Em sua maioria, a multidão assistia a cena numa mistura de curiosidade mórbida e pena, enquanto ele era arrastado, insultado e chicoteado pelas ruas íngremes que levavam ao castelo.

A fortaleza fora construída sobre íngremes e mortais penhascos, que pareciam suspensos sobre o mar. A estrutura dominava a paisagem de Highcliff, embora sua única ligação com a cidade fosse uma ponte levadiça.

Enormes muros cinza de trinta metros de altura rodeavam a fortaleza, tornando-a indevassável a invasões e intimidante para quem a via.

Bandeiras tremulavam das ameias e das pequenas torres, revelando a heráldica dos Sete Reinos. Dentre elas, sobressaía a bandeira vermelha gigante que trazia a imagem do agressivo leão dourado de Leopold, erguendo-se sobre as patas traseiras, em posição de ataque, rugindo para os céus.

Drew foi levado por uma grande arena pública conhecida como Praça Principal até a frente do palanque, onde arquibancadas estavam sendo erguidos às pressas. Carpinteiros e operários fizeram uma pausa no trabalho para observar a aglomeração que se formava até o castelo. Hector também estava sendo levado, sem correntes, com um pouco mais de respeito, sem qualquer soldado sádico para chicoteá-lo enquanto era arrastado morro acima. O conde Vega andava a seu lado em toda a sua elegância, a capa negra com listras escarlate tremulando de seus ombros. Num dos lados da cintura, trazia a espada Wolfshead de Drew, e no outro, o próprio florete. O

tempo todo ele assistiu ao capitão Brutus infligindo dor a Drew. Se sentia algum remorso, não demonstrou. Apenas observava tudo, sem deixar passar nada. Gretchen havia sido levada por uma carruagem assim que eles chegaram, despachada até seu futuro lar pela Guarda Leonina, sem perda de tempo. Drew tinha esperança de que ela estivesse bem e saísse ileso daquele inferno.

Quando o último homem da Guarda Leonina desapareceu no interior do castelo, a ponte levadiça lentamente desceu, rangendo, movida pela equipe de oito homens que operava o gigantesco mecanismo. Quando a ponte atingiu o chão, a terra pareceu tremer sob os pés de Drew, reverberando por suas pernas até tomar conta de seu coração. Ele desejou uma morte rápida.

Um pátio circular se abria diante deles, e os soldados seguiram por um lance de degraus de pedra até duas portas enormes. Uma delas rugiu ao ser aberta. De lá, saiu uma outra escolta incumbida de acompanhar Drew.

Antes que ele fosse transferido, Brutus deu-lhe mais uma chicotada.

No salão de entrada, grossos carpetes vermelhos cobriam o chão pavimentado de rocha, que conduzia a mais um par de portas

de madeira — essas ornamentadas com uma cena silvestre onde todos os animais da floresta pulavam e corriam, uns atrás dos outros, entre as árvores. Drew notou a imagem de um lobo no centro da cena, mas seu rosto havia sido riscado e desfigurado pelos golpes de uma espada.

A porta se abriu, e eles foram levados para dentro.

Três altos vitrais jogavam uma luz etérea sobre o grande salão interno, e seis pilares de mármore sustentavam uma abóbada muito acima de suas cabeças. Reunidos entre os pilares, nos dois lados do salão, estavam os grandes e poderosos da Lyssia. Elegantes lordes e donzelas estavam lado a lado, assistindo atentamente à chegada do prisioneiro. Eram de todos os tipos e tamanhos, e Drew podia apenas imaginar que criaturas se escondiam sob suas faces. Ninguém fez gesto algum; eles o olhavam com expressões vagas, ocasionalmente dando rápidas espiadas em direção aos tronos dispostos no fim da grande câmara, como para demonstrar aprovação.

No lugar mais nobre do salão ficava um grande patamar de pedra, sobre o qual estavam três tronos. Um deles estava vazio. Em outro sentava-se o príncipe Lucas, cujos olhos brilhavam de prazer ao ver o Werewolf capturado e submisso. De pé, ao lado do trono do príncipe, estava Gretchen, usando um lindo vestido lilás que se arrastava a seus pés. Ela também usava uma coroa de flores, e tinha novamente damas de companhia à disposição, fazendo fila atrás de sua soberana. Ao lado, homens da Guarda Leonina faziam posição de sentido. O olhar que Gretchen deu para Drew foi de uma tristeza de partir o coração, e aquilo era tudo que o jovem lobisomem precisava para manter a calma, pois seu lado bestial clamava por se libertar a qualquer momento.

O trono ao centro era um incrível assento de pedra esculpida em alto relevo com imagens de serpentes por todos os lados, colidindo num crescendo de dentes e línguas no topo. E, bem no meio daquele abraço letal das cobras, um rubi do tamanho da cabeça de Drew. Ele não tinha como calcular o valor dessa joia, que com certeza causava inveja a todo rei e imperador do mundo. Atrás do

trono estava uma figura de manto negro, um capuz pendendo sobre a face, escondendo-lhe as feições.

E, sentado nesse incrível trono de serpentes, com um radiante sorriso em seu amplo e delineado rosto, estava o rei Leopold, Lorde da Lyssia e Defensor dos Sete Reinos. O rei parecia mesmo um leão à vontade em seu covil, estirado sobre seu trono como um grande gato expondo-se ao sol. Os músculos dos ombros pareciam querer saltar do manto vermelho adornado de peles. Usava uma coroa de ferro, modesta e bruta se comparada à opulência que enchia o salão. Uma enorme espada de dois gumes estava encostada ao lado de seu trono, e sua lâmina brilhava forte à luz do meio-dia.

Drew foi arrastado até os degraus de pedra do patamar, e dois membros da Guarda Leonina cruzaram suas espadas longas diante dele. O rei ergueu-se do trono, e a câmara inteira aguardou em silêncio apreensivo para ver o que ele faria. Leopold tinha mais de um metro e oitenta de altura, mais alto do que Bergan e mais imponente, por mais difícil que fosse para Drew imaginar isso. Todos os olhos estavam sobre o rei, enquanto ele lenta e calmamente descia os degraus para ficar diante do prisioneiro. O Leão ergueu os braços, quase como se fosse abraçar o garoto, mas os recolheu e começou a bater palmas. Bateu uma vez e fez uma pausa. Então outra.

Lentamente as palmas foram crescendo para demonstrar o prazer de vê-lo à sua frente. Rapidamente os nobres reunidos o seguiram, transformando as palmas em um barulho ensurdecido para Drew, uma saudação zombeteira das circunstâncias sinistras. O rei olhou em volta, sorrindo, até gargalhando enquanto seu séquito se excedia na comemoração. De repente, ele ergueu a mão direita para o alto, e as palmas cessaram rapidamente.

— Então — disse ele, numa voz profunda que reverberava pelo salão.

— Você é o espinho que estava preso na minha pata, hein?

Drew abriu a boca para falar, mas o rei o silenciou imediatamente.

— Não precisa responder, garoto. Sei muito bem quem e o que você é, e, se acha que tem necessidade de agraciar meus ouvidos

com sua voz, então mandarei cortarem sua língua. Mexa a cabeça se entendeu.

Drew concordou com a cabeça, seu rosto branco e os olhos arregalados.

— E quem mais temos aqui? — perguntou Leopold, passando por Drew e chegando a Hector, que estava alguns passos atrás. Ele bateu nos ombros do Boarlord.

— Veja só você, Hector! Está definhando. Certamente esse vil cão o maltratou enquanto o teve sob seus encantos. Arrastar um de meus servos mais leais dos Sete Reinos, veja só. Minhas condolências pelas atrocidades que ele cometeu com seu pai e com o nobre clã de Redmire. Que audácia tem essa fera!

O rei olhou furioso para Drew, mas o jovem Werewolf simplesmente manteve a cabeça baixa, fitando o primeiro degrau do estrado. Alguns nobres da corte do rei Leão gritavam palavras ofensivas para Drew, seja lá o que ele houvesse feito a Hector. Leopold voltou-se de novo para o Boarlord.

— Meu pobre garoto, você precisa de uma boa refeição na barriga, para ter de volta um pouco mais daquela gordurinha, hein?

Drew olhou para cima sob sua franja. A plateia ria enquanto Hector ficava completamente parado, obviamente aterrorizado com o que seria o próximo ato do rei. Drew ficou chocado quando o rei puxou o Boarlord até seu peito para abraçá-lo. A multidão gritou, arrebatada por presenciar a generosidade de seu monarca ao perdoar Hector. Com isso, não perceberam que, com um sorriso de dentes cerrados, ele sussurrou algo no ouvido de Hector, a saliva a espumar em seus lábios. Drew viu claramente Hector empalidecer, e por um instante temeu que seu amigo pudesse despencar no chão. O que quer que fosse que o rei houvesse dito tinha a clara intenção de meter medo no coração do jovem. E conseguiu. Leopold soltou-o rapidamente, beijando o rosto molhado de lágrimas do Boarlord antes de pedir mais uma vez por silêncio a sua plateia.

As grandes portas ao fundo do salão de repente abriram-se, e todas as cabeças giraram para ver quem havia chegado. Mesmo imobilizado pela peça de madeira e prata, Drew conseguiu estender

o pescoço e ver o duque Bergan entrando no Salão de Highcliff, marchando pelo tapete vermelho em direção ao trono.

2: Senhor da Piedade

O Bearlord de Brackenholme usava um manto verde e grosso, com um forro dourado decorado com um motivo com folhas e trepadeiras. Uma trompa pulava de sua perna a cada passo, e um machado repousava no topo de seus amplos ombros. Seus companheiros, todos vestidos com mantos de verde florestal, permaneciam parados na entrada do salão. Quando Bergan chegou a seis metros do trono, desceu um joelho ao chão, fazendo uma curta mesura e permanecendo lá por um momento, antes de dirigir-se ao rei.

— Sua Majestade — disse o Bearlord —, peço desculpas pelo atraso em minha chegada, mas fomos pegos de surpresa por sua decisão de adiantar a data do casamento. Estamos há três dias na estrada para ficarmos a seu lado.

Espero ainda lhe ser útil neste momento de tamanha relevância.

Drew voltou-se para Gretchen. Por sua reação de surpresa, pelo visto haviam esquecido de avisá-la dessa mudança de planos.

— Levante-se, duque Bergan — disse o rei, sorrindo. — Meu irmão urso! É tão bom vê-lo de novo, e fico encantado em saber que chegou bem e a salvo.

O Bearlord ergueu-se novamente até ficar de pé, ao lado de Drew. Por nenhum momento ele lhe dirigiu o olhar.

— Tenho de dizer que fiquei surpreso por ouvir que você mudou a data do casamento real, Sua Majestade. Meu povo estava preparando uma grande comemoração para a próxima semana e teve de reorganizar apressadamente suas graças e oferendas. Houve algum motivo em particular para toda essa pressa?

— Pressa? — perguntou uma voz estridente. A figura que estava atrás do trono do rei dera um passo à frente, descansando uma mão sobre a cabeça da serpente de pedra. O capuz negro ainda cobria seu rosto, mas Drew conseguiu identificá-lo pela voz.

— Em verdade, quando nos chegou o aviso de que a futura esposa do príncipe Lucas havia sido salva do Lobo, não vimos

necessidade de esperar ainda mais pelo glorioso dia. Se existem vilões como este — ele fez um gesto na direção de Drew —, vagando por nossos reinos, pode haver mais figuras infames que queiram impedir esse casamento. Ao garantir que o casamento real aconteça amanhã, podemos assegurar que nenhum outro... infortúnio...

se abata sobre esta união sagrada. Tenho certeza que não duvida da opinião de nosso rei, Bergan de Brackenholme? — O rei então fitou o Bearlord, dirigindo-lhe um olhar desafiador.

Bergan olhou furioso para o homem de preto, irritado pela maneira como fora tratado. Vankaskan, o companheiro impiedoso do príncipe naquela terrível jornada através da Dyrewood não se intimidou. Sobre o peito, brilhava a insígnia com o crânio prateado de um rato.

— De forma alguma, chanceler — respondeu Bergan. — Preocupa-me apenas que apressar tal evento histórico possa manchar a ocasião para a posteridade, se nem todos puderem prestigiá-lo.

— Não se preocupe com detalhes como esse — disse o chanceler, o sarcasmo pesando em sua voz enquanto saía das sombras. — Deixe que eu cuido disso.

Duque Bergan fez outra mesura e tomou seu lugar entre os outros Werelords, cumprimentando alguns enquanto se unia ao grupo de homens orgulhosos em mantos de inverno cinzentos. Ele deu uma olhada para o fundo do salão, em direção à sua equipe de viagem. Eles fizeram mesuras breves na direção do Bearlord antes de desaparecer porta afora.

O rei Leopold caminhou de volta a seu trono, detendo-se sobre o patamar para virar-se e dirigir-se à corte.

— Amigos e confrades, vocês todos são meus honrados convidados durante sua estada em Highcliff. Tratem meu castelo como seu, e aproveitem a hospitalidade que meu povo tem a oferecer. Este é um momento de comemoração, de alegria e de júbilo, pois nos reunimos para abençoar nossos dois primos amanhã. Hoje haverá um grande banquete para brindarmos ao

futuro casal real, e prometo a vocês festividades diferentes de tudo que já viram em qualquer canto da Lyssia.

— Ademais — ele prosseguiu, deleitando-se com a atenção que o seu poderio exigia —, também agradecemos ao velho Brenn por entregar-nos este indivíduo tão ardiloso, perverso e traiçoeiro. — E com isso ergueu um dedo acusador contra Drew, enquanto um murmúrio atravessava o salão. — Este filho bastardo de Wergar, o Lobo, este fruto conspiratório de um rei vil e corrupto. Ele vem aqui, até meu reino, para usurpar-me o trono a que vocês, meu povo, me trouxeram. Ele já havia plantado a semente ardilosa da rebelião nos confins mais indomáveis de nossa terra, onde os camponeses ignorantes falam dele como uma espécie de salvador! Um salvador! — ele gargalhou. — Salvador de quê?

— Ele saiu rastejando da Dyrewood tendo assassinatos em mente, matando indiscriminadamente enquanto espreitava nossas terras, alimentando-se de nossos inocentes, dirigindo-se a Highcliff e provocando pânico com sua passagem. Como bênção a meu filho e sua futura esposa, tendo o velho Brenn por testemunha, cuidarei pessoalmente para que esse monstro, o último da linhagem de perversos lobos, caia pela espada amanhã logo cedo!

Essas palavras provocaram uma comoção no grande salão, com suspiros, vozes elevadas e vivas disparados e o murmúrio de alguns insatisfeitos. A revelação não foi surpresa para Drew; ele sabia das intenções do rei desde que fora enfiado no carro em Brackenholme, o que agora parecia ter sido em outra era. O rei ergueu a mão, pedindo que a balbúrdia diminuísse, mas não conseguiu. Eles pareciam em êxtase.

Mas, de repente, o duque Bergan deu um passo à frente, seguido por um dos homens de manto cinza.

— Majestade — ele gritou. — Não mate o garoto. Ele não representa perigo para o rei nem para nenhum de nós. Entregue-o a mim e garanto que ele continuará acorrentado pelo resto da vida, a salvo em minha fortaleza, incapaz de ferir alguém. Não devemos derramar seu sangue num dia de paz e prosperidade!

O homem a seu lado, alto e de rosto esticado, com cabelo grisalho e manto cinza, deu seu apoio.

— Majestade — disse o homem —, isso vai contra os ensinamentos de nossa espécie, contra tudo que nos distingue das feras. Um Werelord não deve matar outro, a não ser no campo de batalha. Esta é nossa lei mais antiga e remota. Imploro que reconsidere sua decisão!

O rei olhou para seus interlocutores, erguendo as mãos em sinal de conciliação, mas o sorriso largo permaneceu lá, firme em seus planos.

— Bergan de Brackenholme e Manfred de Stormdale, ouvi suas ponderações e em verdade simpatizo com elas. Mas vocês não estão enxergando toda a situação. Esse monstro traz a rebelião a nossos prósperos reinos, e medo ao coração do nosso povo. Além disso, ao desafiar a mim, seu desejo é tomar meu trono, seja promovendo a matança pelo reino, assassinando o barão Huth e sabe Brenn quem mais. Não são esses atos de traição?

Com isso Lady Gretchen fez menção de dar um passo à frente, querendo gritar que era mentira o que dizia o rei, mas o membro da Guarda Leonina que a acompanhava apertou forte seu braço, segurando-a.

Vankaskan havia aparecido, do nada, acompanhado por um homem de manto negro, e colocou-se diante de Bergan e de Manfred de Stormdale.

— Ao me desafiar — prosseguiu Leopold —, o Lobo declarou guerra ao povo dos Sete Reinos. Este, meus amigos, é o campo de batalha, e é nisso que justifico a execução.

Os nobres continuavam a gritar, agora divididos entre os apoiadores do rei e aqueles que preferiam uma solução pacífica.

— Silêncio! — gritou o chanceler detrás, enquanto o rei sentava-se no trono, satisfeito por ter dado seu veredicto com tanta eloquência.

— Nosso rei falou! Nada fará diferença agora! Ou vocês também desafiam o rei? Vocês se alinham com o Lobo?

Então o salão caiu no silêncio, com cada um dos Werelords mordendo os lábios e contendo suas opiniões. Mas uma voz quebrou o silêncio. Era a de conde Vega.

— Majestade — ele disse, dando um passo à frente de onde estava, colocando-se ao lado de Hector. — Se me permite?

O rei fez um gesto de permissão para que ele se aproximasse, olhando para o príncipe pirata com olhos frios e calculistas.

— Conde Vega — ele disse. — Sim. Quase esqueço de você. Que prazer inesperado para todos aqui vê-lo na corte de Highcliff.

Drew prendeu a respiração. Haveria algo que o conde poderia fazer, algum tipo de barganha a oferecer para salvá-lo? Drew havia demonstrado que podia abrir mão da própria vida ao pular para ajudar o conde e seus homens no Turbilhão; será que isso contaria a seu favor? Teria aquele gesto tocado a consciência do pirata? Drew esperou por suas palavras com um toque de esperança no coração.

— Embora eu estivesse banido desta corte há mais anos do que quero me lembrar, chego a vocês como um renascido. Sou, e sempre fui, seu súdito mais leal e carinhoso, e espero que a presença de Lady Gretchen e a entrega de Drew da Dyrewood abram caminho para restaurar a fé que Vossa Alteza havia perdido em mim. Ao reclamar minha posição legítima como Lord das ilhas Cluster, aproveito para dizer que serei seu servidor obediente nos oceanos. Trarei ordem ao Mar Branco em seu nome, como nenhum outro homem vivo, garantindo que todos que por ele navegarem conheçam os grandes feitos e bondades gloriosas de nosso único e verdadeiro rei.

O toque de esperança de Drew apagou-se. Bergan grunhiu, incapaz de esconder o desprezo que tinha pelo príncipe pirata. O rei coçou o queixo, pensando sobre as palavras do Wereshark.

— Ao trazer em segurança minha futura filha, você realmente corrigiu sua reputação manchada, Vega — ele disse. — Imagine: voltar-se contra o antigo rei, como fez. Que vergonha! — Algumas pessoas da plateia riram.

— Mas, fora isso, o ato de trazer esse infeliz como presente não passou despercebido.

O conde Vega ficou parado, o sorriso de tubarão esticando seu rosto.

— Contudo, você permanece indigno de confiança, Príncipe dos Piratas. Não posso tê-lo em minha companhia, pois nunca deixaria de me perguntar se seu florete me atacará pelas costas. Você pode juntar-se aos outros convidados para o banquete e o casamento amanhã, mas deve retornar ao Turbilhão à noite. Mas, antes de subir a bordo, termine de entregar sua carga de Óleo de Spyr e seus outros presentes. Gosto muito quando você apresenta tais delícias a meu castelo! Demonstre sua lealdade trazendo mais e mais presentes para nosso povo; tome dos ladrões do mar e entregue esses bens adquiridos de maneira inglória a Highcliff, para que seja mais bem distribuído entre nossos fiéis súditos. Permita-me ter certeza do amor que diz estar em seu coração. Então, caso julgue que você é digno de confiança, considerarei devolver-lhe suas ilhazinhas.

Drew viu que Vega estava abatido, mas tentava esconder. Em meio ao rumor que se espalhou, todos perceberam o tapa na cara que o Wereshark acabara de levar. Ele sorriu e fez uma pequena mesura antes de retirar-se e juntar-se aos demais nobres.

— Agora — disse o rei —, vou retirar-me para passar algum tempo com minha família antes da refeição desta noite. Considerem este o Maior de Todos os Banquetes, meus leais Werelords e suas famílias nobres aqui reunidos. Hoje à noite, meus amigos, jantaremos juntos, numa mesma mesa, com um propósito, todos iguais, todos fiéis.

Ele ergueu-se sob um coro de vivas e desceu os degraus em direção ao grande salão, com o chanceler encapuzado de um lado e o príncipe Lucas de outro. Gretchen olhou desesperada para Drew, enquanto os guardas ainda seguravam seu braço, mas agora escoltando-a atrás do rei.

O chicote soou novamente, e Drew sentiu a pele rasgar mais uma vez.

Ele caiu sobre os degraus, batendo a cabeça na pedra. Estrelas esvoaçaram diante de seus olhos. Hector e Bergan olhavam para ele, com a preocupação gravada em seus rostos. O Boarlord coçava furiosamente a palma da mão esquerda, numa mistura de medo e nervosismo. O conde Vega entrou no campo de visão de Drew,

mordendo as unhas enquanto olhava para o menino. A última lembrança de Drew antes de apagar foi a bota do capitão Brutus surgindo do nada e descendo para dar-lhe um chute na têmpora.

3: Condenado

A barata passou rápido pela beira da parede, evitando eventuais inimigos mortais. Suas antenas tateavam o caminho à frente, em busca de qualquer sinal que pudesse revelar uma das feras. Sons ecoaram pelos corredores da câmara, vozes humanas que gritavam de dor ou choravam por misericórdia.

Mas esses gritos não significavam nada para o inseto. Parada na beirada de um prato de chumbo, ela saltou para pegar seu prêmio.

As migalhas mofadas da casca de pão eram um banquete para a criatura. Ela alimentou-se vorazmente, comendo tanto quanto seu pequeno estômago aguentava, mesmo sabendo o tempo todo de que estava à vista de seu predador.

Então algo movimentou-se nas sombras. Era grande e escuro. E ágil. A barata parou de comer, preparando-se para fugir. Mas foi lenta demais.

O rato atacou, acertando o prato de metal e fazendo a barata voar contra a laje dura e cair de costas, indefesa. Com passos rápidos, o rato jogou-se sobre o inseto. Mas, antes de agarrá-lo, sentiu um pé humano acertar suas costelas. O rato voou pelo ar, bateu na parede e caiu no chão.

Mancando, ferido, mas não mortalmente, desapareceu por um pequeno buraco na parede. A barata aproveitou a chance, agradecida por ter sido salva de virar lanche de rato. Sacando as asas de sua casca dura, ela voou até a pequena janela com barras, saindo pelo ar fresco da noite em direção à liberdade.

Drew observou o inseto desaparecer e desejou ele também ser um pequeno animal. Olhou para a janela. Mesmo se conseguisse alcançá-la, ainda tinha o jugo fixado firme em torno de seu pescoço e pulsos, prendendo-o em um abraço de prata. Ele não iria a lugar nenhum. Sentou-se novamente na cela da prisão, encostando-se na parede desbastada.

O som de prisioneiros gritando em outras celas havia acabado com qualquer esperança que ele tinha de dormir. Exausto e ferido

como estava, as lamúrias de homens enlouquecidos pelo confinamento solitário faziam seu sangue gelar. Ele estremeceu enquanto tentava ficar mais confortável, os cortes em suas costas ainda doloridos. As tachas de prata do chicote do capitão Brutus garantiram que as feridas não se curariam tão rápido. Eram cicatrizes para o resto da vida, ou o que restava dela.

Ele estava surpreso pelo rei ter permitido que seus homens usassem armas reforçadas com prata. Quantos mais como Brutus estariam equipados com acessórios que poderiam matar um Werelord? Hector explicara, antes mesmo do encontro em Redmire, que isso era proibido, mas Drew entendeu que um dos privilégios de ser rei era que Leopold podia reescrever o livro de regras a seu bel-prazer. Ele duvidava que os outros Werelords soubessem disso, e Hector seria muito imbecil se tornasse isso público.

Ouviu-se um barulho à porta. Outro guarda para continuar a sova?

Três deles haviam vindo, um de cada vez, dar um trato em Drew, batendo-lhe e esmurrando-o de forma doentia. Ele enrolou-se no chão tanto quanto pôde, com seus movimentos restritos pela moldura de madeira na parte superior de seu corpo. Pelo menos muitos ferimentos já haviam começado a sarar — ele sentia suas costelas juntando-se e voltando ao normal. O que quer que acontecesse agora não o mataria nessa noite; o rei Leopold queria guardar o prazer para si mesmo, pela manhã.

Uma chave girou na fechadura. Drew usou uma ponta da tora de madeira para erguer-se até ficar de joelhos e depois de pé, fazendo esforço para se levantar. Podiam entrar para bater nele, mas ele reagiria. Suas pernas ainda conseguiam chutar, e ele poderia usar o jugo como arma.

Preparou-se, rangendo os dentes, o coração batendo forte. “Deixe o Lobo de fora, Drew”, ele disse a si mesmo. “Não vá morrer assim.”

A porta se abriu, e a luz de um lampião iluminou o aposento. Drew apertou os olhos. Viu uma figura na porta, segurando a luminária, enquanto a mão livre procurava algo, aterrorizada com o que poderia encontrar. Seus olhos se acostumavam à luz, e então

ele viu Gretchen à sua frente. Ela entrou na cela enquanto o guarda girava a chave, trancando-a.

Ela correu até Drew. Soltando o lampião no chão, Gretchen jogou os braços em torno dele, abraçando-o forte. Ele estremeceu, pois suas costelas ainda estavam pegando fogo, e segurou uma lágrima. A Werewolf retraiu-se, olhando para a miscelânea de azuis, roxos e vermelhos em seu corpo, cada centímetro em carne viva.

— Me desculpe, eu não sabia! — Ela olhou novamente para os ferimentos, as lágrimas caindo dos olhos. — O que fizeram com você? — sussurrou.

— Nada que eu não estivesse esperando — ele disse. — Não se preocupe; não vão me matar. Não nas próximas horas. — Ele conseguiu dar uma breve risada. Seu humor obscuro não convenceu Gretchen.

— Você não devia estar aqui — ela disse. — Mas o rei me ouve. Você tem de saber: você tem aliados, e estão aqui, todos a postos, tentando garantir que você viva.

Drew balançou a cabeça. Ele não queria ter falsas esperanças.

— Duque Bergan, duque Manfred, o Werestag — Gretchen prosseguiu.

— Eles fizeram um apelo ao rei esta noite. Se alguém pode convencê-lo de que sua vida deve ser poupada, somos nós três.

— Gretchen — disse Drew, e então parou. Ele deu um sorriso triste. — Milady — ele corrigiu-se. — Você fala de esperança onde não há. Você precisa entender que, amanhã, eu vou morrer. É o que vai acontecer.

Leopold não vai permitir que eu continue vivo. Ele matou Wergar para tomar-lhe o trono. Sou um fio solto que precisa ser cortado, e quer melhor hora para me fazer de exemplo do que quando todo Werelord da Lyssia está reunido em Highcliff? Por favor, milady, não insista, não quero ouvir. Dói mais do que qualquer bota, chicote ou espada. Parte meu coração. — Resignado, ele sentou-se novamente ao chão.

Ela suspirou.

— Você deixou uma excelente impressão em todos, Drew da Dyrewood. Parece que os grandes e os bons dos Sete Reinos estão

reunidos no andar de cima, e a última coisa que passa pelos lábios deles é este maldito casamento. Estão falando de você, Drew. Eu não sei... Eu pensei que... — Ela balançou a cabeça. — O duque Manfred e seu irmão, Earl Mikkel, estão com o duque Bergan agora. São homens de bem, confiáveis.

Ah, e os filhos de Bergan também estão aqui: Lord Broghan e Whitley.

Acredito que vocês já se conheçam.

— Meu Deus — disse Drew, ofegante. — Ele é filho de Bergan? — Sua cabeça deu voltas diante das implicações. — Bom, isso explica muito.

Sim, nós nos encontramos na Dyrewood.

Gretchen ficou bastante surpresa ao ouvir Drew se referir a Whitley como “ele”, mas deixou passar; havia assuntos mais prementes. A Werefox sentou-se ao lado dele, estendendo o vestido verde sobre a pedra gelada.

Colocou a mão sobre a testa de Drew e tirou delicadamente os cabelos de seus olhos.

Por um instante, Drew foi transportado de volta à Fazenda Ferran e aos braços de sua mãe. Fechou os olhos, querendo aproveitar a sensação, as lembranças. Abriu-os novamente e viu Gretchen observando-o com atentos olhos cor de esmeralda. Ela era a garota mais desconcertante que já vira, presumivelmente interesseira, mas ao mesmo tempo cativante. Os dois haviam passado por muita coisa nas últimas semanas, mas ele ainda sentia que mal conhecia a Werefox. Agora ela parecia vulnerável, muito mais simpática diante dele do que antes. Mas ele sabia, por experiência própria, que o humor dela podia mudar a qualquer instante.

— Como foi que Lucas permitiu que você me visitasse? — Drew perguntou, cautelosamente.

Gretchen deu de ombros.

— Ele parece acatar com satisfação a meus pedidos — ela disse, enrolando o cabelo vermelho na unha pintada.

“Posso acreditar”, pensou Drew. Gretchen estava acostumada a ter o que queria, e ele não tinha dúvida de que o jovem príncipe

estava apaixonado por seu charme e obstinação. Mesmo assim ela devia ter tocado profundamente o príncipe a ponto de ele permitir que viesse vê-lo.

Como se pudesse ler seus pensamentos, ela prosseguiu: — Eu disse a ele que queria uma palavra final com a “criatura vil” que me deixara em tamanho perigo. — Ela deu um sorriso acanhado, que ficou melhor diante do fato de que os dois sabiam quais eram as verdadeiras intenções da Werefox.

Sentado ao lado de Gretchen, Drew percebeu que nunca iria descobrir onde essa estranha e volátil amizade chegaria. Onde qualquer de suas amizades chegaria. Hector, Whitley... Ele se lembrariam dele um dia? Ele pensou no que Trent estaria fazendo agora. Talvez não houvesse entrado no exército, como sua mãe sempre temera. Talvez ainda estivesse na fazenda, vivendo a vida que Drew nunca mais conheceria. Como o tempo de as ovelhas parirem estava chegando, ele teria de trabalhar duro sem poder contar com um par de braços a mais. Drew aferrava-se à ideia de que, por dentro, Trent sabia que ele não era um assassino. De qualquer forma, seu coração doía de desespero.

— Conte-me sobre Hedgemoor — ele disse, de repente.

Gretchen foi tomada de surpresa.

— Meu lar?

— Sim — ele confirmou. — Passamos o último mês brigando e competindo, e em nenhum momento você falou de sua família.

Ela se ajeitou, encostando no peito do rapaz. Drew ficou feliz, mas se sentindo estranho ao mesmo tempo. Por que era necessário estar às portas da morte para ela enfim interessar-se por ele?

— Hedgemoor é o jardim dos Sete Reinos — disse ela, falando com entusiasmo de sua terra natal. — É muito diferente da agitação de um lugar como Highcliff, ou mesmo Brackenhholme. Merrydale me lembra de casa, assim como o rio Barleymow. Havia um córrego — ela disse, sorrindo — que passava ao lado da janela de meu quarto. Quando era menina, eu escapulia à noite e nadava pelas águas geladas madrugada afora. Meus pés congelavam, e os peixinhos saíam do meio dos juncos para mordiscar meus dedos. — Ela continuou: — Meu pai disse que minha mãe costumava fazer

exatamente a mesma coisa, sabe? Quando eles namoravam, os dois passeavam à meia-noite pelo rio, tentando encontrar a nascente, mas nunca conseguiram, então nadaram. — Ela riu. — Eles voltavam a Hedgemoor, molhados e tremendo, e sempre levavam reprimendas de minha avó e das arrumadeiras!

— Como era sua mãe? — perguntou Drew, tentando arrumar uma posição para que seu queixo descansasse na cabeça dela, mas a haste de madeira não lhe dava qualquer chance disso.

— Eu nunca a conheci — ela disse, saudosa. — Ela morreu quando eu era bebê.

— Sinto muito — disse Drew.

— Você não tem por que dizer isso. Por mais forte que fosse o espírito de minha mãe, seu coração era fraco. Diziam que era hereditário, que tais doenças e enfermidades são a consequência quando primos, mesmo distantes, se casam. Esse, suponho, é o perigo que acomete muitos de minha espécie, os Werelords puros-sangues, e acredito que foi esse o atrativo para me trazer à Dinastia do Leão.

— Como assim? — perguntou Drew.

— Minha mãe e meu pai eram Werefoxes, com algum parentesco, mas não muito próximos. Muitas das antigas casas faziam isso: só casavam com seus pares. Mas não dava para continuar assim; o sangue fica mais fraco, e as crianças às vezes nasciam doentes. As famílias Were agora misturam origens e casam-se uns com os outros para criar proles mais fortes. É o pai que dita a ascendência de qualquer criança nessas uniões; é assim que sempre foi. O rei Leopold espera netos leoninos fortes e robustos de mim no futuro próximo, disse não tenho dúvida — ela falou, triste.

— Minha mãe era um anjo — disse Drew, tentando tirar o assunto do futuro e voltando ao passado. — Eu nunca fui próximo de meu pai, nunca tive a conexão que meu irmão tinha com ele. Mas mamãe e eu podíamos passar horas juntos, ouvindo histórias sobre a família dela, sobre meu pai quando estava no exército, sua vida de arrumadeira, aqui em Highcliff, a infância na fazenda. Ela conseguia contar histórias como uma encantadora de multidões. —

Ele sorriu. — Personagens mágicos de mundos distantes, fadas, duendes, ogros e dragões! Sinto saudade dela — ele disse. — Sinto muita saudade. Agora nem sei se ela era minha mãe de verdade, mas isso não faz diferença para mim. O maior pesar de minha vida é não ter podido ajudá-la. Ela morreu na minha frente, assassinada por um monstro.

— Oh, Drew — Gretchen disse, apurando-se. — Eu não sabia. Que monstro?

Drew contou o que tinha acontecido com mais detalhes do que relatara a Hector.

— Aquilo apareceu em nossa casa no dia em que fugi, na noite em que minha vida mudou para sempre. Uma grande fera negra, com garras, rabo e presas. E olhos vermelhos... — Arrepiou-se, involuntariamente, seu corpo o traíndo. — Ainda vejo aqueles olhos vermelhos quando fecho os meus. — Apontou para as três cicatrizes no peito, visíveis debaixo dos rasgos mais recentes. — Fez isso comigo. Nunca cicatrizou.

— Um rato — disse Gretchen, calmamente. — Você está falando de um Wererat, Drew...

— O quê? — ele disse. — Como Vankaskan?

— Isso, mas pode não ter sido ele.

— Não — ele disse. — Eu atingi o rosto dele, arranquei pele. Eu também virei um monstro selvagem, foi a primeira vez que me transformei.

Mas lembro de tê-lo ferido de uma maneira irremediável mesmo que ele fosse um transmorfo. Vankaskan não teria como esconder uma cicatriz daquelas.

— Você fala com tanto amor de sua mãe — ela disse. — Sinto inveja.

— A Werewolf ficou em silêncio, perdida em pensamentos. Mordeu o lábio, quase o suficiente para sair sangue.

— Qual é o problema? — ele perguntou, preocupado com o humor dela.

— Disseram-nos que Wergar havia procriado com alguma meretriz durante uma de suas campanhas, por isso você, se fosse filho dessa união, não teria direito como Werelord. Mas se o

Wererat foi atrás de você, isso não é verdade. É mentira. Sua mãe — ela disse. — Sua mãe de verdade.

Acho que ela ainda está viva.

— O quê? — ele falou, incrédulo, como se atingido por uma marreta.

— Seu pai era Wergar — Gretchen explicou, sentando-se. — Então sua mãe era a rainha Amelie.

O choque tomou conta do rosto de Drew. Enfim ele sabia de onde viera. Ele era um Werelord.

— Os filhos deles, de Wergar e Amelie, supostamente morreram num grande incêndio quando Leopold assumiu o trono — ela prosseguiu, nervosa. — Você, então deveria ter morrido, suponho, se alguém não o houvesse resgatado. Esse alguém foi sua “mamãe”, creio eu, já que era uma criada aqui em Highcliff. Leopold assumiu o trono afirmando que todos os Lobos haviam morrido. Que a era dos Leões estava começando. E creio que ele acreditava que isso fosse verdade, à época.

— Então o que aconteceu com a minha mãe verdadeira? O que ele fez com ela? — Drew perguntou, tentando olhá-la nos olhos. — Onde ela está? — ele gritou.

Gretchen se esforçou para encontrar as palavras: — Ela está aqui, Drew. Neste castelo. O rei tinha de ter uma noiva, tinha de construir seu próprio legado Werelord. — E segurando o rosto do rapaz com as duas mãos ela revelou: — Ele casou-se com sua mãe, Drew. Leopold casou-se com a rainha Amelie.

Tão logo disse aquilo, as chaves giraram na fechadura. Gretchen tirou rapidamente as mãos do rosto de Drew e pulou para o lado enquanto a porta se abria. Subjugado pela peça de madeira e prata, Drew estava agachado, o queixo caído, os olhos trêmulos, afogados em lágrimas enquanto absorvia o que Gretchen acabara de lhe contar. Uma figura estava parada à porta: o príncipe Lucas.

— Querida — disse o jovem príncipe, estendendo a mão de forma elegante. — Já foi o bastante. Concedi este presente de casamento, mas temos convidados a atender. — Ele sorriu ao ver as lágrimas de Drew. — Vi que você deu a essa versão desprezível de

homem uma boa amostra de sua mordida de Raposa. Agora venha, milady; amanhã teremos um dia bastante ocupado.

— Você está certo, meu bem — ela respondeu, tentando controlar a voz. — Disse tudo que desejava dizer, e agradeço por esta oportunidade de me livrar disso. Ele nunca esquecerá.

Gretchen olhou para Drew enquanto ele se ajoelhava, falando sozinho, juntando as peças que ela lhe havia entregado. A rainha Amelie, era sua mãe? E estava viva! Isso poderia salvá-lo? Ela poderia pedir que seu marido demonstrasse clemência?

— Milorde — disse Drew, desesperado, tentando mexer-se de joelhos ao longo do chão de pedras geladas. Ali estava ele, alquebrado e derrotado, rastejando diante do vil príncipe. De repente ocorreu a Drew que Lucas seria seu meio-irmão, mas, mesmo que ele acreditasse nisso, tal informação talvez não fizesse o jovem Leão mudar de ideia. Se pudesse unir as duas mãos para implorar, teria feito. — Preciso falar com a rainha. Posso lhe enviar uma mensagem? Posso falar com ela?

Lucas lhe deu um golpe tão forte que um dente voou da boca de Drew, jogando sua cabeça para trás, em direção ao chão. O príncipe balançou as costas da mão no ar, limpando-a do sangue.

— Como ousa falar de minha mãe, a rainha, nesse tom? Se meu pai não quisesse matá-lo com suas próprias mãos amanhã, eu o faria agora. — O

príncipe curvou-se e cuspiu em Drew enquanto ele tremia no chão, num misto de choque e aflição.

— Venha — disse Lucas, pegando Gretchen pelo braço e recolhendo o lampião. — Estamos de saída. — Com isso os dois partiram da cela, o jovem príncipe conduzindo a futura esposa pelo corredor. Ela olhou para trás, seu rosto contorcido de pesar por seu amigo que tiritava no chão, enquanto o carcereiro fechava a porta com uma batida brutal e agourenta.

4: Discussões dissidentes

Com um estrépito, os dois cálices dourados bateram um no outro diante de Bergan, nas mãos de convidados que comemoravam a grande noite do rei sob o efeito do hidromel. O Bearlord tentou esconder o desprezo dando um grande gole de sua bebida. Os convidados do rei estavam reunidos no salão de banquetes do Castelo de Highcliff; mercadores, mercenários, nobres mesquinhos e funcionários leais haviam se juntado na fortaleza, aproveitando cada segundo dessa rara demonstração de generosidade do Werelion. Bergan notou que alguns haviam trazido suas esposas, adornadas com joias exóticas e trajes extravagantes, enquanto outros as haviam deixado em casa, mais interessados em se entregar a qualquer uma que encontrassem na festa. Três mesas enormes se estendiam pelo salão; na ponta da sala ficava a mesa principal. Comida e vinho de todos os reinos amontoavam-se sobre as mesas, uma demonstração da extensão e do poderio do rei. Convidados abastados pelos quais Leopold tinha especial apreço rasgavam pedaços de carne, e os braços erguiam-se no ar brindando por tudo enquanto o vinho fluía livre. Cachorrinhos esperavam sob as mesas, brigando por qualquer resto caído.

Diante das mesas dos convidados, palhaços, prestidigitadores e anões exibiam truques e atrações grotescas para divertimento dos convidados.

Músicos tocavam em ritmo alegre. Vastos estandartes vermelhos e dourados, esvoaçantes e decorados com o brasão de Leopold, desciam do teto até o chão.

A mesa principal era reservada aos mais ricos e mais influentes dos Sete Reinos. Quarenta dos maiores Werelords do continente estavam lá sentados, em vários estágios de comemoração. Bergan era um desses convidados de honra. O rei estava sentado ao centro, em um trono menor e menos ostensivo do que aquele do grande salão. A todo momento, um ou dois bajuladores disputavam sua atenção, implorando por um instante de seu tempo. À sua

esquerda sentava-se a rainha Amelie, a própria imagem da elegância clássica — o único Lobo que Leopold tolerava ter por perto.

Talvez o fato de ser uma loba branca do inverno, da distante cidade de Shadowhaven, fosse o único motivo que o tinha feito poupá-la anos antes.

Eram os lobos cinzentos da linhagem de Wergar que o rei mais desprezava e temia.

Usava um longo vestido negro, que já se tornara uma tradição, e mantinha o longo cabelo grisalho amarrado atrás, preso por uma fina tiara de cristal. Bergan não deixara de perceber que ela não bebia nem comia; parecia estar perdida em seus pensamentos. Seu coração doeu por ela. Ele a conhecera em tempos mais felizes, quando ela fora a vida e a alma dos banquetes em Highcliff; um sinônimo, uma síntese da anfitriã elegante e agradável. A figura lá sentada essa noite era apenas uma sombra do passado.

Ela nunca se recuperara da morte de Wergar.

Do outro lado do rei sentavam-se Lucas e sua futura esposa. Enquanto o jovem príncipe divertia-se tremendamente — gargalhando com os convidados que se aproximavam da mesa principal para dar suas bênçãos —, o mesmo não se podia dizer da Werefox. Tal como a rainha, Lady Gretchen não tinha apetite, ficava sentada em silêncio, sem falar com ninguém. Mais uma alma miserável pela qual Bergan se sentia responsável.

Numa ponta da extensa mesa ficavam os Ratlords. O chanceler e seus quatro irmãos estavam ali reunidos com suas vestes negras e correntes prateadas, pesadas e idênticas em volta do pescoço. Pareciam contentes por estar acomodados nos fundos, vendo os convidados ir à loucura. Suas vestes negras pareciam intensificar as sombras sobre eles. Do outro extremo da mesa, os Ratos eram quase invisíveis, mas Bergan e seus companheiros nunca tiravam os olhos deles. Da mesma forma, falavam sempre em voz baixa, mesmo sob o ensurdecido barulho no salão, cientes de que os ouvidos dos Ratlords podiam ouvir qualquer coisa.

— Estou chocado — murmurou Manfred, o Staglord de Stormdale, empurrando o prato de comida intocado. — Em todos os

meus anos nesta terra, nunca vi tamanha fabricação da realidade. Eles distorceram tudo. O

menino que arrastaram para cá é inocente; qualquer imbecil pode ver. A única coisa da qual tem culpa é ser filho de Wergar, e houve tempo em que tal maldição teria sido vista como bênção, jamais como um crime.

— Ele não vai descansar até ver o último dos Lobos morrer — disse o irmão Mikkel, sentado a seu lado. Os irmãos tinham o mesmo rosto grave, olhos castanhos profundos que pareciam levemente espaçados, e sorrisos austeros. Manfred, grisalho, tinha dez anos a mais que o irmão, mas o jovem Earl igualava-o em sabedoria e inteligência. Ambos haviam se sentado com o duque Bergan no Conselho dos Anciões de Wergar, e ambos compartilhavam o óbvio assombro do Bearlord perante os atos do rei atual.

— Sabem — disse Bergan, aproximando-se dos irmãos, que esticaram o pescoço para ouvi-lo. — Eu soube no momento em que pus os olhos sobre ele que era filho de Wergar. É o retrato escarrado dele, logo vi. O rei e eu éramos como irmãos; crescemos juntos. Era como se seu fantasma tivesse adentrado Brackenholme. Ainda me dá calafrios pensar nisso — ele disse, balançando a cabeça. — E eu o decepcionei, quando podia ter feito mais.

— O que mais podia ter feito, velho amigo? — perguntou Manfred. — Ouvimos falar que a comitiva do príncipe que o levava foi emboscada por bandoleiros, Bergan. Uma coisa terrível — ele murmurou com seus olhos negros brilhando, travessos. — O menino teve sua chance de escapar e a aproveitou. Foi pena ele ter sido preso no final. Mas não deixe isso pesar em sua consciência.

— Não consigo — respondeu o Bearlord. Ele sorriu e ergueu seu caneco num brinde a uma donzela Were que passava. Eles tinham de fingir estar gostando da festa, manter as aparências, para não serem desmascarados pelo rei e seus aliados. Ele voltou o olhar para a outra mesa, onde seus próprios filho e filha sentavam-se na companhia de futuros Werelords.

Estavam ambos resplandecentes em sua elegância, vestindo o oposto do tipo de traje que usariam em casa, na Dyrewood. Seu

filho, Broghan, era a sua imagem, e Bergan ficava mais orgulhoso do jovem a cada dia que passava. O

Bearlord havia educado o garoto para assumir seu lugar quando fosse a hora, e estava feliz em saber que, ao morrer, Brackenholme ficaria em mãos seguras.

Sua filha, Whitley, era uma aposta menos óbvia, ela era tímida e introvertida, mas tinha capacidades e talento próprios, além de uma força de vontade inigualável. Ele tinha de admitir que sentira orgulho das aventuras da menina na floresta com Hogan, o velho guardião. E parecia que o encontro dela com Drew tinha servido para lhe infundir autoconfiança. Era a primeira vez que sua filha deixava o reino da floresta desde aquela noite. Ela ficava feliz ao saber que Bergan permitira que ela cavalgasse ao lado de Broghan a caminho de Highcliff.

— Olho para meus filhos, vejo até que ponto chegaram em suas vidas relativamente curtas e penso que participação tive nisso; Eu os criei, desafiei, apoiei, amei. Esse garoto, Drew... — Bergan balançou a cabeça de novo. — Eu devia ter feito mais por Drew. Devo isso ao pai dele.

Os outros dois Werelords nada disseram. Se dissessem, dificilmente conseguiram apaziguar o Lord de Brackenholme. Em particular, reservadamente, ao longo dos anos, o Bearlord repreendeu-se por convencer o rei Wergar a voltar a Highcliff e não havia argumento que o fizesse mudar de opinião de que traía o rei lobo. Ele nem mesmo aceitava a justificativa de que agira acreditando numa anistia onde a família do Lobo deixaria Highcliff sã e salva. O caos sangrento que se seguiu não tinha como ser previsto por ninguém além daqueles que privavam do círculo de confiança mais restrito de Leopold.

— Mas o menino pode mesmo ser filho de Wergar? — perguntou Mikkel. — Não seria possível um parentesco distante, um primo, sobrinho?

Lembre-se que todos os filhos do rei morreram no incêndio.

— Incêndio? Pode ter havido um incêndio, mas os filhos de Wergar estavam mortos antes de as chamas os tocarem — rebateu Bergan, inflexível. — Wergar tinha dois irmãos que morreram antes

de chegar à idade adulta. Ele e a rainha eram os últimos dos Lobos, Mikkel. Não há dúvida que ele é filho do rei.

— E se ele for um primo de Amelie, então?

— Isso não explicaria a semelhança com o pai — disse Bergan, balançando a cabeça. — Ele é filho de Wergar.

— Talvez — arriscou Manfred —, e isso talvez o incomode tanto quanto a mim... Teria Wergar tido relações com alguma mulher desconhecida em uma de suas campanhas, como Leopold sugeriu?

— Não — respondeu Bergan sem hesitação. — Eu o conhecia como alguém de minha própria família. O amor que o rei tinha por Amelie era inquestionável, absoluto. Lembre-se que lutei ao seu lado, e viajamos ao longo de todo o continente. Em nenhum momento desses anos todos testemunhei-o tomando desvios, ele nem virava a cabeça para o lado. É só olhar para a rainha agora — ele disse, voltando-se para o centro da mesa.

Os outros acompanharam seu olhar, chegando até Amelie, sentada imóvel ao lado do rei. — Ela pode ser esposa de Leopold, mas você já a viu vestida de outra cor que não o preto em todos esses anos? Ela ainda continua de luto pelo marido e seus filhos, quinze anos depois de o Leão assumir o trono.

O silêncio caiu entre os homens enquanto pensavam sobre aquele argumento.

— Então ele é filho dela — disse Mikkel, vencido pelo raciocínio do Bearlord. — E, a julgar pela idade, ele seria o mais jovem, Willem. Mas isso não explica como ele acabou separado de seus irmãos e como não morreu no incêndio.

— Perdoem-me, cavalheiros, mas se importariam se me juntasse à conversa? — disse uma voz detrás do ombro de Bergan. — Está difícil para mim encontrar companhia esta noite, o que não considero uma situação digna do salvador dos reinos.

Era conde Vega, sorrindo maliciosamente. Ele apoiou-se nas costas da cadeira de Bergan com uma intimidade que não teve eco, girando um cálice de vinho tinto na mão enquanto fitava cada um.

— Continue procurando — disse Bergan. — Não serei responsável por minhas ações se você ficar aqui. Não como ao lado de traidores — ele rosnou.

— Perdoem-me, caros Lords, mas discordo — sussurrou o conde, aproximando-se. — Não pude deixar de ouvir a conversa, não importa o tom que tenham tentado manter. Se isso não constitui traição, o que mais seria?

O Bearlord teve de pensar há quanto tempo o Wereshark estaria ali, ouvindo. Manfred grunhiu, e a mão do Werestag foi se aproximando de sua espada por instinto. Bergan mexeu-se rapidamente para segurá-lo, e os olhos do Wereshark arregalaram-se, num espanto fingido.

— Sente-se, conde Vega — autorizou o Bearlord com dentes cerrados.

Talvez fosse melhor ter esse inimigo por perto por enquanto, pensou. O

pirata puxou uma cadeira, girando-a para poder sentar-se apoiado em suas costas. — Então você somou a escuta a seus talentos desde a última vez que nos encontramos. Realmente está em ascensão.

— Vejo e ouço coisas — disse Vega, tomando um gole de seu cálice.

Ele olhou para a mesa ao lado com um sorriso confiante. — Por falar nisso, ora, ora, como sua filha cresceu, hein? Lady Whitley, não é? — ele indagou, deliberadamente erguendo a voz.

Whitley voltou-se para eles, como se percebesse que falavam dela.

Sorriu delicadamente na direção do pai e de seus companheiros de jantar. O

conde Vega ergueu sua taça para cumprimentá-la, com uma leve piscadela.

— Ela deve estar com o quê... dezoito anos já? Que jovem notável se tornou!

O Bearlord grunhiu em tom de ameaça, e o Wereshark não deixou de perceber. Uma mão em garra se ergueu do lado de Bergan, agarrando a fivela do cinto do conde, girando-a e apertando-a como um torniquete.

Vega foi surpreendido.

— Se você mencionar minha filha de novo, vou arrancar sua língua.

Diga o que quer, Vega, e rápido, antes que eu faça algo que ambos vamos lastimar.

— Minhas desculpas, duque Bergan — disse o conde, parecendo repreendido. — Fui impróprio. De volta aos negócios, sim? Creio que nós quatro, e outros nesta mesa, compartilhamos apreensão quanto aos atos do rei.

O duque Bergan soltou o conde e observou Whitley desviar sua atenção e voltar a conversar com seu irmão.

— A única apreensão que você tem é por ele não ter lhe devolvido suas preciosas ilhas Cluster — cuspiu Mikkell, observando friamente o Wereshark. — Você não compartilha de nossos sentimentos, não finja nem por um instante, sua cobra.

— Tubarão — corrigiu o conde. — Tubarão, por favor. — Ele tomou mais um gole de vinho, olhando em torno para ver se não estava sendo observado. — Tenho informações que darão mais solidez quanto ao parentesco do menino. — Qualquer traço de travessura ou malícia agora haviam desaparecido do Werelord renegado. Eles ouviram atentamente o que ele tinha a dizer, ocasionalmente gargalhando ou rindo, para eliminar qualquer suspeita de que estavam conspirando.

Vega relatou a jornada no Turbilhão, o heroísmo de Drew em face do perigo, o resgate do vigia ferido no mar. Ele lhes contou da força do jovem, de como ele havia quase feito um buraco no casco do navio quando se transformou em lobo no porão. E recontou o que Hector lhe dissera sobre as origens do menino.

— Com aquele comportamento eu apostaria o Turbilhão que ele é puro-sangue. Parece que nosso menino foi levado por uma criada que servia ao rei e à rainha na época. O menino contou ao Boarlord que foi criado numa fazenda, que seu pai lutou na Guarda Lupina, e que foi em Highcliff que seus pais se conheceram.

O Wereshark revelou a espada do garoto, escondida sob o forro vermelho da capa.

— Ele disse ao javali que o nome da família é Ferran.

Bergan franziu a face enquanto fazia sua mente regressar. A Guarda Lupina era guarnecida por homens fortes, leais e fiéis que morreriam pelo rei. Ele nunca fora particularmente bom com nomes. É claro, o menino carregava uma Wolfshead, prova suficiente de sua ligação com os soldados mais leais do rei. A mente de Bergar fervilhava, tentando se lembrar. Ele olhou em volta da sala para a Guarda Leonina. Os soldados se alinhavam às paredes da câmara, observando silenciosamente, uma multidão de guardiões de armadura.

— Podemos crer, então — perguntou Manfred —, que aquela criada raptou o garoto, resgatando-o do incêndio? Será que a rainha sabe que um de seus filhos ainda vive?

Nenhum deles pôde responder. Olhavam ao mesmo tempo para ela, uma imitação barata da jovem rainha que fora tão cheia de amor, vida e alegria ao lado do rei Wergar muitas luas atrás.

— Se houvesse mais de nós aqui — sussurrou Mikkel —, podíamos fazer um levante, desafiar o rei. Onde está seu primo, Henrik de Icegarden? Já imaginou o tanto que um Werelord faria com aço Sturmland nas mãos? Onde está Lorimer, o Horselord? Há tão poucos deles aqui no banquete.

— Não — disse Bergan. — A hora de desafiar se foi: isso só seria possível quando ainda tínhamos uma aliança. Devíamos ter feito o que era certo quando ele tomou o poder. — Novamente ele sorriu enquanto uma copeira passava para encher suas taças. — Agora estamos enfraquecidos pela desconfiança e nossos problemas individuais. Os Sete Reinos estão divididos, todos sob domínio do Leão. Meu primo, de quem você fala, o Urso Branco, por exemplo, não converso com ele há quinze anos. Ele nunca me perdoou pelo que aconteceu, tampouco posso dizer que não o culpo.

— Há alguns que poderíamos chamar, se as circunstâncias fossem diferentes — disse o Bearlord. — O pai de Lady Gretchen, Gaston, teria ficado ao nosso lado. Ainda permanecem suspeitas sobre sua morte, lembrem-se. Vejam o que o rei tem a ganhar ao ter a filha do conde Gaston unida à sua família; uma riqueza que rivaliza com a sua própria e um novo exército imaculado a seu dispor. O Werefox morrer em Highcliff enquanto era convidado do

rei? Constituição fraca? Sua querida esposa podia ter uma enfermidade no coração, mas o mesmo não se podia dizer do Velho Raposo.

Não. Ele se agitaria no túmulo ao ver o destino que recaiu sobre a filha.

A morte de Earl Gaston causara grande comoção entre as casas nobres dos Sete Reinos. Considerava-se, entre o círculo seletivo de amigos de Bergan, que o rei havia cuidado para que o Werewolf nunca deixasse Highcliff na sua última visita, a não ser no caixão de madeira que o levou pelo rio Redwine. Leopold logo começou a mover suas tropas em direção a Hedgemoor junto às do falecido conde Gaston. O vale, até então pacífico, a partir de então transformou-se numa base de sustentação do exército do rei ao longo da Grande Estrada Ocidental. A única coisa que faltava na equação era o casamento de seu filho com a herdeira, Lady Gretchen, e isso estaria concluído horas depois daquele banquete.

— E o barão Huth? — questionou o conde Vega. — Disseram que Drew o matou, mas conversei com três pessoas que testemunharam a cena e elas disseram que o velho Huth morreu pela espada daquele capitão da Guarda Leonina, Brutus.

— Pela espada? — duvidou o nobre Werestag. — Você está enganado.

Deve saber bem que nenhum mortal pode matar um Werelord com uma simples espada.

Bergan concordou com Mikkell. Ele havia sofrido vários golpes que seriam fatais para um humano no campo de batalha, e cada um deles curou no tempo certo. O dom da metamorfose o tornara — e a muitos de sua espécie — destemido e quase invencível em épocas de guerra. Um Werelord enraivecido em batalha era algo que tinha de ser visto, e poucos conseguiram sobreviver a isso desde os tempos do Lobo.

O conde sacudiu o dedo, corrigindo o Werestag: — Ele pode ser morto se a espada tiver sido unguida com prata.

Os outros perderam o fôlego, rapidamente tentando se recobrar ao lembrarem-se de onde estavam. O que Vega dissera fez ondas

de calafrio percorrerem a espinha de Bergan, mas ele não podia deixar a máscara cair.

Eles estavam na cova do Leão, e um deslizamento podia fazer com que voltassem para casa em caixões, deslizando pelo rio Redwine.

— Drew viu com os próprios olhos — continuou Vega em tom baixo.

— As espadas eram tratadas com prata; mortais. É incrível o que se pode descobrir quando se tem convidados em uma longa jornada pelo mar.

O estômago de Bergan revirou-se de náusea. A prata era proibida nos Sete Reinos há centenas de anos. Extrair esse precioso metal era um crime que significava passar a vida atrás das grades, e em qualquer dos Sete Reinos possuir tal elemento era o bastante para receber uma pena de morte. Não era preciso dizer que o metal era proibido para todos, cidadão ou rei. A notícia de que Leopold agora permitia seu uso nas mãos dos soldados mais brutais era incompreensível. Onde ele o adquirira? A quem ele se aliara? E

quem mais tinha o metal venenoso escondido em sua espada? Ele olhou novamente para os soldados pela sala, e todos ficaram repentinamente mais ameaçadores para o Bearlord. Isso mudaria tudo, se fosse verdade.

— É um ultraje — gaguejou Manfred em tom baixo, também olhando com nervosismo as fileiras da Guarda. — O rei está munindo seus soldados de elite com armas que podem matar um Werelord num piscar de olhos?

Que outras intenções ele esconde? Quem mais ele vai matar para garantir seu poder?

— Isso se pudermos acreditar em nosso primo de água salgada — disse o irmão mais novo do Werestag, a sobancelha arqueada de suspeita. — Só temos a palavra dele.

— Pergunte a Hector, o filho do Boarlord, se não acreditar em mim.

Ah, não, esperem. Vocês não podem. Ele pena em alguma cela esta noite, não foi convidado à mesa do rei. Por que tal coisa, me pergunto? Não tenho dúvida de que vão levar o pobre garoto para ver a justiça do rei em primeira mão pela manhã, mas será a última

vez que alguém o verá, podem guardar minhas palavras — disse o Wereshark, erguendo-se da mesa. — Aproveitem o que lhes contei, cavalheiros. Retorno ao Turbilhão amanhã e, ao anoitecer, já estarei distante desta massa rochosa e triste. Tudo isso foi esclarecedor — ele concluiu, erguendo sua taça num brinde aos três. — Apenas uma palavra de advertência, porém. Não sejam tolos. Não façam nada de imbecil. Já é suficiente que um Werelord vá morrer pela manhã.

Que não sejam quatro. — Ele sorriu, curvou-se e foi embora.

— Esse camarada é um charlatão, um desordeiro — afirmou Mikkel, observando Vega acoplar-se a um trio de damas de companhia. Elas imediatamente ficaram estonteadas por seus flertes e elogios. O conde ainda olhou para trás uma vez antes de devolver a atenção às garotas. — Não confio nele.

— Por que ele nos contaria tudo que sabe? O que ele tem a ganhar ou perder? Nada. E sabemos o que ele pensa do rei — disse Manfred.

— Ainda mais razão para desconfiar do que ele diz — propôs Mikkel.

— Ele pode estar nos abastecendo com uma munição falsa, distraíndo-nos com um conto da carochinha que nos matará!

— Não podemos ficar parados enquanto eles matam Drew, pelo velho Brenn! — disse o irmão, olhando para Bergan. — Amigo, tenho duzentos dos meus homens acampados ao norte da cidade. Posso lhes enviar uma mensagem neste minuto, se necessário. Você não trouxe sua própria guarda de Brackenhholme?

Bergan ergueu a mão para silenciar o outro, ciente de que a conversa deles, mesmo reservada e silenciosa, já havia atraído atenção de pelo menos um convidado indesejável pela noite. E o Wereshark já poderia estar se dirigindo ao rei para entregá-los.

— Trouxe — disse Bergan. — Vários deles estão alojados em Highcliff esta noite. Mas a maioria está acampada fora da cidade; não estão próximos.

Mas, mesmo combinados com suas tropas, eles não são páreo para a Guarda Leonina. Seria tolice chamá-los, seria morte certa para todos. — O Bearlord ainda estava pensando, lembrando

antigas campanhas. Tantos detalhes haviam sido obscurecidos pela passagem do tempo; rostos, nomes, camaradas e inimigos.

— Então não há esperança — disse Manfred. — Não há quem possa nos ajudar.

Bergan repentinamente fechou seu punho, erguendo-o como se fosse bater na mesa, mas imediatamente lembrou-se de onde estava. Ele abaixou-o sob a mesa e bateu na perna de Manfred, olhando diretamente para as fileiras da leal Guarda Leonina. Bebeu o restante de sua taça, deu uma espiada no salão, sorrindo mais uma vez para os foliões. Seus olhos encontraram os do rei Leopold, e depois se dirigiam para o chanceler que estava ao seu lado, agachado, ainda de capuz erguido. Ele murmurava e resmungava enquanto a festa fervilhava a seu redor. Bergan fez uma mesura, e os dois Werestags o acompanharam. O rei deu um leve aceno com a cabeça, sorrindo, mas com o olhar desconfiado. Talvez já soubesse o que estavam pensando. Talvez estivesse colocando seu próprio plano em ação para acabar com mais pontas soltas.

— Há alguém que pode nos ajudar — o Bearlord sussurrou para os amigos enquanto se levantava da mesa. Ele bateu nos ombros dos Werestags e seguiu em frente, caminhando decidido, sua cabeça esboçando um plano.

5: A espada da justiça

Gretchen estava numa sacada do castelo, perdida em pensamentos. Ela observava a cidade de Highcliff lá embaixo. O sol erguera-se ao leste, jogando sombras aterrorizantes por toda a extensão da Praça Central. O

povo começara a reunir-se antes do amanhecer; eram curiosos e, sobretudo, cidadãos de lealdade cega ao rei, que foram ver Drew ser morto. Com o passar da manhã, a multidão continuou a crescer, mas a composição mudou consideravelmente. Gretchen passou o tempo todo naquela varanda querendo que a multidão se dissipasse, mas ia ficando abatida à medida que ela aumentava. As pessoas iam até a praça para ver de perto o fantasma do Lobo, ou o filho de Wergar; muitos conheciam o velho rei havia tempo e nunca o temeram. Apesar de toda a excitação, o desejo de sangue daqueles que ocupavam lugares à frente, as massas que se juntavam atrás pareciam ter outra coisa em mente. Claramente não compartilhavam daquela atmosfera de carnaval de seus vizinhos. Gretchen não tinha mais ilusões quanto ao rei Leopold. Sim, eles estavam em paz, não viviam em guerra, mas os impostos subiam a cada ano, e os pobres ficavam mais pobres.

Houve uma época em que o povo de Highcliff enxergava os soldados do rei como seu exército, composto por seus homens, seus irmãos, pais e filhos.

Os soldados do exército do conde Gaston em Hedgemoor também haviam se unido à Guarda Leonina. Mas isso era passado. As coisas mudaram. Os atuais protetores do rei não tinham nenhuma conexão com o bom povo de Highcliff, nem de qualquer outro lugar nos Sete Reinos. O exército do rei era formado, hoje, por mercenários vindos de toda parte do mundo. Parte da antiga Guarda Lupina e seus filhos haviam se unido às fileiras, mas eram pouquíssimos. Antes de sua morte, o pai de Gretchen dizia a ela que nos tempos de Wergar havia uma forte ligação entre o rei, o exército e os civis.

Essa conexão fora totalmente perdida nos últimos quinze anos, após a ascensão do Leão.

Gretchen tinha muito que agradecer a seu falecido pai. Como ela era sua única herdeira, ele tomara para si a tarefa de educá-la, inclusive quanto à política da Lyssia, e ela havia prestado atenção nas lições. Ela sabia que o povo a considerava uma jovem frívola, orgulhosa, mimada, e no geral isso nunca a havia incomodado. Ela sabia que, na hora certa, quando tivesse de assumir suas responsabilidades, o faria sem esforço, lembrando-se de sua instrução e seu preparo. Ela superaria a ignorância, o chauvinismo e o menosprezo dos outros. Aqueles que ousassem desafiá-la estariam subestimando a Werefox. Sob a conduta despreocupada que demonstrava à corte, residia uma determinação enérgica e obstinada. Se chegasse a ser rainha, ela faria o melhor pelo povo de Hedgemoor e o dos Sete Reinos.

Aguentar o príncipe Lucas era uma espécie de pedágio para cumprir esse sonho.

Ela ouvira as histórias sobre os soldados do rei, mas até recentemente decidira ignorá-las, nada mais. Mas seu período na companhia de Drew e Hector havia aberto seus olhos para o que realmente acontecia em Highcliff e as implicações de longo alcance que isso tinha. Ela também estava ciente dos comentários desagradáveis quanto à morte de seu pai na corte do rei.

Ter um bando de damas de companhia fofoqueiras à disposição lhe concedia migalhas de informação, mesmo quando elas achavam que seus sussurros não chegavam a seu ouvido. Se o rei fora responsável pela morte de seu pai, ela pensava em quem seriam seus verdadeiros aliados. O duque Bergan e Hector eram os únicos em quem ela confiava. Eles e Drew.

Em questão de horas, Drew estaria morto, e ela casada com o príncipe Lucas. Ela achava que teria alguma influência sobre os negócios do povo, mas agora previa para si uma vida apenas de tristeza e penúria.

No pátio da masmorra de Highcliff, ela podia ver a Guarda Leonina marchando, alerta e atenta às ordens do capitão. Além dos muros, o resto do exército do rei — mais por terror do que por

respeito — controlava as multidões. Parte dos veteranos do exército de Wergar havia permanecido, mas eram velhos que não conseguiam acompanhar o sangue novo.

Mercenários e espadachins de aluguel compunham a maioria, vigiando o povo da Lyssia com mãos de ferro. Os poucos levantes que haviam acontecido nos últimos anos tinham sido rápidos, suprimidos de forma implacável; as histórias sobre o calculismo impiedoso do rei corriam silenciosas como cadáveres flutuando por um rio. Havia inquietação em Westland, e Gretchen agora sabia por quê. Os rumores, tudo que ouvira, tudo que escolhera ignorar — era tudo verdade.

Suas damas de companhia chamaram por ela em seus aposentos. Era hora de ir para o pavilhão real. Gretchen agarrou-se ao corrimão de pedra da sacada, repentinamente tomada pela tentação de se atirar dali.

Respirando fundo, observou o povo lá embaixo. Um dia seria o seu povo, e ela teria de continuar a ter esperança de que, após passados todos os horrores daquela manhã, ela poderia fazer algum bem, não importa quão mínimo fosse. Dependeria dela. A grande maioria do povo de Highcliff amava suas famílias, sua cidade e seu país mais do que qualquer rei ou rainha poderia desejar ou esperar. E muitos deles se lembravam de outros tempos, antes de o Leão se sentar no trono.

Drew olhou para o sol do meio da manhã, sentindo um arrepio diante de seu brilho implacável. As rodas da carroça, puxada por cavalos, gemiam ao chocalhar sobre as toras gigantes da ponte levadiça do Castelo de Highcliff. Drew esforçava-se para equilibrar-se no centro, onde estava ajoelhado com as mãos amarradas atrás das costas com uma corda guarnecida com fios de prata.

Filas de moradores apertavam-se pelo caminho enquanto a procissão fazia seu caminho até o palanque, e a Guarda Leonina formava um cordão de isolamento, mantendo a multidão para trás com lanças e espadas à mão.

Um silêncio mortal recaía sobre a cidade, o que horas antes fora difícil de imaginar. Ao nascer do Sol, o som dos sinos anunciara aquele grande e momentoso dia, tirando as pessoas da cama em

hora imprópria, mandando-as se reunirem na Praça Central. A intenção do rei era bem clara para todos. A multidão estava ali para ver a morte do último na linhagem dos Lobos, pelas mãos do próprio Leão. Comerciantes com tino rápido haviam armado tendas, algumas oferecendo comida e bebida, outras vendendo desenhos rudes de lobos derrotados gravados em tábuas e pergaminhos.

Drew sorriu com raiva para os empreendedores de ocasião, torcendo para seus negócios não irem para a frente.

O palanque tomava o centro da praça, uma plataforma erguida com orgulho para sustentar uma grande laje de pedra: o palco do carrasco. Uma cesta de vime ficava a seu lado, pronta para receber sua horrenda oferenda.

Os carcereiros tinham jogado uma túnica branca sobre Drew, provavelmente mais para cobrir seus ferimentos do que pela necessidade de recato. Embora suas feridas estivessem quase cicatrizando, ainda havia marcas vermelhas que apareciam nas costas, marcas do açoite que continuavam abertas e inflamadas. O estômago de Drew apertava à medida que se aproximava do inevitável, seu destino estava totalmente claro à sua frente. Ainda assim, ele tentava não demonstrar medo, pensando nas palavras do duque Bergan em Brackenholme. "Sem mais lágrimas. Não dê o que eles querem."

Ao lado do carrasco estava o chanceler, de manto e capuz, em acalorada conversa com um escriba que fazia anotações num diário, mexendo a cabeça enquanto o outro falava. Soldados da Guarda Leonina perfilavam-se em posição de sentido ao longo da beirada do palanque, encarando a multidão em busca de sinais de problemas. Os espectadores mantinham distância respeitável do tablado sinistro.

Enquanto Drew era levado em direção ao patíbulo, os rostos de centenas de estranhos assistiam à sua passagem. Alguns gritavam, provocando-o, proferindo insultos enquanto as rodas chacoalhavam sobre as pedras. Na maior parte, os rostos eram solenes e abatidos; havia uma sensação de tristeza pela situação, independentemente de como o rei e seus conselheiros haviam contado a história.

A carroça atravessou o pátio. Uma grande estrutura de madeira tinha sido erigida para acomodar o rei, seus companheiros e diversos Werelords.

Drew olhou para cima e viu o duque Bergan, o conde Vega e o rosto familiar de seu bom amigo Hector. O Boarlord estava parado na ponta da plataforma, com um guarda de cada lado. Enquanto a maioria dos convidados do rei vestia-se elegantemente, Hector tinha aparência de derrotado e usava as mesmas roupas que vestira na viagem com Drew. Seu cabelo estava desgrenhado, e parecia que ele também vinha recebendo atenção especial dos guardas. Com a cabeça abaixada, o queixo encostado no peito, ele parecia destruído.

A carroça virou e parou na frente do cadafalso. Uma equipe de quatro soldados se adiantou para descer Drew. Ele foi levado rudemente, degraus acima até a plataforma, enquanto a multidão começava a gritar. Empurrado para o meio da estrutura de madeira, foi forçado a ficar de joelhos, o bloco de pedra do executor a um braço de distância. Ele olhou por cima do ombro, para onde sabia que estava o chanceler, conversando com seu escriba.

— Olhe para baixo, cão — guinchou o Wererat.

Drew virou-se e teve uma visão geral da multidão. Eram centenas na praça, todos testemunhas de sua morte. Quando não achavam lugar na rua, eles se amontoavam em janelas nos fundos da praça, ou empoleiravam-se nos telhados para melhor apreciar o espetáculo. Drew olhou mais adiante, até a entrada do castelo, e viu duas carruagens reais vindo pela ponte, esplêndidos veículos dourados com lacaios com vestes coloridas controlando as rédeas.

O chanceler caminhou em direção a Drew, fazendo seu manto roçar nele quando passou. Havia um odor doce e doentio no homem, que lembrava decadência e podridão, o que fez Drew quase vomitar.

— Seu rei se aproxima — gritou o chanceler, para ser ouvido a distância. — Este é um dos dias mais importantes dos nossos tempos, quando testemunharemos nosso príncipe contrair matrimônio. Não se espera nada além de apoio fervoroso pelo monarca. Não desapontem Sua Majestade, nem a mim!

A multidão rugiu em uníssono, reverberando as palavras do Wererat.

Drew podia ver soldados circulando entre os espectadores. Uma das carruagens estacionou perto da área reservada à realeza, a outra parou diante do palanque. Soldados de infantaria correram para abrir as portas, enquanto o rei desembarcava diante de um coro de vivas. Trombetas soaram quando ele surgiu na porta do veículo com seu longo manto brilhante como um farol de fogo, e seu sorriso brilhou ao acenar para o povo. Ao descer, percorreu os poucos metros até o palanque, demorando-se em acenos para os espectadores, agradecendo e abençoando-os, antes de subir lentamente os degraus até o deque de madeira.

Drew observou a chegada dele. O rei apreciava ser o centro das atenções, acreditando ser amado pela multidão que o aplaudia. Em nenhum momento Leopold olhou em sua direção, levando um tempo interminável para chegar ao centro do tablado. Ele acenou, gargalhou, aplaudiu e comemorou, enquanto flores, jogadas pela multidão, batiam nos escudos e armaduras dos regimentos da Guarda Leonina.

— Meu povo — ele gritou, erguendo as mãos numa demonstração de apreço. — Que afeição calorosa vocês me dão neste mais marcante dos dias! Agradeço do fundo de meu coração por vocês terem aparecido em número tão grande para testemunhar esta bênção para meu filho, seu príncipe, e sua futura esposa. Em todos os anos que lhes servi, vocês nunca deixaram de me surpreender; seu amor e lealdade trazem novas alegrias para minha alma cada dia que passa. — Com isso, os mais devotos aplaudiam mais uma vez, e uma nova salva de palmas ecoou pela multidão como uma saraivada de flechas. O rei gesticulou em direção ao palanque onde o príncipe Lucas, Lady Gretchen e a rainha Amelie acabavam de tomar seus assentos.

— Mas, por favor — ele prosseguiu. — Hoje não é um dia para mim; é para meu filho, Lucas, e sua encantadora noiva! — Mais vivas. Drew olhou para eles. O jovem príncipe ergueu-se para acenar, grato pelo cumprimento de seu pai e pela atenção da multidão. Gretchen sentava a seu lado usando um vestido prateado,

vestida com elegância impecável. Seu rosto estava imóvel como o de uma estátua. Ela olhou para a frente como que em transe, sua conduta espelhando a da rainha Amelie. Era a primeira vez que Drew via a mulher que era sua mãe, e seu coração quase parou quando ele orou para que ela o visse. Seus longos cabelos grisalhos estavam presos num coque, aninhados com uma tiara de cristal. Ela era linda como ele imaginava que uma rainha devia ser, mas havia um vazio em sua face, como se uma grande tristeza se escondesse atrás daqueles olhos, guardada a sete chaves de seu povo. Usava um vestido negro, em contraste ao de Gretchen.

Se ela sabia que Drew era seu filho, não demonstrava reconhecê-lo. Estava em seu assento serena e imóvel, como se já houvesse testemunhado aquela selvageria milhares de vezes. O estômago de Drew contorceu-se de novo ao se ver numa situação tão profundamente miserável.

— Vamos testemunhar a união da Dinastia do Leão e da Dinastia da Raposa, reafirmando nossa velha aliança, e fazer nascer uma nova era.

Minha querida rainha também se juntou a nós, apesar de sua indisposição, para estar presente neste momento abençoado, tal é o amor que tem por sua família e seu povo. — E mais agitação partiu da massa.

Drew ficou se perguntando o que ele queria dizer com indisposição. Ela estava doente? O rei enfim voltou-se para Drew.

— E aqui — disse, apontando para o menino ajoelhado à sua frente — está o homem que queria trazer morte e caos a nosso reinado. Esta é a criatura que vagou por nossas terras, aterrorizando nosso povo, causando caos por onde quer que tenha passado. Esta fera nasceu do Lobo, um Wylderman bastardo que acha que, por ser a prole ilegítima de um tirano cruel e bárbaro, o torna o rei legítimo da Lyssia. O que me diz, povo? Este é seu rei? — ele berrou, apontando para Drew. A multidão efervescente em frente ao cordão de guardas vaiou, gritando obscenidades e ameaçando subir. Os soldados a retiveram, empurrando-a com escudos e lanças.

O rei concordou com a cabeça, seu rosto uma máscara de ultraje e preocupação fingidos, tão chocado como os seus súditos. Ele caminhou por trás de Drew, deixando o barulho da multidão elevar-se e a onda de ódio varrer o palanque. Ele falou com Drew, baixo o suficiente para que apenas o jovem Werewolf o ouvisse.

— Ouviu isso, cão? — ele disse. — Ouviu o povo? Meu povo! Ouviu como chamam meu nome e zombam do seu? Seu pai hoje estaria se remexendo no túmulo ao ver o infeliz que tenho diante dos olhos. Pena que queimamos seu corpo podre até virar cinzas. — Os olhos de Drew arderam quando as lágrimas começaram a correr. Ele rangeu os dentes, contendo-os.

— E pensar — murmurou o rei — que meu próprio filho compartilha do mesmo sangue que você. Fico doente ao pensar que um cachorro como você veio a este mundo por minha rainha. Acredite quando digo que tenho prazer em saber que, ao matar você, estarei removendo a última mácula do Lobo sobre aquela grande mulher.

— Então você admite — disse Drew, sem olhar para cima. — A rainha é minha mãe. Como pode negar a ela a chance de saber disso? — ele gritou.

— Que tipo de monstro você é?

O rei não respondeu. Em vez disso, pisou nas costas de Drew. O lobo fez força para resistir à pressão inflexível, o Leão apertando-o contra o bloco de pedra gelada. Ele olhou para o cesto à sua frente, onde grandes moscas negras zumbiam, banqueteadando-se com os restos de alguma decisão anterior do rei.

Leopold tirou a espada de sua bainha, segurando a grande lâmina, no alto de sua cabeça para toda a multidão ver. Os gritos do povo mais à frente alcançaram novos níveis de histeria, incitados pelo rei performático. A espada reluzia à luz do sol, que dançava pela extensa lâmina. Runas de prata, filetes moldados como os da espada do capitão Brutus, reluziam nela, garantindo que o golpe que viria seria fatal. Ele ajoelhou-se ao lado de Drew.

— Eu sou o Leão. Eu sou o rei de todos os Sete Reinos e o único lorde e mestre que estas pessoas irão conhecer — ele sussurrou, a saliva atingindo a face de Drew. — Você é o Lobo. Você é o pária,

uma raça morta, uma relíquia de um tempo há muito passado que nunca retornará. — O ódio que o homem sentia por Drew era palpável. Toda palavra que arremessava contra o garoto vinha tingida de desprezo e desdém.

— Você nasceu aqui e morre aqui. Bem apropriado.

Leopold ergueu-se, ficou de pé, girou a espada no ar com ambas as mãos, acima de sua cabeça. Drew via a sombra do Leão, a silhueta perfeita de seu executor. Mas o rei ainda tinha mais um insulto antes do golpe fatal.

— Mas uma coisa lhe digo — ele enfim sibilou, começando a baixar a grande espada. — Você foi mais desafiador que seus irmãos e irmãs.

Quando a espada baixou, chocou-se contra o granito vazio. Uma chuva de faíscas acompanhava um som metálico ensurdecedor. A multidão suspirou, chocada e confusa. O que tinha acontecido? Onde estavam a cabeça e o sangue? Quando a espada baixou, Drew fez um movimento tão rápido para desviar-se do ataque que surpreendeu até Leopold. O rosto do Werelion contorceu-se de ira, seus olhos brilharam quando os dentes saltaram. Agora o lobo estava de pé diante dele.

— Não! — berrou Drew, as mãos ainda amarradas às costas. — Você deve olhar para mim quando me matar, monstro! Saiba disso! — ele berrou para toda a multidão ouvir sua voz. E prosseguiu: — Sou o filho de Wergar, o filho de Amelie, o último na linhagem dos Lobisomens da Lyssia, e o Leão é um ladrão e um assassino!

— Silêncio! — rugiu Leopold diante dele, erguendo sua espada e apontando-a para o peito de Drew.

A multidão elevou-se novamente, a Guarda Leonina esforçando-se para conter o mar de corpos. A família real e os Werelords ergueram-se juntos de seus assentos, ainda tentando entender o que tinha acontecido. A rainha Amelie ergueu-se de sua cadeira, com um ar de perplexidade dolorosa.

Gretchen correu para seu lado, tomando sua mão, apertando-a, incitando-a a reagir. No palanque, diante de toda a Highcliff, o Leão fechou o cerco ao Lobo para matá-lo.

— Quero olhar para você enquanto me mata — falou Drew para o rei irado, um sorriso estranho e sereno a estender-se por seu rosto. Ele estava em paz. A espada desceu.

6: O sacrifício

Antes que a espada de Leopold pudesse encontrar o peito de Drew, aconteceu um movimento súbito, e três membros da Guarda Leonina atiraram-se contra o rei, derrubando-o sobre as tábuas duras do palanque.

Um quarto soldado apareceu diante de Drew, no lugar onde o rei estivera segundos antes. Drew não conseguia distinguir o homem, o sol atrás dele fazia seu corpo inteiro virar sombra, mas o uniforme da Guarda Leonina era inconfundível. Enquanto o caos se elevava em torno deles, o homem se apoiou sobre um joelho, virou Drew de bruços e, com uma faca, cortou as cordas que atavam seus pulsos.

— Quem é você? — Drew tentou gritar acima da balbúrdia, mas não teve resposta. Ele olhou para todo o palco da execução, e o deque balançava sob o som de botas que corriam por todo lado, e o som das espadas batendo sobre os escudos fazia seu crânio tremer. Ele via homens da Guarda Leonina lutando uns contra os outros, as espadas em punho, irmão parecendo atacar irmão. Num vislumbre ele notou que vários haviam tirado seus mantos, para revelar uma imagem tatuada em seus corpos — a cabeça de um lobo prateado contornado sobre preto. Não havia muitos deles, vastamente sobrepujados pelos outros nas fileiras de homens da lei, mas eles tinham corrido em direção ao palanque, formando uma linha de defesa. Tudo isso enquanto o soldado atrás de Drew cortava as cordas. Ele olhou para trás, a tempo de ver três dos quatro homens que haviam feito o rei voar serem lançados para o ar quando Leopold emergiu da luta em toda a sua glória.

Quando os corpos dos soldados aterrissaram com um som oco de ossos quebrados, o Werelion soltou um rugido de congelar o sangue. Ele tinha pelo menos dois metros e oitenta, e seu manto esvoaçava à brisa da manhã, rasgado pelos ataques de espada que sofrera. Sua cabeça estava totalmente transformada, uma mandíbula com dentes do tamanho de um dedo rangiam no ar. Uma

juba dourada emoldurava sua cabeça como um halo, uma de suas imensas mãos em garra ainda segurando o castão da espada. Um soldado ainda estava preso a suas costas, de espada erguida, e enfiou a lâmina no ombro do Leão. Com uma pata veloz, Leopold agarrou o homem, encontrou sua garganta e rasgou-a num golpe selvagem. O corpo caiu ao chão, sem vida.

Antes que o soldado que cortava a última amarra de Drew pudesse terminar o serviço, ele foi jogado para longe pelo rei. Um golpe direto da mão em garra de Leopold fez o homem sair deslizando pelo palco, deixando um rastro de sangue pelo caminho. Drew rolou, canalizando toda a sua força na transformação, arriscando tudo na esperança de que o soldado tivesse cortado o suficiente de suas amarras prateadas. De início resistentes, as cordas enfim romperam-se, e Drew sentiu músculos e energia pura se libertando, começando a dar passagem ao Lobo.

O deque estilhaçou-se ao lado de sua cabeça quando a espada do rei passou por ele, partindo as toras como uma faca na manteiga. Drew pulou para o lado, mantendo-se em movimento enquanto o rei o seguia, com a espada fazendo arcos no ar onde a cabeça do Werewolf estivera um instante antes.

“Fique alerta”, pensou Drew. “Lembre-se das aulas de Gerard: mantenha as pernas em movimento, não o deixe entrar.”

Mais uma vez a espada desceu, destruindo madeira enquanto Drew fugia para o lado. A cada escapada da espada do Leão, Drew sentia o Lobo ficar mais forte. Seus braços já estavam transformados, a túnica branca, esticada pelos músculos protuberantes. O cabelo prateado corria por seu corpo, e ele soltou tudo que lhe restara. Suas garras negras raspavam o deque quando ele ficou de quatro, saltando para desviar-se do Werelion.

Sua mandíbula estalou, deslocando-se e projetando um focinho rosnante enquanto o pelo negro saltava de sua pele. Seus olhos âmbar fixavam o inimigo o tempo todo, os sentidos ficavam cada vez mais aguçados enquanto ele deixava o Lobo sair.

Apesar de todo poder, velocidade e força que Drew agora tinha à sua disposição, ainda não era páreo para o Werelion. Drew era um mero novato contra um rei calejado de batalhas. Quando Drew

viu-se novamente onde antes estava caído, sua perna direita escorregou nas toras destroçadas pelo ataque anterior do Leão. Ficou preso apenas por um segundo, o suficiente para o rei encontrá-lo com aço e garras. Sua espada guarnecida com prata rasgou o ombro de Drew, causando uma ferida dilacerante enquanto sua mão açoitava-o por baixo. Ele pegou o Lobo pela mandíbula e o fez voar até cair no meio dos soldados em guerra.

Imediatamente, um círculo abriu-se em torno dele, dando a Drew chance de avaliar onde estava. O pavilhão real estava tomado pela comoção — Werelords em vários estágios de transformação lutando com soldados e uns contra os outros. Ele viu o príncipe Lucas puxando Gretchen pela mão, enquanto ela tentava defender-se. Sua mãe, a rainha Amelie, estava ao lado da Werefox, os braços em torno de sua cintura, tentando impedir que o filho a levasse. Hector estava atrás de alguém grande e pesado cuja cabeça canina estava coberta de pelos brancos e pretos. Era impressionante ver o Werebadger, o texugo, um dos Lords inferiores, defendendo o jovem Boarlord dos ataques selvagens do capitão Brutus.

A multidão se enfurecia por toda a praça. Inspirada pela luta e pela valentia da guarda lupina, lançava-se contra a opressiva Guarda Leonina.

Antes que Drew pudesse entender tudo o que se passava, sentiu uma espada talhar seu flanco, depois outra, dois da Guarda Leonina atacando-o. Corpos de soldados dos dois reis estavam espalhados sobre o deque, enquanto Drew recebia golpes de seus oponentes. Ao verem seu rei caminhando em direção a Drew, os dois abriram espaço.

Leopold foi lentamente até Drew, com seu peito imenso arfando, o monstruoso focinho mexendo-se enquanto falava: — Não corra, cão — ele grunhiu com voz profunda e estrondosa eclipsando o caos ao redor. — Enfrente-me! Covarde!

Drew sabia que não podia continuar correndo. Ele já estava ferido e não tinha para onde se retirar. Agora era hora de atacar de vez. O Leão estava prestes a gritar algo mais, mas as palavras nunca deixaram seus lábios. Drew pulou, voou pelo palco como uma bola de canhão com garras e presas. E atingiu Leopold direto

no peito, antes que este pudesse erguer a espada para defender-se, e os dois caíram no deque, uivando, rosnando, rasgando um ao outro com os dentes rangendo.

Drew sentia suas garras rasgando o peito e os flancos do Leão. Ele tinha vencido o bloqueio das patas do rei com os dentes e afora mordida o pescoço da fera, ferindo sua pele. Mas Leopold era forte, sua carne era dura como couro, e os dentes do Lobo somente conseguiram atingir a periferia da garganta do Leão, apenas causando ferimentos superficiais. Enquanto Drew mordia, o rei continuava seu próprio ataque, com efeitos maiores e mais sangrentos. Os braços do Leão agarravam as costas de Drew, segurando-o num abraço mortal, enquanto puxava sua pele. E seus dentes apertaram mais e mais, mordendo os ombros e pescoço expostos de Drew, o pelo começando a voar, agora que a pele jovem, exposta, oferecia menos resistência que a sua.

Drew sentia sua energia diminuir, seu torso inteiro era um misto de sangue e carne rasgada. Sem outra opção, segurou o inimigo e trocou socos com o Werelion, mas ia perdendo a batalha conforme o tempo passava. Em instantes ele começou a sentir seu corpo ceder, e a disputa anunciava cada vez mais o seu fim macabro. De repente, um estampido fez tremer a terra, e o deque inteiro ameaçou vir abaixo, quando algo imensamente pesado aterrissou sobre ele. Uma poderosa trompa soprou, alta e ensurdecadora, ressoando por toda a Highcliff.

— Deixe o garoto em paz! — urrou uma voz monstruosa, enquanto outros barulhos trovejantes desciam sobre a estrutura. O rei olhou para cima enquanto Drew tentava libertar-se. O duque Bergan estava sobre o palanque, transformado: o Velho Urso destacava-se entre todos, incluindo a fera gigante que era o rei. Ele desceu sua trompa até a perna, sua outra mão pesando com o machado a postos. A seu lado estava outro Werelord transformado. A gáldada de um metro que emergia do longo crânio tinha pontas sinistras, uma cabeça inteira de punhais letais, e Manfred de Stormdale baixou seu semblante de forma ameaçadora. De trás dos dois saltou o conde Vega, ainda em grande parte em sua forma

humana, com um sorriso cheio de dentes afiados e selvagens. O rei continuava agarrando Drew, recusando-se a soltá-lo.

— E se eu não quiser? — ele grunhiu. Toda a luta sobre o palanque havia cessado.

— Você o mata. Nós matamos você. Tudo termina aqui — disse Bergan, com sua grande cabeça felpuda, imóvel e pronta para atacar o rei.

— Ou — disse o duque Manfred — você vai embora, agora, com vida, e nunca mais retorna. Algo que você nunca deixou Wergar fazer.

O Werelion olhou para o menino em suas garras, e o grunhido profundo que emanou de seu peito invadiu o corpo de Drew como um terremoto. Erguendo-se subitamente, o Leão levou a mão em garra até a cabeça de Drew, segurando o pelo negro do pescoço do Lobo. A multidão vaiou, urrando contra ele, dizendo-lhe para parar. Leopold olhou para a praça, tentando entender a situação, horrorizado por ver como seu povo havia se voltado tão rápido contra ele. Outra figura pulou sobre o palco, esta agora do seu lado: o chanceler.

— Majestade — sussurrou o Wererat, que ainda estava na sua forma humana e de manto. — Acho que seria mais prudente fazermos uma retirada.

— Ouça Vanmorten — rosnou Bergan. — São as primeiras palavras sábias que já partiram da boca do Rato.

O Wererat sibilou de dentro de seu capuz, colocando uma mão sobre o ombro do rei — Milorde — ele disse. — Isto não é rendição. Temos o castelo.

Temos nosso exército. Ainda temos a cidade. Esses tolos apenas estão prolongando o inevitável. Dê a eles o cão para que possamos nos reagrupar, e então atacaremos de novo para dar fim a esses traidores e seus reinos inferiores. Temos aliados. Lembra-se?

O rei grunhiu mais uma vez. As palavras do chanceler faziam sentido, mas o rei era um homem orgulhoso, e nunca abandonara uma luta na vida.

O reinado era difícil, mas estava lutando por ele. Ele apertou a empunhadura da grande espada numa mão, com a outra ainda o

pescoço do Lobo.

De repente, com uma rapidez incrível, o conde Vega jogou algo pelo ar, que rodopiou sobre o palco. Drew percebeu o que era e, num gesto ultra veloz, agarrou a espada Wolfshead no ar e, aproveitando o movimento, golpeou seu oponente. A espada atingiu o Leão direto no torso, a lâmina afiada encontrando espaço entre as costelas e os músculos do rei. Ela entrou pelo Leão até o cabo, saindo pelo outro lado. O Leão ergueu Drew, a espada deslizando para fora de seu peito, e o fez voar pelo palco até cair numa pilha de corpos. O ataque não foi letal — a espada Wolfshead não era tratada com prata —, mas incapacitou o Leão.

— Protejam o rei! — rosou Vanmorten, e um esquadrão da Guarda Leonina correu para o lado de Leopold, arrastando-o dali. Muitos dos homens com as cores do Lobo estavam mortos, morrendo ou feridos na plataforma, enquanto o rei e seus soldados se retiravam. Bergan não os seguiu — havia outros negócios a tratar. A força principal da Guarda Leonina permanecia na praça e aproximava-se do palanque ensanguentado.

Drew rolou de onde estava, ficando face a face com o rosto do guarda que o libertara. O uniforme vermelho do homem rasgara-se em toda a extensão pelo ataque do rei, expondo por completo o símbolo da Guarda Lupina. Este também havia sido rasgado, e a armadura de aço de seu peitoral também estava destrocada pelas garras mortais do Werelion. O estômago do homem sangrava muito. Sem energia, Drew sentia o corpo começando a voltar ao normal, e seu coração doía ao ver aquele que o salvou pagando com a própria vida. O homem balbuciou, e Drew tirou seu elmo. E, quando a armadura caiu, Drew surpreendeu-se em ver que era Mack Ferran, seu pai.

— Pai? — Drew gritou instintivamente, tomando o rosto do homem com as duas mãos. O que ele estava fazendo ali?

Os olhos de Mack Ferran estavam encobertos, e o sangue coagulava em sua boca e dentes. Os dedos enluvados seguravam as vísceras tanto quanto podiam, mas era um esforço inútil.

— Filho... — ele tossiu, mas o esforço foi grande demais.

— Não, pai — disse Drew, as lágrimas escorrendo livremente. — Não fale. Nós vamos curar você.

— Drew, temos que nos mexer — gritou o duque Bergan, ao lado de Manfred e Vega. Junto ao restante da Guarda Lupina, eles mantinham os soldados do rei a distância, mas por pouco tempo. — São muitos!

Precisamos ir!

O soldado nos braços de Drew tentou falar novamente, e bolhas de sangue espumavam de sua boca.

— Não vou me curar, rapaz — disse ele. — Tarde demais. O rei, Drew.

Ele matou sua verdadeira família. Massacrando e queimou todos. Sua mãe, ela o tomou como seu. — Ele tossiu de novo, fechando os olhos. — Sua mãe... eu achei... eu achei que você tinha feito aquilo. Achei que tinha se voltado contra ela. Se voltado contra nós.

Drew balançou a cabeça, chorando: — Não, pai, nunca. Eu a amava. Eu amo todos vocês. Foi um monstro.

Dizem que foi um Wererat. Ela morreu em meus braços... — ele terminou, percebendo que a mesma coisa acontecia de novo, dessa vez com seu pai.

— Me desculpe, filho — Mack Ferran sussurrou baixinho, o ar de seus pulmões escapando com estas últimas palavras.

— Eu o perdoo — respondeu Drew com um beijo na face do pai, já morto.

— Drew! — gritou o conde Vega com seu florete reluzindo contra os guardas de manto vermelho da Guarda Leonina, que não paravam de chegar. O rei podia ter ido embora da cena da batalha, mas esta ainda era a cidade do Leão, e todos aqueles que contestavam isso eram inimigos. — Mexa-se! São muitos!

Drew ergueu-se no deque e olhou ao redor. Ele via o pavilhão real, agora com poucos Werelords. Quando viu Hector no meio deles deu um suspiro de alívio. O Boarlord fez gestos desesperados, acenando para ele.

Manfred acompanhou o olhar de Drew.

— Ao pavilhão! — ele gritou, correndo até Drew e, segurando seu cotovelo, ajudou-o a descer os degraus do palanque. Três

homens da Guarda Lupina corriam à frente deles, empurrando o povo para abrir caminho. Do fim da praça, a primeira onda de homens de Brackenholme se adiantava, acompanhada daqueles de Stormdale. Drew viu Lord Broghan, o filho do Bearlord, comandando-os, girando seu machado contra os homens do rei. Eles ainda estavam a uma boa distância dos Werelords, lutando contra a Guarda Leonina, mas bastou saber que eles estavam ali para encher o coração de Drew de esperança. A maré podia virar.

A Guarda Leonina recuou quando percebeu que o inimigo tinha ganhando reforços. De repente, pareceriam ter desistido da batalha. Drew ouviu os capitães berrando para seus homens voltarem para suas unidades, provocando uma corrida de espadas e escudos. Enquanto os soldados se retiravam, alguns dos moradores mais corajosos da cidade começaram a xingá-los — os poucos que haviam apoiado o rei ficaram em silêncio; muitos indo embora para longe da batalha. Agora a Guarda Leonina não estava enfrentando apenas os aliados do duque Bergan, mas também os próprios cidadãos que haviam jurado “proteger”. Uma chuva de pedras e tijolos abateu-se sobre os soldados. A maré estava realmente virando.

Drew foi empurrado pela multidão na direção do pavilhão. Sentiu náusea ao olhar para as mãos, ainda sujas com o sangue de seu pai. Ele as sacudiu várias vezes; aos poucos, a cor de sua mão foi mudando do negro cinzento para rosa. O Lobo estava se retraindo. Luzes salpicaram em frente de seus olhos, minúsculas erupções de vertigem enquanto ele tentava assimilar o que acabara de acontecer. Viu Gretchen no topo do pavilhão, abraçando-se a Hector, comemorando a vitória. Ao lado dela estava a rainha Amelie, e seu rosto era uma máscara de lágrimas e alegria.

“Mãe”, pensou Drew. “Minha mãe.”

Sua cabeça parecia entorpecida, e seu corpo lupino doía, se ressentindo da tortura e dos golpes recebidos. Sentindo-se flutuar pela multidão, ele olhou para o mar de cabeças que se estendia até o castelo. Vega e Bergan estavam logo atrás com a Guarda Lupina em torno deles, enquanto a Guarda Leonina continuava sua retirada pela ponte levadiça. Drew rugiu, um som que saía do fundo de sua

alma. As palavras de Leopold e de Mack Ferran voltaram à lembrança como uma enchente. As crianças da rainha — seus irmãos, suas irmãs — mortas pelo Leão, assassinadas e depois queimadas. A quem o rei respondia? Que justiça haveria no mundo se ele continuasse livre?

Renovado pelo senso de justiça, ele saiu correndo. Transformando-se rapidamente em humano, escapara do braço de Manfred antes que o Werestag tivesse tempo de reagir. Não mais como um Werewolf, mas como um homem, Drew se juntou à multidão.

— Onde ele está? — gritou Bergan através da multidão para Manfred.

— Aonde ele foi?

— Ele estava aqui há um segundo — gritou o Lord Stormdale, olhando para a multidão. Bergan acompanhou seu olhar, em busca do jovem. O

povo afastava-se dos Werelords, monstruosos e aterrorizantes em sua aparência, e seu pânico causou ainda mais confusão quando eles procuravam pelo Werewolf fugitivo.

— Drew! — urrou Bergan para a multidão, mas, como urso ou não, sua voz desaparecia em meio ao tumulto.

— Ali! — de repente gritou Vega, apontando em direção ao castelo, uma ponte levadiça estava sendo erguida. — Por Sosha, o que ele está fazendo? — gritou.

— NÃO! — os três gritaram em uníssono. Hector e Gretchen entraram no coro, mas já era tarde demais.

Bergan conseguia ver Drew agarrado à ponta da ponte levadiça, seu braço ensanguentado fazendo um gancho enquanto as pernas ficavam pendentes. Com o movimento da ponte, já era possível chegar ao muro de pedra da torre. Abaixo de Drew, o vazio: um cânion natural que desaparecia sob os muros do castelo, e só terminava onde encontrava o mar numa massa de pedras e ondas. Se o garoto caísse... Bergan não queria pensar no que a queda faria com ele. Também não queria pensar no que o aguardava se conseguisse entrar no castelo.

Exausto, esfarrapado e rasgado, Drew encontrou forças para jogar a perna pela beirada da ponte, e assim, enfim, se apoiou para puxar o corpo machucado. Levado pela adrenalina, ele parecia não ter levado em conta a ousadia de sua decisão. Seus ouvidos zumbiam quando ele se aleitou na extremidade da ponte, que continuava a ser recolhida. Passou a mão suja de sangue pela testa, tentando clarear sua visão.

A última coisa que os Werelords e a multidão viram de Drew foi a imagem dele erguendo a espada Wolfshead sobre a cabeça enquanto desaparecia dentro do castelo.

7: Negócios inacabados

Drew caiu com um barulho surdo no chão de pedra sob a torre. Uma dor horrível fez sua perna esquerda desmontar, e, ao olhar para baixo, ele viu seu pé torcido numa posição impossível. Sentiu o osso ranger, rasgando a carne por dentro. O tornozelo estava quebrado. A sensação de atordoamento aumentou enquanto ele se aprumava. De pé, ele segurou a espada com a ponta para baixo, usando-a como muleta, enquanto apertava os olhos para observar o pátio à frente. Só aí ele se deu conta do óbvio: o que ele estava fazendo ali?

O pátio estava abarrotado de homens da Guarda Leonina. Centenas de soldados da tropa de Leopold viravam suas cabeças para ver quem os havia seguido ao Castelo Highcliff. O olhar de descrença espalhou-se por eles como um incêndio: o Lobo estava ali. Nesse momento, a ponte levadiça se fechou em seus encaixes escuros, sua saída totalmente bloqueada. Ele não tinha ilusões. Era seu fim.

O som de um homem batendo palmas ecoou pelo pátio. Drew olhou na direção do som. O rei Leopold, calma e ritmadamente, aplaudia a chegada do jovem lobo. Era hora de encarar o inimigo. A bravura que sentira diante do carrasco agora tinha evaporando como a névoa matinal num dia quente de verão. Ele era apenas um rapaz que, estando a um passo da liberdade, cedeu a um impulso e se jogou nos braços da morte. Sem opção, Drew foi pulando com uma perna só em direção ao rei. Os soldados cautelosos recuaram, espadas em punho, dando-lhe passagem. Quando o lobo ferido passou por eles como um inválido, todo o regimento viu que tipo de fera era aquela: inofensiva. Leopold continuou a bater palmas enquanto se dirigia para encontrar Drew. Seus homens de manto vermelho abriram-lhe espaço como um mar de sangue se dividindo ao meio.

Drew sentiu uma pontada de satisfação: o rei ainda estava ferido. De volta a sua forma humana, levaria um bom tempo para o

ferimento do estômago se curar. O rei estava enfaixado na cintura, um longo rolo de tecido branco manchado de vermelho-escuro no ponto onde a espada de Drew o atingira. Leopold estava sujo e desgrenhado, o mais distante possível da nobreza. Drew sabia que estava bem pior. O Werelion parou de bater palmas quando chegou a dez passos de Drew, unindo as mãos como numa oração ao velho Brenn.

— Obrigado por me seguir até aqui. Você não pode acreditar na alegria que trouxe ao coração de seu querido rei.

— Você não é meu rei — irritou-se Drew. — Chega disso. Mate-me agora — disse, fazendo uma careta por causa da dor do tornozelo quebrado, e apoiando-se sobre a Wolfshead.

O rei continuou no mesmo lugar, olhando o jovem de cima a baixo.

Então lentamente chegou mais perto de Drew, examinando-o como se fosse um pedaço de carne pendurada no açougue. Atrás do rei, Drew viu outros membros da corte, inclusive quatro dos cinco irmãos reis-ratos. Não conseguia encontrar Vankaskan nem Lucas, e só tinha esperança de que estivessem feridos ou coisa pior após o embate nas ruas.

— Acabei de ter uma ideia. — disse Leopold — Vanmorten — ele chamou, fazendo um gesto para o chanceler se aproximar. O homem encapuzado deixou seus irmãos, que o observavam com olhos entusiasmados e foi ao encontro do rei. Do lado de fora do Castelo de Highcliff, eles podiam ouvir os gritos e urros da multidão. A população estava revoltada.

“Se houver algum bem na minha morte, que seja este”, pensou Drew.

“Que estas pessoas livres-se da tirania.”

O Wererat de capuz ficou ao lado do rei Leopold.

— Majestade — ele disse, curvando-se.

— Creio que você e o menino já se conheçam?

— Nunca nos vimos — interveio Drew, antes que o Wererat pudesse responder. — Mas conheço seu irmão Vankaskan, e tenho certeza de que você é doentio como ele. — Drew não tinha nada a

perder atacando o rei e seu laçao. A situação não tinha mais como piorar.

— Sua memória lhe falha, menino — disse o rei. — E não faz tanto tempo, não é?

Uma sensação de inquietude tomou conta de Drew. Do que eles estavam falando?

— Caro chanceler — prosseguiu Leopold —, considere isto um presente, meu caro amigo, e também uma aula: nunca deixe pontas soltas.

Sempre termine a tarefa.

O Wererat deu um passo à frente, e ergue a mão negra e apontou uma de suas garras para o peito de Drew.

— Estas cicatrizes, menino, parecem velhas. — disse ele. Seus olhos vermelhos reluziam, malévolos, de dentro do capuz. — Gostaria de novas?

Drew olhou para seu peito apenas para comprovar o que já sabia: seu peito estava cheio de feridas, cortes e cicatrizes recentes. Mas então ele entendeu o que o Wererat estava falando. Ele se referia às três antigas cicatrizes que foram feitas durante um ataque bestial, uma marca que o lembraria para sempre da noite em que morreu Tilly Ferran, a mulher que sempre amaria como mãe.

Vanmorten então puxou seu capuz para trás, revelando seu rosto para Drew. O homem era calvo, tinha a pele pastosa, e seus olhos de rubi brilhavam de crueldade. O mais chocante, porém, era o grande pedaço de carne que faltava no lado direito de sua face. Era uma visão grotesca. Seu crânio estava à mostra, da têmpora até a mandíbula, e o odor doce de carne apodrecida emanava em ondas da ferida incurável. Ele passou a mão monstruosa pelos ossos brancos da face, raspando uma unha negra como giz na lousa.

Drew teve vontade de vomitar. A fazenda, sua mãe, o monstro — tudo revirando seu estômago. O assassino de sua mãe estava ali, na sua frente.

Mas, em vez de partir para cima dele e matá-lo, como sempre imaginou quando descobrisse sua identidade, Drew recuou. Seu

nervos falharam e o terror o tomou. Mancou para trás até alguns degraus de pedra do muro interno, que davam na ameia. O rei gargalhou e bateu palmas quando o Wererat deu o primeiro passo em direção a Drew. Os homens da Guarda Leonina começaram a gritar, roucos, insultando o jovem Lobo. Drew subiu os degraus pavimentados, arrastando a perna e empurrando cestas e engradados do caminho para tentar ganhar distância do Wererat. Drew estava com a barriga encostada no chão, a Wolfshead se arrastava enquanto tentava subir pela escada. Estava gravemente ferido e desesperado. O Wererat continuava a avançar, cada vez mais próximo.

Vanmorten não era o mais alto dos Werelords, tinha bem menos de um metro e oitenta. Contudo, Drew lembrava-se bem da criatura que invadira sua casa. Não havia nada de pequeno nela. E agora a cena se repetia. Os braços do Wererat estavam se transformando, grossos, com o pelo negro cobrindo-lhe os antebraços até as terríveis mãos em garra. Drew precisava fazer alguma coisa para não ser esmagado. Começou também a se transformar, suas entranhas retorcendo-se, as tripas dando nós e contraindo-se com os espasmos. Lágrimas corriam por seu rosto enquanto ele fazia esforço para se concertar. Mas, tomado de medo, suas memórias atrapalhavam e ele podia sentir o gosto do sangue do monstro na sua boca, naquela noite na casa na fazenda.

— Que vergonha — disse o Wererat. — Eu pensava que você já havia superado o passado. — Ele mostrou reprovação, balançando a cabeça deformada. — Vankaskan me avisou sobre você. Disse que era um cão selvagem, um mestiço. Tenho que dizer que faz bem à sua reputação rastejar de barriga no chão.

Drew chegou à amurada, o Wererat logo atrás dele. Em pé, ele ficava bem mais alto que Drew. O rato tinha controle total da situação.

— Eu devia ter reconhecido quem você era quando nos encontramos pela primeira vez — disse com voz rascante. — Viver com aquele traidor numa fazenda escorraçada pelo vento. Agora faz todo sentido. Passei quinze anos procurando aquela mulher. Eram negócios inacabados que precisavam ser resolvidos. — Ele passou

um dedo em garra sobre a garganta num movimento de corte. — E assim foram.

— Era a minha mãe! — gritou Drew. — Ela nunca fez mal a ninguém, era uma inocente. Não era traidora. — Aos poucos, impulsionada pela coragem da mãe, a coragem de Drew voltava. Ele apontou para as três cicatrizes em seu peito. — Você fez isto comigo. Mas fui eu que acabei com seu rosto — ele disse, com um sorriso malicioso para o chanceler.

Os olhos do Werelord vitrificaram-se em um vermelho furioso. Ele arqueou as costas violentamente, e suas vestes ficaram em frangalhos, caindo ao chão enquanto o pelo negro e oleoso espalhava-se por seu corpo.

Drew recuou até uma pilha gigante de caixas e barris, recém-entregues pelo Turbilhão por um sistema de cordas e polias que ainda não tinha sido desmontado. O tornozelo de Drew queimava de dor, mas ele tentou não pensar naquilo. Sustentando-se com a perna boa, apoiou a outra perna num braseiro de ferro, cheio de carvão queimando. Sob ele, no pátio, via os soldados do rei, olhando para cima, esperando pela sua morte. Olhou para o outro lado, além dos muros, e viu os telhados da cidade. Na Praça Central, a multidão apontava para ele, um Lobo jovem e machucado equilibrando-se na ameia. Entre Drew e a multidão havia um despenhadeiro mortal.

Ele fez o que pôde para se manter firme, mas, enquanto o Wererat acabava de se transformar, ele sentiu as pernas fraquejarem. “Continue forte, Drew”, disse a si mesmo. “Pense em mamãe.”

Um rabo longo e negro chicoteou Drew, fazendo-o cair de lado, na direção da beirada. No interior da fortaleza, os soldados comemoraram.

Com os braços erguidos sobre a cabeça, o Wererat pulou sobre Drew, a boca aberta os dentes estalando. Drew conseguiu se desviar do bote, enquanto Vanmorten investia contra a torre de barris e caixas empilhadas, derrubando tudo em cima de si mesmo.

O rei Leopold apareceu no topo da escadaria, acompanhado pelos outros irmãos, os três reis-ratos. O Werelion assistia a luta

com toda sua atenção enquanto os três Wererats guinchavam, os olhos vermelhos brilhando, loucos para participar.

— Para trás — rosnou Vanmorten, erguendo-se dos barris estilhaçados.

— O Cão é meu, irmãos — avisou num grunhido áspero, sua voz quase irreconhecível. Era o monstro assumindo o controle.

Vanmorten jogou-se sobre Drew. Cobrindo os metros que os separavam num único salto, o Wererat atingiu Drew em cheio, arremessando os dois contra o muro de pedra fortificada. Mais barris e caixas caíram em volta deles, e seu conteúdo espalhou-se ao redor. Drew tentou novamente invocar o Lobo, mas não tinha energia para a transformação. Só restavam suas mãos para conter o Rato. O Wererat era veloz, e resistente, e se esquivava com facilidade de Drew. A luta com o Leão voltou à mente de Drew. O fim estava próximo mais uma vez, dessa vez sem chance de salvação.

Vanmorten conseguiu agarrar Drew e levantou-o sobre sua cabeça, ensaiando jogá-lo pelo parapeito. Gritos multiplicavam-se, vindos da cidade abaixo. Antes que fosse jogado pela amurada, Drew esticou sua mão esquerda, desesperado. Conseguiu segurar-se nas cordas do guindaste, fazendo-o girar loucamente. Ele agarrou firme à uma corda com uma das mãos. Os carvões em brasa voaram pela passarela e sobre Vanmorten, e as chamas logo começaram a saltar dos engradados e barris.

Os três irmãos Wererats agora faziam uma algazarra, ansiosos para entrarem na briga. Drew não tinha ilusão: mesmo que de alguma forma derrotasse Vanmorten, outro surgiria em seu lugar. O Wererat sacudiu a brasa de sua pele gordurosa.

Drew voltou ao chão. Vanmorten tentava andar sobre os engradados quebrados e a carga revirada. O fogo agora estava em volta deles, devorando tudo o que encontrava pela frente. As chamas avançavam por toda a balaustrada, fora de controle, consumindo outros engradados alinhados aos muros do castelo. Drew desceu mancando a escada, aumentando a distância dos Wererats, sempre mantendo as costas protegidas contra a parede. O rei ainda assistia, fascinado com o espetáculo.

Vanmorten, aos poucos, começava a se aproximar de Drew.

Drew sentia que o espírito de Mack Ferran estava a seu lado, observando-o, julgando-o. Seria assim que ele, um soldado de elite da Guarda Lupina, encarava uma batalha? Recuando? Temendo o inimigo, prolongando o inevitável? Era assim que Drew tinha de lutar? Seria esse o caminho do Lobo?

Então ele encontrou as respostas e partiu para cima.

8: A queda do lobo

Os dois oponentes pareciam estar em um redemoinho de espada e garras, enquanto os soldados urravam, principalmente porque aquela era uma luta desigual. Era isso que queriam ver. Mas não era um licantropo que enfrentava Vanmorten. Um Werewolf era uma máquina de matar afinada e perfeita. Mas ela não tinha sido ativada. Era Drew, apenas o jovem Drew, que desafiava o Wererat. Ele investia com a espada Wolfshead, atacando o rei-rato, ocasionalmente acertando, em grande parte errando. Drew estava devastado pelos ferimentos e o máximo que podia esperar era levar Vanmorten consigo antes de morrer.

As mandíbulas do Wererat estalavam em fúria descontrolada, atacando cegamente. Um de seus golpes rasgou o jovem. O Rato então agarrou a mão de Drew que segurava a espada, espremendo seu punho até que ele soltasse a Wolfshead ao chão. Vanmorten adiantou-se, tentando enfiar seus dentes na pele macia. Drew tentava desviar, mas era grande a ferocidade do ataque do Wererat. Cada vez que Drew colocava as mãos à frente para se defender dos ataques, as mandíbulas de Vanmorten fechavam-se sobre suas mãos e antebraços, e o sangue espirrava a cada mordida.

Drew ardeu de dor quando o Wererat arrancou uma tira de carne de suas costelas. Com a mão esquerda, ele agarrou uma presa do Wererat e, usando o corpo como alavanca conseguiu se separar dele, que caiu para trás.

O Wererat recuou mais um pouco, o lado exposto de seu crânio cintilando à luz do incêndio. Então ele cuspiu algo em Drew, que bateu no peito do garoto e caiu no chão. Drew olhou para baixo. Horrorizado viu um dos dedos de sua mão esquerda, ensanguentado, a seus pés. O Wererat gargalhou enquanto seus irmãos gritavam "viva" do topo da escada.

— Devorar você — ele disse com o peito arfando pela emoção do combate. — Peçaço por peçaço.

Drew sentia-se perdido — era um massacre, e o monstro agora brincava com ele. Seu peito estava cheio de marcas de garra, o corpo tomado pelo suor. Na mão esquerda, o sangue escorria do ferimento. Ele pegou a espada Wolfshead no chão, erguendo-a em posição de defesa.

— Veja só o pobre Lobo — disse o rei Leopold, zombeteiro. Os reis-ratos juntaram-se a ele, gritando e batendo palmas histericamente. — O Lobinho tem espada, tem? — ele ironizou, com a mão no ponto do estômago onde Drew o havia acertado.

Com a espada cortando o ar, Drew tentou um ataque sem se dar conta do que fazia, apoiou-se sobre a perna esquerda, e sentiu o tornozelo quebrar de novo. Gritou de dor. Passou o antebraço no rosto, para tirar o suor da testa, mas só conseguiu derramar sangue fresco sobre os olhos.

Temporariamente cego, Drew soltou um rugido quando sentiu garras rasgarem mais uma vez sua carne, agora na lateral do corpo. Limpando o sangue dos olhos, virou-se para fugir, o Wererat praticamente em cima dele.

Drew brandiu sua espada sem qualquer coordenação, as aulas de Gerard momentaneamente esquecidas. Enfraquecido, cambaleou perigosamente perto da beirada mais uma vez. Com outro golpe desconexo, sua espada destruiu outro braseiro na parede, e mais carvão voou. Indiferentes às brasas, garras rasgaram sua pele, agora em suas costas. Vanmorten manobrava ao seu redor. Não seria uma morte rápida, afinal. Seria lenta.

Sob as risadas dos soldados, Drew caiu sobre os caixotes quebrados e brasas. Ele sentia que estava perdendo a luta, a esperança e a vida. O Wererat avançou e arrancou a espada de sua mão. Drew tinha sido um tolo.

Ele não era soldado, não tinha a mínima chance contra um monstro. Era um garoto da fazenda, um simples pastor. Era assim que iria morrer? Riscado da existência pelos mesmos dentes e garras que haviam dado início a esse pesadelo?

— Mate-o — disse o rei, tranquilamente. E o Wererat voltou-se para Drew, segurando a Wolfshead com uma das mãos.

Vanmorten segurou a cabeça do garoto com a outra mão em garra, as juntas dos dedos negros no cabelo de Drew. O garoto se contorceu, enquanto a fera descia seus lábios até seu ouvido: — Agora morra, último Lobo — cuspiu na sua orelha aquele hálito quente e podre. — Morra como um cão — disse, abrindo as garras, a espada Wolfshead ganhando impulso para ser utilizada contra ele. De repente, Drew percebeu um frasco familiar que estava no chão, possivelmente saído de um dos caixotes espatifados na luta. Ele reconheceu-o da época que passara no Turbilhão. Drew se atirou à frente, deixando parte de seu cabelo nas garras do monstro. Pegou o pote enquanto caía de costas e jogou-o contra o Ratlord.

Com precisão, o pote de barro acertou o Wererat direto no queixo, explodindo e fazendo o Óleo de Spyr espalhar-se por todo o seu rosto e torso. Era a vez de o chanceler ficar temporariamente cego, seus olhos ardendo com o espesso o óleo condimentado. Drew se aproveitou do momento, ignorando a dor no pé de apoio, ergueu a perna boa, levantando o joelho até o peito e usando toda a força para dar um chute. Seu pé encontrou a virilha do Wererat, jogando-o para trás. Ele ainda tentou a borda do muro, mas acabou caindo na brasa que circundavam os caixotes quebrados e suas mercadorias.

Com um estrépito terrível, o Óleo de Spyr entrou em combustão, e as chamas tomaram o corpo de Vanmorten com voracidade. O Wererat gemeu assim que o cabelo oleoso começou a pegar fogo, queimando sua carne. Seu rabo grosso chicoteava formando um borrão frenético enquanto ele se debatia no fogo. Drew enfiou a própria mão nas labaredas para recuperar a espada Wolfshead ainda na mão do rato. O calor era intenso, a dor insuportável, os pelos queimando e a pele fritando. Em meio as chamas ele conseguiu ver os olhos furiosos de Vanmorten fitando os seus. Drew encontrou sua espada e, com um puxão, tirou-a das mãos do Wererat. Drew caiu para o lado, com o braço carbonizado e a espada fumegante na mão.

Cambaleando levantou-se. Fez uma careta ao colocar a perna esquerda no chão buscando equilíbrio. Olhou através do fogo. Conseguia distinguir as figuras lamurientas dos irmãos de

Vanmorten, furiosos além do muro de calor. Estavam começando a se transformar, formas horrendas e bruxuleantes em meio ao brilho laranja. Ele ouvindo Leopold, rosnando e gritando para os demais reis-ratos atacarem. Drew voltou-se para a beirada do muro, as pequenas extremidades dentadas batendo em suas coxas enquanto saltitava.

O inferno agora era imenso, fora de controle, e o fogo devorava tudo que encontrava. Outros frascos de Óleo de Splyr explodiam, intimidando qualquer um que tentasse chegar perto. Mas os irmãos ratos não iam desistir. Três formas negras já corriam em direção de Drew. Enquanto avançavam, os Wererats pareciam discutir sobre quem poderia estraçalhar o Lobo. O mais alto dos três irmãos parecia ter vencido a discussão e agora vinha à frente dos outros. O ar estava espesso, com cheiro de pelo e carne queimados. O maior dos Wererats abriu a boca, deixando uma baba cair de sua boca. Com o tornozelo fraturado, Drew sabia que não podia lutar mais.

Em cima da amurada ele ainda ergueu a espada Wolfshead em direção aos monstros.

Então, num piscar de olhos, numa decisão que pegou os Wererats e o rei de surpresa, Drew abaixou sua espada e simplesmente caiu de costas no vazio.

Antes de perder a consciência, sua última lembrança foi a de três Wererats irados na ameia, sendo deixados para trás, sumindo ao longe, suas silhuetas realçadas pelo inferno às suas costas.

Epílogo

Drew sonhou que estava nos braços da mãe. Ela o embalava com carinho, cantando uma canção de ninar. Era um bebê ou já era jovem? Não sabia dizer. Ele estava acalentado e seguro, disso sabia. O odor familiar de campina e jacintos cercava-o, flores recém-colhidas da trilha que levava à Fazenda Ferran. Ele conseguiu ouvir seu pai trabalhando no galpão, uma voz baixa chamando-o além de seus sentidos. Um alarido distante de pássaros, os mesmos pássaros da infância que ele perseguia nos campos recém-arados. O tempo todo sua mãe o balançava nos braços, cantando com carinho.

Outros sons começaram a entrar em seu sonho, cada vez mais estranhos. Ele podia ouvir sinos batendo, e o som de ondas em seu subconsciente. Ainda a voz cantava para ele, suave e delicada, sua mãe passando a mão sobre sua testa, acariciando-o. De repente, uma sensação de desconforto atravessou seu corpo, começando pelos pés, depois as pernas e então subindo até chegar à cabeça. Ele tentou abrir os olhos, mas uma luz branca e implacável dificultava tudo. Uma mão empurrou seu peito, mantendo-o deitado enquanto ele tinha espasmos e gemia de dor.

A borda suave de uma xícara tocou seus lábios. Um néctar doce foi derramado gentilmente por sua garganta, aquecendo-o e diminuindo sua dor. A voz ainda cantava, sem cessar, enquanto ele sonhava.

Quando Drew finalmente acordou, esfregou os olhos antes de qualquer outra coisa. Ele estava mais uma vez a bordo do Turbilhão. Era o quarto que o conde Vega lhe dera durante a última parte da jornada a Highcliff.

Estava deitado na cama, com cobertores e colcha e confortável. O balanço do navio fazia a lâmpada sobre sua cabeça balançar de um lado para o outro.

Ouvia-se um coro de sinos batendo alto e claro, acompanhado de sons de música e “vivas” distantes. O balançar, os sinos, a luz —

todas as coisas lembravam seu sonho.

Gretchen estava acomodada numa poltrona de couro, suas pernas dobradas e os braços protegendo seu corpo inteiro. Parecia exausta, mas dormia em paz, os caracóis vermelhos de seu cabelo oscilando com o movimento do mar. A seu lado, numa cadeira, estava Hector, um livro aberto no colo e a cabeça pendida para trás, a boca aberta num ronco tranquilo. Drew sorriu, tentando erguer-se. Suas pernas arderam de dor, com ondas de choques vindo de seus ossos estilhaçados.

Ele puxou os lençóis, para descobrir que talas grossas de madeira estavam presas a suas pernas com tiras de couro. As pernas estavam machucadas, enegrecidas e quebradas, com inchaços espalhando-se por toda a superfície. Seu peito e braços estavam recobertos com uma colcha de faixas e bandagens. Em sua mão esquerda, havia uma faixa enrolada em torno do dedo mínimo, cujo topo havia sido arrancado pelo Wererat, e seu braço direito estava recoberto com um óleo gorduroso e doce, aplicado para curar suas queimaduras. A algibeira de Hector jazia aberta no chão, muitos de seus unguentos e bálsamos estavam espalhados por ali, e mais uma vez o jovem Werewolf era grato ao amigo. Uma sombra passou por Drew quando mais alguém chegou para agachar-se a seu lado.

— Drew da Dyrewood — disse a voz familiar. — Não posso dizer que esperava vê-lo de novo.

Drew mexeu-se para sentar-se na cama, ainda chocado e surpreso por estar vivo. Ele segurou o choro enquanto a figura colocava a mão em seu peito, fazendo-o voltar a se deitar na cama. Piscou uma, duas vezes, descrente.

— Whitley? — ele disse, ofegante. — É... você?

Ele duvidava daquilo. A figura ajoelhada ao lado da cama lembrava mesmo o aprendiz de guardião que conhecera havia tanto tempo na Dyrewood. Mas houvera uma transformação surpreendente. O rosto era inegavelmente de Whitley, mas os trajes e a aparência deixaram Drew desconcertado. Seu amigo usava um belo vestido cor de marfim, com barra, gola e mangas bordados com motivos de hera verde. Um avental marrom estava amarrado

em sua cintura, possivelmente para manter o vestido limpo, e seu longo cabelo castanho estava amarrado em tranças que caíam pelas costas. A cabeça de Drew deu voltas.

— Mas... você está vestido como uma garota — ele sussurrou, como se tentasse manter a informação apenas entre os dois.

— É porque eu sou uma garota, seu bobo — disse Whitley, derramando o líquido de um jarro num copo para ele. — Tome, beba isto — ela disse, entregando o copo a Drew. Ele tentou dar um gole, mas engasgou quando finalmente entendeu.

— Você estava fingindo ser menino quando nos encontramos?

— Não estava, Drew — negou Whitley, tomando o copo vazio com um sorriso. — Você achou que eu fosse um garoto, só isso. Talvez eu tenha sido culpada por não o corrigir, e por isso lhe devo desculpas.

— O que você estava fazendo com o mestre Hogan?

— Ah, eu era mesmo aprendiz dele. Ainda sou, suponho, embora ele ainda não esteja bem o suficiente para voltar à floresta. Eu estava terminando meu treinamento de campo, por assim dizer; foi por isso que acompanhei meu pai a Highcliff.

— Seu pai?

— Isso mesmo — ela disse, levantando-se e endireitando o avental marrom sobre o vestido. — O duque Bergan.

Antes que Drew pudesse processar a informação, a porta se abriu, e uma grande figura entrou. Era o próprio Bearlord, que, ao ver Drew na cama, deixou um grande sorriso acalentador tomar conta de seu rosto barbudo.

— Ha! — ele gritou, fazendo barulho e girando o corpo para o corredor, chamando os outros. — Ele já pode receber visitas!

Gretchen e Hector acordaram instantaneamente com um susto, alegres ao ver seu amigo recostado. Ambos pularam de suas poltronas e correram até Drew, que, cautelosamente, estendeu os braços enquanto eles o abraçavam. Whitley, ao lado, sorria.

— Você acordou! — Gretchen disse, ecoada por Hector: — Você está melhor!

— Estou mesmo — respondeu Drew. — Que bom que você notou!

Hector imediatamente começou a conferir os sinais vitais de Drew, checando sua temperatura e pulso, cuidando de suas feridas e examinando suas mãos.

— Ele está bem, Hector — disse Whitley. — Eu verifiquei enquanto você estava cochilando. Por favor, não se preocupe.

— Você ficou desmaiado aí a tarde inteira, desde que pescaram você no porto — disse Hector, incapaz de parar de verificar se tudo estava bem.

— No porto? — perguntou Drew. — Só lembro de cair e depois, nada.

— Você podia ter morrido, rapaz — disse Bergan, aproximando-se para sentar na poltrona de couro que Gretchen deixara. — Pode agradecer ao Sharklord por pensar rápido e mergulhar para salvá-lo. Veja, você engoliu tanto do Mar Branco que eu não tinha certeza se ainda havia o que salvar.

Drew estava surpreso pelas notícias, por tudo que acontecera e ainda acontecia a seu redor. Ele pulara da ameia para negar aos Wererats a satisfação de matá-lo. Ele não esperava sobreviver à queda; aliás, achava que o estranho sonho que tivera se passava no céu, tão vívido e rico que fora. Ele de repente olhou em volta da cama.

— Minha espada — ele perguntou. — Onde está a espada Wolfshead?

— Temo que perdida — respondeu Hector. — Está em algum lugar do porto, acho, ou já atravessou todo o Mar Branco. Desculpe, amigo.

Drew sentiu uma grande dor pela perda daquilo que mantinha sua conexão com o homem que ele chamara de pai, que morrera de forma tão valente por ele. Esperava que seu corpo tivesse sido encontrado em meio à carnificina e que lhe dessem a merecida despedida como herói. Todos os soldados da Guarda Lupina mereciam aquilo.

— Os soldados — disse Drew. — De onde eles vieram? Por que eles ainda tinham as cores de Wergar?

— Isso fui eu quem fiz, rapaz — disse Bergan. — Eu sabia que Mack Ferran havia lutado na Guarda Lupina, e não sosseguei até

conseguir me lembrar dele e resgatá-lo. Lembrei que parte dessa Guarda tinha voltado a Highcliff depois de ter sido desativada. Veja só, alguns daqueles que protegiam o rei haviam antes servido o Lobo. Então uma ideia me ocorreu.

Eu saí perguntando, para descobrir se alguém da Guarda Leonina o conhecia. É claro que conheciam. Foi o maior choque descobrir que o homem que criou você havia voltado ao exército.

Drew estava estupefato: — Por que ele se uniu ao Leão?

— Ele me explicou. Disse que achou que você era o inimigo. Tinha você como responsável pela morte da esposa. A vida dele ficou aos pedaços naquela noite, Drew. Foi só quando expliquei o que realmente havia acontecido, que outra fera havia matado sua mãe, que ele percebeu como fora tolo. Parece que ele teve tempo, não importa quão breve, para consertar. E alguns homens velhos, mas ainda leais, o ajudaram. Aquilo foi um sacrifício que Ferran e aqueles soldados fizeram por você; nunca se esqueça disso.

Drew ficou em silêncio, pensando no que acabava de ouvir. Ele nunca soubera o que acontecera com ele quando bebê, quando Tilly Ferran o salvara do Leão. Mas seu velho sabia e nunca deixou de desconfiar. Drew suspeitava disso ainda na infância. Mack Ferran olhava diferente para Drew, como se estivesse esperando que desse um passo errado. Era o que qualquer homem faria, sabendo que sua família podia estar em risco com Drew e sua licantropia quando ele tivesse mais idade. E, em certo sentido, ele estava certo. E Trent? O que aconteceu com ele? Drew se conformou com o fato de que provavelmente nunca saberia. Podia apenas desejar que, se algum dia voltasse à Fazenda Ferran, encontraria o irmão esperando por ele, com sorriso incrédulo afixado no rosto. Podia apenas desejar.

— Achei que tinha morrido — Drew falou baixinho. Whitley arrumou os travesseiros, sob o tronco erguido de Drew. Ela puxou também os cobertores para cima, cobrindo-o.

— Nós também — disse Gretchen, gentilmente afastando Whitley para dar outro abraço em Drew. Ele ergueu a mão enfaixada para abraçá-la, seu corpo ainda doído enquanto os ossos

quebrados trabalhavam para se recuperar. Whitley observava, arqueando uma sobrancelha, com um sorriso estranho.

— Você estará fora de ação por um bom tempo, meu amigo — disse Hector. — A queda quebrou praticamente todos os ossos do seu corpo.

Você tem sorte de ter a bênção da metamorfose, caso contrário agora seria comida de peixe.

Drew olhou para uma portinhola ao lado de sua cama e viu o céu noturno, e as estrelas prateadas cintilando muito acima.

O Turbilhão estava ancorado pouco além da costa de Highcliff, e as luzes da cidade brilhavam no escuro. Os sinos badalavam. Ele tentou alcançar a alça de latão da portinhola, mas era dura e não abria.

— Posso sair um pouco? — ele perguntou.

— Você precisa ficar na cama alguns dias — disse Hector. — Estará de pé logo, logo.

Drew suspirou, impaciente.

— Eu sonhei enquanto dormia, sabe — ele disse, para ninguém em particular. — Achei que estava em casa de novo, na fazenda. Minha mamãe estava me afagando, me embalando, cuidando de mim. Cantando. — Ele balançou a cabeça. — Ah, eu devia saber que estava sonhando. O embalo era o do Turbilhão, e os sons e barulhos que ouvia vinham daqui; os sinos, a água lá fora, até a lâmpada sobre a minha cama. Parece que a única coisa que eu imaginei foi minha mãe.

Hector olhou para Gretchen, que por sua vez olhou para Bergan. O

Velho Urso coçou a cabeça. Uma porta se fechou no corredor, e Drew ouviu passos se aproximando.

— Entendo por que você imaginou isso, rapaz — disse o duque Bergan, erguendo-se da poltrona e dirigindo-se à porta. — Não é tão tolo quanto parece. Ela sempre teve uma voz doce ao cantar.

Parada na porta aberta do cômodo de Drew, estava uma senhora num longo vestido cinza. Seu cabelo branco era longo e caía pelas costas em madeixas onduladas. Seu rosto, embora

cansado, parecia caloroso, e os olhos castanhos brilharam quando miraram Drew. Não era Tilly Ferran, e sim a rainha Amelie.

O duque Bergan levou um dos joelhos ao chão e fez uma mesura, enquanto Hector pulou da cama para reproduzir o gesto. Gretchen ergueu-se e fez sua reverência ao lado de Whitley, ambas esticando seus vestidos enquanto tocavam o joelho no piso de madeira. A coisa toda era tão surreal para Drew quanto as sombras de todos dançando pelo quarto sob a luz oscilante do lampião. Devia curvar-se também? Ele afastou os cobertores de novo e mexeu-se desajeitadamente para jogar as pernas pelo lado da cama.

A elegância da rainha foi instantaneamente quebrada quando praticamente se atirou em direção à cama de Drew.

— Mas que raios você está fazendo? — ela exclamou, gentilmente empurrando as pernas dele de volta à cama. — É muito cedo para você se levantar. Você não está bem. Precisa descansar! — Ela conduziu suas costas até o travesseiro, afofando-o como qualquer mãe faria por seu filho. Depois puxou a colcha sobre ele.

— Willem — ela disse, o rosto cheio de amor.

— Perdão, Majestade?

— Willem — ela repetiu. — Este foi o nome que eu lhe dei, embora Drew também soe bem. Tilly gostava de nomes bons e fortes, não é? — Seu sorriso começou a se apagar. — Eu sinto muito, Drew, por tudo que a vida lhe fez.

— Majestade — murmurou Drew, suas bochechas quentes e ruborizadas. — Por favor, não peça desculpas.

— Você deve parar de me chamar assim — ela disse. — Sei que não sou a mulher que o criou, que o educou e cuidou de você, e eu nem tentaria substituir aquela pobre e gentil alma. Eu conheci sua mãe, Drew; era uma amiga, independentemente de classe e posição, de uma lealdade que só agora me fica clara. Gostaria de poder agradecer a ela. — Lágrimas brotaram de seus tristes olhos castanhos. — Gostaria, contudo, de ter a chance de começar de novo com você — ela disse. — Passei os últimos quinze anos em luto pela morte de todos os meus filhos, todos os meus bebês, e só agora descobri que um deles ainda vive.

— Maje... hã... rainha Amelie? — disse Drew. Ela gesticulou, como se pedisse para ele parar de escolher palavras, mas o deixou continuar. — Você tem outro filho, o príncipe Lucas. Você o criou, não?

— Eu o trouxe a este mundo — ela explicou —, por dever ao pai dele, e o amo à minha maneira. Me dói saber que ele cresce à imagem de Leopold, um homem que me manteve anulada por tantos anos. O homem que me convenceu de que meus filhos haviam morrido num incêndio. E

agora eu ouço... agora descubro... — Ela soluçou, trazendo as mãos ao rosto.

— Meu querido Drew, não posso deixar que nada lhe aconteça agora, você entende? Você é seu pai renascido, diante de meus olhos!

— Mas eu não sou meu pai — ele disse, tomando as mãos dela nas suas, destruídas. — E este não é um mundo onde me sinto confortável.

Você me pede para ficar com você, o que eu gostaria mais do que qualquer coisa na Lyssia, mas essa vida não me cabe — ele disse, balançando a cabeça. — Sou um pastor, não o filho de um rei. Gosto de viver ao ar livre, com as estações no meu rosto. Responsabilidade não funciona comigo.

— Duque Bergan — disse a rainha. — Por favor, fale com ele. Conte a ele.

— Contar o quê? —, perguntou Drew, olhando para os quatro.

— A vida que você conhecia, Drew, não há como voltar — disse o Bearlord. — Os Sete Reinos estão em pedaços. Leopold permanece Highcliff, prisioneiro em seu próprio castelo. As forças de Brackenholme e Stormdale fazem cerco ao Leão, e o povo agradece. Contudo, há uma tempestade no horizonte. Tudo que aconteceu aqui logo chegará a cada canto do continente, e além. Exércitos vão marchar nas próximas semanas, reivindicando o trono ou propondo alianças. Há um vácuo de poder, Drew, e você precisa preenchê-lo.

— Não — disse Drew, firme. — Não sei nada de política nem de pessoas e não posso ser peão no jogo de poder dos Werelords.

Deixe-me desaparecer, duque Bergan. Você assume o trono, você pode governar os Sete Reinos. Eu tomarei um barco, cruzarei o Mar Branco, em direção ao sul, qualquer lugar. Mas não me faça ficar. Eu só o desapontaria.

— Não, não desapontaria, Drew — falou a rainha. — Quando o povo vir que o Lobo está aqui, apenas os incautos o desafiarão, e se assim fizerem, você não estará sozinho. Você terá os Lords Bergan e Manfred, e outros a quem chamar. Os aliados deles são seus aliados. Você tem Sir Hector, aqui, e tenho certeza de que falo por Lady Gretchen ao dizer que as Raposas de Hedgemoor o apoiarão. — A Werefox fez sinal de concordância. — E você tem a mim, meu filho — ela disse. — Eu morreria por você. — Ela segurou as mãos dele e as apertou gentilmente sob os dedos magros.

— Você não vê, Drew? — argumentou Gretchen, com brilho no olhar.

— Este é o seu momento. É agora que podemos fazer justiça.

Drew olhou pela janela de novo, para a noite. Suspirou.

— Por favor — ele pediu. — Posso tomar um ar? Aqui dentro está muito abafado, e preciso arejar a cabeça. — Não era mentira, as notícias que lhe traziam eram mais graves do que ele esperava. Ao acordar na cama, ele achou que estava livre. Leopold fora derrotado, e gente como o duque Bergan poderia arrumar o mundo de novo. E mesmo se ele fosse ajudá-los, de alguma maneira discreta, no fundo de sua mente ele esperava que não tivesse grandes responsabilidades, mas a história agora era outra. Ele tinha o direito de desapontar as pessoas desta cabine? Ou toda a gente na cidade, ou além, se acreditasse no que a rainha dizia?

O duque Bergan colocou o braço esquerdo de Drew em seu ombro antes de levantá-lo e levá-lo porta afora. Eles caminharam até o deque, enquanto os outros os seguiam. O Turbilhão estava iluminado por filas de lanternas penduradas na balaustrada. Os marinheiros se ocupavam com seus deveres, enquanto nobres, capitães da guarda e outros notáveis zanzavam pelo barco, em altas negociações, fazendo planos de ação e discutindo detalhes. Drew não via o capitão do navio. O conde Vega devia estar no

porto, aproveitando sua fama depois das nobres ações no dia anterior. O

som de sinos na cidade agora era mais alto, ecoando por toda Highcliff.

Drew viu centenas de pessoas nos píeres, molhes e calçadas da cidade, com lanternas e tochas erguidas enquanto a música embalava os festejos do povo.

Hector se aproximou.

— Maravilhoso, não é, Drew? — ele perguntou. — Meu pai disse que este dia chegaria, que as pessoas se ergueriam contra o Leão.

— Mas isso teria acontecido com ou sem mim — respondeu Drew.

Nesse momento, Casper, o vigia, que abria caminho entre a tripulação do Turbilhão, viu Drew. Imediatamente o menino caiu sobre o joelho numa mesura desajeitada. Aqueles à sua volta notaram que o gesto do garoto era uma reverência a Drew, o herdeiro do rei Lobo. Como peças de dominó, todos repetiram a mesura. Mesmo que a presença da rainha também houvesse sido notada, aquele gesto era claramente voltado para Drew, que estava prestes a pedir para levantarem e acabarem com essa farsa quando ouviu um barulho, como se algo tivesse pulado do mar para o deque.

Era o conde Vega. Estava de peito nu e não usava nada além de suas calças de couro. Gretchen, a rainha Amelie e outras nobres desviaram os olhos. Verga piscou para Whitley, e Drew viu Bergan contrair-se de irritação.

Vega, segurando um grande bastão enrolado por algas, foi em direção a Drew, enquanto dava um brevíssimo aceno de cortesia a todos — eles estavam a bordo do navio do Wereshark, e ele claramente não via necessidade de demonstrar respeito a ninguém quando estava no mar. Sua única exceção era Drew, a quem ofereceu o bastão enrolado em algas.

— Levou mais tempo do que eu pensava — ele disse, com a respiração pesada, depois de balançar o cabelo como um cachorro molhado. A água salgada saltou sobre todos. — No futuro, você deve ter mais cuidado, milorde.

Drew, ainda apoiado em Bergan, pegou o bastão que Vega lhe oferecia.

Ficou surpreso com seu peso, mas logo o reconheceu. Então ele o sacudiu, para que as plantas aquáticas se soltassem e caíssem sobre o deque. Livre de seu invólucro de algas, a espada Wolfshead brilhou sob a luz da lua.

Um grande viva ergueu-se do porto, com o povo jogando chapéus e flores pelo ar.

— O que estão fazendo? — Drew perguntou a Bergan.

— Você não percebe? — disse o Bearlord. — Consegue escutar?

— Não. Me leve até a amurada. — disse Drew.

Hector deu um passo à frente para objetar, mas Gretchen o deteve. Se alguém sabia do que o incrível corpo de Drew era capaz, era o próprio Lobo.

O duque Bergan conduzia Drew devagar até a amurada. Drew oscilava, sentindo que suas pernas eram feitas de gravetos, não ossos. Com as talas mantendo suas pernas firmes, ele mancou até a amurada do Turbilhão, debruçando-se sobre ela.

Hector e Gretchen juntaram-se a ele, um de cada lado, com os braços sobre o amigo. O duque Bergan se juntou ao trio, tomando a mão de Whitley na sua. Ele sorriu para a filha, e ela devolveu o sorriso com orgulho.

Bergan colocou sua outra mão sobre o ombro de Drew e o jovem sentiu o peso da pata pesada do Bearlord, tentando transmitir-lhe confiança. Junto a eles, a rainha Amelie sorria orgulhosamente, numa demonstração genuína de felicidade que não era testemunhada por seu povo havia muitos anos.

A cidade estava em alvoroço. Drew não sabia que horas eram, mas a julgar pela posição da Lua cheia no céu, já era madrugada. Drew conseguia distinguir a arena iluminada da Praça Central e as tropas lá reunidas, fazendo cerco ao castelo. Muito acima, nos muros da fortaleza, a balaustrada ainda queimava, as chamas iluminando o cenário de sua fuga. Ele não tinha certeza, mas achou que tinha ouvido o som de um rosnado, vindo das profundezas do castelo.

— O que está acontecendo? — perguntou Drew olhando para a multidão. — O que o povo está gritando?

— É o seu nome, Drew — disse Hector.

Drew agora entendia bem. Estavam gritando seu nome, mas também alguma outra coisa.

— Eles estão chamando o Lobo — disse Whitley.

Ele olhou para ela. Ela assentiu com a cabeça. Quando Drew apurou os sentidos e tentou ouvir melhor o que dizia o povo de Highcliff, ele sentiu os lábios de Gretchen tocarem sua orelha, seu hálito quente em sua pele.

Nesse momento de proximidade cúmplice, Gretchen sussurrou para Drew: — Eles clamam por seu rei.

Fim

C